

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA
PROLAM/USP

**DIGNIDADE HUMANA E SENTIDO DO TRABALHO EM FACE DA ALTA
TECNOLOGIA: O IMAGINÁRIO DE TRABALHADORES LATINO-AMERICANOS
QUE EXERCEM FUNÇÕES DE LIMPEZA, PORTARIA E SEGURANÇA EM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

PAULO SÉRGIO DE CASTRO

SÃO PAULO
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA
PROLAM/USP**

PAULO SÉRGIO DE CASTRO

**DIGNIDADE HUMANA E SENTIDO DO TRABALHO EM FACE DA ALTA
TECNOLOGIA: O IMAGINÁRIO DE TRABALHADORES LATINO-AMERICANOS
QUE EXERCEM FUNÇÕES DE LIMPEZA, PORTARIA E SEGURANÇA EM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção de título de Doutor em Ciências – Integração da América Latina.

ORIENTADOR: PROF. DR. JÚLIO CÉSAR SUZUKI

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Castro, Paulo Sérgio de

Dignidade humana e sentido do trabalho em face da alta tecnologia: o imaginário de trabalhadores latino-americanos que exercem funções de limpeza, portaria e segurança em instituições de ensino superior / Paulo Sérgio de Castro; orientador Júlio César Suzuki – São Paulo, 2022.

290 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Integração da América Latina -
PROLAM.

1. Dignidade no trabalho. 2. Tecnologia. 3. Educação profissional. 4. Trabalho na América Latina. 5. Imaginários de trabalhadores.

I.Suzuki, Júlio César. II. Título.

CDD

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Paulo Sérgio de Castro

Título: Dignidade humana e sentido do trabalho em face da alta tecnologia: o imaginário de trabalhadores latino-americanos que exercem funções de limpeza, portaria e segurança em instituições de ensino superior.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM, Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Doutor em Ciências – Integração da América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

Aprovado em: 06 set.2022

Banca Examinadora

Prof(a). Dr.(a) Júlio César Suzuki	Instituição: USP (PROLAM e FFLCH)
Julgamento: Aprovado	Assinatura:
Prof(a). Dr.(a) Miranilde Oliveira Neves	Instituição: IFPA
Julgamento: Aprovado	Assinatura:
Prof(a). Dr.(a) Lourdes de Fátima B.Carril	Instituição: UFSCAR
Julgamento: Aprovado	Assinatura:
Prof(a). Dr.(a) Viviana Margarita Monterroza Montes	Instituição: Universidad de Sucre – Colômbia
Julgamento: Aprovado	Assinatura:
Prof(a). Dr.(a) Maria Margarida Cintra Nepomuceno	Instituição: USP (PROLAM)
Julgamento: Aprovado	Assinatura:

A Deus e à minha preciosa família

Agradecimentos

A Deus, fonte de vida e sabedoria.

Ao Prof. Dr. Júlio César Suzuki, por me acolher e apoiar, não somente cumprindo as funções de um orientador, mas também me incentivando, como ser humano, a continuar, a seguir, a aprimorar a presente investigação com sensibilidade e com visão interdisciplinar.

Ao Prof. Dr. Renato Seixas, meu orientador inicial, com quem aprendi a 'ir para a rua' e conversar com as pessoas, ouvi-las, compreendê-las em sua expressão maior de voz por meio da escuta ativa e empática.

Aos professores doutores Cremilda Medina, Juliane Caravieri Martins, Julio Pires e Leonardo Gomes, que em momentos distintos desta pesquisa trouxeram suas preciosíssimas colaborações, visões, perspectivas, provocações, desafios e recomendações, tornando a minha trajetória muito mais rica e humana.

Aos professores Carlos Viltre Calderón, de Cuba, Marta Beatriz Murcazel e sua equipe humana e coesa, da Argentina, María Eufemia Freire Tigreros, da Colômbia. Todos estes são amigos pesquisadores do *Centro Latino-Americano de Estudos em Epistemologia Pedagógica - CESPE*, locus da troca e da construção conjunta de conhecimentos e de pesquisas sobre temas tão caros à América Latina e ao Caribe, que envolvem a educação em todos os níveis de ensino. Meu maior agradecimento por sua ajuda na construção de pontes para a realização das entrevistas.

Aos trabalhadores e trabalhadoras que foram os protagonistas desta pesquisa; sua colaboração foi essencial para que a pesquisa pudesse expressar a riqueza das vozes daqueles que atuam na limpeza, na segurança e na portaria em instituições de ensino superior em Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba.

Aos docentes que me abriram inúmeras perspectivas de pesquisa e aprimoramento ao meu trabalho durante o período de estudo no Prolam-USP: Profa. Dra. Amalia Ines Geraiges de Lemos, Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina, Prof. Dr. Iram Jácome Rodrigues, Prof. Dr. Julio Cesar Suzuki, Prof. Dr. Leonardo Mello e Silva, Profa. Dra. Lucilene Cury, Profa. Dra. Maria Cristina Cacciamali, Prof. Dr. Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari, Prof. Dr. Renato Braz Oliveira de Seixas, Prof. Dr. Rogerio Bastos Arantes, Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto, Prof. Dr. Wagner Tadeu Iglecias.

Aos estimados William, Rodrigo e, mais recentemente, Patrícia, que são pessoas atenciosas, proativas, seres humanos com sensibilidade para compreender os anseios dos pós-graduandos e com enorme paciência para elucidar todas as dúvidas técnicas que

surtem ao longo do caminho de um pesquisador que precisa atender prazos, normas, regulamentos, preencher inúmeros formulários e solicitações. Obrigado pelo inestimável apoio que sempre me deram. Também quero agradecer aos funcionários das bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, em especial à Elizabeth, que me orientou com toda a atenção para a autoria da ficha catalográfica.

Aos amigos e amigas que colaboraram de forma absolutamente especial para que essa tese se tornasse realidade e que tiveram contribuições em diferentes frentes: indicando contatos, realizando apresentações, indicando *softwares* para transcrição de áudios, trazendo incentivo, apoio, orações; seus nomes estão gravados em meu coração.

Cumpro, ainda, lembrar que um trabalho com a envergadura e responsabilidade de uma tese, que leva vários anos em construção, não se consegue sem a participação carinhosa e a compreensão daqueles que estão mais próximos de nossas vidas, em especial aqui é o momento de destacar a minha especial e querida esposa, Rita de Cássia Marques Lima de Castro, amiga de todas as horas, incentivadora, positiva, crendo no melhor de cada um. Desde aquele dia maravilhoso, no momento dos votos, nosso compromisso no enlace matrimonial, “juntos na felicidade e na dor”. Dor por termos que abdicar da companhia contínua, por conta de longas leituras e tempos de digitação infundáveis que pareciam não ter fim., porém em contrapartida, uma alegria imensa de concluir este trabalho. Agradecendo muito a essa pequena pessoa e grande em seu valor. Obrigado. Como ela sempre diz: sem esforço, não se chega a lugar algum.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais, José e Helena, que compreendendo as dificuldades não deixaram que ficássemos fracos ou caídos, trazendo refeições e carinho como marcas sempre presentes, que garantiram a força necessária para continuar a cada dia. Não posso esquecer daquele cearense, meu sogro, Senhor Antonio, homem de fibra, que aos 94 anos não desistiu daquilo que acredita. Forte e durão por natureza, não deixa de ser um exemplo de persistência e de trabalho no sentido de dignidade.

Em especial, apesar de não ter como fazê-lo verbalmente, quero registrar também mais um agradecimento: com certeza minhas pets de quatro patas, *Candy Clever*, *Swettie Sweety Suzie* e *Lindsay Cookie* foram importantes: souberam que quando chegava os horários de muita tensão, o ser humano precisava de um apoio; elas vinham me chamar para brincar, quase que sorrindo, sendo que a tradução da sua expressão seria: “vem brincar conosco e relaxa um pouco, depois você trabalha”. Isso parece não ter valor, mas teve um resultado muito positivo. Elas recordaram a preciosidade do tempo de ‘não trabalho’ na vida do ser humano.

This is the advent of automation, which in a few decades probably will empty the factories and liberate mankind from its oldest and most natural burden, the burden of laboring and the bondage to necessity. Here, too, a fundamental aspect of the human condition is at stake, but the rebellion against it, the wish to be liberated from labor's "toil and trouble," is not modern but as old as recorded history. Freedom from labor itself is not new; it once belonged among the most firmly established privileges of the few. In this instance, it seems as though scientific progress and technical developments had been only taken advantage of to achieve something about which all former ages dreamed but which none had been able to realize.

H. Arendt (The human condition, 1958)

RESUMO

CASTRO, P.S. **Dignidade humana e sentido do trabalho em face da alta tecnologia: o imaginário de trabalhadores latino-americanos que exercem funções de limpeza, portaria e segurança em instituições de ensino superior.** 2022. 290 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2022.

Este trabalho de investigação objetiva identificar o imaginário dos trabalhadores latino-americanos que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança em instituições de ensino superior em Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba para compreender: (1) qual sua perspectiva sobre o processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs de alta tecnologia, considerando-se o mundo da tecnologia 4.0, dominado pela inteligência artificial e pela computação cognitiva, vislumbrando ser o ‘admirável mundo novo’ uma quase-realidade no século XXI; (2) o sentido do trabalho para tais trabalhadores. Buscou-se registrar a polissemia, a multiplicidade de sentidos e a polifonia, as muitas vozes que compõem o tecido social, e tal propósito foi alcançado mediante a escuta ativa e a comunicação dialógica com os sujeitos da pesquisa, durante 2019-2022. Para realizar esta pesquisa, de natureza exploratória e abordagem qualitativa, optou-se pelo método de leitura cultural, possibilitando delimitar o contexto do problema e aprofundar seu diagnóstico, colher as vozes de protagonistas envolvidos diretamente com o fenômeno estudado, e adotou-se, como técnicas de pesquisa, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. A hipótese central foi a de que, apesar das dificuldades que se potencializam com a adoção da tecnologia 4.0 para muitas funções, os trabalhadores que exercem funções simples, como as de porteiro, segurança e limpeza, veem o trabalho que exercem de forma positiva, considerando-o como um formador de sua dignidade humana. As vozes desses 86 trabalhadores assim responderam à hipótese: sim, o trabalho é formador da dignidade humana, ele nos dá identidade, ele nos faz ‘ser’. Mesmo que com distintas roupagens, o trabalho está invariavelmente associado ao ser humano e à sua emancipação, para a qual a educação formal se apresenta como principal ‘elemento’ para preparar o ser humano para o futuro e agir sobre o mundo como sujeito transformador. Contudo, para que ela se configure como principal elemento da emancipação humana, precisa ter uma mudança substancial com relação à forma de preparar que limita o ser humano a ser uma peça descartada no jogo do trabalho dominado pela tecnologia, trazendo uma formação para o ‘mercado’ de trabalho, quando necessita focar no ‘mundo’ do trabalho e na complexidade que o constitui. De forma consciente, embora sabedor das limitações constituintes de uma investigação complexa, construída nas ciências sociais, registro modestamente o que compreendo como sua importância: não é uma pesquisa voltada para si, é uma pesquisa construída polifonicamente e voltada para todos os que querem mudança para um conviver mais harmônico, menos desigual, mais humano. A dignidade é intransferível e é parte do ser humano – trazer a dignidade para a realidade da vida em sociedade é muito mais do que o exercício do direito, é o dever da humanidade enquanto reconhecida como um locus coletivo. É meu dever fazer parte dessa humanidade e lutar para, na expressão da pesquisa científica, gerar interesse, reflexão e movimento em busca desse mundo mais humano em que a dignidade do ser seja uma de suas maiores e mais bonitas expressões.

Palavras-chave: . Dignidade no trabalho. Tecnologia. Educação profissional. Trabalho na América Latina. Imaginários de trabalhadores.

ABSTRACT

CASTRO, P.S. **Human dignity and meaning of work in the face of high technology: the imagination of Latin American workers who perform cleaning, concierge, and security functions in higher education institutions.** 2022. 290 f. Thesis (Doctorate) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2022.

This research work aims to identify the imagination of Latin American workers who perform functions that require less qualification such as doorman, janitor, security in higher education institutions in Argentina, Brazil, Colombia and Cuba to understand: (1) what is their perspective on the process of replacing human work with high-tech machines and robots, considering the world of technology 4.0, dominated by artificial intelligence and cognitive computing, with the 'brave new world' becoming a quasi-reality in the 21st century; (2) the meaning of work for such workers. We sought to record polysemy, the multiplicity of meanings and polyphony, the many voices that make up the social fabric, and this purpose was achieved through active listening and dialogic communication with the research subjects, during 2019-2022. To conduct this research, of exploratory nature and qualitative approach, we opted for the cultural reading method, making it possible to delimit the context of the problem and deepen its diagnosis, collecting the voices of protagonists directly involved with the phenomenon studied, and adopted, as research techniques, semi-structured interviews, and application of questionnaires. The central hypothesis was that, despite the difficulties that are potentiated with the adoption of technology 4.0 for many functions, workers who perform simple functions, such as door attendant, security, and cleaning, see their work in a positive way, considering him as a trainer of his human dignity. The voices of these 86 workers responded to the hypothesis: yes, work forms human dignity, it gives us identity, it makes us 'be'. Even with different guises, work is invariably associated with human beings and their emancipation, for which formal education presents itself as the main 'element' to prepare human beings for the future and act on the world as a transforming subject. However, for it to be configured as the main element of human emancipation, it needs to have a substantial change in relation to the way of preparing that limits the human being to be a discarded piece in the game of work dominated by technology, bringing a formation to the 'market' of work, when you need to focus on the 'world' of work and the complexity that constitutes it. Consciously, although aware of the limitations that constitute a complex investigation, constructed in the social sciences, I modestly register what I understand as its importance: it is not a research focused on itself, it is a research built polyphonically and aimed at all those who want change for their lives. a more harmonious, less unequal, more human coexistence. Dignity is non-transferable and part of being human – bringing dignity to the reality of life in society is much more than the exercise of the right, it is the duty of humanity as it is recognized as a collective locus. It is my duty to be part of this humanity and fight to, in the expression of scientific research, generate interest, reflection and movement in search of a more human world in which the dignity of being is one of its greatest and most beautiful expressions.

Keywords: Dignity at work. Technology. Professional education. Work in Latin America. 5. Workers' imaginations.

RESUMEN

CASTRO, P. S. **Dignidad humana y sentido del trabajo frente a la alta tecnología: el imaginario de los trabajadores latinoamericanos que desempeñan funciones de limpieza, conserjería y seguridad en instituciones de educación superior**. 2022. 290 fl. Tesis (Doctorado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2022.

Este trabajo de investigación tiene como objetivo identificar el imaginario de los trabajadores latinoamericanos que desempeñan funciones que requieren menor calificación como portero, conserje, seguridad en instituciones de educación superior de Argentina, Brasil, Colombia y Cuba para comprender: (1) cuál es su perspectiva sobre el proceso de sustitución del trabajo humano por máquinas y robots de alta tecnología, considerando el mundo de la tecnología 4.0, dominado por la inteligencia artificial y la computación cognitiva, con el 'brave new world' convirtiéndose en una cuasi-realidad en el siglo XXI; (2) el significado del trabajo para dichos trabajadores. Se buscó registrar la polisemia, la multiplicidad de significados y la polifonía, las múltiples voces que componen el tejido social, y este propósito se logró a través de la escucha activa y la comunicación dialógica con los sujetos de investigación, durante 2019-2022. Para realizar esta investigación, de carácter exploratorio y enfoque cualitativo, se optó por el método de la lectura cultural, que permitió delimitar el contexto del problema y profundizar en su diagnóstico, recogiendo las voces de los protagonistas directamente involucrados con el fenómeno estudiado, y adoptado, como técnicas de investigación, entrevistas semiestructuradas y aplicación de cuestionarios. La hipótesis central fue que, a pesar de las dificultades que se potencializan con la adopción de la tecnología 4.0 para muchas funciones, los trabajadores que realizan funciones simples, como portero, seguridad y limpieza, ven su trabajo de manera positiva, considerándolo como un formador de su dignidad humana. Las voces de estos 86 trabajadores respondieron a la hipótesis: sí, el trabajo forma la dignidad humana, nos da identidad, nos hace 'ser'. Aún con diferentes formas, el trabajo está invariablemente asociado al ser humano y su emancipación, para lo cual la educación formal se presenta como el principal 'elemento' para preparar al ser humano para el futuro y actuar sobre el mundo como sujeto transformador. Sin embargo, para que se configure como el elemento principal de la emancipación humana, necesita un cambio sustancial en relación con la forma de preparación que limita al ser humano a ser una pieza descartada en el juego del trabajo dominado por la tecnología, trayendo una formación al 'mercado' del trabajo, cuando es necesario centrarse en el 'mundo' del trabajo y la complejidad que lo constituye. Conscientemente, aunque consciente de las limitaciones que constituye una investigación compleja, construida en las ciencias sociales, modestamente registro lo que entiendo como su importancia: no es una investigación centrada en sí misma, es una investigación construida polifónicamente y dirigida a todos aquellos que quieren un cambio para sus vidas, una convivencia más armónica, menos desigual, más humana. La dignidad es intransferible y parte del ser humano – dignificar la realidad de la vida en sociedad es mucho más que el ejercicio de un derecho, es un deber de la humanidad en tanto se reconoce como locus colectivo. Es mi deber ser parte de esta humanidad y luchar para, en la expresión de la investigación científica, generar interés, reflexión y movimiento en busca de un mundo más humano en el que la dignidad del ser sea una de sus más grandes y bellas expresiones.

Palabras clave: Dignidad en el trabajo. Tecnología. Formación profesional. Trabajo en América Latina. Imaginario de los trabajadores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Elementos constitutivos do trabalho decente	93
Figura 2 - Os objetivos estratégicos para o exercício do trabalho decente	96
Figura 3 - Onde atuam os protagonistas desta pesquisa	193
Figura 4 – Entrevistas realizadas por países.....	194
Figura 5 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – por país.....	195
Figura 6 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – distribuição por categoria	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos elementos centrais do direito do trabalho	92
Quadro 2 - Protagonistas da pesquisa em Argentina em entrevistas semiestruturadas	138
Quadro 3 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na segurança	145
Quadro 4 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na limpeza	151
Quadro 5 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na portaria.....	165
Quadro 6 - Protagonistas da pesquisa na Colômbia em entrevistas semiestruturadas	174
Quadro 7 - Protagonistas da pesquisa em Cuba em entrevistas semiestruturadas	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Onde atuam os protagonistas da pesquisa – tipo de instituição..... 194

Tabela 2 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – por categoria..... 196

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
Justificativas.....	21
Metodologia	27
Estrutura da tese	28
CAPÍTULO 1. O TRABALHO E O SER HUMANO	31
1.1 CONCEPÇÕES E SENTIDO DO TRABALHO	31
1.2 O DESEJO DE RECONHECIMENTO, O MITO DO SENHOR E DO ESCRAVO, O FIM DA HISTÓRIA E O SÉCULO XXI	38
CAPÍTULO 2. O TRABALHO, O SER E O TER E O TEMPO DE LAZER OU NÃO TRABALHO.....	62
CAPÍTULO 3. EDUCAÇÃO FORMAL PARA O TRABALHO E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA.....	85
CAPÍTULO 4. O SENTIDO DO TRABALHO NA VISÃO DOS TRABALHADORES QUE EXERCEM FUNÇÕES QUE EXIGEM MENOR QUALIFICAÇÃO COMO AS DE PORTEIRO, FAXINEIRO, SEGURANÇA – AS VOZES DOS SUJEITOS OCULTOS AO <i>MAINSTREAM</i>	115
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	116
4.1.1 O método de leitura cultural	117
4.2 O EXERCÍCIO DA LEITURA CULTURAL ANTES DA PANDEMIA	120
4.3 E VEIO A PANDEMIA... COM ELA, O DESAFIO DA REALIZAÇÃO DA LEITURA CULTURAL ASSÍNCRONA.....	137
4.3.1 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior na Argentina	138
4.3.2 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior no Brasil	145
4.3.3 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior na Colômbia	174
4.3.4 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior em Cuba	188
4.4 DESCOBERTAS A PARTIR DA RELAÇÃO DIALÓGICA COM OS PROTAGONISTAS DESTA PESQUISA	192
4.4.1 Panorama geral – caracterização dos protagonistas da pesquisa	193
4.4.2 O que mais os protagonistas da pesquisa nos dizem.....	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS	209

APÊNDICE A – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA ANTES DA PANDEMIA	230
APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA APLICAÇÃO EM PERÍODOS DE PANDEMIA E ‘PÓS-PANDEMIA’	232
APÊNDICE C – VERSÃO EM PORTUGUÊS DAS ENTREVISTAS COM HISPANO- HABLANTES.....	236
APÊNDICE D – DISCIPLINAS CURSADAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE	261
CIÊNCIAS PARA A ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. OLHARES INTERNACIONAIS II (IAL5776-9/3)	261
CONSTITUCIONALISMO E DEMOCRACIA (FLS6117-3/4).....	264
COMUNICAÇÃO, CULTURA E NARRATIVAS DO COTIDIANO: A IDENTIDADE CULTURAL DA AMÉRICA LATINA NARRADA POR SI MESMA (IAL5775-2/7)	266
PENSAMENTO POLÍTICO LATINO-AMERICANO (IAL5777-2/4)	271
TEMAS DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO (FLS5071-3/3).....	273
EPISTEMOLOGIAS LATINO-AMERICANAS (IAL5798-1/1).....	276
TRABALHO, SINDICATO E GLOBALIZAÇÃO (FLS5092-3/1).....	277
SEMINÁRIO DE PESQUISA DE MESTRADO (IAL5796-1/1) E SEMINÁRIO DE PESQUISA DE DOUTORADO (IAL5795-1/2)	279
CULTURA E DIVERSIDADE: PLURALOGIA SOCIAL (CJE5999-1/1).....	281
EPISTEMOLOGIA – TEORIA E MÉTODOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (IAL5798-3/1)	284
TEMAS CONTEMPORÂNEOS DA IBERO-AMÉRICA (PGI5010-2/1)	287

INTRODUÇÃO

Da mesma maneira que Simon, a quem é reputada a frase “Sou um pesquisador da ciência social, antes de ser um economista ou psicólogo, e espero ser um ser humano antes de qualquer coisa” (SARSUR; CRUZ, 2003, p. 10)¹, pesquiso a visão que trabalhadores latino-americanos exercendo funções que exigem menor qualificação como as de faxineiro, porteiro, segurança apresentam sobre a emancipação² da pessoa humana por meio do trabalho, em face de um contexto da substituição de diversas atividades que envolvem o trabalho humano pela alta tecnologia advinda da computação cognitiva ou inteligência artificial.

Antes de apresentar os elementos que costumeiramente se destacam em uma introdução, faço um aporte menos usual, mas que é importante para que se compreenda os caminhos que me levaram, como pesquisador, às escolhas que resultaram nas temáticas que compõem os capítulos desta presente investigação e que envolvem minha trajetória de vida, em especial o ingresso no Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina-Prolam-USP; trajetória esta que, no Prolam, incorporou à minha pessoa diversos elementos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, influenciando não somente na escolha dos conteúdos, mas também na metodologia e no método. Portanto, essa trajetória sustenta, também, a argumentação em torno das justificativas da pesquisa e explicita, aos que tomam contato com este documento, algumas facetas dos porquês que são o esqueleto deste trabalho.

A proposta de estudar a emancipação da pessoa humana por meio do trabalho deriva de uma preocupação existente desde o ingresso no curso de Direito, em 1983. Atuando como professor na Aeronáutica e, posteriormente, como advogado na área trabalhista, sempre me interessei por compreender o porquê do trabalho e o sentido que este tem para os indivíduos que o executam, por que eles trabalham, que sentido veem nesse trabalho que exercem, que anseios apresentam

¹ SARSUR; Amyra Moyzes; CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da. A função gerencial na encruzilhada: dilemas contemporâneos. **VI SEMEAD.** 2003. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/6semead/ADM%20GERAL/063Adm%20-%20A%20Fun%20Gerencial%20na%20Encruzilhada.doc>>. Acesso em 29 dez.2018.

² Emancipação, aqui, adquire o sentido de liberdade e de dignidade, de se tornar independente (nota do autor).

com relação ao fruto desse trabalho. Após o bacharelado, cursei três diferentes pós-graduações *lato sensu* em Direito Empresarial, Direito Educacional e Direito Previdenciário. Não foram em sequência, houve alguns lapsos de tempo consideráveis, durante os quais a questão do trabalho e sua centralidade na vida humana sempre vinha à mente.

Ingressei em 2010 em um curso de Doutorado, na *Universidad de Buenos Aires*, e lá tive o contato com diversos mestres que abriram meus horizontes para o aprofundamento na questão do trabalho e sua relação com a cultura de cada país. Enquanto estava desenvolvendo a fase monográfica, pude ingressar, em 2018, no Mestrado no PROLAM, algo que almejava por mais de cinco anos, porque queria ter a oportunidade de aprender e debater com pessoas de várias áreas de conhecimento, o que somente um curso interunidades permite acontecer.

Por ocasião da qualificação do mestrado, em 22 fev.2019, a banca recomendou a passagem para o Doutorado Direto e a trajetória de estudos se intensificou, levando-me ao estudo de diversas disciplinas que me trouxeram janelas para a compreensão do outro e dos diferentes sentidos que os acontecimentos, no qual se inclui o trabalho, têm para cada indivíduo. Cada disciplina trouxe especial contribuição para a minha pesquisa, conforme apresentado no Apêndice D desta tese, e esses diversos aprendizados e abordagens estão materializados nesta investigação.

Posto isto, sigo para a problemática que é a fonte das inquietações que deram início à tese e inicio com uma breve contextualização sobre dignidade, trabalho e tecnologia, que são o pano de fundo para o exercício do protagonismo dos sujeitos de pesquisa:

O trabalho se apresenta, culturalmente, com uma forte relação com essa palavra tão rica de significado: dignidade. O conceito a seguir define o ponto que se aborda nessa tese (grifos próprios do autor desta presente pesquisa).

“Dignidade” significa a qualidade ou o estado de quem é digno, honrado ou estimado; o respeito a si mesmo; o amor próprio ou o ingrediente que dá dignidade à existência humana, a autoestima, o brio, o pundonor, a honra, o decoro; certa medida de mérito; senso de realização e felicidade. (FACHIN; CAMARGO, s/d., s/p.).³

³ FACHIN, Zulmar; CAMARGO, José A. Dignidade humana. Dignidade da pessoa humana. **Publica Direito**, [s/d.]. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=a8badd37c221a3f1>>. Acesso em 29 dez.2018.

Portanto, resgatar essa proposição de ver o trabalho nessa amplitude, sob a ótica dos atores sociais que, em geral, não têm sua voz valorizada, é um ponto importante de colaboração para o entendimento dessa realidade contemporânea e uma forma de despertar a consciência social para que se encontrem proposições de como nela atuar buscando compreender o sentido do trabalho e construir, em colaboração, formas de reflexão-ação em busca da materialização da dignidade humana.

Adicionalmente, temos que o mundo da alta tecnologia já é uma realidade desde o início do século XXI: máquinas que aprendem com outras máquinas, robôs que executam funções de pensar e tomar decisões; nanotecnologia tornando possível o que antes era impensável, como o controle total de aparelhos à distância e até a execução de cirurgias feitas via satélite, a possibilidade de controlar o DNA do ser humano e determinar seu peso, sexo, altura, todos esses elementos que pareciam ficção científica no século passado tornaram-se reais neste século, trazendo o ‘admirável mundo novo’⁴ para o ‘mundo do trabalho’.

A quarta revolução industrial, que envolve o uso de tecnologia 4.0 em praticamente todos os âmbitos que o ser humano atua, chega ao mundo do trabalho e gera uma substituição do ser humano pela máquina. Nesse contexto, pus-me a pensar, como pesquisador, acerca da construção do imaginário sobre o sentido do trabalho de alguns trabalhadores latino-americanos que exercem funções simples (faxineiros, porteiros e seguranças) em instituições de ensino superior, tendo em vista o avanço da substituição do trabalho humano pela tecnologia de última geração.

Tendo em vista esses três elementos: dignidade, trabalho e tecnologia, a pergunta central pode ser expressa por: qual é o imaginário dos trabalhadores que exercem funções de faxineiros, porteiros e seguranças em instituições de ensino superior latino-americanas sobre o trabalho que exercem e sobre a emancipação da

⁴ ‘Admirável mundo novo’ é uma expressão que dá o título a um livro de Aldous Huxley (no original: *Brave New World*), escrito em 1931, no qual o autor apontava a existência de um mundo no qual os seres humanos não mais nasciam de uma família, eram resultado de programação genética e tinham toda a sua vida pré-estabelecida em termos de profissões, *status*, altura, peso etc. O que antes parecia ficção, em menos de 100 anos tornou-se realidade em quase todos os aspectos, principalmente no que se refere à possibilidade de realizar reprodução assistida e manipulação genética. No desenvolver do capítulo 1 desta tese, alguns aspectos da obra de Huxley serão abordados com mais detalhes (nota do autor).

pessoa humana por meio do trabalho em face de um contexto da substituição do trabalho humano pela alta tecnologia?

Tem-se, pois, por objetivos de pesquisa: identificar o imaginário dos trabalhadores latino-americanos que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança em instituições de ensino superior para, então, compreender:

(1) qual sua perspectiva sobre o processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs de alta tecnologia, considerando-se o mundo da tecnologia 4.0, dominado pela inteligência artificial e pela computação cognitiva, vislumbrando ser o 'admirável mundo novo' uma quase-realidade no século XXI;

(2) o sentido do trabalho para tais trabalhadores, isto é, se identificam o seu trabalho como forma de emancipação, se o trabalho traz a elas a ideia de liberdade, de dignidade, de ser independente.

Ao abraçar o desafio de pesquisar, a natureza do pesquisador o leva a construir hipóteses sobre o tema escolhido. Essas hipóteses são o fruto do conhecimento prévio e das experiências quanto ao tema e, assim como a pergunta de pesquisa, elas norteiam os passos da pesquisa e serão testadas no decorrer da investigação.

A hipótese central explorada nesta pesquisa é a de que, apesar das dificuldades que se potencializam com a adoção da tecnologia 4.0 para muitas funções, os trabalhadores que exercem funções simples, não especializadas, como as de porteiro, segurança e limpeza, veem o trabalho que exercem de forma positiva, considerando-o como um formador de sua dignidade humana.

Essa hipótese deriva da observação, ao longo do tempo, das pessoas que passavam pelo escritório de advocacia em que atuei por cinco anos. A quase totalidade dessas pessoas era de origem simples, exercia funções consideradas simples, mas quando elas se referiam ao trabalho que faziam, apresentavam uma visão positiva deste, e a sua perda representava, para elas, mais do que a perda de uma remuneração. O trabalho trazia uma espécie de equilíbrio em vários âmbitos da vida – além do monetário e de sobrevivência, trazia-lhes respeito social, reconhecimento por parte de pessoas que lhes eram importantes, enfim, mesmo as atividades consideradas comuns e simples traziam uma contribuição para a construção da dignidade.

Justificativas

Discutir o problema da emancipação da pessoa humana por meio do trabalho em face de um panorama em que se amplia a possibilidade de substituição do trabalho humano pela alta tecnologia tem sua relevância se considerarmos o ambiente atual, no qual o trabalho, enquanto representação de liberdade e de obtenção de dignidade, enquanto forma de ascensão e obtenção de autoestima, pode vir a ser abalado pela transformação radical advinda da quarta revolução industrial, nessas condições de substituição do ser humano em atividades não somente operacionais e rotineiras, como também cognitivas que, até então, eram consideradas de exclusividade humana, como análises e tomadas de decisões.

Desse modo, identificar e compreender o sentido do trabalho no imaginário dos trabalhadores que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança, sendo escolhidos para serem os protagonistas na leitura desse sentido do trabalho, justifica-se pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, faxineiros, porteiros e seguranças são pessoas que exercem atividades consideradas não especializadas, que exigem baixo grau de complexidade e são rotineiras e, portanto, podem ser substituídas, considerando-se o avanço da tecnologia 4.0, por um novo trabalhador, mais eficiente, mais preciso, menos passível de errar – o robô.

Tome-se, como exemplo, a função de um porteiro. A um porteiro cabe identificar quem é a pessoa que deseja entrar, verificar a pertinência do pedido de entrada, ou dar alguma informação, orientar quanto à localização e como chegar a um determinado lugar dentro do local em que atua como porteiro. Atividades que, sem dúvida, podem ser realizadas por inteligência artificial. Algumas dessas, inclusive, já são atualmente realizadas por URAs, unidades de atendimento eletrônico que tomam decisões de solicitação por voz e dão informações diversas. Sim, mas e quanto à identificação da pessoa, tirar uma foto, ligar para o local para o qual a pessoa se dirige? Um robô faz isso com maestria e sem correr o risco de

algum engano por cansaço, má vontade, desatenção etc. Hoje em dia, a portaria virtual já é uma realidade (PORTARIA VIRTUAL, 2017).⁵

O trabalho de um segurança segue a mesma lógica de substituição. Além das facilidades de precisão que o robô executa, tem-se também o fato de que um robô não tem a necessidade de receber adicionais de periculosidade nem traria à empresa os agravos legais que uma eventual ação de um terceiro sobre um ser humano causaria ao agente que atua como segurança, como uma agressão, um ferimento, ou mesmo a morte. Obviamente, o outro lado da moeda, o robô cometer uma agressão a um terceiro, um ferimento, ou mesmo levá-lo à morte levaria o Direito à discussão sobre penas, mas é fato de que o robô não agiria sob intensas emoções e, portanto, o risco de um dano causado pelo lado emocional, que é o que ocorre na maioria das vezes, seria praticamente improvável de ocorrer. Para exemplificar, há mais de dez anos, já existem robôs que foram criados para realizar segurança em residências (SOUZA, 2005).⁶

O trabalho de uma faxineira, por sua vez, também pode ser substituído por robôs. Também já no mercado há mais de uma década, há os robôs domésticos que executam inúmeras tarefas como varrer, passar roupas, cozinhar. Nada impede que os banheiros e outras áreas que necessitam de diversos procedimentos sejam executados por um robô, altamente programado, que aplique os produtos necessários em cada ponto para limpeza e que, além de não se distrair com o entorno, também leva vantagem sobre o ser humano por não necessitar de adicional de insalubridade. Ademais, o robô ou a máquina tampouco terão problemas sentimentais ou frustrações por não serem reconhecidos nem valorizados por outras pessoas que estão no ambiente e valorizam a limpeza nesses espaços que ocupam, mas não apresentam a mesma percepção ou conceito por quem a executa.

Portanto, pelos três exemplos dados, pode-se entender como factível que essas profissões são, dentre outras, algumas que mais correm riscos, por não serem profissões que exijam especialidades ou peculiaridades que um computador ou um robô teriam mais 'dificuldades' de realizar.

⁵ PORTARIA VIRTUAL – Apertem os cintos, o porteiro sumiu! Notícia publicada em 24 jul.2017 no **Portal Schimdt Segurança**. Disponível em: <<http://schimtd.com.br/portaria-virtual-apertem-os-cintos-o-porteiro-sumiu/>>. Acesso em 29 dez.2018.

⁶ SOUZA, José Antonio Menezes Felipe de. **Robótica** Material didático. 2005. Disponível em: <http://webx.ubi.pt/~felippe/main_pgs/mat_didp.htm>. Acesso em 29 dez.2018.

Adicionalmente, a escolha por esses três grupos que, de início, derivou de um interesse de pesquisa para escutar e dar voz a quem é pouco ouvido, reforçou sua importância ao deparar com um quadro reduzido de pesquisas acadêmicas encontradas a respeito que tivessem essa abordagem de ouvir e dar a voz das pessoas que, de forma geral, não são as protagonistas das pesquisas sobre o sentido do trabalho. Apenas para exemplificar, em pesquisa nos *sites* acadêmicos encontrei poucos trabalhos sobre pessoas que exercem funções de faxineiros, porteiros e seguranças, menos ainda foi a quantidade de trabalhos em que ocorre a escuta ativa desses trabalhadores.

No Brasil, Andrade *et al.* (2016)⁷ fizeram uma análise da visão das faxineiras de uma faculdade, concluindo que havia um desprezo a suas funções, mas seu foco foi na terceirização do trabalho; já os trabalhos de mestrado de Costa (2004)⁸ e de doutorado (COSTA, 2008)⁹ têm foco na observação participante. Os dois trabalhos têm como sujeitos de pesquisa os garis que trabalharam na Universidade de São Paulo. Especificamente no trabalho acadêmico de mestrado, o autor demonstrou como, ao se ‘vestir’ de gari e agir na universidade em que era estudante, simplesmente ‘desapareceu’ da visão de seus colegas e de seus professores – ele sofreu um desaparecimento simbólico, cultural – simplesmente, foi apagado da visão dos que se consideravam ‘superiores’, no trabalho de doutorado, ele aprofundou sua pesquisa, trabalhando com observação participante e entrevistas aprofundadas, que se tornaram histórias de vida.

Na Argentina, encontrei um trabalho de Varela (2016)¹⁰ que aborda a situação de trabalhadores em situação precária, dentre eles, uma das categorias funcionais dos sujeitos de pesquisa – pessoas que atuam na limpeza – mas com o foco mais

⁷ ANDRADE, Tábatta Joplin Moreira; DOMINGOS, Camila Bruna Duarte; LAMBERTUCCI, Danielle Borges; PACHECO, Maria Isabela Gonçalves Gomes; SILVEIRA, Amanda Mariana. Trabalho e Terceirização: Contexto dos Serviços de Limpeza na Faculdade de Direito e Ciências do Estado – UFMG. In: **Revista - Revista de Ciências do Estado**, v.1, n.2, 2016, p.187-211.

⁸ COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Editora Globo, 2004.

⁹ COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. 403 f. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf>. Acesso em 05 jan.2019.

¹⁰ VARELA, Paula. La resistencia de los trabajadores precarizados en el sindicalismo de base en Argentina: apuntes sobre las experiencias de Subte, Kraft y Madygraf (ex Donnelley). **Rev. Pilquen**. secc. cienc. soc., Viedma, v. 19, n. 3, p. 66-78, set.2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-31232016000300006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 05 jan.2019.

tradicional de estudar os movimentos de resistência sindical, sem dar a voz aos sujeitos principais. O trabalho de Esquivel e Pereyra (2017)¹¹, por sua vez, trata das mulheres argentinas que trabalham em funções que ‘cuidam’, englobando os serviços de limpeza. As autoras apontam que as condições de trabalho são pobres e que as profissões, por serem associadas a habilidades que são consideradas ‘femininas’, são desvalorizadas no que se entende como um trabalho autêntico. As mulheres, todavia, têm suas vozes reduzidas a três frases de entrevista, seguindo-se um grande conjunto de dados e estatísticas.

Na Colômbia, María Alejandra Gómez Vélez (2017) desenvolveu uma pesquisa com trabalhadores operários e profissionais liberais, como economistas, psicanalistas, profissionais do direito, gestores; seu trabalho identifica o que se encontra na literatura em geral sobre o sentido do trabalho, que envolve a satisfação de necessidades de sobrevivência, sim, mas também abrangem aspectos subjetivos como os de autorrealização e de desenvolvimento pessoal. O ponto que chamou a atenção no trabalho da pesquisadora e que permeia a hipótese desta presente tese está em que os trabalhadores entendem que a educação, por ser de difícil acesso, reduzem as opções de escolha de trabalho, bem como reduzem suas opções de negociação. No trabalho, também foram identificados aspectos como discriminação e o que a pesquisadora denomina coisificação dos trabalhadores; contudo, a abordagem não é circunscrita à proposta apresentada nesta tese.

Também é relevante recordar que o ser humano e sua dignidade são uma só, independentemente de raça, cultura, nação. Resgatar a proposição de ver o trabalho nessa amplitude, considerando as narrativas de grupos costumeiramente não ouvidos, é um ponto importante de colaboração para o entendimento da realidade contemporânea e uma forma de despertar a consciência social para que se encontrem proposições de como nela atuar, buscando, inclusive, subsídios e pontos de reflexão para tornar as relações trabalhistas mais coerentes com o princípio do Direito no sentido de estabelecedor de leis que favoreçam a manutenção da dignidade humana.

¹¹ ESQUIVEL, Valeria; PEREYRA, Francisca. Las condiciones laborales de las y los trabajadores del cuidado en Argentina: Reflexiones en base al análisis de tres ocupaciones seleccionadas. **Trab. soc.**, Santiago del Estero, n. 28, p. 55-82, jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 07 jan.2019.

Em geral, ouve-se a voz dos sujeitos com *status*, mas, como nas teorias sobre administração como as da Ciência Organizacional Contranormal, surgem proposições para ouvir os chamados hipossuficientes, aqueles considerados atores sociais que, com o tempo, tornaram-se, no mundo do trabalho, o que se identifica como coisificação da realidade (HANDBOOK, 2001).¹² Propõe-se, então, uma pesquisa em que se possa registrar a polissemia, a multiplicidade de sentidos e a polifonia, as muitas vozes que compõem o tecido social (MEDINA, 2008).¹³

Quanto ao *locus* de pesquisa, que é o trabalho exercido em instituições de ensino superior: conforme abordado em parágrafos anteriores, o exercício dessas atividades em universidades pressupõe que haveria uma preocupação, por parte dessas instituições de ensino superior, em oferecer possibilidades educacionais que favorecessem a emancipação e a dignificação do trabalho humano, mas, em geral, essa preocupação ou conscientização não é identificada nesses locais, abrindo, então, uma possibilidade de pesquisa que traga reflexões sobre o assunto.

No tocante aos países envolvidos, com o advento da pandemia foi necessário modificar a proposição inicial, que era visitar Argentina e Brasil, somente, e realizar a pesquisa *in loco*. A escolha inicial levou em conta a facilidade de acesso a instituições de ensino com as quais tive interações como estudante de pós-graduação e/ou como professor. No período pandêmico e com as tecnologias que permitem o acesso remoto, fiz uma aproximação com colegas pares de Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba, que construíram pontes para que eu pudesse ter acesso aos protagonistas da pesquisa.

Os quatro países em questão têm, em comum, a visão de educação como direito universal e apresentam, também, normativas jurídicas quanto ao trabalho decente, que abarca a questão da dignidade, elemento essencial nesta pesquisa; bem como a busca da inclusão e da redução das desigualdades com políticas públicas plurissetoriais. Logo, como este trabalho envolve dignidade, trabalho e tecnologia, estando a educação associada a tais elementos por seu impacto na própria formação e na construção da dignidade do ser humano, torna-se pertinente abarcar as vozes dos trabalhadores desses países.

¹² **HANDBOOK de estudos organizacionais**. volume 2: reflexões e novas direções. Stewart R. Clegg, Cynthia Hardy e Walter R. Nord (Orgs.). Organizadores da edição brasileira: Miguel Caldas, Roberto Fachin e Tânia Fischer. São Paulo: Editora Atlas, 2001

¹³ MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

É patente que alguns desses quatro países têm um foco econômico mais próximo, como Argentina e Brasil, que buscam ser protagonistas econômicos em uma sociedade marcada pela visão capitalista de competição e pelo individualismo, em um contexto no qual relações de trabalho se mesclam com as relações sociais e históricas de domínio das elites (minorias) sobre o proletariado dominado (maiorias). (DEL PERCIO, 2009).¹⁴. São, também, na estrutura educacional, os dois países da América do Sul que mais se assemelham em termos de sistemas educacionais de grande tamanho e complexidade (BRUNNER; MIRANDA, 2016)¹⁵; são países situados em posições intermediárias nas classificações econômicas, apresentando, portanto, estrutura semelhante em termos de investimentos em educação e em indústria.

Já Cuba se destaca por adotar um padrão econômico distinto na região e por sua visão de educação 100% pública e universal; com foco na formação universitária que lute pela defesa de igualdade e justiça social, direitos humanos e democracia. Colômbia busca ofertar uma educação superior equilibrada entre a parte pública e privada (FERNÁNDEZ LAMARRA, 2007¹⁶; BRUNNER; MIRANDA, 2016¹⁷); e ainda reforça seu compromisso de formação do cidadão como um direito de todos os cidadãos, sendo que a eles é determinado, por lei, que tenham acesso a um sistema educacional público que seja sustentável, de qualidade e inclusivo, em todos os níveis de ensino, do pré-escolar até o superior (BRUNNER; MIRANDA, 2016)¹⁸.

É importante sublinhar, ainda, que essa diversidade de países latino-americanos possibilita ao pesquisador identificar a riqueza das vozes e descobrir se, mesmo em diferentes contextos, os trabalhadores latino-americanos apresentam perspectivas semelhantes sobre a dignidade humana e o trabalho.

¹⁴ DEL PERCIO, Enrique M. **Política o Destino**. Cuestiones estratégicas en tiempos de crisis. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana: COPPPAL, 2009. 320 p.

¹⁵ BRUNNER, José Joaquín; MIRANDA, Daniel Andrés. **Educación superior en Iberoamérica**. Informe 2016 1ª ed. Santiago: Centro Interuniversitario de Desarrollo (CINDA), 2016.

¹⁶ FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto. **Educación Superior y calidad en América Latina y Argentina**: los procesos de evaluación y acreditación. Caseros: Universidad Nacional de Tres de febrero, 2007.

¹⁷ BRUNNER, José Joaquín; MIRANDA, Daniel Andrés. **Educación superior en Iberoamérica**. Informe 2016 1ª ed. Santiago: Centro Interuniversitario de Desarrollo (CINDA), 2016.

¹⁸ BRUNNER, José Joaquín; MIRANDA, Daniel Andrés. **Educación superior en Iberoamérica**. Informe 2016 1ª ed. Santiago: Centro Interuniversitario de Desarrollo (CINDA), 2016.

Metodologia

Considerando os objetivos propostos e o foco em registrar as vozes dos que são os sujeitos protagonistas desta pesquisa, a abordagem metodológica segue uma natureza básica, com objetivos exploratórios e explicativos, abordagem qualitativa e aplicação de entrevista semiestruturada e questionários, como se pode encontrar em diversos trabalhos de natureza semelhante, a título de ilustração: Martins *et al.* (2019)¹⁹, Alvarez e Fonseca de Azevedo (2017)²⁰, Duarte (2015)²¹, Azevedo (2015)²², dentre outros.

Esta pesquisa é exploratória porque, como pesquisador, tenho o interesse de explorar e compreender a complexidade do fenômeno da emancipação do indivíduo por meio do trabalho, em pleno tempo de tecnologia 4.0 dominando o cenário social e econômico, a partir da polifonia e da polissemia que os trabalhadores selecionados pela pesquisa poderão aportar. Quanto à forma de abordagem dos sujeitos pesquisados, esta pesquisa é qualitativa, isto é, busca-se analisar o fenômeno mediante reflexão e análise das informações, buscando aspectos que representem a complexidade do tema estudado.

Para a leitura das vozes dos protagonistas de pesquisa, adotou-se o método de leitura cultural, que rompe com a dicotomia sujeito pesquisador – objeto pesquisado, para então explorar as relações possíveis, sensíveis, complexas, decorrentes do, e/ou inerentes ao relacionamento entre sujeito pesquisador – sujeito

¹⁹ MARTINS, Daiane de Lourdes; BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício; PEREIRA, Jussara Jéssica. Invisibilidades no âmbito do trabalho de limpeza: um estudo em uma instituição federal de ensino superior. **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 6, n. 17, p. 994-1034, dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25113/farol.v6i17.4131>>. Acesso em 22 jul.2021

²⁰ ALVAREZ, Denise; FONSECA DE AZEVEDO, Eliza Regina. O trabalho feminino na função de limpeza de prestadoras de serviço em uma instituição de ensino superior. **Vianna Sapiens**. Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior, v. 7, n. 1, p. 185-212, 2017. Disponível em: <<https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/188>>. Acesso em 24 mai.2020.

²¹ DUARTE, Felipe. **Trajetórias e Vivências de Trabalhadoras Terceirizadas da Limpeza da Universidade Federal de Uberlândia (2011-2015)**. 2015. 58 f. Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFF, 2015.

²² AZEVEDO, Eliza Regina Fonseca de. **Análise do trabalho e da saúde das mulheres que desempenham a função de limpeza no polo universitário de Volta Redonda**. 2015. 185 f. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sistemas de Gestão da Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda: UFF, 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/851/Dissert%20Eliza%20Regina%20Fonseca%20de%20Azevedo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 24 mai.2020.

pesquisado. Detalhes sobre o método estão no subcapítulo de aspectos metodológicos, no capítulo 4 desta tese.

A abordagem do método de leitura cultural e de técnicas de pesquisa como entrevista semiestruturada e questionários foi corroborada nas bancas de qualificação, sendo que a aplicação das entrevistas e de questionários teve, como principal intuito, ampliar as vozes ouvindo mais trabalhadores, dado o ponto central deste trabalho de pesquisa.

É oportuno ressaltar que, como o método de leitura cultural exige tempo para conhecimento e construção do relacionamento com as pessoas, em geral as pesquisas que o utilizam envolvem poucos participantes, como, por exemplo, quatro, cinco pessoas. Já a entrevista semiestruturada e a aplicação de questionários ampliam o contingente pesquisado. Com a pandemia, o que antes era uma proposição tornou-se imperativo para que se conseguisse o contato com pessoas em outros países, em períodos em que viagens e ingresso em instituições de ensino superior estavam suspensos.

Estrutura da tese

Após os elementos introdutórios aqui apresentados, tem-se:

No primeiro capítulo da tese, ocorre a apresentação do contexto do fenômeno estudado, de uma forma mais aprofundada do que o constante da seção introdutória. Em tal capítulo, portanto, apresentam-se reflexões iniciais sobre o valor social do trabalho, os fundamentos relacionados ao mito do senhor e do escravo e a concepção de fim da história, de Hegel (1968; 1997; 1999; 2005)²³; amplia-se a discussão sobre o fim da história fazendo um contraponto com a visão de Marx

²³ HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

(MARX; ENGELS, 1965, 1998, 2004; MARX; 1986, 2013)²⁴ e apresentam-se discussões sobre o mundo do trabalho no século XXI.

No segundo capítulo, intitulado: *O trabalho, o ser e o ter e o tempo de lazer*, busca-se aprofundar a reflexão sobre o ser humano e sua relação com o trabalho. Não se pode negar que o trabalho tem um caráter social, não apenas de produção ou de algo meramente técnico. Assim, nesse capítulo, reflito sobre o sentido social que o trabalho vem, ao longo dos séculos, criando no ser humano, e aprofundar a discussão sobre o ser e o ter, sobre para onde estamos caminhando no mundo da tecnologia 4.0, em que o tempo e o espaço agora não são mais lineares nem barreiras, onde o ser humano ainda tem, como uma das bases construtoras das suas relações sociais e de sua cultura, o seu trabalho. Apresenta-se, ainda, uma discussão que deriva de uma ideia central, sob meu ponto de vista, sobre o ser humano e sua relação com o trabalho.

Durante mais de 30 anos atuando com Direito e, mais especificamente, com Direito do Trabalho, deparei-me com algo que era sempre comum, independentemente do sujeito, de sua profissão, de sua renda: o vínculo entre esse sujeito e sua atividade, algo como se o trabalho fosse parte tão integrante da vida do sujeito que este, ao não tê-lo mais como atividade, não saberia o que fazer com seu tempo livre, ou de ócio. Ao ler *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*, deparei uma frase que expressa com maestria o que venho, intuitivamente, procurando entender: “Este es el derecho infinito del sujeto, el segundo momento esencial de la libertad: que el sujeto halle su propia satisfacción en una actividad o trabajo”²⁵ (HEGEL, 1999, p. 59).²⁶ Este capítulo, portanto, visa complementar a

²⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Carlos. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. Tomo 1. 19ª reimp. Trad. Wenceslao Roces. México/DF: Fondo de Cultura Económica, 1986.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

²⁵ “Este é o direito infinito do sujeito, o segundo momento essencial da liberdade: que o sujeito ache sua própria satisfação em uma atividade ou trabalho” (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2018).

²⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

discussão sobre a problemática central do sentido do trabalho para pessoas que atuam em funções mais simples.

No terceiro capítulo, atendendo à recomendação das bancas de qualificação, inclui-se uma análise sobre a educação para o trabalho. Essa temática é apresentada como uma forma de reforçar a possibilidade de construção da dignidade humana por meio da ação laboral. Aborda-se, nesse capítulo, a questão da função social do Estado e das organizações para fazer valer o direito fundamental da educação para o trabalho; a precarização do trabalho com as reformas trabalhistas e o papel do sindicato nessas novas relações trabalhistas no século XXI. Todos esses elementos estão associados ao eixo principal desta tese, que é a construção da dignidade humana e o sentido do trabalho em face da alta tecnologia, em que se busca demonstrar o imaginário de trabalhadores simples, que atuam como faxineiros, porteiros e seguranças em universidades, na Argentina e no Brasil.

No quarto capítulo, com base no método de Leitura Cultural e demais métodos complementares e instrumentos de pesquisa já referidos anteriormente, apresentam-se os atores sociais que são os sujeitos da pesquisa, aqueles cuja voz foi ouvida e registrada, visando à consecução de um processo que seja polifônico e polissêmico. Apresenta-se a parte aplicada da tese, ou seja, os resultados das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa, seguindo-se a análise dos resultados empíricos obtidos com a pesquisa.

Seguem-se as considerações finais, que retomam os elementos relacionados à pergunta de pesquisa, hipótese e resultados obtidos com a pesquisa teórica e prática, apresentando-se, também, recomendações de futuras pesquisas sobre o tema.

CAPÍTULO 1. O TRABALHO E O SER HUMANO

Iniciemos este capítulo com breves reflexões iniciais sobre o valor social do trabalho para, em seguida, abordar o mito do senhor e do escravo, em uma abordagem da obra de Hegel (2005)²⁷ aplicada ao mundo do trabalho.

1.1 CONCEPÇÕES E SENTIDO DO TRABALHO

No decorrer dos séculos, o trabalho passou por diversos momentos distintos em termos de conceito. Se durante muitos anos o trabalho foi visto como modelo de algo penoso, relacionado até à escravidão e a um instrumento de tortura (*tripalium*), o trabalho foi tomando, intencionalmente, uma roupagem diferente; saindo da visão ‘penosa’ para uma visão ‘utilitária’, na qual o trabalho passou a ter um valor social para determinada classe. Não se pode esquecer, tampouco, a ideia do valor social do trabalho contida em Hegel²⁸ e em Marx²⁹ e as discussões sobre a relação entre ser humano-trabalho-natureza, tão bem exploradas nesses dois pensadores, e que se apresenta como objeto de aprofundamento no primeiro capítulo desta tese.

²⁷ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Efen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

²⁸ HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Efen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

²⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

Com a passagem da primeira revolução industrial (século XVIII)³⁰, caracterizada principalmente pelo uso do carvão e a produção com mecanização de processos, para a segunda revolução industrial (século XIX)³¹, houve maior necessidade de mão de obra em escala industrial, visto que a ciência trouxe outras possibilidades de aplicação de combustíveis na produção, bem como novos elementos que permitiram a criação de novos produtos. No século XX, a evolução na produção recebeu importantes *inputs* de estudiosos da Administração que geraram princípios sobre o trabalho presentes até os dias atuais nas organizações. Refiro-me às ideias de Taylor e de Fayol, que levaram a uma revolução das práticas administrativas, no início do século XX.

Ressalte-se que o Taylorismo e o Fordismo³², os maiores expoentes da lógica do capital em relação ao trabalho, não poderiam existir sem que houvesse, antes, uma demanda pela mão de obra humana a realizar intensos e repetitivos trabalhos

³⁰ As revoluções industriais receberam essa denominação por causarem rupturas consideráveis no modo com que se produziam mercadorias. Hobsbawn (1979, p. 43) relembra que a primeira revolução industrial, ocorrida na Inglaterra, no início do século XIX, não é um episódio que tenha começo ou fim; mas representa uma revolução tal que caracteriza “um mundo no qual todos os laços sociais se desintegravam exceto os laços entre o outro e o papel-moeda (no dizer de Carlyle)”.

HOBBSAWN, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. 2ª ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Oliveira (2004, p. 85) resume os elementos que levaram ao reconhecimento da primeira revolução industrial, ocorrida na Inglaterra, no século XVIII: “Mecanização da produção, surgimento das primeiras máquinas, energia do carvão e do ferro, revolução na agricultura - adubação, novos tipos de plantação em oposição ao sistema rotativo de cultivo, utilizado desde a Idade Média, em que se interrompia a cultura em uma parte da terra durante algum tempo para a recuperação do solo, formação da força de trabalho, são algumas das principais características impostas pelas transformações técnicas e econômicas ocorridas no final do século XVIII na Inglaterra, as quais foram denominadas Revolução Industrial.” (nota do autor). Para mais detalhes, consultar: OLIVEIRA, Elisângela Magela. Transformações no mundo do trabalho da revolução industrial aos nossos dias. **Caminhos de Geografia**, v.6, n. 11, p. 84-96, Fev/2004.

³¹ A segunda revolução industrial ocorreu na segunda metade do século XIX e se caracterizou pelo uso intenso de eletricidade e de aço na produção de mercadorias, além de ter havido um importante papel da ciência e da pesquisa aplicada para o desenvolvimento das indústrias, em especial a elétrica e a química, e inovações advindas da exploração e uso do petróleo. (nota do autor). Um resumo sobre a segunda revolução industrial pode ser obtido em: DATHEIN, Ricardo. Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. **Publicações DECON**. Textos Didáticos 02/2003. DECON/UFRGS, Porto Alegre, Fevereiro 2003.

³² O Taylorismo, como ficou conhecido, é um modelo administrativo desenhado por Frederic Taylor, na transição do século XIX para o século XX, que consistia em criar uma ciência administrativa que permitisse resolver o problema do desperdício e da ineficiência, comuns naquele momento histórico, mediante o estabelecimento de um pagamento por peça que levasse o trabalhador a se empenhar na produção; sendo conhecido até hoje em dia o processo de controle dos tempos e movimentos dos operários, que visava alcançar a máxima eficiência na linha de produção. O Fordismo, por sua vez, deriva das ideias de Henry Ford, que instituiu na indústria, no início do século XX, a linha de produção em massa e a especialização operária, também marcando a teoria da administração com a inovação que visava ampliar ainda mais a eficiência na produção, fortalecendo a visão do ser humano como parte do processo produtivo como se fosse mais uma máquina, ou engrenagem, desse processo (nota do autor, com base em MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed.. São Paulo: Atlas, 2015).

e a busca por eficiência com as novas tecnologias e fontes de produção que vinham sendo descobertas; logo, era ‘interessante’ transformar a atividade laboral em algo mais que uma ação obrigatória, pois o envolvimento do ser humano com a atividade traria maior produtividade e, conseqüentemente, maior possibilidade de lucratividade.

Desse modo, ao longo dos tempos, as organizações passaram por Taylor e suas propostas de administração das tarefas visando à eficiência do trabalho e à racionalização dos movimentos dos operários, o que significa a redução do esforço físico e o trabalho com inteligência, gerando o que se chamou de “revolução mental” (MAXIMIANO, 2015, p. 57)³³ no modo de ver o trabalho. De certa maneira, essa nova forma de ver o trabalho, também ampliou, em meu ponto de vista, as ações em prol de substituir o trabalho humano pela ação mecânica que a máquina pode fazer, com mais precisão, padronização e eficiência, como será abordado com mais detalhes no decorrer deste trabalho.

Entretanto, ainda que o ser humano continuasse sendo visto como uma peça de engrenagem no processo produtivo, havia pesquisadores que buscavam entender a complexidade desse ser humano no ambiente de trabalho, a fim de aumentar a instrumentalidade do trabalho. É importante destacar que, à medida que surgiam novas técnicas de produção e a ciência evoluía, aumentava o interesse em aplicar a ciência “a serviço da produção”, em um contexto no qual, como bem ressalta Motta (1986, p. 102)³⁴, não se dá valor ao pensamento ético e à relação afetiva entre as pessoas; o que realmente vale é o tecnicismo e a produtividade.

Mesmo quando surge, no início do século XX, a chamada Escola das Relações Humanas, cujo expoente mais conhecido foi Elton Mayo (MAXIMIANO, 2015)³⁵, o objetivo continuou sendo alcançar o máximo de eficiência produtiva. Mayo provou que o ser humano é um ser social e que sua relação com os outros, no trabalho, impacta a sua produtividade. Com o passar dos anos, a administração enquanto ciência foi incorporando outras teorias, que levaram à associação do trabalho com a auto estima, com ideias de que o trabalho é importante para o ser

³³ MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed.. São Paulo: Atlas, 2015.

³⁴ MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. **Teoria das organizações**. Evolução e crítica. São Paulo: Pioneira, 1986.

³⁵ MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed.. São Paulo: Atlas, 2015.

humano se sentir completo. Um dos exemplos que demonstra a relação entre o ser humano e o trabalho está na teoria de Maslow sobre as necessidades humanas; nela, o trabalho é apontado como um dos fatores que pode suprir necessidades de segurança, sociais, de auto estima e até de realização .³⁶

Chega-se, então, a meados do século XX e à terceira revolução industrial³⁷, caracterizada por dois pontos principais: o desenvolvimento de novas tecnologias como a microeletrônica e a internacionalização do capital, em “ um profundo e intenso processo de internacionalização da vida econômica, política, social, cultural e tecnológica” (FARAH JUNIOR, 2000, p. 48). Com a terceira revolução industrial, a tecnologia tomou tal envergadura que a eletrônica e os primeiros robôs vieram mostrar que o ser humano, aquela peça essencial até então, não era tão essencial. As pessoas pensaram, porém, que o problema seria a substituição da mão de obra braçal, apenas, visto que as máquinas podem fazer com maestria ações repetitivas.

No entanto, com a quarta revolução industrial, iniciada na virada do milênio e caracterizada por uma mudança profunda em termos de fusões tecnológicas que envolvem não apenas um aumento considerável em termos de velocidade ou de amplitude de aplicação de tecnologias, envolvem, essencialmente, interação entre diversos domínios, não somente físicos, mas também biológicos (SANSON, 2017)³⁸, essa certeza com relação à primazia do ser humano sobre a máquina no trabalho foi alterada. A quarta revolução industrial representa uma mudança considerada “drástica” na natureza do trabalho, qualquer que seja o setor ou a ocupação, porque envolve a ação da máquina em atividades, até então, consideradas eminentemente humanas, como a tomada de decisões advindas de análises, sínteses e outros

³⁶ MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed.. São Paulo: Atlas, 2015.

³⁷ FARAH JUNIOR, Moisés Francisco. A Terceira Revolução Industrial e o Novo Paradigma Produtivo: Algumas Considerações sobre o Desenvolvimento Industrial Brasileiro nos Anos 90. **Rev. FAE**, Curitiba, v.3, n.2, p.45-61, maio/ago. 2000. A terceira revolução industrial, ressalte-se, foi assim denominada porque representou o surgimento de outro paradigma produtivo, que quebra a lógica até então dominante do fordismo, como destacado anteriormente. Nesse novo paradigma, a produção chega a um patamar em que se usa uma tecnologia de ponta, e, por conseguinte, será cada vez exigido do trabalhador o domínio dessa tecnologia, o que ensejará uma formação diferente da clássica ‘formação’ para o trabalho em linhas produtivas de grandes indústrias. Sem contar, ainda, que a ampliação da chamada ‘globalização’ vai exigir do trabalhador competências como trabalho em equipes multiculturais, constante especialização educacional e adaptação a diferentes cenários sociais e culturais, em uma adaptação às exigências competitivas da chamada economia global (nota do autor).

³⁸ SANSON, Cesar. **Quarta Revolução Industrial**. Revolução 4.0. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/apresentacoes_palestrantes/30_05_17_cesar_sanson_revoluc_ao_4.0.pdf>. Acesso em 18 jan.2019.

processos mentais. (SCHWAB, 2016, apud TANASHIRO, GANAKA, CARDOSO, 2017)³⁹.

Adicionalmente, é importante destacar que a substituição do trabalho humano especializado pela tecnologia e pela utilização da máquina amplia o domínio do capital sobre o trabalho humano, trazendo o que Marx (1985)⁴⁰ denomina de subsunção real do trabalho, a qual ocorre quando o ser humano já não é mais o ator principal do processo de trabalho. Tem-se, portanto, uma espécie de salto em termos de domínio do capital sobre o trabalho, visto que a subsunção formal, aquela que se refere apenas à submissão 'formal' do trabalhador ao capital, apresenta somente o primeiro degrau da escala de domínio do capital sobre o trabalho humano.

Vale lembrar que a subsunção formal ainda permite que o trabalhador tenha certo domínio sobre a atividade que executa, dado que a produção da mais-valia fica limitada; o capitalista, dono dos meios de produção, somente consegue atuar no controle da força de trabalho, mas não no processo de trabalho, sendo este último a primazia do conhecimento do trabalhador. Este vende ao primeiro sua força de trabalho, mantendo-se a relação de subsunção que envolve subordinação e dependência; contudo, dado que o trabalhador detém o conhecimento, o *know how*, este fica dependente sob o ponto de vista financeiro, enquanto o capitalista fica dependente do saber, do conhecimento desse trabalhador.

Contudo, a partir do momento em que a tecnologia permite que o capitalista vença essa limitação e o trabalhador passe a ser uma peça a mais no processo produtivo, tornando-se apenas mais um elemento nesse contexto produtivo, tem-se a subsunção real da força de trabalho ao capital. No denominado paradigma pós-industrial, o trabalhador passa a ser um operador simbólico (PRADO; PINTO, 2014)⁴¹. Dependendo da profissão, o trabalhador passa, inclusive, a ser invisível,

³⁹ TAMASHIRO, Ricardo de Melo; GANAKA, Cristiane; CARDOSO, André. Resenha: A quarta revolução industrial / Klaus Schwab; tradução Daniel Moreira Miranda – São Paulo: EDIPRO, 2016. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 9, p. 127-134, dezembro de 2017. Disponível em: <<https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/download/154/pdf>>. Acesso em 18 jan.2019.

⁴⁰ MARX, Karl. **Capítulo VI, inédito de O Capital**: resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Moraes, 1985.

⁴¹ PRADO, Eleutério F. S.; PINTO, José Paulo Guedes. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 61-74, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez.2019.

uma parte do cenário, alguém despersonalizado, a quem a função substitui a existência da pessoa (MARTINS *et al.*, 2019)⁴².

Há quem defenda que o capital não conseguirá executar a subsunção real no que se denomina a essência do ser humano em sua atividade laboral, que seria a sua práxis. Esta envolve criatividade, sentimentos, intuição, sensibilidade, envolve o que torna o ser humano peculiar, algo extremamente difícil de se conseguir colocando, em seu lugar, uma máquina; porém, não se pode afirmar, taxativamente, que é algo impossível. Recordemo-nos do Admirável Mundo Novo⁴³, dos romances hipotéticos que pareciam tão distantes da realidade no século XX e, em praticamente um átimo de tempo, já se tornaram presentes na realidade do início do século XXI.

Destaco, no cenário da quarta revolução industrial, a inteligência artificial que veio, mais uma vez, abalar a convicção de que o ser humano é insubstituível no trabalho⁴⁴. A computação cognitiva mostra que o que parecia algo de ficção já pode ser uma realidade – um robô pode ler inúmeros processos e tomar decisões algorítmicas precisas em instantes, enquanto um ser humano, um juiz, levaria muito tempo para analisar processos, fazer conexões, buscar conexões e analogias.

Aproveitando o tema – analogias – seria exatamente o que o filme *Humans Need Not Apply* ('Os seres humanos não precisam aplicar' ((se inscrever – 'no processo seletivo'))⁴⁵ nos mostra, principalmente quando aborda a ideia de que, no princípio da revolução industrial, o cavalo, que era a força de trabalho mais importante da época, nunca poderia 'pensar' que perderia seu emprego; mas perdeu. Assim, o ser humano também, a força central do trabalho, poderia correr o

⁴² MARTINS, Daiane de Lourdes; BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício; PEREIRA, Jussara Jéssica. Invisibilidades no âmbito do trabalho de limpeza: um estudo em uma instituição federal de ensino superior. **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 6, n. 17, p. 994-1034, dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25113/farol.v6i17.4131>>. Acesso em 22 jul.2021.

⁴³ HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5ª ed. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1979 (1ª Edição - abril de 1941). Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1171/1/Admir%C3%A1vel%20mundo%20novo.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

⁴⁴ Para exemplificar, em reportagem de 16 de janeiro de 2019, o jornal O Globo publica que já se está utilizando inteligência artificial para a seleção de currículos, embora não se prescindia dos profissionais de RH em etapas finais do processo. No entanto, a automação e o uso de robôs para entrevistas iniciais já é, atualmente, uma realidade. (TENENTE, Luiza. Adeus aos currículos: empresas usam robôs e games em seleção de vagas de emprego. Reportagem publicada no **O Globo on line** em 16 jan.2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2019/01/16/adeus-aos-curriculos-empresas-usam-robos-e-games-em-selecao-de-vagas-de-emprego.ghtml>>. Acesso em 18 jan.2019).

⁴⁵ **HUMANS Need Not Apply**: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

mesmo risco. A pergunta que se faz, por conseguinte, é: o que fará o ser humano se ele não tiver mais trabalho?

É preciso lembrar que, ao longo da história, buscou-se associar o trabalho a uma parte da realização humana que outra atividade não conseguiu substituir. Em especial, a inclusão de práticas administrativas, como as pontuadas brevemente nos parágrafos anteriores, foi incorporando ao trabalho uma visão de necessidade; de subsistência, mas também uma visão de algo que traz autoestima, que permite a identificação com um grupo, que traz realização pessoal. As relações de trabalho deveriam perpetuar um sentimento de crescimento e de valorização humana, pois em regra seria a demonstração de virtudes ali ativadas em relação às atividades e comportamentos desenvolvidos no meio social.

Em outro momento do tempo, a ociosidade na vida do ser humano surge como ponto focal de pesquisa, porque dificulta a integração evolutiva e de reconhecimento de valores que o torna pertencente a uma sociedade totalmente ativa. Chega-se à discussão do sofrimento no trabalho, com Déjours⁴⁶, passa-se pela questão da ergonomia e do ócio enquanto parte da vida humana. Tende-se a discutir a perda do 'ser' em detrimento do 'ter' que tão bem as teorias administrativas clássicas do liberalismo e do neoliberalismo insistem em mostrar como a única forma possível de felicidade, e se começa, em plena quarta revolução industrial, a se discutir se agora será o fim do trabalho.

Como comentado na Introdução, a presente investigação comporta esses vários sentidos do trabalho, sob a ótica dos protagonistas dessa ação, e procura compreender esses sentidos sob a voz e a perspectiva dessas pessoas que exercem funções importantes para a sociedade, mas que não são reconhecidas, enquanto pessoas, por essa mesma sociedade que escolhe valorizar a ação laboral, sem dar o devido valor a quem a executa.

⁴⁶ DEJOURS, Christophe: **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Selma Lancman; Laerte I. Sznelman (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004.
DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. ampliada. 12ª reimpressão. Trad. de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez Editora/Oboré, 1987.

1.2 O DESEJO DE RECONHECIMENTO, O MITO DO SENHOR E DO ESCRAVO, O FIM DA HISTÓRIA E O SÉCULO XXI

Conforme apresentado na Introdução, a história do ser humano e sua relação com o trabalho é longa e complexa, a qual envolve discussões sobre a existência do ser humano e sobre a consciência de sua existência. O ato de estar no mundo e modificá-lo por meio do seu trabalho faz do ser humano um ser peculiar, no sentido de deliberadamente modificar o entorno em que vive para subsistir, sobreviver e se representar, ser algo, por meio desse trabalho.

Revisitar o mito do senhor e do escravo, de Hegel (2005)⁴⁷, possibilita aprofundar o raciocínio sobre o papel do trabalho e a criação da consciência identitária no ser humano. O ser humano consegue ter a consciência identitária somente quando ocorre uma relação de alteridade com outro ser humano, isto é, com alguém semelhante a ele. Assim, a formação dessa consciência (que Hegel denomina consciência-de-si), é preciso que um ser humano reconheça que existe outro ser humano com o qual se relacione.

Logo, se pode concluir que o ser humano precisa do outro para ter consciência-de-si, porque o reconhecimento do outro é que lhe dá essa condição de ser humano. Entramos, agora, no mito do senhor e do escravo concebido por Hegel para esclarecer o processo dialético de construção da identidade a partir da relação de alteridade. Diz Hegel:

O senhor é a consciência para si *essente*, mas já não é apenas o conceito dessa consciência, senão uma consciência para si *essente* que é mediatizada consigo por meio de *outra* consciência, a saber, por meio de uma consciência a cuja essência pertence ser sintetizada com um ser independente (...) (HEGEL, 2005, p. 147⁴⁸, *itálicos* originais da obra).

Assim, se considerarmos que cada ser humano quer ser reconhecido pelo outro e levando em conta a visão de Hegel sobre esse fenômeno de como a consciência-de-si, para assim o ser, precisa excluir de si o outro, por completo, para ser ela em si, haverá um confronto, uma luta para que haja o reconhecimento do ser humano por parte de outro ser humano que tenha a mesma consciência. Para que

⁴⁷ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

⁴⁸ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

haja esse reconhecimento, é preciso que o ser humano busque que o outro o reconheça, e há uma luta entre esses seres.

Enquanto agir do *Outro*, cada um tende, pois, à morte do Outro. Mas aí está também presente o segundo agir, o *agir por meio de si mesmo*, pois aquele agir do Outro inclui o arriscar a própria vida. Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se *provam* a si mesmas e uma à outra através de uma luta de vida ou morte. (HEGEL, 2005, p. 145⁴⁹, *itálicos* originais da obra).

Dessa luta, pode ocorrer de morrerem os dois oponentes e, nesse caso, não haverá sucesso no reconhecimento; pode haver também a morte de um dos oponentes, o que não resolverá o problema do reconhecimento, visto que não haverá um outro para reconhecer o que sobreviveu; mas pode ocorrer, também, de um deixar-se subjugar, por preferir viver a ser morto, mas ao se deixar subjugar pelo seu oponente, dele torna-se servo ou escravo. O primeiro oponente, o vitorioso, torna-se seu senhor. A escravidão fica incutida no indivíduo perdedor, pois ele age como escravo, sente-se dependente do outro. O outro agir de forma independente. Destaco uma afirmação de Hegel que se apresenta como fundamental para o raciocínio que vem sendo desenvolvido:

O indivíduo que não arriscou a vida pode bem ser reconhecido como *pessoa*; mas não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma consciência-de-si independente. Assim como arrisca sua vida, cada um deve igualmente tender à morte do outro; pois para ele o Outro não vale mais que ele próprio (...) a vida é a posição natural da consciência (...) a morte é a negação *natural* desta mesma consciência (...) (HEGEL, 2005, p. 146⁵⁰, *itálicos* originais da obra). (...) figuras opostas da consciência: uma, a consciência independente para a qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um Outro. Uma é o *senhor*, outra é o *escravo*. (HEGEL, 2005, p. 147, *itálicos* originais da obra).

O escravo passa a ter a sua independência no que Hegel denominou coisidade (objeto); já o senhor, embora tenha vencido, não se contenta com essa situação porque não pode ser reconhecido por um igual, visto que o que abdicou da luta tornou-se inferior. O reconhecimento se torna, pois, desigual. Em consequência, continua o senhor buscando um outro igual para obter seu reconhecimento.

O escravo, por sua vez, tem uma consciência-de-si, que é construída da seguinte forma: se, em um primeiro momento, o senhor é a essência da consciência,

⁴⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

⁵⁰ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

o escravo sentiu nele mesmo a essência da verdade, a mesma consciência passa a ser objeto em seu senhor e a consciência “encontra-se a si mesma por meio do trabalho.” (HEGEL, 2005, p. 150)⁵¹. O que Hegel demonstra, por conseguinte, é que a consciência “se implementa efetivamente no servir. Servindo [o escravo] suprassume em todos os momentos sua aderência ao ser-aí natural; e trabalhando, o elimina.” (HEGEL, 2005, p. 149-150)⁵².

O trabalho ganha um *status* de criação de liberdade e de construção da própria história que é bastante reforçado ao longo da história do trabalho. A sociedade vai reproduzindo esse discurso de uma forma tão natural, que fica interiorizado em nós. Essa concepção fica mais clara ainda quando se lê, em outra obra de Hegel (1999)⁵³, acerca do destino dos indivíduos e da ideia de história e de sua realização:

“(…) y la consecución de su fin se ha realizado mediante su penoso trabajo. (...) No es, por tanto, la dicha lo que eligen, sino el esfuerzo, la lucha, el trabajo por su fin. Cuando llegan a alcanzar su fin, no pasan al tranquilo goce, no son dichosos, Lo que son, ha sido su obra.” (HEGEL, 1999, p. 93)^{54 55} (grifos próprios do autor desta presente pesquisa).

Culmina, pois, a ideia de Hegel com a frase: “Assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentido alheio, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio.” (HEGEL, 2005, p. 151)⁵⁶.

⁵¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

⁵² HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

⁵³ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

⁵⁴ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

⁵⁵ E a consecução de seu fim foi realizada por meio de seu laborioso trabalho. (...) Não é, portanto, felicidade o que eles escolhem, mas o esforço, a luta, o trabalho para o seu fim. Quando eles alcançam seu objetivo, eles não passam para o gozo tranquilo, eles não são felizes, o que eles são, tem sido seu trabalho. (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2019).

⁵⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

Marx e Engels (1965)⁵⁷, por sua vez, afirmam que a consciência advém da produção dos meios de existência, o que também remete ao trabalho como ponto importante na construção da consciência. Assim, tanto em Hegel como em Marx e Engels, vê-se que o trabalho é fundamental no processo de construção identitária entre os homens na busca de reconhecimento por parte um do outro, bem como na busca da criação de sentido para a existência humana, conforme exponho mais detalhadamente a seguir.

Por meio do trabalho, o ser humano começa a criar sentido no que faz, começa a agir sobre a natureza, modificando-a; essa ação sobre o entorno lhe faz ter um poder – o poder de modificar a natureza, de criar, de fazer algo. “O trabalho (...) é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma” (HEGEL, 2005, p. 150).⁵⁸ Sob essa perspectiva, o trabalho traz ao ser humano que foi subjugado em sua luta para ter o reconhecimento no outro a consciência de si mesmo, trazendo um sentido para a existência daquele ser humano.

Adicionalmente, o trabalho não apenas traz consciência e sentido de existência, ele satisfaz as necessidades do próprio sujeito e do outro. Conforme Hegel (2005, p. 251)⁵⁹:

“O *trabalho* do indivíduo para [prover a] suas necessidades, é tanto satisfação das necessidades alheias quanto das próprias; e o indivíduo só obtém a satisfação de suas necessidades mediante o trabalho dos outros.” (*itálico* original da obra).

Analisando essas reflexões, tanto de Hegel quanto de Marx e Engels, extrapolo a ideia para a construção da consciência e o sentido do trabalho ao longo do tempo. Uma rápida recordação das fases da evolução da produção industrial vai ressaltar o impacto da tecnologia e a comunicação como elementos fundamentais no processo que envolve trabalho e ser humano e irá demonstrar, também, o quanto essas configurações de combinação informação-tecnologia estão transformando as relações humanas.

⁵⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

⁵⁸ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

⁵⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

Na primeira revolução industrial, no final dos anos 1700, encontra-se a ação de mecanizar o processo de trabalho por meio da criação de energia advinda da água e do vapor; na segunda revolução industrial, o progresso tecnológico que permitiu a produção em massa adveio do uso de energia elétrica; na terceira revolução industrial, principalmente após a segunda Guerra Mundial, a revolução tecnológica veio da automação aplicada aos processos e no surgimento dos primeiros robôs industriais; a quarta revolução industrial, em fins do século XX, não somente representa um pequeno hiato entre os dois últimos períodos, como demonstra um alto salto tecnológico, levando à aplicação da inteligência artificial e da computação cognitiva nos processos de trabalho, chegando ao que Zuffo (2003)⁶⁰ denomina de Infoera, ou Era da Informação.

Durante toda a evolução da tecnologia, a informação e sua disseminação caminharam juntas, fazendo com que o acesso à informação se tornasse, no decorrer dos tempos, mais e mais rápido, instantâneo e massivo. O advento dos computadores e da rede de alcance mundial (www) fez com que um acontecimento seja instantaneamente divulgado em qualquer ponto do planeta Terra que tenha acesso à internet. O que era um mundo dos sonhos, da ficção científica, tornou-se realidade nos dias atuais. Clonagem de embriões, fertilização in vitro, modificações genéticas, como apresentado anteriormente neste trabalho, é algo comum.

O trabalho, em suas formas tradicionais, vem sendo reduzido, em comparação com novas formas de trabalho como o trabalho em casa (*home office*), as franquias em casa (*home based*), os escritórios compartilhados (*co-working*), as reuniões cibernéticas, as comunicações 24h por *WhatsApp* e outros meios, enfim, as formas tradicionais de trabalho e de construções de relacionamento que se estruturavam nos manuais de gerenciamento e nas teorias administrativas clássicas vão se esvaindo nas novas formas cibernéticas de comunicação e de 'relacionamento'.

Nessa evolução, chegamos ao problema da busca do sentido do trabalho e do reconhecimento – por meio do trabalho, o indivíduo tenta ser reconhecido – pelo que executa, pelo que cria, pelo que complementa e modifica no mundo que está à sua volta. A questão que permeia essa busca pelo reconhecimento é que, no século

⁶⁰ ZUFFO, João Antonio. **A sociedade e a economia no novo milênio**: os empregos e as empresas no turbulento alvorecer do Século XXI, livro 1: a tecnologia e a infossociedade. Barueri, SP: Manoel, 2003.

XXI, como apontado na problematização, há muitos desafios a serem enfrentados. O pensar na tecnologia 4.0 como uma realidade que resultará na eliminação de muitos 'postos' de trabalho, não apenas braçais, mas intelectuais, leva à questão de como o ser humano conseguirá fazer-se reconhecer sem essa relação profunda e histórica que tem com o trabalho.

Zuffo (2003)⁶¹ ressalta que certamente haverá mudanças que ele denomina drásticas nas relações de trabalho e de emprego; dentre os pontos que o autor considera como drásticos, estão: (1) automatização e informatização; (2) a reestruturação empresarial e mudanças nas relações de trabalho; e (3) a concentração de riquezas e de poder que, ao diminuir as possibilidades de mobilidade social, pode recrudescer a divisão social e levar a uma segmentação em castas. Importante chamar a atenção para este terceiro ponto, visto estar ele relacionado às profissões que elegi para desenvolver essa tese.

As profissões escolhidas para que os atores sociais possam expressar sua visão acerca do trabalho e seus anseios para o futuro são profissões consideradas não específicas, profissões que exigem atividades básicas e simples, como atender a uma portaria, dar informações, realizar serviços de limpeza, cuidar da segurança de um local. Estamos falando de porteiros, faxineiros, seguranças, pessoas que, em geral, possuem uma formação escolar mais simples, quando a possuem, e exercem essas funções que não exigem complexidade do ponto de vista tecnológico.

Ora, se até as profissões consideradas mais intelectuais e complexas já estão sendo substituídas por máquinas, mediante a computação cognitiva, o que ocorrerá com essas profissões mais simples? É patente que a possibilidade de mudar de patamar social pelo trabalho ficará mais difícil, visto que essas profissões menos complexas tendem a ter o ser humano substituído pela máquina. Logo, como as pessoas poderão buscar no trabalho uma forma de mudança, ou um *status*, uma espécie de reconhecimento pelo que executam, se não mais terão 'emprego formal'? Se traduzido em termos hegelianos, a pergunta seria: como essas pessoas desenvolverão a sua consciência social sem o trabalho?

⁶¹ ZUFFO, João Antonio. **A sociedade e a economia no novo milênio**: os empregos e as empresas no turbulento alvorecer do Século XXI, livro 1: a tecnologia e a infossociedade. Barueri, SP: Manoel, 2003.

No vídeo *Humans need not to apply* (HUMANS, 2014)⁶², a realidade da automação mostra-se sem subterfúgios e nela, fica claro que não há funções nas quais o ser humano se garanta – em todos os sentidos, o robô ou a computação cognitiva leva vantagem, do ponto de vista produtivo, sobre o ser humano. Somente no que se refere à operação com veículos, por exemplo, direção de automóveis, um automóvel realmente ‘autônomo’, que não depende do ser humano nem para se movimentar, é uma realidade que poderá implicar a perda de 70 milhões de postos de trabalho. Se focarmos em negociação, uma tarefa mais complexa e menos braçal, novamente encontraremos os robôs no lugar dos seres humanos. Atualmente, robôs fazem negociações com outros robôs, e com eles aprendem. Nesse cenário, o trabalho do ser humano passa a ser menos exigido; exatamente como no vídeo citado, *Humans need not to apply*.

“A inteligência artificial vai tomar conta do mundo e engolir todos os empregos. Mas podemos relaxar, pois isso vai demorar pelo menos 10 anos”, diz Danny Lange, vice-presidente de inteligência da Unity e que já liderou as máquinas pensantes na Amazon e Microsoft. (GOMES, 2018, s/p.)⁶³. Como podemos relaxar, se estamos falando de um horizonte ínfimo de dez anos que não comportará, absolutamente, tempo para que haja uma educação que prepare pessoas para esse futuro próximo que se avizinha?

Nesse diapasão, fica claro que há uma tremenda necessidade de formação educacional para lidar com essa nova complexidade cibernética. Se, no entanto, a educação formal de hoje não prepara nem sequer para as profissões que ainda existem, o que esperar da formação para as profissões que serão demandadas do ser humano no mundo dominado pelas máquinas? Pode se prever um futuro nada alvissareiro para o mundo do trabalho que era visto como forma de ascensão social e de reconhecimento, de construção da dignidade por meio do trabalho.

Portanto, nesse ambiente globalizado do século XXI, o ser humano enfrenta um grande embate histórico com aquilo que era seu esteio desde o início do convívio social – o domínio da natureza como força de sobrevivência e autorrealização, algo

⁶² **HUMANS Need Not Apply**: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

⁶³ GOMES, Helton Simões. 4ª revolução industrial: Como robôs conversando com robôs pela internet vão mudar sua vida. Reportagem publicada em 21 jan.2018 no jornal **Globo on line**, seção Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/4-revolucao-industrial-como-robos-conversando-com-robos-pela-internet-vaio-mudar-sua-vida.ghtml>>. Acesso em 02 jan.2019.

que o trabalho materializou e tomou o espaço como fonte de construção da dignidade humana, conforme destaquei na apresentação e na justificativa para a escolha deste tema de pesquisa.

A dignidade está associada à emancipação, à liberdade do ser humano, à sua independência, e aqui se encontra o trabalho, em um momento de inflexão, no qual até mesmo atividades consideradas exclusivas do ser humano, como analisar processos, realizar diagnósticos e prognósticos, estão sendo realisticamente substituídas pela inteligência artificial. Se qualquer trabalho pode, pois, ser executado por uma máquina, o que sobrar para o ser humano construir sua consciência-de-si e para-si e relacionar-se com o outro, que o subjugou na luta pelo reconhecimento?

Ao pensar sobre esse cenário atual, pergunto-me: em que estágio da História nos encontramos? Será que estamos chegando ao Fim da História da humanidade? Se refletíssemos sobre as diferentes concepções de Fim da História, teríamos um sem número de proposições. Considerando-se o escopo e o propósito deste trabalho de pesquisa, elegi as concepções de Hegel e de Marx para contrapô-las, uma vez que ambas envolvem a ação do ser humano sobre a natureza e o trabalho.

Hegel recorda que, primeiramente, é preciso haver uma “narrativa histórica” (ARANTES, 2000, p. 191)⁶⁴ para que a História possa ser considerada objetiva e essa História, também, existirá a partir do momento em que houver a tomada de consciência do ser humano, pois o espírito é que permite o desencadear da História, por meio da passagem da consciência-em-si para a consciência-para-si. Desse modo, as considerações apresentadas levam-nos a duas implicações: (1) para haver História, é preciso que o espírito seja livre para se movimentar, conhecendo-se a si mesmo; (2) para haver História, é preciso existir a narrativa histórica.

A questão da expressão, do registro, da narrativa histórica é importante para que se possa compreender que a expressão é uma forma de ação. Na visão histórica de Hegel, o ser humano faz história também por meio da linguagem. Ao citar os elementos que Hegel utiliza para classificar sociedades ‘com história’ e ‘sem história’⁶⁵, Arantes (2000, p. 192) afirma:

⁶⁴ ARANTES, Paulo Eduardo. **Hegel, a ordem do tempo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

⁶⁵ Cumpre ressaltar aqui que a classificação de sociedades em com ou sem história é uma posição de Hegel, não do autor desta tese, visto que todos os povos têm História e suas narrativas históricas não são, necessariamente, escritas. O objetivo de apresentar essa concepção, neste momento da tese, é

Considerando a análise hegeliana das sociedades “sem história”, os fatos que privilegia, os traços que retém no curso de sua análise, veremos como Hegel distingue e ajusta, uns aos outros, certo número de fenômenos cujo acordo recíproco presidiria à instauração da História como realidade efetiva: fundação do Estado e organização do poder político, introdução da escrita (sobretudo a escrita fonética do tipo alfabético), instituição da prosa, atada às funções da memória. A linguagem ilustra, de modo exemplar, como tais fenômenos (assim como as instâncias de que decorrem ou que suscitam) se inscrevem no devir da racionalidade: nas sociedades “sem história”, a extensão e o desenvolvimento do “reino da palavra” permaneceram “mudos”.

Dessa forma, entende-se que a concepção de Hegel sobre as sociedades históricas vai se concentrar nas sociedades que registraram (na forma escrita) seus fatos históricos e que permitiram o desenvolvimento da ideia de liberdade, ou, em outras palavras, do desenvolvimento livre do espírito, que é a razão. Nessa visão, haverá diferentes povos, com diferentes momentos de consciência-de-si, resultantes do conflito dialético existente entre o indivíduo e os outros, em sua relação social e moral; das formas de expressão que compõem o registro histórico dos povos; do resultado da relação resultante do mito do senhor e do escravo, ou seja, dos frutos do trabalho que advieram dessa relação que tornou ator diante da natureza aquele que era o escravo produtor. No entanto, cumpre ressaltar que, para Hegel, embora possam existir diferentes povos com distintos momentos de consciência-de-si, cada um desses povos terá evolução histórica linear, isto é, os povos tenderão a se desenvolver, paulatinamente, até alcançarem um grau maior de liberdade.

Analisando-se a obra de Hegel, em um primeiro momento, pode-se concluir que a evolução das sociedades começa, então, por uma ideia. A lei e os princípios, segundo a visão de Hegel, não são completamente reais, visto serem algo abstrato e universal, mas que se materializarão na ação do ser humano sobre o mundo – essa ação ocorre porque há um interesse pessoal do indivíduo em realizar essa ação; esse indivíduo buscará, para realizar algo, encontrar satisfação. Este ponto é importante para esta tese, porque faz uma associação essencial entre o que venho discutindo: a relação do ser humano com o trabalho. Nas palavras de Hegel (1999, p. 81)⁶⁶ (*itálicos* originais da obra, grifos próprios do autor deste trabalho de pesquisa).

o de explanar de forma mais clara como Hegel construiu seu raciocínio para apresentar sua concepção de fim de História considerando-se as sociedades que deram valor à liberdade e registraram, na forma escrita, sua própria história (nota do autor).

⁶⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

Interés significa ser en ello, estar en ello. Un fin, por el que debo trabajar, tiene que ser de algún modo también *mi* fin. He de satisfacer a la vez *mi* fin, en el fin por el cual trabajo, aunque este tenga muchos otros aspectos, en los cuales no me importe. Este es el derecho infinito del sujeto, el segundo momento esencial de la libertad: que el sujeto halle su propia satisfacción en una actividad o trabajo.⁶⁷

A busca da satisfação pelo trabalho apresenta-se, portanto, como algo que, historicamente, vem sendo disseminada como ‘natural’. As sociedades se desenvolvem por meio do trabalho, o trabalho enobrece, o trabalho produz riqueza, são alguns dos construtos muito divulgados e até internalizados. Hegel (1997, p.176)⁶⁸, inclusive, estabelece o trabalho como uma forma de libertação (grifos próprios do autor desta tese):

É uma opinião falsa pensar que o homem, no estado de natureza, viveria livre em relação às carências, só sentiria exigências naturais simples, apenas utilizando para as satisfazer os meios que uma natureza contingente lhe proporcionasse. É falsa até quando não se considera o elemento de libertação que há no trabalho e de que mais adiante falaremos. Com efeito, a carência natural como tal e a sua satisfação imediata apenas constituiriam o estado em que a espiritualidade se encontra prisioneira da natureza, seriam por conseguinte o estado de selvageria e de não-liberdade, pois a liberdade só existe na reflexão do espiritual em si mesmo, na sua distinção da natureza e na ação refletida sobre si.

Ora, se com Hegel o ponto de partida da história está na concepção da ideia, que irá levar à formação da consciência por meio dos embates dialéticos entre o indivíduo, os outros, a linguagem e o trabalho, com Marx, a concepção de ponto de partida histórico está na matéria, mais precisamente na modificação da natureza por meio da ação do ser humano. Este mesmo ser humano, para ser, depende do trabalho, depende do que ele produz. “o que as pessoas são depende, portanto, das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 1965, p. 15).⁶⁹

A evolução histórica das sociedades está, portanto, baseada em suas forças de produção, nas relações internas e na divisão de trabalho; assim, enquanto para Hegel a evolução das sociedades estava associada ao seu grau de liberdade alcançado pela razão e pelo trabalho, bem como ao seu registro linguístico, para Marx e Engels temos uma construção material da evolução das sociedades. Ao

⁶⁷ Interesse significa ser nele, estar nele. Um fim, pelo qual devo trabalhar, também tem de ser, de algum modo, o *meu* fim. Eu tenho de satisfazer o *meu* fim, no fim para o qual eu trabalho, embora isso [esse trabalho] tenha muitos outros aspectos, com os quais eu não me importo. Este é o direito infinito do sujeito, o segundo momento essencial da liberdade: o sujeito encontra sua própria satisfação em uma atividade ou trabalho. (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2019).

⁶⁸ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁶⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

criticar a filosofia até então dominante, que tinha Hegel como principal expoente, Marx comenta que é preciso inverter a ordem da lógica que avalia como as sociedades evoluem, partindo da terra para o céu, não do céu para a terra.

Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam, concebem, nem do que são nas palavras, pensamento, imaginação e concepção de outros, para chegar em seguida aos homens de carne e osso. Não; partimos dos homens em sua atividade real, é segundo o seu processo vital real que concebemos também o desenvolvimento dos reflexos e dos ecos ideológicos dêsse processo vital. (MARX; ENGELS, 1965, p. 22)⁷⁰

Fica muito patente que Marx valorizava a linguagem que vinha da produção, que ele considerava como a linguagem verdadeira ou real, a qual advém da atividade de produção e do comércio dos seres humanos. Para ele, essa era a linguagem geradora das outras formas de pensar e de produzir ideias.

A produção de idéias, de concepções, e da consciência liga-se, a princípio, diretamente e intimamente à atividade material e ao comércio material dos homens, como uma linguagem da vida real. Os conceitos, o pensamento, o comércio intelectual dos homens, surgem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção intelectual, tal como se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. (MARX; ENGELS, 1965, p. 21).⁷¹

Em *O Capital*, Marx identifica, com em Hegel, a associação do ser humano com a natureza como o trabalho. “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2013, p. 326)⁷². Por meio do trabalho, o ser humano transforma a potência em matéria. “Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2013, p. 327)⁷³.

O trabalho em seu conceito propriamente dito é, para Marx, uma atividade que está orientada a um objetivo, um fim, e para a qual se utilizará um meio de trabalho (a natureza ou alguma matéria-prima fabricada pelo ser humano) para guiar a atividade do trabalho, de produção de algo. Marx reconhece a diferença entre o trabalho humano e o animal não somente por sua natureza objetiva, dirigida a um

⁷⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

⁷¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

⁷² MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁷³ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

determinado fim, mas também porque o trabalho humano usa e cria meios para realizar esse trabalho.

O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso – , apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 2013, p. 335).⁷⁴

É importante observar que não há a pretensão, nesta tese, de se apresentar um resumo da teoria de Marx; apenas aponto alguns elementos que considero importantes para se esclarecer a questão da relação do ser humano com o trabalho. Então, esses pequenos trechos servem para demonstrar uma concordância que há em Marx e em Hegel sobre a relação homem-trabalho-natureza; agora, é importante salientar uma discordância fundamental no que se refere ao trabalho enquanto liberdade. Se para Hegel o escravo se liberta ao produzir, isto é, ao agir sobre a natureza, para Marx, quando o capitalista se apropria da força de trabalho do trabalhador, a este é mantida a condição de escravidão, por meio da subordinação ao trabalho. Nas palavras de Marx (2013, p. 336-337)⁷⁵, com grifos próprios do autor desta pesquisa:

Como processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista, o processo de trabalho revela dois fenômenos característicos. O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho. Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor da força de trabalho por um dia. Portanto, sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, um cavalo – que ele aluga por um dia, pertence-lhe por esse dia. Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso por ele vendido. A partir do momento em que ele entra na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. Mediante a compra da força de trabalho, o capitalista incorpora o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos que constituem o produto e lhe pertencem igualmente.

Sobre a divisão do trabalho, Marx entende que esta é uma criação capitalista que se baseia na autoridade do dono dos meios de produção (o capitalista) sobre os trabalhadores, os quais se “constituem meras engrenagens de um mecanismo total

⁷⁴ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁷⁵ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

que a ele pertence” (MARX, 2013, p. 534)⁷⁶. Ao se constituírem como engrenagens, os seres humanos são comparados a um processo de empobrecimento – assim como se faz com uma planta de quem se extrai os nutrientes, assim se faz com os seres humanos como anexados, primariamente, a um processo de “operação de varejo”, que se amplia com a divisão de trabalho causada pela grande indústria (MARX, 1986, p. 405).⁷⁷

A divisão do trabalho leva à conversão da mercadoria em produto social, cabendo a cada operador a repetição de uma parte da produção que converte o trabalho em mercadoria pronta para consumo. A divisão do trabalho leva, portanto, a uma alienação do trabalhador, o qual passa a ser parte de uma máquina produtiva, uma engrenagem nesse grande conjunto. “Subdividir um homem é o mesmo que executá-lo, caso mereça a pena de morte, ou assassiná-lo, caso não a mereça. A subdivisão do trabalho é o assassinio de um povo.” (MARX, 2013, p. 543).⁷⁸

Diz A. Smith: A mente da grande maioria dos homens desenvolve-se necessariamente a partir e por meio de suas ocupações diárias. Um homem que consome toda a sua vida na execução de umas poucas operações simples [...] não tem nenhuma oportunidade de exercitar sua inteligência. [...] Ele se torna, em geral, tão estúpido e ignorante quanto é possível a uma criatura humana. (MARX, 2013, p. 541).⁷⁹

Marx pontua com veemência as implicações da divisão do trabalho sob o ponto de vista da saúde mental do trabalhador e continua com o discurso de Adam Smith, comentando, antes de prosseguir com tal discurso, de que a descrição de Smith reflete o processo de tornar estúpido o trabalhador, ao que Marx chama de “estupidificação”.

A uniformidade de sua vida estacionária também corrompe, naturalmente, a coragem de sua mente. [...] Ela aniquila até mesmo a energia de seu corpo e o torna incapaz de empregar sua força de modo vigoroso e duradouro, a não ser na operação detalhista para a qual foi adestrado. Sua destreza em seu ofício particular parece, assim, ter sido obtida à custa de suas virtudes intelectuais, sociais e guerreiras. Mas em toda sociedade industrial e civilizada é esse o estado a que necessariamente tem de se degradar o pobre que trabalha [the labouring poor], isto é, a grande massa do povo. (MARX, 2013, p. 542).⁸⁰

⁷⁶ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁷⁷ MARX, Carlos. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. Tomo 1. 19ª reimpr. Trad. Wenceslao Roces. México/DF: Fondo de Cultura Económica, 1986.

⁷⁸ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁷⁹ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁸⁰ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

Em uma leitura distinta, Hegel aponta algumas vantagens da divisão do trabalho: torna o trabalho mais simples e aumenta a produtividade e a destreza. “El trabajo del individuo se torna *más sencillo* mediante la división y, en consecuencia, más grande la destreza en el propio trabajo abstracto, así como la cantidad de las producciones propias.” (HEGEL, 1968, p. 180).⁸¹⁸²

Em consequência, a divisão do trabalho leva à dependência e às relações de troca, as quais são vistas como positivas, uma vez que levam o indivíduo a sair de seu egoísmo subjetivo e a trabalhar para satisfazer suas necessidades e a dos demais.

A la vez, esa abstracción de la destreza y del medio se hace completa, tornándola necesidad total la dependencia y la relación de intercambio de los hombres para la satisfacción de las otras necesidades. (...) En esa dependencia y reciprocidad del trabajo y de la satisfacción de las necesidades, el egoísmo subjetivo se convierte en cooperación para la satisfacción de las necesidades de todos los demás, en la intervención del individuo mediante lo universal como movimiento dialéctico; de modo que, puesto que cada uno adquiere, produce y goza para sí, justamente por eso produce y adquiere para el goce de los demás. (HEGEL, 1968, p. 180)⁸³⁸⁴

Cabe recordar que discussões sobre o impacto da divisão do trabalho no trabalhador foram crescendo ao longo do tempo, sendo mais recentes os debates envolvendo o sofrimento do trabalho, como destacam pensadores franceses como Christopher Dejours.⁸⁵ Um dos pontos mais relevantes na questão do sofrimento do trabalho está na alienação derivada de atividades muito rotineiras ou sem sentido, além de pressões de gestão que fogem ao escopo deste trabalho de tese. No entanto, a questão da alienação é importante, visto se estar discutindo como problemática central a questão da emancipação do ser humano por meio do trabalho

⁸¹ HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

⁸² O trabalho do indivíduo torna-se mais simples por conta da divisão e, conseqüentemente, maior é a destreza no próprio trabalho abstrato, assim como a quantidade das produções próprias (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2019).

⁸³ HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

⁸⁴ Ao mesmo tempo, essa abstração da habilidade e do meio torna-se completa, tornando-se uma necessidade total da dependência e do intercâmbio de homens para a satisfação de outras necessidades. Nessa dependência e reciprocidade do trabalho e satisfação das necessidades, o egoísmo subjetivo torna-se cooperação para a satisfação das necessidades de todos os outros, na intervenção do indivíduo por meio do universal como movimento dialético; de modo que, uma vez que cada um adquire, produz e satisfaz suas necessidades para si mesmo, precisamente por isso produz e adquire para a satisfação dos outros. (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2019).

⁸⁵ DEJOURS, Christophe: **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Selma Lancman; Laerte I. Sznelman (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. ampliada. 12ª reimpressão. Trad. de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez Editora/Oboré, 1987.

e a alienação ou o impedimento do exercício da inteligência é um obstáculo à emancipação e à dignidade da pessoa humana.

Também é pertinente registrar que a divisão do trabalho, a cada fase da evolução produtiva do ser humano, não apenas representa as distintas formas de propriedade, mas – e o que é mais relacionado a esta tese – determina “as relações dos indivíduos entre si, no que concerne à matéria, aos instrumentos e aos produtos do trabalho” (MARX; ENGELS, 1965, p. 16).⁸⁶

Não se pode esquecer, também, de outro ponto importante no desenvolvimento desta tese: o papel da educação. Conforme apontado anteriormente, busca-se identificar como os atores sociais escolhidos para este trabalho de pesquisa – sujeitos que realizam trabalhos de porteiros, seguranças, faxineiros em Universidades – veem o seu próprio trabalho e a educação, isto é, se compartilham da cultura verbalizada mais frequente que vê a educação como sinônimo de status, de ascensão social. Assim como se tem a visão da educação como forma de romper certa estrutura social, há os que veem a educação como uma poderosa força mantenedora da estrutura social.

Desse modo, não se pode esquecer desse elemento e refletir sobre ele tendo em vista o que foi dito por Hegel e por Marx a respeito da função do trabalho no processo de desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Se para Hegel a educação é parte do processo de liberdade do ser humano, Marx bem ressalta que ela também pode ser usada como forma de manter o *status quo* e as condições desiguais como algo ‘natural’ (2013, p. 542)⁸⁷: (...) “Como modo de evitar a degeneração completa da massa do povo decorrente da divisão do trabalho, A. Smith recomendava o ensino popular, a cargo do Estado, embora em doses cautelosamente homeopáticas.”

Nos escritos sobre educação e ensino de Marx e Engels, que são extraídos dos elementos que compõem a trilogia O Capital, pode-se identificar que a divisão do trabalho era vista como uma forma de deformar o ser humano, não somente

⁸⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

⁸⁷ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

fisicamente, mas espiritualmente, propiciando, com a cisão, um domínio da atividade sobre o ser humano, e não o contrário (MARX; ENGELS, 2004)⁸⁸.

Esses excertos servem, portanto, para que se possa ilustrar a questão da relação do ser humano com o trabalho e de sua alienação decorrente dessa relação desigual entre trabalhadores e donos dos meios de produção do capital e de como se usam estruturas sociais e elementos que compõem o tecido social, como a educação, para se manter a ideia do mito do senhor e do escravo como algo natural e para valorizar o trabalho como construção social e como meio de evolução das sociedades.

Para Hegel, como destaquei em parágrafos anteriores, essa evolução ocorre de forma linear. A concepção de Marx, diferentemente de Hegel, sobre a evolução das sociedades é não linear, o que significa que os povos enfrentam, em distintos momentos de tempo, evoluções e involuções nas forças de produção e há embates entre as classes, de modo que, do confronto entre as classes trabalhadoras, que vendem sua força de trabalho para as classes que dominam os meios de produção, chegue-se, ao fim da história, em uma sociedade na qual o trabalho será suprimido e haverá a extinção da dominação gerada pela desigualdade entre os que compõem a força de trabalho e os que detêm o modo de produção, gerando-se uma nova sociedade, sem classes.

Pela análise das obras de Marx, se deduz que a partir do trabalho e das relações sociais envolvendo o trabalho é que o ser humano vai ter a consciência expandida e essa expansão, derivada do conflito existente entre as classes, chegará a um clímax no qual o conflito social ficará impossível de se controlar. A sociedade chegaria a uma situação de confronto, então, na qual seria impossível a manutenção da forma de divisão de trabalho ora existente, levando a uma revolução que tornaria a sociedade distinta sobremaneira do que até então existe, uma sociedade literalmente 'igual', dado que as formas de diferenciação social por meio do trabalho estariam suprimidas; chegar-se-ia, assim, ao fim da história (MARX; ENGELS, 1998).⁸⁹

⁸⁸ MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

⁸⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

Se o fim (finalidade) da História para Hegel estava no alcance de um melhor modelo possível de liberdade, expressa na forma de convívio social e do exercício da dialética, no qual estivesse presente a liberdade de expressão, levando a uma ideia de alcance de uma sociedade mais livre, atuante, transformadora da ordem visando ao alcance de uma perfeição social, que seria alcançada mediante a presença de um Estado ético, construído sob os pilares da liberdade e de um trabalho realizado de forma livre por seus cidadãos; para Marx, o fim da história estaria na dissolução da sociedade de classes, formada e conformada pelo trabalho, em sua clássica divisão entre as classes que detêm os meios de produção e as classes que vendem sua força produtiva, como apontado acima.

Observa-se, portanto, que tanto na ótica de Hegel quanto na ótica de Marx, está presente o trabalho como transformador e em ambos encontra-se o trabalho como parte da construção social. Em Hegel, o trabalho se apresenta, como apontei anteriormente, como forma de liberdade, como forma de o ser humano que se transformou em escravo libertar-se dessa escravidão por meio de seu poder de ação sobre a natureza, modificando-a, transformando-a, levando-a a ser algo que não era antes e satisfazendo, com essa ação de transformação, às suas carências e às dos outros. De certa forma, o senhor torna-se uma espécie de 'escravo' daquele a quem ele subjugou, o escravo, pela dependência que daquele próprio escravo tem.

Para Marx, o trabalho transforma, sim, visto que, na verdade, ele resulta de - e ao mesmo tempo reforça - a divisão social causada pelas condições materiais que criaram as classes sociais. O trabalho serve como elemento de inculcação das ideias que estruturam o sistema dominante, servindo como reforço à dominação dos seres humanos por meio do trabalho, ou melhor dizendo, por meio da separação entre trabalhador e meio de produção, este último de posse da classe dominante. Pode-se considerar que, tanto para Hegel quanto para Marx, o trabalho modifica a natureza do ser humano conquanto este ser humano modifique a natureza por meio do trabalho.

O que muito interessa, para essa tese, está na visão do caráter social e libertador/opressor do trabalho e na divisão do trabalho, com as consequências que essa divisão traz. Ao considerar o contexto atual da tecnologia 4.0 que foi abordada algumas vezes nesta tese, pergunto-me acerca das implicações de tão profunda mudança e, procurando compreender os sujeitos escolhidos para esta pesquisa de doutorado, me encontro pensando na evolução das sociedades latino-americanas

com relação a esse importante aspecto divisão do trabalho, sua associação com a liberdade de um povo e, ainda mais, o impacto que a substituição do ser humano pelas máquinas causará no mundo do trabalho e na estrutura social que tem, no trabalho, um de seus maiores sustentáculos.

É oportuno recordar que a divisão internacional do trabalho, partindo da lógica de realizar uma divisão de produção por países tomando-se por base o pressuposto de que nenhum país pode ser competitivo em todos os setores, 'delegou' aos países da América Latina a função de produzir matérias primas, ou bens de baixo valor agregado, nos quais a demanda por mão de obra não exige tecnologia de ponta; ao contrário, exige tarefas rotineiras, mão de obra barata e até, muitas vezes, trabalhando em condições análogas à de escravidão. Com o contexto da tecnologia 4.0 preponderando, essa divisão de tarefas reforça a separação entre países considerados periféricos, como os latino-americanos, e os países denominados centrais, que fornecem, na divisão internacional do trabalho, os produtos mais especializados e mais desenvolvidos em termos tecnológicos. (CORAZZA, 2006)⁹⁰.

Ainda considerando esse contexto de tecnologia 4.0 e das exigências da economia baseada na tecnologia da informação que Castells (1992)⁹¹ chama de "economia informacional"⁹², cabe refletir sobre o que ocorrerá com esses trabalhadores que executam atividades menos especializadas, que são abundantes na América Latina, em tempos nos quais a divisão do trabalho vai se acentuando e gerando maior distância, ainda, em termos de vantagens comerciais, entre os países centrais (desenvolvidos) e os países considerados periféricos. Os primeiros ampliarão sua competitividade devido à capacidade tecnológica que foram adquirindo ao longo do tempo e esta competitividade se acentuará no "mercado mundial interdependente" (CASTELLS, 1992).⁹³

⁹⁰ CORAZZA, Gentil. O "regionalismo aberto" da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 135-152, maio 2006.

⁹¹ CASTELLS, Manuel. A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista. **Cad. CRH**. Salvador, v 17, p. 5-34, 1992.

⁹² Castells (1992) observa que a economia informacional é uma economia estruturada em cinco pilares, dentre os quais o primeiro é a dependência que o setor produtivo e econômico apresenta da ciência e da tecnologia, bem como da qualidade da informação e da gestão estratégica dessa informação; o segundo é a transição, nas chamadas sociedades mais avançadas, de atividades de produção mais braçais ou mais materiais a atividades que envolvem processamento de informação; a produção passa a ser flexível e estruturado em fluxos produtivos que ultrapassam fronteiras físicas; havendo, como consequência dessas transformações, uma verdadeira "revolução tecnológica" (CASTELLS, 1992, p. 9). (nota do autor).

⁹³ CASTELLS, Manuel. A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista. **Cad. CRH**. Salvador, v 17, p. 5-34, 1992.

Essa reflexão decorre do fato de que a tendência é que esses trabalhadores tenham cada vez menos espaço no mundo do trabalho dominado pela tecnologia e, por conseguinte, tenham suas atividades laborais cada vez mais precarizadas, se não forem preparados para enfrentar a realidade tecnológica, o que faz lembrar a hipótese central desta pesquisa sobre o papel da educação na formação dos profissionais no ambiente de tecnologia 4.0.

Outro ponto importante a ser lembrado é que o trabalho atua como um amálgama social, como um instrumento de ligação entre os seres humanos, ao mesmo tempo em que estabelece desigualdades derivadas da divisão do trabalho que liga esses mesmos seres humanos. Agora, esse amálgama pode ser dissolvido, dado que a máquina vem, com sua inteligência artificial e sua computação cognitiva, superar o ser humano na parte intelectual, depois de já o ter superado na parte física, material, braçal. Assim, é de causar perplexidade o identificar como o pensamento de Marx e de Hegel continua tão atual e como a problemática da relação ser humano-trabalho advém de muitos séculos. A frase seguinte demonstra exatamente o que se apresenta como ponto de discussão nessa tese (grifos próprios do autor desta pesquisa):

No entanto, o que há de universal e de objetivo no trabalho liga-se à abstração que é produzida pela especificidade dos meios e das carências e de que resulta também a especificação da produção e a divisão dos trabalhos. (...) Em suma, a abstração da produção leva a mecanizar cada vez mais o trabalho e, por fim, é possível que o homem seja excluído e a máquina o substitua. (HEGEL, 1997, p. 178)⁹⁴

Na versão para o espanhol, a tradução traz uma impressão mais assertiva – veja-se: (grifos próprios do autor desta pesquisa): “Además, la abstracción del producir transforma el trabajo en cada vez más mecánico y, por lo tanto, finalmente, apto para que el hombre sea eliminado y pueda ser introducida la máquina en su puesto. (HEGEL, 1968, p. 180)⁹⁵⁹⁶

Por sua vez, Marx (2013, p. 565)⁹⁷. relembra que:

⁹⁴ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁹⁵ HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

⁹⁶ Adicionalmente, a abstração de produzir torna o trabalho cada vez mais mecânico, e, portanto, finalmente apto para que o homem seja eliminado e possa ser introduzida a máquina em seu lugar (tradução livre, própria, do autor dessa tese, 2019).

⁹⁷ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

“Como maquinaria, o meio de trabalho adquire um modo de existência material que condiciona a substituição da força humana por forças naturais e da rotina baseada na experiência pela aplicação consciente da ciência natural”

Hegel escreveu seus *Princípios da Filosofia do Direito* em 1820, ainda na época da primeira revolução industrial; pode-se argumentar que sempre se questionou o fim do trabalho com o desenvolvimento tecnológico que permitiu a inserção das máquinas no processo produtivo. Marx publicou o primeiro livro de *O Capital* em 1867. Novamente, podem contra argumentar: as catástrofes previstas com a inclusão das máquinas não aconteceram. O ser humano continuou sendo parte do processo de trabalho. Sim, é fato. No entanto, posso contra argumentar, conforme venho estudando a evolução do processo de produção, que nunca, como antes, as máquinas tomaram um protagonismo e, bem como, nunca como antes as máquinas ‘aprenderam a aprender’. Chegamos, então, ao século XXI, em que as novas tecnologias abalam, além da forma de produção, as formas de relação entre empresas e empregados. Seguem alguns exemplos para demonstrar o impacto da quarta revolução industrial no mundo do trabalho:

Outubro de 2016. A justiça de Londres determina que motoristas de UBER são empregados e, como tais, devem ter os mesmos direitos laborais de um empregado ‘presencial’. (DE DIEGO, 2016).⁹⁸

Julho. 2017. Juiz de São Paulo reconhece que motoristas de UBER são empregados. (TELÂM, 2018).⁹⁹

Julho. 2018. Juíza da 4ª Vara do Trabalho em São Paulo – Brasil determina que não existe relação de emprego entre a empresa de transporte Cabify e os motoristas que usam o aplicativo da empresa para prestar serviços. (CONSULTOR, 2018).¹⁰⁰

⁹⁸ DE DIEGO, Julián A. Choferes de UBER son empleados en relación de dependencia, según tribunales londinenses. Reportagem publicada em 29 nov.2016 no jornal **O Cronista** *on line*. Disponível em:<<https://www.cronista.com/columnistas/Choferes-de-Uber-son-empleados-en-relacion-de-dependencia-segun-tribunales-londinenses-20161129-0025>>. Acesso em 18 jan.2019.

⁹⁹ TELÂM. Un juez brasileño consideró a UBER como una empresa y a los choferes, empleados. Notícia publicada em 14 fev.2017 na Agência Nacional de Notícias **Telám** (*on line*) – seção Sociedad. Disponível em: < <http://www.telam.com.ar/notas/201702/179786-juez-brasil-fallo-uber-empresa-choferes-empleados.html>>. Acesso em 29 dez.2018.

¹⁰⁰ CONSULTOR Jurídico – CONJUR. Não há relação de emprego entre Cabify e motorista, decide juíza do Trabalho. Boletim de notícias publicado em 21 jul.2018 na **Revista Consultor Jurídico** (portal **CONJUR**). Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-jul-21/nao-relacao-emprego-entre-cabify-motorista-decide-juiza>>. Acesso em 29 dez.2018.

Agosto. 2018 – Um conselho de juizes norte-americanos reconhece que há vínculo entre motoristas de Uber e a empresa para fins de seguro-desemprego. A sentença determina que três ex-motoristas sejam considerados funcionários e, portanto, têm direitos a solicitar seguro-desemprego. (RUBINSTEIN, 2018)¹⁰¹ (qual a pertinência de trazer decisão dos EUA?)

Quatro sentenças. Duas em um mesmo país, totalmente distintas. O que leva à discrepância? A forma de ver o mundo da quarta revolução industrial, o impacto da tecnologia nos tempos atuais. Como observa Aragüez Valenzuela (2017)¹⁰², os novos modelos que envolvem tecnologia e prestação de serviços, como o exemplo do UBER, vêm modificando as relações de trabalho e o próprio conceito de trabalho.

Tempos em que o trabalho volta a ser questionado, seu sentido vem apresentando diferentes visões, inclusive sobre o trabalho em si e a forma com que é vista a relação de subordinação (ou de dominação?) entre as duas partes que envolvem o trabalho: de um lado, o prestador de serviço ou cedente da mão de obra, também conhecido como trabalhador, colaborador, empregado. Nesse cenário, as diferentes decisões sobre uma mesma situação servem para ilustrar o quão complexo é esse mundo do trabalho formado por relações que fogem da lógica cartesiana de emprego em um espaço fixo, com um chefe fixo, exercendo um trabalho fixo.¹⁰³

Em 2017, comentando justamente o filme *Humans Need Not Apply*, o jornal irlandês sobre inteligência artificial *thejournal.ie*¹⁰⁴ fez uma pesquisa com seus leitores sobre se eles consideravam que realmente os robôs substituiriam os seres humanos no trabalho, mais cedo ou mais tarde. De 2685 respostas, 69% responderam que sim, 27% responderam que não e 2% não tinham opinião ou não

¹⁰¹ RUBINSTEIN, Dana. Uber loses a 'precedential' victory, and some New York state drivers win 'employee' status. Notícia publicada em 18 jul. 2018 em **POLÍTICO NEW YORK** on line. Disponível em: <<https://www.politico.com/states/new-york/albany/story/2018/07/18/uber-loses-a-precedential-victory-and-some-new-york-state-drivers-win-employee-status-518782>>. Acesso em 29 dez. 2018.

¹⁰² ARAGÜEZ VALENZUELA, Lúcia. Nuevos modelos de economía compartida: Uber Economy como plataforma virtual de prestación de servicios y su impacto en las relaciones laborales. **Revista Internacional y Comparada de relaciones laborales y derecho del empleo**, v. 5, n.1, p. 1-23, enero-marzo de 2017, p. 1-23.

¹⁰³ Não se pretende, nesta tese, abordar a jurisprudência sobre decisões no mundo do trabalho. O objetivo de ilustrar com esses acontecimentos típicos do mundo do trabalho no século XXI, ressaltar, é o de demonstrar a complexidade dessas relações com tempos e espaços fluidos (nota do autor).

¹⁰⁴ 'HUMANS Need Not Apply': Is this a sign of the future? The Science Gallery will be looking at a post-work world... Reportagem publicada em **thejournal.ie**, em 02 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.thejournal.ie/artificial-intelligence-exhibition-3119971-Jan2017/>>. Acesso em 29 dez. 2018.

se interessaram em responder (HUMANS, 2017). As perguntas que, enquanto pesquisador, gostaria de ter acrescentado àquela pesquisa, seriam: uma vez que os robôs substituirão os seres humanos no trabalho, o que poderá substituir o papel do trabalho para o ser humano ter sua emancipação? O que poderá substituir o sentido que hoje o trabalho tem para o ser humano, que traga a ele autoestima, realização, sentido de pertencimento?

Nesses tempos de quarta revolução industrial, seguem-se inúmeros debates sobre o trabalho, que vão além da substituição do ser humano pela inteligência artificial. A carta de apresentação do 2º Congresso Mundial “Cielo Laboral”, ocorrido em 2018 no Uruguai, resume o cenário atual:

Casi cien años después, el mundo enfrenta nuevas (y quizás más disruptivas que nunca) convulsiones en el contexto de la llamada Cuarta Revolución industrial. El trabajo es cuestionado no sólo como un hecho productivo y subordinado, sino como un fenómeno humano, enfrentándonos a que pueda ser de nuevo considerado “una mercancía”. Las desigualdades se acrecientan, y a la desprotección y la vulnerabilidad se añaden nuevas dicotomías, tales como la autonomía del trabajador versus la inestabilidad, la necesidad de capacidades y formación especiales versus la tendencia a un menor esfuerzo físico y la disminución de la penosidad, el impulso a la creatividad versus evitar la repetición, y la deslocalización del centro de trabajo por una mayor independencia y flexibilidad versus la sociedad 24/7. Este es el mundo que, en las puertas de su Centenario, se abre ante la OIT. Un mundo convulso y afectado por un preeminente cambio climático, una demografía inesperada, la invasión de la tecnología y el miedo a la realidad del tecno determinismo, así como a un cambio en el concepto de la salud y el riesgo. Entonces, ¿qué futuro del trabajo queremos? (CIELO, 2018, p. 3).¹⁰⁵¹⁰⁶

Por outro lado, associações como a CIELO, já citada, acadêmicos, especialistas e políticos, reunidos pela Organización de Estados Iberoamericanos

¹⁰⁵ CIELO. Comunidad para la Investigación y el Estudio Laboral y Ocupacional. **2º Congreso Mundial CIELO Laboral 2018**. “Cuarta revolución industrial y globalización: la protección del empleo, la salud y vida privada de los trabajadores ante los desafíos del futuro”. Realizado em: 12 e 13 out.2018. Facultad de Derecho. Universidad de la República Montevideo, Uruguay. Disponível em: <<http://www.cielolaboral.com/wp-content/uploads/2018/10/Booklet-Congreso-Mundial-Montevideo-2018.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

¹⁰⁶ Quase cem anos depois, o mundo enfrenta novas (e talvez mais perturbadoras do que nunca) convulsões no contexto da chamada Quarta Revolução Industrial. O trabalho é questionado não apenas como algo produtivo e subordinado, mas como um fenômeno humano, confrontando-nos para que possa ser novamente considerado “uma mercadoria”. As desigualdades são ampliadas, e a falta de proteção e à vulnerabilidade acrescentam-se novas dicotomias, como a autonomia do trabalhador *versus* a instabilidade, a necessidade de habilidades e treinamento especial *versus* a tendência para o menor esforço físico e a diminuição do trabalho árduo e penoso; o impulso à criatividade *versus* evitar a repetição, e a realocação do local de trabalho para maior independência e flexibilidade *versus* sociedade 24/7. Este é o mundo que, às portas de seu Centenário, se abre/se vislumbra ante à OIT. Um mundo convulsionado e afetado por uma mudança climática proeminente, uma demografia inesperada, a invasão da tecnologia o medo/temor frente à realidade do tecnodeterminismo, assim como a uma mudança no conceito de saúde e riscos. Então, que futuro de trabalho queremos? (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2018).

para la Educación, la Ciencia y la Cultura (ORGANIZACIÓN, 2004)¹⁰⁷, pesquisadores em geral (SÁNCHEZ-DAZA; FIGUEROA DELGADO; VIDALES CARMONA, 2009)¹⁰⁸ tentam mostrar, considerando-se a região latino-americana, a importância da ciência e da tecnologia e seu impacto nos próximos anos para o desenvolvimento da região. Empresas de consultoria reforçam que haverá emprego (ou trabalho) para quem correr junto com a tecnologia; todavia, quem não entender essa dinâmica, correrá graves riscos de não ter trabalho. Os trabalhos rotineiros, mecânicos, repetitivos, que se pode prever e estruturar modos de se fazer, estarão fadados à substituição do homem pela máquina. (ACCENTURE, 2015)¹⁰⁹.

Aqui, concluo este primeiro capítulo fazendo a tessitura, no sentido de tecer os fios da argumentação, com as vozes dos trabalhadores que são os protagonistas desta pesquisa. Que eles pensam a respeito do trabalho, que sentido esse trabalho tem para eles? Como interpretam essa nova composição laboral e a vinda das máquinas e de robôs inteligentes para o exercício de várias atividades? Consideram esse advento como algo ameaçador à sua própria atividade laboral atual? Esses serão alguns dos elementos que voltarão, sob a perspectiva dos trabalhadores, no capítulo 4 desta tese.

Conforme destaquei na apresentação deste documento, o trabalho tem um caráter que vai além do caráter produtivo ou técnico, ele possui um caráter social, o qual será abordado, de forma analítica, no capítulo seguinte. Ênfase será dada a essa análise do sentido social do trabalho no decorrer dos séculos, bem como será realizada uma discussão sobre o ser e o ter e o espaço de lazer, sobre para onde estamos caminhando no mundo da tecnologia 4.0, em que o tempo e o espaço agora não são mais lineares nem barreiras, onde o ser humano ainda tem, como uma das bases construtoras das suas relações sociais e de sua cultura, o seu trabalho.

Assim, no capítulo seguinte, darei prosseguimento a essa questão, apresentando uma reflexão sobre as macro questões que envolvem o trabalho, seu

¹⁰⁷ ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIENCIA Y LA CULTURA - OEI. Globalización, Ciencia y Tecnología. Volumen II. [s/l.]: Corporación Escenários, 2004.

¹⁰⁸ SÁNCHEZ DAZA, Germán; FIGUEROA DELGADO, Silvana Andrea; VIDALES CARMONA, Alejandra. **La ciencia y tecnología en el desarrollo**: Una visión desde América Latina. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/uacp-uaz/20100322012242/CYTED.pdf>>. Acesso em 18 jan.2019.

¹⁰⁹ ACCENTURE. **El Futuro del trabajo en Argentina**. En la era digital, lo humano hace la diferencia. 2015. Disponível em: <https://www.accenture.com/_acnmedia/PDF-5/Accenture-El-Futuro-Del-Trabajo-En-Argentina-POV.pdf>. Acesso em 28 dez.2018.

sentido, o ser humano e sua relação com o ter e o ser, o espaço de lazer e o mundo do trabalho para prosseguir apresentando reflexões sobre a educação formal e seu papel na formação das pessoas e chegar às narrativas dos sujeitos de pesquisa abarcando os elementos contidos nos capítulos 1 a 3.

CAPÍTULO 2. O TRABALHO, O SER E O TER E O TEMPO DE LAZER OU NÃO TRABALHO

Por que abordar ser e ter e o tempo de lazer na discussão sobre o sentido do trabalho? Porque por trás desses temas está a compreensão social sobre o trabalho; neles, imbrica-se o imaginário sobre os dois tempos que estruturam a vida das pessoas – o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho, ou o tempo livre.

Maya (2008, p. 32)¹¹⁰ bem sintetiza a ideia de que, sob o ponto de vista histórico, tanto o tempo de trabalho quanto o de não trabalho seguem regras gerais de um único processo, quais sejam, as regras da “lógica da produção de mercadorias”, que é aquela que organiza as ações do ser humano, dando a essas ações tanto o sentido quanto o valor.

Ora, o valor dado ao trabalho, nas sociedades capitalistas, é distinto do valor dado ao não trabalho ou ao tempo livre; de forma geral, o trabalho segue o discurso da valorização do ser humano, da dignidade, enquanto o tempo livre ou de não trabalho se reveste de ‘menos’ valor – é um tempo ocioso, um tempo ‘não produtivo’ e, por isso mesmo, não tão valorizado quanto o primeiro.

Del Percio (2009)¹¹¹ observa em sua obra *Política o Destino – Cuestiones estratégicas em tiempos de crisis* o quanto o trabalhador, hoje em dia, não passa de parte da grande máquina do trabalho. É preciso delinear melhor o quão precisa é essa observação para os tempos atuais? Certamente, não.

O Estado Moderno, o qual deve se basear em quatro seguranças – a militar, a cidadã, a jurídica e a social – vê-se em um emaranhado de inseguranças que impactam, sobremaneira, a relação do sujeito com o trabalho. Não bastasse a questão do maciço domínio da técnica e da razão sobre a vida ‘globalizada’ do ser humano, este se vê perdido na aldeia global em que tudo tem um prazo de validade, em que tudo é efêmero, em que as relações com os outros seres humanos não passam de mais uma mercadoria no grande supermercado global.

¹¹⁰ MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. UFRGS/PUCRS. In JACQUES, Maria da Graça Correa *et al.* (org). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. ISBN: 978-85-99662-89-2. Disponível em: <<<http://books.scielo.org/id/6j3gx/07>>>. Acesso em 15 out.2018.

¹¹¹ DEL PERCIO, Enrique M. **Política o Destino**. Cuestiones estratégicas en tiempos de crisis. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana: COPPPAL, 2009. 320 p.

Apenas para exemplificar a questão da insegurança que afeta distintos níveis da vida humana: a diversificação nas formas de trabalho e a fragmentação das normas trazem uma insegurança no que concerne à segurança social e, conseqüentemente, às relações de trabalho. Guimarães, Hirata e Sujita (2009)¹¹² destacam a precariedade de emprego e de trabalho, com reflexo na descontinuidade da relação de trabalho que expõe uma parte da população ativa à incerteza e à insegurança, independentemente da proteção social pública ou privada que – em tese - lhe possibilita uma proteção adequada em contrapartida à vida ocupacional ou laboral.

Acrescente-se a esse fato o contexto apresentado no capítulo anterior, acerca da tecnologia 4.0 e a substituição dos seres humanos por máquinas no contexto de trabalho, e chega-se a uma situação em que a insegurança com relação ao trabalho vai aumentando, criando impactos negativos na saúde mental e física do indivíduo e afetando a sua dignidade, o seu amor-próprio, e empurrando-o para ter cada vez mais tempo de trabalho, visando garantir ‘segurança’.

As pessoas se submetem a ter longas jornadas, a abdicarem de seu tempo de lazer ou de não trabalho, a fazerem além do que podem na tentativa de se manterem ‘empregadas’. No caso específico dos sujeitos desta pesquisa, tem-se seguranças, porteiros e faxineiros que se encontram mais ainda vulneráveis nesse mercado cibernético no qual a especialização em alta tecnologia é praticamente condição *sine qua non* de empregabilidade em tempos futuros para diversas profissões e atividades.

Com a automatização, o discurso cultural diz que a indústria se impulsionará para o desenvolvimento, a qual demandará o fornecimento de prestadoras de outros serviços de outras empresas, de forma a expandir os empregos indiretos. Em um primeiro momento, entende-se que, com a implantação de robôs, a indústria demandaria uma quantidade de pessoas aos postos de trabalho para a fabricação e produção de bens, oferecendo proporcionalmente os salários de forma econômica, pois diminuiria a necessidade de trabalhos diretos. Evidentemente, com esses avanços tecnológicos, os ofícios seriam empregados por meio de máquinas eficazmente sofisticadas, e o ser humano assistiria ao desempenho dessas

¹¹² GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi (org.). **Trabalho flexível, empregos precários?** Uma comparação Brasil, França, Japão. São Paulo: EDUSP, Editora da USP, 2009.

máquinas (como já vem acontecendo, no século XXI, conforme apontado no capítulo 1 deste trabalho) e a ausência da mão do trabalhador, visto que a máquina ignora essa razão de existir humana, o empregado, e é mais produtiva, 'fazendo mais' em menor tempo.

É tão impactante essa questão do tempo associado ao processo produtivo que parece estarmos, na quarta revolução industrial, com o mesmo ideal de controle dos tempos e movimentos que simboliza o *taylorismo*, buscando, incessantemente, o melhor modo, o *best way*, de dirigir nossos próprios tempos, tanto de trabalho quanto de não trabalho. Nessa toada, há a insurgência do trabalhador que subverte, conscientemente ou não, o tempo e os movimentos, aplicando o seu tempo de tarefa ao tempo que se estabeleceu para a sua realização; representando nessa ação a premissa de Cyril Parkinson: “o trabalho se expande de modo a preencher o tempo disponível para a sua realização” (SIMÕES; KEDOUK; 2022, s/p.)¹¹³

Aliás, o tempo e o trabalho estão intimamente associados e, se durante séculos sua relação com o conceito de valor era a de que quanto mais tempo a atividade exigia, mais complexa e valorizada ela era, atualmente a tecnologia transforma essa ideia do que é valor do tempo de trabalho e, dessa forma, na nova lógica de tempo de trabalho, o que gasta menos tempo na execução de uma tarefa tem mais valor que é mais rápido na execução da tarefa (MACHADO, 2022¹¹⁴).

Adicionalmente, é preciso pensar na problemática do excedente do tempo do trabalho do trabalhador com as novas tecnologias e a precarização da atividade laboral, ainda que os tempos de trabalho 'produtivo' e valorizado passem a ser cada vez mais reduzidos. Antunes (2006, p. 57)¹¹⁵ alerta:

Logo que o trabalho, em sua forma imediata, tiver deixado de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem de deixar, de ser sua medida e, portanto, o valor de troca (deixa de ser a medida) do valor de uso. O sobre trabalho da massa deixou de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social, assim como o não trabalho de uns poucos deixa de ser a

¹¹³ SIMÕES, Paula; KADOUK, Marcia. Semana de 4 dias de trabalho ganha força com aumento da produtividade. Reportagem publicada em 03 jun.22 e atualizada em 15 jul.2022 na **Revista VOCÊ RH. Futuro do Trabalho, Políticas e Práticas**. Disponível em: <<https://vocerh.abril.com.br/futurodotrabalho/semana-de-4-dias-de-trabalho-ganha-forca-com-aumento-da-produtividade/>>. Acesso em 20 jul. 2022.

¹¹⁴ MACHADO, Nilson. O Lugar da Dádiva na Constituição do Ser Humano. Mini-curso ofertado pela **Cátedra de Educação Básica – Instituto de Estudos Avançados - Universidade de São Paulo, Escola de Inverno**, 26 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/catedradeeducacaobasica>>. Participação ao vivo.

¹¹⁵ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

condição para o desenvolvimento dos poderes gerias do intelecto humano. Com isso se desmorona a produção fundada no valor de troca...

O fato é que o desenvolvimento da indústria com a aplicação da automação e o aumento da demanda de prestação de serviços que envolvam trabalhadores cujos empregos exigirão a mão de obra direta (faxineiros, vigilantes, porteiros e outros), com tempo parcial, levará à contratação de trabalhos temporários e de forma precária, cabendo a esses trabalhadores o recebimento de salários simples ou moderados, ou, em uma visão mais realista, considerando-se a automação, essas categorias de trabalho poderão simplesmente desaparecer, em decorrência da automatização da mão de obra. (GORZ, 1990)¹¹⁶.

Logo, tem-se aqui uma evidenciação da lógica produtiva que Antunes (2006, p. 56)¹¹⁷ ressalta, observando que: “À medida (...) que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva torna-se menos dependente do tempo de trabalho e da quantidade de trabalho empregados”. O que vai pesar na criação dessa riqueza será “o estado geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção”. (ANTUNES, 2006, p. 56).¹¹⁸

Nesse cenário em que a tecnologia é uma das principais fontes da riqueza produtiva, amplia-se a precarização do trabalho e pode haver, inclusive, a eliminação da força humana produtiva, nas funções simples e rotineiras. Em qualquer uma dessas situações, haverá um impacto na dignidade do trabalhador e o reforço da visão deste trabalhador como apenas uma peça do sistema produtivo, peça esta cada vez menos ‘valorizada’ no contexto.

John Stuart Mill, em seus Princípios da economia política, observa: “É questionável que todas as invenções mecânicas já feitas tenham servido para aliviar a faina diária de algum ser humano”. Mas essa não é em absoluto a finalidade da maquinaria utilizada de modo capitalista. Como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela deve baratear mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador necessita para si mesmo, a fim de prolongar a outra parte de sua jornada, que ele dá gratuitamente para o capitalista. Ela é meio para a produção de mais-valor. (MARX, 2013, p. 548).¹¹⁹

¹¹⁶ GORZ, André. Quem não tiver trabalho, também terá o que comer. **Estudos Avançados**, v. 4, n. 10, p. 211-217, set.dez, 1990. Edição especial. Estudos de Antropologia.

¹¹⁷ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

¹¹⁸ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

¹¹⁹ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

As ideias de Mill, proferidas no século XIX, apresentam-se tão atuais no século XXI que reforçam a compreensão da ‘naturalidade’ com que, ao longo do desenvolvimento da produção industrial, se via – e se vê - o ser humano como uma simples peça de engrenagem no processo produtivo, como um elemento do processo produtivo que deve ter seu tempo de trabalho necessário reduzido ao mínimo para, em contrapartida, ter o tempo de trabalho que realmente conta para a produção da riqueza, o trabalho excedente, ampliado ao máximo (ANTUNES, 2006)¹²⁰. Na construção do discurso sobre o ser humano como peça do processo produtivo, o espaço do lazer é algo não considerado; ou melhor, é algo ‘não valorizado’, como apontado no início deste capítulo.

O ser valorizado, na cultura capitalista, é o que se dedica ao trabalho. O trabalho é a razão de ser, porque é o que gera o ter. Do ponto de vista econômico, cria-se a falsa visão de que o neoliberalismo¹²¹ é, como apontam Dardot e Laval (2016)¹²², uma espécie de razão que institui o ser humano, o sujeito em si. Essa racionalidade ultrapassa o âmbito econômico e alcança todas as dimensões da sociedade, levando à crença de que o neoliberalismo é uma espécie de razão de ser do mundo, tornando-se a concorrência uma forma de conduta universal, natural. Assim, o mundo do trabalho passa a ser ele próprio um sentido para a vida, o sentido do trabalho. Nesse mundo, o tempo do ‘não trabalho’ não tem ‘valor’.

Ademais, esse tempo menos valorizado ainda sofre com a própria reificação do tempo – este também é uma mercadoria e o ser humano, ao não ter o domínio desse tempo, sofre o impacto e o cerceamento da mesma lógica que rege a produção das mercadorias; para Maya (2008)¹²³, esse processo leva à reprodução e à legitimação das relações de trabalho que se fundamentam no modo capitalista de domínio do ser humano, também mercadoria. Por outro lado, o ser humano, em sua complexidade e para se construir enquanto ser humano, quer tempo para o ‘não

¹²⁰ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

¹²¹ O neoliberalismo é uma doutrina econômica que surge, na primeira metade do século XX, defendendo uma liberdade de mercado com um mínimo de intervenção do Estado; ampliando a ideia já defendida pela economia liberal. (nota do autor).

¹²² DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

¹²³ MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. UFRGS/PUCRS. In JACQUES, Maria da Graça Correa *et al.* (org). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. ISBN: 978-85-99662-89-2. Disponível em: <<<http://books.scielo.org/id/6j3gx/07>>>. Acesso em 15 out.2018

trabalho’, quer o tempo em que esse ser humano não seja reificado, que ele possa, de fato, ser livre para decidir o que deseja fazer ou se deseja fazer ‘nada’.

Em pesquisa realizada por mim e mais três pesquisadores, coautores de um trabalho de investigação (BATISTA *et al.*, 2019)¹²⁴, realizado em novembro/2019, foi revelador observar que o ser humano reconhece o trabalho como parte integrante de sua satisfação, mas quer, também, que haja um tempo de ‘não trabalho’, para que ele possa se dedicar mais à família e a ele próprio. O objetivo geral foi responder à pergunta problematizadora: qual (is) o(s) sentido(s) que o trabalho tem, em pleno século XXI, na visão de quem o executa? e os achados da pesquisa, que contou com 137 participantes, abriram muitas outras questões que se associam, de forma pertinente, com este capítulo que compõe o trabalho de tese: trata-se do conjunto de questões que procurava identificar não somente as características que traziam sentido ao trabalho propriamente realizado, mas também o que o ser humano desejava, em termos de vida, que envolvia o trabalho e o tempo de não trabalho.

Constatou-se que o sentido do trabalho, para quem o executa, abrange o âmbito intrapsíquico e uma dimensão social na qual a busca de coerência, ou equilíbrio entre a vida interior e a social. Levando em conta a relação histórica do ser humano com o trabalho, de certa forma pincelada nesta tese, pode-se considerar que o trabalho é parte integrante do ser humano em sua ação de transformação racional do ambiente natural com o qual ele tem contato, sendo que a ação do ser humano sobre a natureza tem uma intenção, um objetivo previamente estruturado e um composto que envolve a razão – a modificação do que é preciso para atender a uma necessidade – e a intenção, o desejo de fazer algo com a marca própria, fruto da intuição criadora daquele ser que manipula o ambiente. Desse modo, a modificação da natureza envolve necessidades objetivas e subjetivas. Nestas últimas, torna-se muito presente a busca de convívio social, bem como a busca por receber reconhecimento, estima e ter autorrealização.

Tanto as pessoas que atuam como porteiros, limpadores/faxineiros, seguranças, auxiliar de manutenção e serviços gerais, como outros profissionais que foram entrevistados, alguns com funções mais rotineiras, outros com funções que envolvem o uso de criatividade e inovação, como os que atuam em institutos de

¹²⁴ BAPTISTA, Luiz Tadeu; CASTRO, Paulo Sergio de; CALIL, Ricardo Borgheresi; CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de. **O sentido do trabalho no século XXI**. Trabalho de pesquisa apresentado ao Centro Universitário SENAC SP. 2019.

pesquisa e organizações de apoio a microempreendedores, consideraram o trabalho como um ponto central nas suas vidas, por permitirem às pessoas terem um sentimento de integralidade, de dignidade, enfim, de ser o trabalho um dos integrantes que ‘completam’ a pessoa humana.

Ao tempo de trabalho, somou-se o desejo do tempo de ‘não-trabalho’. Ao responderem à questão que permitia múltiplas opções de escolha: ‘o que você mudaria na sua vida de trabalho?’, as duas principais opções mais escolhidas pelos 137 participantes foram: ‘Dedicaria mais tempo em atividades de crescimento pessoal’, com 84 respostas e ‘Dedicaria mais tempo da minha vida a atividades fora do trabalho (lazer, família)’, com 78 respostas. Embora sabendo as limitações que um questionário traz, não permitindo a interação mais profunda com o protagonista da pesquisa, optei por apresentar esses resultados aqui porque eles são, no mínimo, instigadores, pois levam um pesquisador a refletir sobre a complexidade que envolve a relação do ser humano com o trabalho e incitam à discussão sobre a importância do tempo de não trabalho como parte do exercício humano de ‘ser’, de estar presente no mundo e se relacionar com a natureza que o cerca fora da lógica de produção que permeia as relações humanas.

De igual forma, os resultados também são próximos aos obtidos nessa fase de investigação com os porteiros, faxineiros e seguranças que são os protagonistas desta tese. Nas entrevistas realizadas antes do período de pandemia, também se encontram frases que remetem ao interesse em ter um tempo de ‘não trabalho’. Pode-se exemplificar o funcionário que atua como porteiro em uma universidade privada que deseja mais tempo com suas filhas, a funcionária que atua como segurança, também em universidade pública, que quer um tempo para passear mais, quer conhecer São Paulo, a Avenida Paulista, mas não tem nem folga para tal e, quando a tem, não sabe chegar à sonhada Avenida Paulista... ou, ainda, a funcionária que trabalha como porteira em uma universidade privada e quer mais tempo para estudar, quer aprender algo que lhe permita cuidar dos outros, como enfermagem, farmácia... quer mais tempo para ‘ser’, para se encontrar na atividade que lhe dá satisfação, que lhe traz sentido – ora, mas não seria, também, o sentido do trabalho em sua vertente mais profunda, a do trabalho como completude do ser humano?

Detalhes estão apresentados nos capítulos subsequentes, mas para este ponto de reflexão, considere pertinente destacar esses exemplos porque eles

trazem, de uma forma muito viva, o que os registros mais frios de pesquisa querem demonstrar: que o trabalho está intrinsecamente ligado ao ser humano, que o trabalho é uma forma de esse ser humano se expressar e ser alguém, de ter dignidade e reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, esse trabalho também o consome, o envolve como uma criatura que quer ser além de seu criador, que toma mais tempo do que o desejado e tolhe o espaço para o ser humano ser o ser humano não trabalhador, o ser humano que quer aproveitar o espaço de tempo para viver, para passear, para ser mais livre e gozar das benesses que o tempo de lazer traz; enfim, o ser humano mais integral, com mais qualidade de vida.

Voltando à questão da tecnologia, tem-se um paradoxo. O advento das máquinas mais modernas, da tecnologia 4.0, permitiu ao ser humano libertar-se de tarefas repetitivas, as quais, no dizer de Prado e Pinto (2014, p. 66), “contrariam sua própria natureza de homem”¹²⁵; mas, se essa libertação chegou, chegou também, contraditoriamente, a prisão que se traveste da cobrança de mais e mais metas, de aumento de produtividade, da busca por patamares mais e mais elevados. Interessante observar, ainda, que essa nova forma de produzir que passa a exigir do ser humano muito mais de criatividade, de tomada de decisão, de relacionamento com outros seres humanos, impacta a subsunção real do ser humano ao capital.

Prado e Pinto (2014)¹²⁶ relembram a evolução das formas de controle do trabalho, desde o Taylorismo até o início do século XXI, e destacam a preocupação para com o controle do trabalho do ser humano, de modo a aperfeiçoar a subsunção formal do trabalho ao capital. Travestidos de novas formas de administrar, os velhos conceitos de planejar, organizar, controlar, comandar, coordenar, que compõem as funções clássicas da administração de Fayol, permanecem presentes nas ações de produção, visando ao alcance da subsunção real do trabalhador ao capital (subsunção essa que os autores denominam de subsunção intelectual) e ao controle coercitivo interno, o qual leva o trabalhador a se sentir impelido a ser um ‘colaborador’ da organização, a se envolver com a empresa, a dar de si para o bem

¹²⁵ PRADO, Eleutério F. S.; PINTO, José Paulo Guedes. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 61-74, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez.2019.

¹²⁶ PRADO, Eleutério F. S.; PINTO, José Paulo Guedes. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 61-74, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez.2019.

comum, pois, afinal, ele deve se considerar como dono de seu próprio capital humano. No dizer dos autores: “a empresa chamada vulgarmente de “pós-industrial” é, de fato, neoliberal” (PRADO; PINTO, 2014, p. 74).

No neoliberalismo da empresa pós-industrial, a redução da jornada de trabalho tem sido objeto de discussões. Na Argentina, em 2019 uma reportagem apontava que sete de cada dez argentinos trabalham, ainda, no esquema tradicional e que somente 34% dos empregados podiam realizar tarefas de trabalho em horários e locais flexíveis, ou seja, a Argentina pode ser considerada como uma nação mais rígida em termos de flexibilidade de trabalho. Os respondentes à pesquisa feita pelo jornal, em sua maioria (80%), afirmaram que gostariam de flexibilidade como forma de melhorar a criatividade, bem como a própria produtividade e o nível de satisfação com o trabalho atual. Entretanto, diversos empecilhos foram levantados: recessão, desemprego em torno de 9%, heterogeneidade do mercado¹²⁷ e o fato é que a Argentina segue sendo um dos países do mundo que apresentam jornada laboral alta.

No dizer de Santi (2019, s/p.)¹²⁸:

- En nuestro país, la jornada laboral legal es de 48 horas semanales.
- Sin embargo, la jornada laboral promedio efectiva en la Argentina es de 38 horas y en el mundo, de 39 horas.
- Más de la mitad de los empleados en la Argentina (y en el mundo), trabajan más de 40 horas por semana.

No Brasil, não é muito diferente. De acordo com Filgueiras, Lima e Souza (2019, p. 238)¹²⁹:

No Brasil, foram adotados diversos dispositivos que estimulam o aumento da duração do trabalho além do limite semanal de 44 horas. Isso ocorre através da regulação do banco de horas, da eliminação das horas in itinere enquanto componentes da jornada de trabalho, e da possibilidade de prolongamento da jornada de trabalho em local insalubre. A reforma também autoriza que o banco de horas seja pactuado por acordo individual, com compensação das horas em até seis meses. Os intervalos para descanso em jornadas de 12x36 não são mais obrigatórios, podendo ser indenizados. Além disso, se o empregador deixar de conceder total ou

¹²⁷ EMPLEO 4.0. Menos horas, más productividad: ¿es posible reducir la jornada laboral en Argentina? Reportagem publicada em 05 nov.2019 no **iProUP**. Disponível em: <<https://www.iproup.com/empleo/8775-Empleo-es-posible-reducir-la-jornada-laboral-en-Argentina>>. Acesso em 30 dez.2019.

¹²⁸ SANTI, Mariana. La Argentina tiene una de las jornadas laborales legales más altas del mundo. Reportagem publicada em 04 nov.2019 no jornal *on line* **Chequeado**, seção Explicadores. Disponível em: <<https://chequeado.com/el-explicador/la-argentina-tiene-una-de-las-jornadas-laborales-legales-mas-altas-del-mundo>>. Acesso em 30 dez.2019.

¹²⁹ FILGUEIRAS, Vitor Araujo; LIMA, Uallace Moreira; SOUZA, Ilan Fonseca de. Os impactos jurídicos, econômicos e sociais das reformas trabalhistas. **Cad. CRH**, Salvador, v. 32, n. 86, p. 231-252, ago.2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000200231&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

parcialmente o intervalo intrajornada, o pagamento terá natureza meramente indenizatória, não mais repercutindo para outras parcelas salariais, e será restrito apenas ao período suprimido. Por fim, a negociação coletiva pode reduzir o descanso intrajornada para o limite mínimo de meia hora.

Em geral, o que se observa é que a defesa da permanência no local de trabalho afirmando-se que o trabalho presencial cria vínculos e traz benefícios para a equipe esconde, ainda, a questão do controle que se quer exercer sobre o trabalhador. A ideia de controle está muito presente no pensamento que norteia as relações de trabalho na América Latina. Com a pandemia, essa ideia de controle se travestiu de uma necessidade de manter os vínculos e o 'interesse' do trabalhador por meio de reuniões por videoconferência e o resultado foi que as pessoas passaram a trabalhar mais tempo ainda, substituindo o período de deslocamento para o trabalho e de volta para casa por um período a mais de... trabalho, sendo considerado produtivo o trabalhador que passou a se dedicar, mais e mais, às reuniões nas telas de smartphones, computadores, tablets.

Adicionalmente, em um pensamento ideológico inserido numa sociedade capitalista, enfatiza-se a valorização do trabalho, com a fixação da ideia de quem trabalha deve ser enobrecido e tem possibilidade de ser rico, sendo oposto, quem não trabalha tem um conceito de ocioso e uma condição negativa no seio da sociedade. Sendo assim, impulsiona-se o ser humano à escravidão ideológico-capitalista, pela qual o trabalho identifica o ser humano dentro da sociedade.

Diante de tal pensamento, o ser humano trabalhador tem uma vida atrelada ao conceito de produtividade do capitalismo, pois para os indivíduos de uma sociedade, o trabalho tem a condição dúbia de trazer possibilidade de reconhecimento e, ademais, de sofrimento no tempo de vida. Não se vislumbra uma saída, visto que se o ser humano não trabalhar, também não será reconhecido e receberá um título de fracassado pela mesma sociedade.

Assim, entende-se porque o trabalho foi sendo enaltecido, disciplinado, cronometrado, administrado sob a perspectiva da acumulação, culminando na célebre expressão: "tempo é dinheiro"; o não trabalho é visto como dupla perda: de tempo e de dinheiro; daí a hostilidade contra feriados, carnaval, Natal emendando com Ano Novo, Copa do Mundo, Semana inglesa, etc. Se o que conta é o dinheiro, o tempo de não trabalho só tem sentido como repositor de energia para o trabalhador (OLIVEIRA, 1986, p.8)¹³⁰

¹³⁰ OLIVEIRA, Paulo de S. **Tempo livre, trabalho e lutas sociais**. Reflexão, v. 11, n. 35, 1986, p. 7-14.

No mundo moderno capitalista, o ser humano tem sido visto como uma mercadoria e vê sendo mitigada sua oportunidade de refletir sobre suas condições como um indivíduo dentro de uma sociedade que tem direitos de ter um tempo livre. Do ponto de vista do empregador, o ser humano é reconhecido pelo que produz e ao mesmo tempo a proposta sempre será do aumento de produção que esse ser humano pode atingir. Logo, se reproduz o que Marx¹³¹ denomina de relações de produção e classes sociais, e que foi abordado no capítulo 1 desta tese.

A busca pela subsunção real do trabalho ao capital torna-se, portanto, o grande mote que permite acumular e expandir o capital, mas que traz, por outro lado, a desigualdade social, a concentração da riqueza, a exploração do trabalhador e sua alienação no processo produtivo e, é importante lembrar, a precarização do próprio trabalho, dado que as novas condições de produção implicam a substituição do trabalhador que exerce funções rotineiras e simples por máquinas, ampliando o contingente de trabalhadores que compõem o chamado exército de reserva (ZEFERINO, 2009)¹³².

Em um ambiente no qual a competição é a palavra de ordem, os trabalhadores são, de fato, cada vez mais vistos como engrenagens de um grande processo produtivo, no qual as peças que melhor se encaixam serão as escolhidas, em detrimento das outras, e todas, sem exceção, terão de competir acirradamente para alcançar o posto desejado e terem o 'privilegio' de serem escolhidas para o exercício da subsunção real do trabalho ao capital.

O que é importante ressaltar nesse processo de subsunção real do trabalho ao capital é a preponderância do modelo de produção do que Marx chama de vida material sobre a forma com que se desenvolverão os outros aspectos da vida de uma sociedade, isto é, seu lado político, seu lado intelectual e seu lado social e cultural. A própria evolução histórica da relação capital-trabalho já demonstra que há uma complexidade e uma centralidade do trabalho na vida do homem. O modelo de produção adotado irá gerar o acúmulo primitivo dos meios produtivos, gerando uma

¹³¹ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹³² ZEFERINO, Bárbara Cristhiny G. Subsunção formal e real do trabalho ao capital e suas implicações nas relações sociais. **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**. Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, Ecuador, 4-8 octubre.2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-274.pdf>>. Acesso em 30 dez.2019.

distinta relação entre o ser humano que possuía esses meios e o ser humano que vendia sua força de trabalho para sobreviver (ZEFERINO, 2009).¹³³

A divisão social do trabalho decorre, pois, do modelo de produção adotado, como já destacado.

Numa sociedade cujos produtos assumem genericamente a forma da mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados separadamente uns dos outros como negócios privados de produtores independentes, desenvolve-se como um sistema complexo, uma divisão social do trabalho. (MARX, 2013, p. 166).¹³⁴

É oportuno lembrar que o conceito de trabalho envolve distintas concepções. Para os gregos, os quais viam como o trabalho braçal e artesanal deveria ser para escravos, não para os homens livres, a quem caberia uma contemplação de intelectualidade, filosofia e arte, o trabalho era dolorido e abusivo. Com o passar do tempo, o trabalho foi adquirindo uma conotação de amálgama social, como apresentado no capítulo 1.

Lafargue (2000)¹³⁵ aponta a forma desumana empregada pelo capitalismo em enfatizar o trabalho como centro, enaltecendo-o como único recurso da felicidade e o alcance dos desejos do ser humano, por meio dos seus próprios esforços. Trata-se da propagação de uma visão hegemônica, lidertípica, de uma classe dominante, visão essa que foi ficando cada vez mais enraizada e ‘naturalizada’ no discurso.

Importante observar que a naturalização da produção tornou-se tão sutil a ponto de se considerar apropriado que haja a mais-valia resultando do trabalho excedente, e até a chamada mais-valia absoluta, que consiste em ampliar a jornada de trabalho e envolver diversos trabalhadores em processos que são chamados cooperativos (ZEFERINO, 2009)¹³⁶. Nesse processo pseudonatural, as pessoas agem como se o tempo de trabalho excedido seja algo prazeroso e formador de autoestima, propiciador de um sentimento de autorrealização e de propósito.

¹³³ ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção formal e real do trabalho ao capital e suas implicações nas relações sociais. **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**. Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, Ecuador, 4-8 octubre.2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-274.pdf>>. Acesso em 30 dez.2019.

¹³⁴ MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹³⁵ LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

¹³⁶ ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção formal e real do trabalho ao capital e suas implicações nas relações sociais. **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**. Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, Ecuador, 4-8 octubre.2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-274.pdf>>. Acesso em 30 dez.2019.

Por conseguinte, tanto a mais-valia absoluta, denominada “expressão material da subsunção formal do trabalho ao capital” quanto a mais valia relativa, que é “a subsunção real do trabalho ao capital” (ZEFERINO, 2009, p. 5)¹³⁷ tornam-se parte integrante da vida do ser humano, vida esta que se subordina ao trabalho em primeiro lugar. Trata-se da “subsunção real da vida social ao capital” (TUMOLO, 2003, p. 159)¹³⁸. Nessa visão de trabalho estendido, o tempo de lazer parece ficar em um segundo plano ou, quando ocorre, torna-se um tormento ou enfado, cabendo ao trabalhador esforçar-se para ver o que fazer com esse tempo livre, de ócio, que se lhe apresenta após uma jornada exaustiva, mas produtiva...

A questão é: como o ser humano trabalhador enxerga o trabalho e esse tempo livre? Pouco ou quase nada se sabe desse indivíduo; logo, a ‘confiança’ da realidade se baseia em uma visão parcial do que se poderia denominar realidade social e sentido do trabalho. Medina (2003, p. 57)¹³⁹ comenta, ao analisar a produção dos sentidos (*itálicos* originais da obra):

No mundo do trabalho (...) a compreensão das estratégias que vão além da sobrevivência, mas sinalizam a alforria do viver para trabalhar, decifra uma outra produção de sentidos não sintonizada com o produtivismo. A neurose do *produzir* desemboca no *workaholismo*, que transforma a condição humana em mero fator de insumo econômico.

Logo, há outras vozes a serem ouvidas nesse universo do trabalho. É patente que o sistema capitalista faz com que a felicidade do espaço de sobrevivência do ser humano esteja somente no seu descanso para o próximo período de trabalho. A visão unilateral do trabalho é estimulada pelo empregador, conceituando o trabalho como sendo não apenas uma fonte de renda, mas uma possibilidade de o empregado alcançar sua estabilidade. Neste ponto, encontra-se, novamente, a questão da segurança, já apontada neste presente trabalho, bem como o discurso capitalista, monofônico e monossêmico, que toma por base a falta e o incentivo a ter cada vez mais, ser maior, mais forte, mais poderoso (DEL PERCIO, 2010a)¹⁴⁰.

¹³⁷ ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção formal e real do trabalho ao capital e suas implicações nas relações sociais. **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**. Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, Ecuador, 4-8 octubre.2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-274.pdf>>. Acesso em 30 dez.2019

¹³⁸ TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 159-178, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

¹³⁹ MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

¹⁴⁰ DEL PERCIO, Enrique M. **Aulas de Sociología Jurídica**. Universidad de Buenos Aires (UBA), julho de 2010, Curso Intensivo de Direito – Doutorado em Direito do Trabalho (Derecho Laboral), 2010a.

Acrescenta-se a esse discurso a problemática causada pela diminuição do espaço de trabalho e de não-trabalho, o que Paulo Sergio Tumolo considera como um fenômeno que envolve um espaço apenas, que ele denomina de “*locus* do capital” (TUMOLO, 2003, p. 163).¹⁴¹ Começo a pensar na questão do tempo. Como nós, seres humanos, queremos registrar o tempo como algo estanque. Passado. Presente. Futuro. Destarte, nesse *locus* do capital, o espaço-tempo das ações cada vez mais fica difuso; como já apontado anteriormente, com as modernidades tecnológicas, então, não há mais espaço de lazer pré-determinado no tempo, tampouco há espaço de trabalho. Mescla-se a qualquer hora do dia e da noite o contato empresa-trabalhador, e a venda da força de trabalho, antes circunscrita a um espaço-tempo, passa a ter a primazia do tempo de vida do trabalhador.

Chamou-me muito a atenção a questão da utilidade do tempo e da conclusão de Berenson quanto a essa utilidade: impedir que tudo seja dado de uma só vez (PRIGOGINE, 1996)¹⁴². Ao transpor essas ideias para a tese, me ponho a pensar sobre a ‘evolução’ do chamado mundo do trabalho e da própria ‘evolução’ do conceito de trabalho ao longo do tempo – concluo que a minha certeza de que os conceitos eram estanques e próprios de um período de tempo está sendo desconstruída, conforme exposto a seguir.

O início das conversas com trabalhadores que exercem funções simples, como as de porteiro, faxineiro, segurança demonstrou que há muito mais conceitos resistentes ao tempo, sentimentos de uma relação conflitiva, ao mesmo tempo agradável e desagradável, com o trabalho, que vão sendo verbalizados ao longo das conversas em que as pessoas, os sujeitos da pesquisa, desvelam o que significa a palavra trabalho e tornam aquela certeza de que a visão sobre trabalho é algo marcado pelo tempo desvanecida pela incerteza da relação do ser humano com o trabalho.

Adicionalmente, volto-me para Prigogine (1996)¹⁴³ e começo a pensar em como tentamos transformar os processos irreversíveis, que são a regra no mundo,

¹⁴¹ TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 159-178, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019

¹⁴² PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

¹⁴³ PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

em processos reversíveis, os quais correspondem sempre a idealizações. Talvez seja porque o reversível, que nos traz uma aproximação da realidade, seja menos dinâmico ou mais previsível, trazendo uma falsa sensação de segurança e de domínio. Só que nos esquecemos de que “O possível é mais rico que o real” (PRIGOGINE, 1996, p. 75)¹⁴⁴. O real, ou aquilo que queremos que seja o real, parece que precisa ficar ‘localizado’ temporalmente. O mundo do trabalho do século XXI não seria o mundo do trabalho do século XX ou do século XIX ou do século XVIII, diríamos, e começaríamos a caracterizar cada século trazendo a eles um conjunto de elementos que os separam, temporalmente, do que é o conjunto contínuo que é o ser humano agindo sobre a natureza e esta, por sua vez, respondendo ou agindo sobre ele ao longo de sua existência na Terra.

Voltando um pouco no tempo, na concepção de Maya (2008)¹⁴⁵, a percepção do trabalho na ética protestante vai ao encontro com a ideologia do capitalismo ascendente, haja vista que o objetivo do ser humano não seria mais sua sobrevivência, mas sim uma forma de atingir a plenitude de sua dignidade mediante o trabalho, pois sem ele sua vida seria um malefício para si e sua comunidade. Ora, com base nessa visão, sem trabalho, a vida do ser humano fica sem sentido ou de objetivo, torna-se um vazio de expectativas promissoras.

Obviamente, o ser humano deixaria de ser um fruto em si mesmo, e passaria a ser um estereótipo do servo daquilo que pode ser, em virtude do que produz. Passa, nessa lógica, a não ter seu discurso ouvido, suas vivências não são consideradas na construção de uma realidade social que pode até se pautar pela objetividade científica, mas perde na questão fundamental da compreensão da realidade polissêmica, que é a compreensão do discurso do outro, o que se poderia denominar, com o afeto tão preconizado por Medina (2003).¹⁴⁶

O predomínio do discurso globalizado de desenvolvimento, de organização racional, de ‘performance’ (Ianni, 2005)¹⁴⁷, de alcance de metas e de ‘ter’ acima de tudo expõe a preguiça, ou o ócio, o tempo do ‘não-fazer’ da vida do indivíduo. Vele lembrar que, na era fordista, em busca da melhor ‘performance’ se controlava até a

¹⁴⁴ PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

¹⁴⁵ MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. UFRGS/PUCRS. In JACQUES, Maria da Graça Correa et al. (org). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47.

¹⁴⁶ MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

¹⁴⁷ IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

vida sentimental e sexual do indivíduo, para que a potencialidade plena do trabalhador pudesse ser exercida no tempo de trabalho.

Como bem destaca Tumolo (2003)¹⁴⁸, o controle do processo de trabalho era o intermediário no controle da vida da pessoa, trazendo uma subsunção real da vida social da pessoa ao capital. Esse controle perdura até os dias atuais, visto que o capital, anteriormente circunscrito às atividades fabris, alcançou todos os setores que envolvem a ação do ser humano sobre a natureza, até mesmo nos meios intelectuais e culturais. Ademais, houve uma precarização do trabalho, resultante do domínio do capital com a combinação de uso intenso de tecnologia, reduzindo postos de trabalho, com a tendência de reduzir o preço da força de trabalho e o predomínio da mais-valia-absoluta em relação à mais-valia relativa, acrescentando-se ao problema a redução da atuação do Estado, que passa do bem-estar ao Estado mínimo.

Todos esses elementos levam ao antagonismo e à contradição entre força de trabalho e capital, por causa da “utilização capitalista” da maquinaria. Ora, ao mesmo tempo em que a maquinaria tecnológica liberta o ser humano da escravidão da tarefa repetitiva, permite o aumento da riqueza daquele que detém o capital, precarizando o trabalho e pauperizando o trabalhador, na visão de Marx, *apud* Tumolo (2003, p. 175).¹⁴⁹

Lafargue (2000)¹⁵⁰, em luta contra a escravidão do trabalho, enfatiza que o direito à preguiça é uma base para o equilíbrio existencial do ser humano, por este não se tratar de uma máquina, tampouco mercadoria. O problema não está no trabalho, visto que sua existência é considerada necessária para trazer identidade ao ser humano, assim como defendiam Marx e Engels, nas ideias apresentadas no capítulo anterior.

Reflete-se, pelo já exposto, que a vida e o trabalho se apresentam, de certo modo, como antagônicos entre si, pois enquanto o trabalho leva o ‘ser humano de produção’ a aproveitar o tempo livre que possa ter para consumir o que produz ao

¹⁴⁸ TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 159-178, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

¹⁴⁹ TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 159-178, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

¹⁵⁰ LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

sistema capitalista, justificando sempre o consumo pela necessidade de sobrevivência por aquilo que configura esse ‘ser humano de produção’ como ideal de ser humano, esse mesmo trabalho reduz a essência da vida a um constante ‘trabalhar para ter’, apresentando a falsa ideia dessa necessidade de consumir, de ter, para ser feliz como pessoa.

Assim, o que tem ou que não tem; pode e não pode; faz ou não faz, caracteriza a realização do prazer de existir, e não existir para ter a vida em si mesmo. Nesse caso, todos os seres humanos que constituem a chamada população economicamente ativa vão, de uma forma ou de outra, à busca da satisfação por meio do trabalho, seja sob a forma de consumo, seja sob a forma de autorrealização, seja pela busca ou ostentação de poder sobre outro ser humano.

Nesse mesmo diapasão, considera-se que o momento do lazer reflete certa angustia de satisfação do ter, porque fortalece a ideia de que o tempo livre não é uma necessidade em si. Portanto, pode-se trabalhar com esse ‘tempo livre’ à mercê do trabalho, que é o sujeito que determina quando – e se deve – ocorrer o tempo livre. Sendo assim, a liberdade se dá quando o ser humano separa, por deliberação própria, o trabalho do não trabalho e determina a forma pela qual terá o seu tempo livre.

É bem pertinente apresentar a proposição de Morin e Kern (1995) apud Medina (2003, p. 61 – *itálicos* originais da obra)¹⁵¹:

“O desenvolvimento é uma finalidade, mas deve deixar de ser uma finalidade míope ou uma finalidade-término. A finalidade do desenvolvimento submete-se ela própria a outras finalidades. Quais? *Viver verdadeiramente. Viver melhor*”.

Para Lafargue (2000)¹⁵², o chamado ócio, ou tempo livre, ou ainda o lazer e folga, implicam obediência ao chamado direito natural do ser humano, isto é, uma garantia por existir independentemente de quem seja ou faça. Tanto no sentido e na necessidade do ser humano, os opostos ‘trabalho’ e ‘tempo livre’ devem ser desenvolvidos para uma melhor performance estrutural e psicológica do ser humano, para atender ao seu bem-estar, para manter a sua dignidade, portanto.

Vale lembrar que, após a Revolução Industrial em que a máquina leva o ser humano a desenvolver suas atividades com mais intensidade, ao mesmo tempo começa a haver as reivindicações de lutas para um maior tempo livre para os

¹⁵¹ MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

¹⁵² LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

trabalhadores, justamente com os objetivos de que esses trabalhadores pudessem ter um equilíbrio emocional, físico e espiritual, para enfrentarem as demandas deste *boom* industrial. A classe dominante também pleiteava o tempo livre para o seu efetivo lazer; no entanto, a classe trabalhadora lutava por melhor qualidade de vida, pois aquela época foi um período de longas jornadas de trabalho, a um ponto que a classe trabalhadora não tinha a ideia do que seria tempo livre como 'direito'; tampouco tinha um trabalho que pudesse ser considerado 'digno'.

A indústria, com seu rigor excessivo sobre os trabalhadores, exigências de muitas horas de trabalho, controle e vigilância, demonstrava a visão de relações sociais que estava por trás do controle. Controle, aqui, é visto do ponto de vista sociológico, significando um meio de levar os indivíduos a terem um comportamento que seja socialmente aprovado (VILA NOVA, 1999)¹⁵³. Nessas condições de controle, os trabalhadores não tinham como organizar o seu próprio tempo livre, inclusive não apresentavam objetivos claros para se ocuparem desse período de descanso.

Não havia, também, igualdade. Lafargue (2000)¹⁵⁴, para exemplificar, mantinha-se contra a classe burguesa e os cristãos, os quais valorizavam o trabalho como forma de dignidade humana, justamente pelas condições em que os trabalhos eram realizados e da forma desumana que os homens desenvolviam suas atividades, em completa desigualdade entre eles.

Obviamente, diante das longas jornadas de trabalho e pelas condições do meio e trabalho, proliferaram doenças decorrentes do baixo nível de higiene e condições impróprias para o uso contínuo dos trabalhadores. Bem, o ser humano trabalhador da época não recebia nenhuma garantia industrial de cuidados, pois não era comum que houvesse qualquer cuidado com os seres humanos que desenvolviam suas atividades no espaço da fábrica, visto que as pessoas não eram vistas de uma forma digna e a indústria era precária, não esquecendo, ainda, que em sua maioria, os trabalhadores do ramo têxtil eram mulheres e crianças. Logo, as forças de trabalho reproduziam as forças de dominação social. Assim como mulheres e crianças não tinham voz na sociedade, tampouco a tinham nas relações de trabalho.

¹⁵³ VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. 4ª ed., revista e aumentada. São Paulo: Atlas, 1999.

¹⁵⁴ LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

Com o decorrer do tempo e a especialização na indústria, os homens começam a encarar a vida laboral como um trabalho que precisa ser reconhecido e com o merecimento claro das atividades dos trabalhadores; conseqüentemente, iniciam-se as primeiras reivindicações das garantias por parte do empregador de entregar aos trabalhadores uma melhor condição de vida e higiene no ambiente de trabalho; mesmo assim, toda a resistência foi encontrada pela indústria da época, o que não mudou nada o seu panorama antes da Revolução Industrial.

Para Lafargue (2000)¹⁵⁵, a servidão do trabalho tinha um viés de manutenção de *status quo* e apenas uma minoria que tenha conseguido certo *status*, começa lutar para ter um maior tempo de lazer, justamente para equiparar a classe burguesa, improdutiva e consumidora, que sempre pleiteava por um tempo livre mais extenso. O proletariado foi enganado e seduzido com a ideia de que o direito do trabalho seria a forma justa de buscar a justiça de um labor ameno e em condições de assegurar uma melhor condição de vida; no entanto, em um jogo estratégico, o empresariado e a burguesia permitiram que o proletariado pleiteasse seus direitos, dado que naquele momento era adequado discutir a jornada de trabalho e dar argumentos aos trabalhadores para que houvesse uma motivação para o trabalho chegar a 12 horas trabalhadas, sem que eles percebessem que estaria sacrificando a sua família e cerceando a proteção devida às mulheres e crianças.

Lafargue (2000)¹⁵⁶. anuncia na sociedade que os ricos da época guardavam rigorosamente a garantia do direito a ociosidade; em contrapartida, o proletariado, de forma equivocada, lutava por mais trabalho, inclusive, reivindicando uma jornada de trabalho maior de 15 horas, preferindo o tempo de descanso no lar, pelo sentido que o trabalho representava, na época, e pela geração de pertencimento que a atividade trazia. (grifos próprios do autor deste trabalho de pesquisa). Por conseguinte, a questão do sentido do trabalho envolve, também, a questão do pertencimento. Del Percio (2010b)¹⁵⁷ aborda tal ponto e destaca que o trabalho é um elemento que permite ao ser humano criar o sentido de pertencer a um grupo, e, indo mais além, criar o próprio sentido do trabalho.

¹⁵⁵ LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

¹⁵⁶ LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

¹⁵⁷ DEL PERCIO, Enrique M. **La condición social**: consumo, poder y representación en el capitalismo tardío. 2ª ed. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2010b. 208 p.

Assim, o trabalho tornou-se tão envolvente que as pessoas trabalham tanto e esta ação acaba se tornando a principal necessidade dos seres humanos. Por conta disso, a jornada de trabalho se mistura ao tempo que seria livre; as coisas que envolvem os trabalhadores sempre estão em buscar espaços para que haja trabalho e cada vez mais produção, a fim de atingir as expectativas de satisfação de algo determinado. (CAMARGO, 1998)¹⁵⁸. Há, como apontado na análise das disciplinas cursadas, a incorporação do *ethos* utilitário, que é, na concepção de Lima (2012)¹⁵⁹, o que estrutura a ‘ética do trabalho’ e que, de maneira resumida, pode ser definido como o que leva o ser humano a se entender e a ser tomando-se por base o trabalho.

Nos tempos atuais, em que a possibilidade de conexão com a chefia ou com os demais colegas não se restringe mais a um espaço físico ou de tempo, praticamente não há mais limite – trabalha-se nos momentos de lazer e os momentos de trabalho são, também, de lazer – por exemplo: a pessoa está de férias, recebe uma mensagem via *WhatsApp* do chefe, responde, este, por sua vez, sai de férias e manda mensagens para seus subordinados; não há fins de semana, mas sim, momentos em que se está na ‘firma’ ou não se está na ‘firma’; entendendo-se por ‘firma’ o espaço físico destinado, oficialmente, ao trabalho. Logo, não se pode afirmar que, *stricto sensu*, haja uma jornada; há ‘espaços’ de trabalho e ‘espaços’ de lazer. Ademais, com a pandemia, o espaço físico tornou-se secundário no que antes era o modelo preponderante de se trabalhar; sem espaços geográficos delimitados, o espaço da casa é o espaço do trabalho e os tempos de trabalho e não trabalho passam a ser, cada vez mais, fluidos.

O que é oportuno de se destacar é que o ser humano tende a dar uma razão para justificar a ausência de um tempo para lazer ou diversão, provavelmente pela formação de preconceitos ou conceito preconcebidos de sua geração, os quais o fazem desistir desse espaço de descanso e focar efetivamente no trabalho, pois essa é a projeção de satisfação de pertencimento e de poder ter algo que justifique sua existência. São as ideias lidertípicas sobre trabalho, aquelas que levam o indivíduo a se moldar ao discurso de que o trabalho é importante e o ponto central de sua satisfação. Dentro da concepção de pobreza ou riqueza, tem se margeado a

¹⁵⁸ CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998 –(Coleção Polêmica).

¹⁵⁹ LIMA, José Edmilson de Souza. A Racionalidade e o Debate Ambiental Contemporâneo. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, Florianópolis, v.13, n.102, p.100-118 jan/jul 2012.

possibilidade de tomar posse desse tempo para ele ou disponibilizá-lo para outro, aguardando com expectativa que o outro diga qual será seu tempo.

Há sempre que considerar que o lamento das pessoas é justamente pelo que possuem ou almejam conseguir, mas trabalham arduamente para consegui-las, porém, a impossibilidade de ter o tempo para desfrutar dessas coisas que conquistaram torna escassa ou inútil a sua conquista, sob o ponto de vista do desfrute. Na sociedade moderna, o paradoxo de 'não ter dinheiro' sempre será a máxima para os indivíduos não entenderem o tempo para desfrutar desse tempo tão necessário para um ser humano, que na essência, transforma a atividade laboral incessante em busca do dinheiro para desfrutar de algo que nunca chegará.

O sistema capitalista restringiu os seres humanos ao pensamento que é preciso ter para adquirir seu espaço de vida e para que essa vida tenha 'valor'. Nada é mais claro do que a concepção do ser humano no tocante de 'diversão', está além da sua realidade, porque este entende que para se divertir, precisa ter algo que compre e dê satisfação pessoal de poder fazer a sua diversão, dentro do seu espaço.

O interessante é que as pessoas que se apresentam pelo aquilo que representam no seu trabalho, sua função, seu cargo, sua profissão, notadamente refletem o que para elas são importantes como ponto de referência para sua existência. Enfim, a pessoa que fala com base nesse parâmetro cultural não considera como relevante ou muito importante quem ela é ou a sua razão de vida entre os indivíduos, mas sim qual é seu sobrenome empresarial; isto é, de onde ela é.

Se antigamente se perguntava a um ser humano de onde ele era e a resposta era de que cidade provinha; hoje em dia a pergunta: 'de onde é' remete, obrigatoriamente, a uma resposta do gênero 'da empresa tal'. Na América Latina em geral, por exemplo, a comunicação organizacional é: 'fulano, da empresa tal, quer falar com o senhor – ou com você'; 'eu sou siclano, da empresa tal'... Nessa concepção, o indivíduo herda a máxima capitalista e imperialista, em 'viver para trabalhar' em vez de 'trabalhar para viver', porque o perigo dessa concepção passa a ser drástica demais, visto que suas referências o estimulam a ter o trabalho como o centro da vida do indivíduo, tornando-o escravo dessa atividade para se sentir livre.

Entre o sério e o lúdico, nos campos de maior confrontação de indivíduos dentro de uma sociedade, ocorre sempre um estigma de que o ser humano lúdico é aquele que busca e procura as atividades que prazerosamente contrastam com a

pertinência de o indivíduo estar todo o tempo envolvido com o trabalho e seus afazeres, sendo que, para este último, que pode ser caracterizado como aquele que incorporou o *ethos* utilitário, suas obrigações sempre serão uma prioridade no seu tempo disponível.

Esse *ethos* utilitário é exigido em diversas ocasiões da vida do ser humano como pessoa, ou seja, na integração com a família, o trabalho, em tudo. Por exemplo: Camargo (1998)¹⁶⁰ afirma que, na questão escolar, desde os primeiros anos escolares, a criança é ensinada a ter um ‘tempo na escola’, não um tempo que dedicado ao estudo na escola. Esse tempo deve ser produtivo, isto é, deve levar a algum resultado prático e a criança deve aprender, desde cedo, a desempenhar com êxito seu papel no tempo determinado para o ‘aprendizado’, ou seja, ela deve, desde pequena, incorporar o *ethos* utilitário em tudo o que faz. Na aldeia global, o predomínio da razão e da performance substitui o ócio e o não fazer pelo fazer incessantemente.

As pessoas que participaram da pesquisa demonstraram o desejo de ter seu espaço de lazer ou de ‘não trabalho’. Um ponto relevante a observar, em alguns casos nos quais foi possível acompanhar por mais tempo os participantes da pesquisa, está nos desdobramentos que a pandemia trouxe e como tais desdobramentos levaram o tempo de lazer a ser ainda mais reduzido. Primeiramente, com o advento da pandemia e a suspensão das aulas presenciais, boa parte das pessoas que trabalhavam como segurança em uma das universidades pesquisadas foi demitida, em decorrência do próprio fechamento das atividades in loco por dois anos e, no caso específico dessa universidade, ainda houve uma subsequente venda do prédio de propriedade da instituição de ensino superior para outra concorrente e, com a venda, foram encerrados contratos de trabalho com terceirizados, como nos casos de limpeza e de segurança.

O que fizeram os demitidos? Uma das participantes da pesquisa com a qual foi possível manter contato mesmo em tempos de pandemia abriu um negócio próprio, com a filha, na área de comidas – mais precisamente, venda de bolos, mas o que chamou a atenção foi que a participante comentou que ter esse novo trabalho, para o qual ela dedica ainda mais tempo diário, lhe traz muita satisfação e ela não

¹⁶⁰ CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998 –(Coleção Polêmica)

sente estar em um ‘trabalho’ propriamente dito, como era quando atuava como segurança. Ao se envolver com a atividade laboral, os aspectos de autorrealização que são considerados os de nível mais alto nas necessidades dos seres humanos se tornam relevantes a um ponto que o trabalho se mistura com o sentimento de prazer que se teria no ócio, no momento de ‘não trabalho’.

Essa percepção corrobora o que recordam Silvestre, Santos e Amaral (2021, p. 3) acerca da simbiose entre trabalho e lazer: “As esferas do trabalho, do tempo livre e do lazer guardam estreitas relações. Tais categorias, apesar de distintas, não podem ser compreendidas de forma isolada ou como opostas.” Os autores comentam que essas atividades são indissociáveis e:

(...) compõem, cada qual à sua maneira, a totalidade da organização dos tempos sociais. Desse modo, à medida que se compreende que trabalho e lazer formam um binômio (Padilha, 2003), entende-se que as mudanças do mundo do trabalho influenciam as demais dimensões da vida, como o tempo livre, as práticas de divertimento e o lazer.

A redução de tempos e espaços com a pandemia tornou ainda mais estreitas essas associações de trabalho e lazer. Por trás dos próprios conceitos de o que é trabalho e o que é não trabalho se escondem as dinâmicas sociais e culturais que criam o imaginário sobre o trabalho, sua importância, bem como verbalizam as crenças sobre o que é aceito e mais valorizado no mundo ‘do trabalho’ em que o tempo do não trabalho é permeado de desejos, sim, mas também de preconceitos e de tabus.

Agora, a questão é: o que pensam os trabalhadores que exercem funções mais simples, como as de porteiro, faxineiro, segurança, sobre o tempo de lazer? Que fazem em seu tempo de não trabalho? O que valorizam? Essas são as questões que procurei apresentar nessa imbricação de temas sobre trabalho e dignidade humana, nas quais o tempo de não trabalho é tão importante para a constituição dessa dignidade humana quanto o tempo de trabalho e justamente por não ser valorizado no discurso hegemônico produtivo que impera as sociedades latino-americanas e caribenhas e quase todo o mundo, merece ter o espaço da voz dos que por ele anelam e não se veem no direito de tê-lo.

CAPÍTULO 3. EDUCAÇÃO FORMAL PARA O TRABALHO E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

Ainda considerando o contexto atual, de automação e tecnologia 4.0, este capítulo trata da questão da Educação para o trabalho, o que ela significa no século XXI, que perspectivas se avizinham com essa revolução tecnológica e com a precarização do trabalho. Aqui, faz-se uma abordagem sobre a proposição de trabalho decente e a construção da dignidade da pessoa humana por meio do trabalho, bem como se apresentam aspectos que levam à reflexão de como os atores do mundo do trabalho estão realizando seu ‘contrato social’ no capitalismo global, caracterizado por ser um ambiente de precarização dos direitos e de ampliação da terceirização, com seus discursos que embutem “translação de idéias e de mitos que são idéias e mitos normativos” (SANTOS, 1996, p. 19)¹⁶¹.

Para tanto, propõe-se uma reflexão sobre a construção da dignidade humana e a função social do trabalho, ocasião em que se aprofunda uma discussão sobre a precarização do trabalho para, a seguir, fazer um contraponto da função social do trabalho com a função social do Estado, apresentando a importância da educação, do preparo do ser humano para a vida e para a qualificação profissional para ingresso no mercado, sim, mas a proposição deste capítulo ousa ir além: não somente a qualificação profissional que atenda aos ensejos mais imediatos de uma inserção no mercado, mas uma qualificação que permita ao ser humano ter um desenvolvimento mais autônomo, crítico e emancipatório, que o qualifique para o exercício da cidadania no mundo do trabalho, que é mais abrangente, complexo e rico do que o mercado de trabalho.

Neste diapasão, pretende-se, ainda, abordar a questão da função social do Estado na garantia de acesso à formação educacional e à qualificação profissional, observando-se os instrumentos legais que estruturam as relações sociais no âmbito do Direito do Trabalho em seus aspectos mais abrangentes, como os tratados internacionais sobre o tema.

¹⁶¹ SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. Conferência. **V Congresso da Sociedade Latino-americana de Estudos sobre a América Latina e Caribe** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1996.

A construção da dignidade humana, como apontado em capítulos anteriores, envolve o trabalho. Este contribui para essa construção da dignidade mediante sua função social. O trabalho tem uma função social e abrange um sentido que ultrapassa os planos materiais de subsistência e remuneração. De acordo com a compilação realizada pelos autores Barros, Álvaro e Borges (2018)¹⁶², o trabalho exerce no ser humano um papel estruturador, dado que possibilita ao indivíduo inserir-se no mundo social mediante a possibilidade de transformação do meio em que habita, isto é, da natureza, estruturando a sua existência por meio da ação transformadora. Essa afirmação recorda Hegel (2005)¹⁶³, em sua obra *Fenomenologia do espírito*, no tocante à interpretação dada para o trabalho como uma forma de expressão da existência; na modificação da natureza, o ser humano tem a possibilidade de construir a sua consciência na ação transformadora do mundo que o cerca.

O trabalho, portanto, traz uma possibilidade de estruturação das relações tanto intra quanto interpessoais de um ser humano. Esse ser humano pode, com o trabalho, adquirir *status*, construir relacionamentos com outros seres humanos, bem como estruturar sua identidade e os significados do que ele transforma. Como já apontado anteriormente neste trabalho, o sentido do trabalho envolve uma função criadora, o ‘fazer e transformar’ que, com a revolução industrial, sofreu uma fissura considerável e, assim como Marx (1985¹⁶⁴, 1986¹⁶⁵, 2013¹⁶⁶) destaca, quando o ser humano passa a ser parte do processo produtivo simplesmente como mais um dos ‘elementos’ ou ‘instrumentos’ desse processo, essa função criadora é reduzida e, até, eliminada, tornando o ser humano um autômato, uma ‘coisa’ dentro do processo produtivo. Ao perder sua prerrogativa de ‘sujeito’ do processo, o ser humano passa a ser um objeto, uma engrenagem no grande processo produtivo, e o sentido do

¹⁶² BARROS, Sabrina Cavalcanti; ALVARO, José Luis; BORGES, Livia de Oliveira. Significados do trabalho e do dinheiro: quais suas funções sociais? *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 282-290, mar. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁶³ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Efen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

¹⁶⁴ MARX, Karl. **Capítulo VI, inédito de O Capital**: resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Moraes, 1985.

¹⁶⁵ MARX, Carlos. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. Tomo 1. 19ª reimpr. Trad. Wenceslao Roces. México/DF: Fondo de Cultura Económica, 1986.

¹⁶⁶ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

trabalho se perde. O preparo para o mercado de trabalho garante e atende a esse objetivo de tornar o ser humano parte da engrenagem produtiva, mas o preparo para o mundo do trabalho não se atém a esse aspecto. Como resume Figaro (2008, p. 92¹⁶⁷):

Mundo do trabalho é o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade.

Logo, o mundo do trabalho se reveste da complexidade que envolve a cultura humana, as trocas sociais e as crenças, os estereótipos, os preconceitos, os tabus sobre as profissões e as relações entre indivíduos mediadas pelas funções que tais indivíduos exercem laboralmente. A educação formal está envolta nesse contexto e, nesse mundo de crescentes descobertas e aplicações tecnológicas no mundo do trabalho, seu enfoque poderá ser o de contribuir para reduzir diferenças e estereótipos ou reforçá-los ainda mais, reforçando a dicotomia que abarca inclusão e exclusão, como sublinham Bustillo e Nascimento (2018)¹⁶⁸ ao se referirem ao letramento digital e seu impacto nesse mundo do trabalho.

Nota-se, portanto, uma relação entre educação formal, formação profissional e construção da dignidade humana no mundo do trabalho, visto que digna é a pessoa que é estimada, que é honrada, que tem um senso de se autorrealizar, que é feliz, como apresentado conceitualmente no capítulo 1 desta tese. Como alguém pode se considerar estimada, honrada, ser feliz e se sentir autorrealizada quando é invisibilizada ou desprezada, o que ocorre, em geral, no âmbito do exercício de funções mais simples, como as de limpeza, portaria e segurança, e que o presente trabalho ilustra nas vozes das pessoas que executam essas funções? Como alguém pode ser respeitada, honrada, em um ambiente no qual prevalece, nas relações sociais, o estigma da divisão social nesse mundo do trabalho que também se mostra

¹⁶⁷ FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, ano 5, n.9, p. 91-100, 2º semestre de 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/138986/134334/270059>>. Acesso em 24 mai.2019.

¹⁶⁸ BUSTILLO, Luisa Nascimento; NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira. Letramento digital: reflexos no mundo do trabalho. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 18, n. 2, p. 111-130, 9 fev. 2018. Disponível em: <<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/977>>. Acesso em 24 mai.2019.

dicotômico ao impulsionar o indivíduo para uma maior qualificação para atender às exigências tecnológicas produtivas e, por outro lado, o empurra para uma maior desqualificação (ANTUNES, 2006¹⁶⁹).

A mesma pesquisadora Figaro, já citada, comenta que esse propalado mundo do trabalho tem o início de sua existência “a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho” e, de forma simultânea, “conformam e regulam tais atividades”. De fato, trata-se de “(...) um microcosmo da sociedade, que embora tenha especificidade, é capaz de revelá-la” (FIGARO, 2008, p. 92)¹⁷⁰.

E o que esse microcosmo revela? A invisibilidade do trabalhador que exerce atividades simples, os distintos *status* pela profissão exercida, segundo a ótica do discurso hegemônico. Essa invisibilidade, bem como os preconceitos e reproduções de conceitos de classes sociais no microcosmo do trabalho, tendem a ser ampliados à medida que se aumenta o fosso educacional formal entre as pessoas. Tomemos o exemplo do uso da tecnologia no admirável mundo novo do século XXI, que desloca ainda mais o ser humano ‘executor’ da atividade de seu posto ou papel de protagonista na função criadora inerente ao mundo do trabalho.

Franco (2011)¹⁷¹ ressalta que, com a tecnologia dominante, o ser humano se desloca do início da cadeia produtiva para o meio desta, perdendo sua primazia e sua função criadora e criando uma espécie de dissolução na relação que este ser humano tinha com o trabalho. Assim, se na atividade produtiva existente antes do período da primeira revolução industrial o ser humano era um sujeito que atuava com um instrumento sobre um objeto qualquer da natureza, agora, com a tecnologia, esse instrumento é que age sobre o indivíduo, e este passa a segundo plano, trazendo uma subsunção real ao que antes era apenas uma subsunção formal; como discutido no primeiro capítulo desta tese.

Aqui, reflito sobre se não ocorre, com essa modificação da primazia sobre o processo de trabalho, além da alienação decorrente do deslocamento do ser humano

¹⁶⁹ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

¹⁷⁰ FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, ano 5, n.9, p. 91-100, 2º semestre de 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/138986/134334/270059>>. Acesso em 24 mai.2019.

¹⁷¹ FRANCO, Tânia. Alienação do trabalho: despertencimento social e desrenraizamento em relação à natureza. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 171-191, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 nov. 2019.

como figura central do trabalho, uma primeira precarização do trabalho, no sentido de perda da qualidade da relação entre o ser humano que trabalha e o trabalho em si. E dessa precarização, temos a fissura na construção da dignidade humana por meio do trabalho, como abordado em parágrafos anteriores.

É cabível realizar, então, uma recapitulação acerca da alienação que a divisão do trabalho no modelo taylorista-fordista trouxe, como apresentado anteriormente. A mecanização da atividade laboral reduziu a probabilidade do uso da razão e da capacidade criadora na ação de trabalhar. A função econômica do trabalho, voltada à satisfação das necessidades de subsistência do indivíduo, tornou-se não apenas preponderante, tornou-se praticamente única, levando a uma perda considerável da construção do sentido do trabalho para quem o executa. A função social, que é a que traz o sentido de pertencer, fica ausente ou bem prejudicada nessa nova relação do ser humano com a atividade que executa. Nesse diapasão, a educação formal, quando reduz seu foco ao preparo exclusivo do ser humano para o exercício 'mecânico', ainda que 'intelectual' da função, oblitera o exercício do criar, do fazer, do ser feliz e se autorrealizar, ou seja, ser digno, por meio do trabalho.

Logo, a associação da alienação com essa primeira precarização não apenas impacta o sentido do trabalho para o ser humano como também afeta o uso das habilidades e competências desse ser humano na atividade laboral, reduzindo sobremaneira o potencial que a educação traz para a vida do indivíduo. Olhando sob esse prisma, a educação e a qualificação profissional do ser humano sofrem, também, um impacto e uma espécie de dissonância cognitiva. O que se aprendeu, não se pode aplicar; o 'não uso' causa decepção, desinteresse e até um questionamento sobre o valor do que se estudou.

Há, portanto, uma perda da coerência que é citada na dimensão social do trabalho como um equilíbrio entre a vida interior do ser humano e sua vida social, uma harmonia que deveria existir entre as ações do indivíduo em sua atividade laboral – seu contato com os demais seres humanos que fazem parte da construção coletiva do trabalho, sua relação com a própria sociedade, lembrando que essa dimensão social do trabalho envolve, ainda, ações que devam ser consideradas como éticas e moralmente aceitáveis pelo tecido social (MORIN; TONELLI;

PLIOPAS, 2007¹⁷²; ANDRADE; TOLFO; DALLAGNELO, 2012¹⁷³; PRATES; SILVA; PICCININI, 2014¹⁷⁴).

Seguindo a análise e considerando as ações que devam ser consideradas como éticas e moralmente aceitáveis pela sociedade, chegamos ao direito; mais precisamente, ao direito ao trabalho. Martins e Montal (2018)¹⁷⁵ defendem que a educação para o trabalho, ademais de ser um direito fundamental, é uma função social da empresa. Então, assim como há deveres que as organizações e o próprio Estado devem cumprir para que consigam alcançar seus objetivos mais de longo prazo, como, no caso das organizações, visar à perenidade e, no caso do Estado, atender ao bem comum, há deveres que o próprio processo de trabalho deveria seguir, como a centralidade do ser humano na atividade laborativa. Uma quimera, poder-se-ia dizer, mas por que não discutir possibilidades no momento em que a tecnologia traz inúmeras opções de mudança radical nas relações ser humano-trabalho?

Os trabalhadores devem estar preparados para essas mudanças e a principal ferramenta é a educação profissional com conhecimentos interdisciplinares, que facilitarão o manejo e facilidades de agir em mudanças e inovações que sobrevirão com as novas tecnologias do mundo moderno. Isso facilitará a atuação dessas pessoas em quaisquer segmentos em que forem lançados, proporcionando uma qualificação interativa e global, tornando mais fácil a relação capital-trabalho, favorecendo muitos as condições dignas desses trabalhadores num mundo do capitalismo global (MARTINS; MONTAL, 2018)¹⁷⁶.

¹⁷² MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.19, n. spe, p. 47-56, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2019.

¹⁷³ ANDRADE, Sílvia Patricia Cavalheiro de; TOLFO, Suzana da Rosa; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 200-216, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a03.pdf>>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁷⁴ PRATES, Caroline; SILVA, Natália Gomes da; PICCININI, Valmíria Carolina. O sentido do trabalho para o operário: estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 13, n. 24, p. 139-160, 1º sem. 2014. Disponível em: <<http://e-vestiga.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/8565/7378>>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁷⁵ MARTINS, Juliane Caravieri; MONTAL, Zélia Maria Cardoso. Educação para o trabalho (Direito Fundamental) e a responsabilidade social da empresa na profissionalização dos adolescentes. **Revista do Direito Constitucional e Internacional**, v, 108, ano 25, p. 121-155. São Paulo: Ed. RT, jul.ago 2018.

¹⁷⁶ MARTINS, Juliane Caravieri; MONTAL, Zélia Maria Cardoso. Educação para o trabalho (Direito Fundamental) e a responsabilidade social da empresa na profissionalização dos adolescentes. **Revista do Direito Constitucional e Internacional**, v, 108, ano 25, p. 121-155. São Paulo: Ed. RT, jul.ago 2018.

É notório que, sob o ponto de vista do Direito, ter qualificação para o trabalho é um direito das pessoas. Direito este que deve ser assegurado levando em conta as especificidades e exigências do século XXI em termos de formação e qualificação para o trabalho, como bem apontam a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL e a Organização Internacional do Trabalho – OIT (COMISIÓN... ORGANIZACIÓN, 2019)¹⁷⁷. Ambas as entidades elaboraram um trabalho conjunto, antes da pandemia, em que se vislumbrava, de certa forma, um cenário até positivo. As instituições citadas afirmavam que as transformações tecnológicas influenciariam, sim, diretamente na criação e destruição de empregos e na qualidade desses empregos, mas que se um número significativo de postos de trabalho seria substituído pelas novas tecnologias em ação, por outro, maior seria o número de postos de trabalho que surgiriam com o advento dessas novas tecnologias.

Analisando essas considerações, faço um breve aparte em que me volto para a qualificação e para a formação que deve trazer a educação formal na América Latina e no Caribe e questiono, ademais, o exercício do direito do trabalho como um direito humano e que envolve a dignidade do ser.

Neves Mujica (2009)¹⁷⁸ comenta que o direito do trabalho foi sendo incorporado a tratados internacionais que abordam os direitos humanos e, nesse processo de internacionalização do direito do trabalho, houve a consolidação de um marco que introduz o direito ao trabalho no conjunto dos direitos sociais, culturais e econômicos (grifos meus).

Nesse diapasão, e para ilustrar os elementos centrais do direito do trabalho a que a normativa universal e regional se refere, reproduzo um quadro desenvolvido pelo pesquisador Guillermo Boza Pro (2011, p. 27¹⁷⁹), por considerá-lo um resumo pertinente aos pontos centrais que são abordados neste capítulo:

¹⁷⁷ COMISIÓN Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) / ORGANIZACIÓN Internacional del Trabajo (OIT). El futuro del trabajo en América Latina y el Caribe: antiguas y nuevas formas de empleo y los desafíos para la regulación laboral. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe**, Nº 20 (LC/TS.2019/31), Santiago, 2019. Disponível em: <<https://www.cepal.org/es/publicaciones/44604-coyuntura-laboral-america-latina-caribe-futuro-trabajo-america-latina-caribe>>. Acesso em 08 fev. 2021.

¹⁷⁸ NEVES MUJICA, Javier. **Introducción al Derecho del Trabajo**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

¹⁷⁹ BOZA PRO, Guillermo. **Lecciones del derecho del trabajo**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2011.

Quadro 1 - Resumo dos elementos centrais do direito do trabalho

Instrumento genérico	Derechos laborales enunciados	Carácter
Declaración Americana sobre de los Derechos y Deberes del hombre (1948)	<u>Derecho al trabajo</u> Derecho a la <u>remuneración justa</u> Derecho de asociación (libertad sindical)	Regional americano
Declaración Universal de Derechos Humanos (1948)	<u>Derecho al trabajo</u> Derecho a la <u>remuneración justa</u> Libertad sindical	Universal
Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos (1966)	Proscripción del trabajo forzoso Libertad sindical	Universal
Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales y Culturales (1966)	<u>Derecho al trabajo</u> <u>Derecho a la remuneración justa</u> <u>Seguridad e higiene en el trabajo</u> <u>Descanso y vacaciones</u> Libertad sindical, incluyendo a la huelga	Universal
Convención Americana sobre Derechos Humanos (1969)	Derecho de asociación (libertad sindical)	Regional americano
Protocolo Adicional de la Convención Americana sobre Derechos Humanos, en materia de Derechos Económicos, Sociales y Culturales (1988)	<u>Derecho al trabajo</u> <u>Igualdad y no discriminación en el empleo</u> <u>Derecho a la remuneración equitativa y justa</u> <u>Estabilidad en el empleo</u> <u>Seguridad e higiene en el trabajo</u> Proscripción del trabajo de menores <u>Limitación de las jornadas y horario laboral</u> <u>Descanso y vacaciones</u> Libertad sindical, incluyendo a la huelga	Regional americano

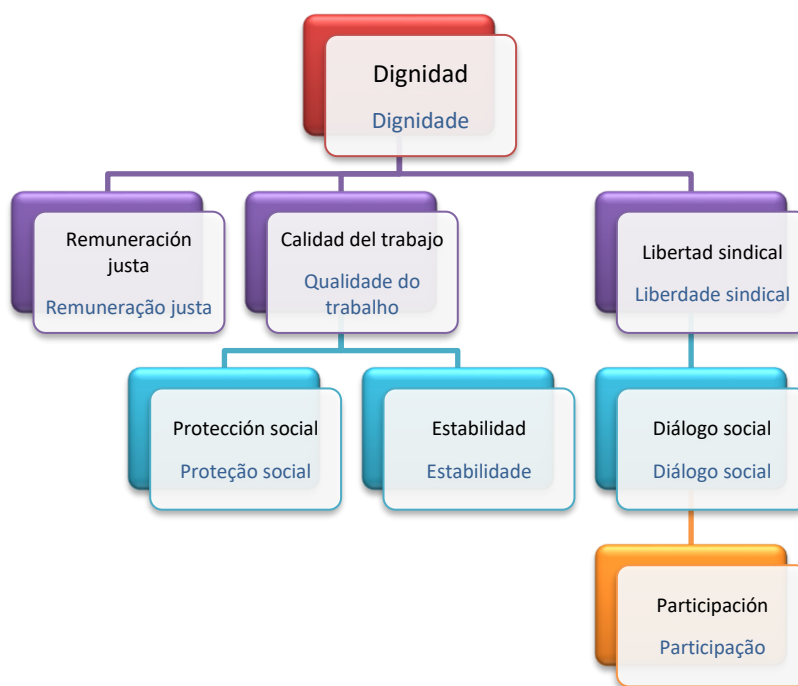
Fonte: DEL PRO (2011, p. 27), com grifos meus.

Também desejo destacar uma representação gráfica de Capón Filas (2011, p. 405¹⁸⁰), por ela trazer os elementos que compreendo como centrais na construção da dignidade humana por meio do trabalho, o que podemos denominar como

¹⁸⁰ CAPÓN FILAS. **Derecho internacional del trabajo**. Su construcción. 1 ed. La Plata: Librería EDITORA Platense, 2011.

elementos constitutivos do trabalho decente, que abarcam o reconhecimento e o respeito ao indivíduo trabalhador como pessoa que trabalha (“persona-que-trabaja”). Dentre os pontos, quero destacar o que se refere a ampliar a qualidade no trabalho, o que significa muito mais do que condições físicas de segurança, implica haver espaços de participação efetiva dos trabalhadores em tomadas de decisões que envolvem seu ‘fazer’, sua atuação na modificação da natureza em uma atividade produtiva – é o reconhecimento e a garantia do exercício da cidadania (“reconocer y garantizar la ciudadanía”) no ambiente laboral. Em suma, todos os elementos conflagram para o exercício do ser, que foi abordado no capítulo 2 desta tese.

Figura 1 - Elementos constitutivos do trabalho decente



Fonte: CAPÓN FILAS (2011, p. 405), com tradução livre, própria (2022)

Posto isto, note-se como os direitos contidos nos instrumentos de direitos humanos considerados mais importantes abarcam aspectos como igualdade e não discriminação, liberdade, segurança, remuneração justa e equitativa e que todos esses aspectos são, em sua integralidade, referentes à construção e à garantia da dignidade humana, da autoestima, do ser e sentir-se valorizado e honrado. Associando-os à educação formal, tópico central deste capítulo, retorno ao relatório CEPAL/OIT. No referido relatório sobre o futuro do trabalho em América Latina e no

Caribe, CEPAL e OIT demonstram que tarefas rotineiras foram se reduzindo ao longo do tempo e tarefas de alta qualificação foram se ampliando.

A nivel agregado, diferentes estudios sobre los flujos de empleos han puesto de relieve la dinámica de sustitución de aquellos puestos de trabajo vinculados a tareas rutinarias (manuales y cognitivas), junto con el crecimiento de nuevos empleos basados en tareas cognitivas no rutinarias, con altos niveles de creatividad y pensamiento crítico. (COMISIÓN... ORGANIZACIÓN, 2019, p.20)¹⁸¹

O professor Nilson Machado, da Universidade de São Paulo¹⁸², sintetiza a problemática da educação formal e de sua relação com o trabalho. Em sua apresentação denominada *O Lugar da Dádiva na Constituição do Ser Humano*, o professor nos brinda com profundas reflexões sobre o conhecimento e o trabalho; nelas, podemos identificar que há uma integração absoluta e inseparável entre o mundo do conhecimento e o mundo do trabalho; em que pesem os abalos nas teorias do valor, é fato que o conhecimento se tornou o principal fator de produção no século XXI. O conhecimento não é mercadoria; ele não é estocável, não é perecível, e ao ser ‘dado’, ‘vendido’, ‘compartilhado’, não troca de dono.

Então, pensando nesses aspectos absolutamente originais propostos pelo professor, não há como fugir da responsabilidade de, como pesquisador, abordar a importância de refletir sobre a formação do ser humano para a conformação de sua dignidade no mundo social em que o trabalho cumpre a tarefa fundamental de conferir, a cada um de nós, humanidade.

Por conseguinte, entendendo esse papel primordial do trabalho e sua relação com o conhecimento, chegamos ao direito e ao Estado. Como abordado, o trabalho é considerado um direito previsto em tratados internacionais e nas constituições dos países.

Vamos a alguns exemplos que ilustram o direito do trabalho em seus elementos centrais, visando ao trabalho decente:

¹⁸¹ COMISIÓN Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) / ORGANIZACIÓN Internacional del Trabajo (OIT). El futuro del trabajo en América Latina y el Caribe: antiguas y nuevas formas de empleo y los desafíos para la regulación laboral. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe**, Nº 20 (LC/TS.2019/31), Santiago, 2019. Disponível em: <<https://www.cepal.org/es/publicaciones/44604-coyuntura-laboral-america-latina-caribe-futuro-trabajo-america-latina-caribe>>. Acesso em 08 fev. 2021.

¹⁸² MACHADO, Nilson. O Lugar da Dádiva na Constituição do Ser Humano. Mini-curso ofertado pela **Cátedra de Educação Básica – Instituto de Estudos Avançados - Universidade de São Paulo, Escola de Inverno**, 26 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/catedradeeducacaobasica>>. Participação ao vivo.

Na constituição argentina, o artigo 14¹⁸³ aponta que (grifos próprios do autor desta presente pesquisa):

Artículo 14.- Todos los habitantes de la Nación gozan de los siguientes derechos conforme a las leyes que reglamenten su ejercicio; a saber: de trabajar y ejercer toda industria lícita; de navegar y comerciar; de peticionar a las autoridades; de entrar, permanecer, transitar y salir del territorio argentino; de publicar sus ideas por la prensa sin censura previa; de usar y disponer de su propiedad; de asociarse con fines útiles; de profesar libremente su culto; de enseñar y aprender.

Artículo 14 bis.- El trabajo en sus diversas formas gozará de la protección de las leyes, las que asegurarán al trabajador: condiciones dignas y equitativas de labor, jornada limitada; descanso y vacaciones pagados; retribución justa; salario mínimo vital móvil; igual remuneración por igual tarea; participación en las ganancias de las empresas, con control de la producción y colaboración en la dirección; protección contra el despido arbitrario; estabilidad del empleado público; organización sindical libre y democrática, reconocida por la simple inscripción en un registro especial. (ARGENTINA, 1995, s/p.)¹⁸⁴

A Colômbia, por sua vez, destaca diversos artigos de sua constituição que estão associados aos princípios do trabalho decente, considerando tais princípios com base no marco conceitual da Organização Internacional do Trabalho, que define o trabalho decente como aquele que:

[...] resume las aspiraciones de la gente durante su vida laboral. Significa contar con oportunidades de un trabajo que sea productivo y que produzca un ingreso digno, seguridad en el lugar de trabajo y protección social para las familias, mejores perspectivas de desarrollo personal e integración a la sociedad, libertad para que la gente exprese sus opiniones, organización y participación en las decisiones que afectan sus vidas, e igualdad de oportunidad y trato para todas las mujeres y hombres. (COLOMBIA, 2022, s/p.).¹⁸⁵

No já citado *site* do governo colombiano, destacam-se os objetivos estratégicos que a mesma Organização Internacional do trabalho estabeleceu,

¹⁸³ ARGENTINA Constitución de la Nación Argentina. **Ley Nº 24.430.** Ordénase la publicación del texto oficial de la Constitución Nacional (sancionada en 1853 con las reformas de los años 1860, 1866, 1898, 1957 y 1994). Sancionada: Diciembre 15 de 1994. Promulgada: Enero 3 de 1995. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/0-4999/804/norma.htm>>. Acesso em 10 dez.2019.

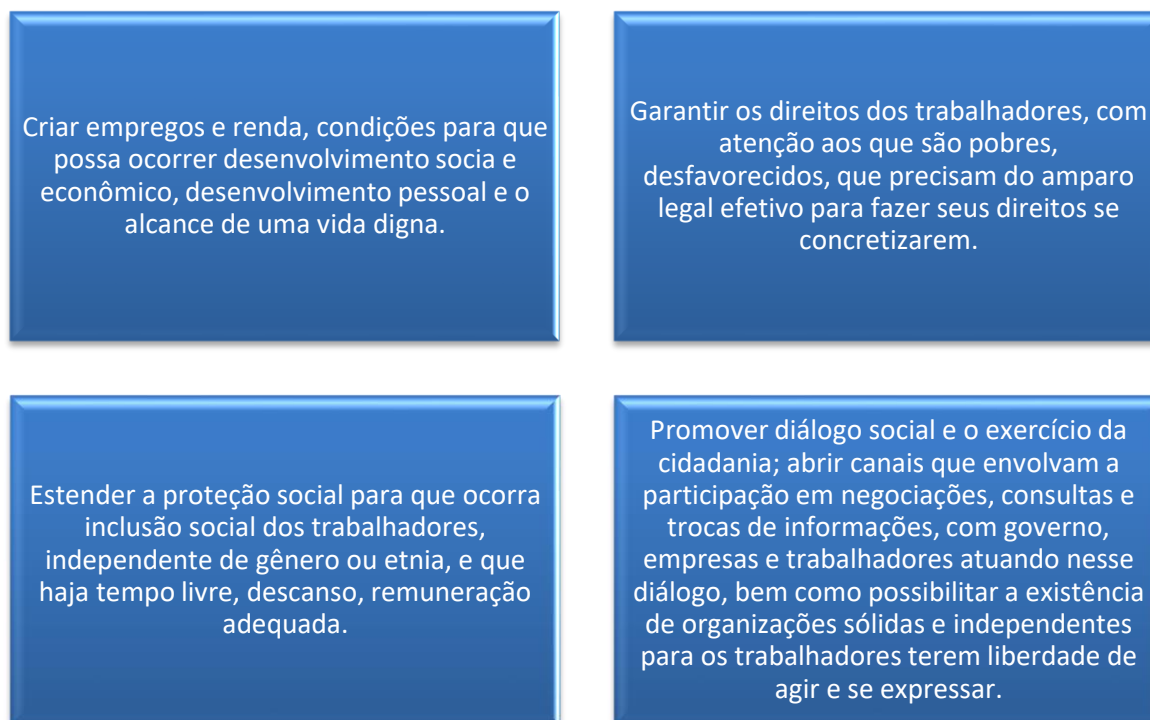
¹⁸⁴ Artigo 14. Todos os habitantes da Nação gozarão dos seguintes direitos, de acordo com as leis que regulam sua atividade; a saber: trabalhar e exercer toda indústria (atividade) lícita; navegar e negociar; pergunte às autoridades; entrar, permanecer, transitar e sair do território argentino; publique suas idéias para a imprensa sem censura prévia; usar e ter sua própria propriedade; associar-se a propósitos úteis; professam sua adoração (crença) livremente; ensinar e aprender.

Artigo 14 bis.- O trabalho, nas suas diversas formas, gozará da proteção das leis, que garantirão ao trabalhador: condições de trabalho decentes e equitativas, jornada limitada; descanso e férias remuneradas; compensação justa; salário mínimo móvel; salário igual por trabalho igual; participação em lucros corporativos, controle de produção e colaboração gerencial; proteção contra a demissão arbitrária; estabilidade do empregado público; organização sindical livre e democrática, revisada por simples registro em um registro especial. (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2019).

¹⁸⁵ COLOMBIA. Ministerio del Trabajo. **Trabajo Decente.** 2022. Disponível em: <<https://www.mintrabajo.gov.co/relaciones-laborales/derechos-fundamentales-del-trabajo/promocion-de-la-organizacion/trabajo-decente>>. Acesso em 20 jan.2022.

reconhecendo o trabalho como uma fonte de dignidade humana e elemento para trazer estabilidade e paz. A figura 2 ilustra esses princípios:

Figura 2 - Os objetivos estratégicos para o exercício do trabalho decente



Fonte: autoria própria (2022), com base em COLÔMBIA (2022)¹⁸⁶ – tradução livre

Apenas para ilustrar essa associação entre o conceito de trabalho decente e os objetivos estratégicos que direcionam os Estados a criarem normativas legais que contribuam para a concretude do trabalho decente, apresenta-se, a seguir, o conjunto de artigos da constituição colombiana que aborda o tema:.

Los artículos de la Constitución Política que reflejan los principios del trabajo decente son: 25 (derecho al trabajo); 38 (garantía del derecho de asociación); 39 (derecho a constituir sindicatos o asociaciones sin intervención del Estado); 43 (igualdad entre hombres y mujeres, protección especial a la maternidad); 44 (Derechos fundamentales de los niños y niñas); 45 (El adolescente tiene derecho a la protección y a la formación integral) 47 (derecho a la previsión, rehabilitación e integración social); 48 (derecho a la seguridad social); 53 (Obligatoriedad de expedir el Estatuto del Trabajo y otorga rango de norma de la legislación interna a los convenios internacionales del trabajo debidamente ratificados); 54 (la obligación del Estado y los empleadores de ofrecer formación y habilitación profesional); 55 (derecho a la negociación colectiva para regular las relaciones laborales); 56 (garantía del derecho de huelga); 93 (establece que los

¹⁸⁶ COLOMBIA. Ministerio del Trabajo. **Trabajo Decente**. 2022. Disponível em: <<https://www.mintrabajo.gov.co/relaciones-laborales/derechos-fundamentales-del-trabajo/promocion-de-la-organizacion/trabajo-decente>>. Acesso em 20 jan.2022.

tratados y convenios internacionales ratificados por el Congreso, que reconocen los derechos humanos y que prohíben su limitación en los estados de excepción, prevalecen en el orden interno). (COLOMBIA, 2022, s/p.).¹⁸⁷

Em Cuba também há a preocupação quanto ao exercício dos princípios que regem o trabalho decente, inclusive abarcando os direitos de igualdade e não discriminação por gênero, etnia, origem, crenças religiosas, como destaca Valdés-Estrada (2021).¹⁸⁸

A constituição do Brasil, por sua vez, deu ênfase aos direitos sociais, dentre os quais se encontra o direito do trabalho. À época de sua promulgação, em 1988, ela foi considerada evoluída em termos de avanços no que concerne aos direitos de um trabalhador. Ampliou o poder da Consolidação das Leis do Trabalho, incluindo algumas garantias no texto da própria constituição. No próprio artigo 1º, tem-se, no inciso IV, que “os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa” (BRASIL, 1988, s/p.)¹⁸⁹ são princípios fundamentais.

Dentre os objetivos para a valorização do trabalho está a busca de uma efetiva sociedade livre, justa e solidária (Art 1º, I, da Constituição Federal de 1988), a fim de reduzir as desigualdades sociais e regionais (Art 3º, III, da Constituição Federal de 1988), criando oportunidade para o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art 3º, IV, da Constituição Federal de 1988), impulsionando, assim, a função social dos indivíduos na sociedade (BRASIL, 1988)¹⁹⁰.

A livre iniciativa dá oportunidades aos indivíduos para buscarem condições mais favoráveis, de acordo com o nível de aprendizado e de conhecimento adquirido ao longo da vida. Para tanto, em primeiro plano verifica-se a importância da participação do Estado, mesmo que subsidiariamente, propiciando um ambiente para aprendizado desde o adolescente até o profissional adulto, assegurando e entregando aos cidadãos educação por meio institucional e, em segundo plano, há as empresas, que têm a responsabilidade de prover qualificação, no cumprimento

¹⁸⁷ COLOMBIA. Ministerio del Trabajo. **Trabajo Decente**. 2022. Disponível em: <<https://www.mintrabajo.gov.co/relaciones-laborales/derechos-fundamentales-del-trabajo/promocion-de-la-organizacion/trabajo-decente>>. Acesso em 20 jan.2022.

¹⁸⁸ VALDÉS ESTRADA, Zaida. El trabajo decente y futuro del trabajo en Cuba. **Revista Iberoamericana de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 79-93, 2021. Disponível em: <https://aidtss.org/revistaiberoamericana/index.php/main/article/view/85>. Acesso em: 28 jul. 2022.

¹⁸⁹ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁹⁰ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20 nov.2019.

de uma função social que regula as condições impostas em contrato (Art 421, do Código Civil¹⁹¹, cujas regras compatibilizam com as dos contratos de trabalho), tendo como objetivo alcançar um desenvolvimento social e econômico.

Da mesma forma, a Constituição Federal de 1988 imprime em seu texto, no Artigo 6º, a Educação e o Trabalho em pé de igualdade como Direitos Sociais (BRASIL, 1988)¹⁹². De certa forma, estão entrelaçados, haja vista que um concorre com o outro, na condição de que os indivíduos, no trilhar da vida, buscam meios para crescer e, para tanto, muito vai favorecer uma ascensão profissional de qualidade, levando os indivíduos a terem um sentido por aquilo que fazem, à medida de seu aprendizado e aplicação do que aprenderam.

Considera-se que o grande momento de um indivíduo é quando ele se identifica com aquilo que faz, não somente como sentido, mas também o que dá uma identidade no meio da sociedade e entre seus pares. De acordo com Miranda (1993), *apud* Popp (1999, p. 171)¹⁹³, “b) Cada pessoa vive em relação comunitária, mas a dignidade que possui é dela mesma, e não da situação em si; c) O primado da pessoa é o do ser, não o do ter, a liberdade prevalece sobre a propriedade;”. A dignidade, portanto, é algo do indivíduo e ela está associada a algo que vai além do ter, do material em si, abrangendo o ser. O trabalho, pois, traz ao homem um valor que envolve além do ter, o ser.

Os indivíduos, quando ficam fragilizados quanto à sua identidade, acabam por se tornar presas fáceis do entorno em que vivem, tendo reduzido sua liberdade e autonomia para fazerem escolhas. Considerando que há uma estreita associação entre liberdade e dignidade, há necessidade de maior proteção da dignidade, a fim de que haja uma liberdade real e autonomia para que os indivíduos encontrem o verdadeiro sentido no que fazem e, conseqüentemente, se insiram no contexto da sociedade havendo, por parte desta, reconhecimento por suas aptidões (POPP, 1993)¹⁹⁴.

¹⁹¹ VADE Mecum Saraiva. **Código Civil**. 28ª edição. 2º semestre. São Paulo: Saraiva, 2019.

¹⁹² BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁹³ POPP, Carlyle. Princípio Constitucional da dignidade da pessoa humana e a liberdade negocial – A proteção contratual no Direito Brasileiro. *In*: LOTUFO, Renan (coord.). **Direito Civil Constitucional**. Cadernos I. São Paulo: Max Limonad, 1999, p. 149-211.

¹⁹⁴ POPP, Carlyle. Princípio Constitucional da dignidade da pessoa humana e a liberdade negocial – A proteção contratual no Direito Brasileiro. *In*: LOTUFO, Renan (coord.). **Direito Civil Constitucional**. Cadernos I. São Paulo: Max Limonad, 1999, p. 149-211.

Assim, se sopesa que todas as negociações contratuais de trabalho devem dar a possibilidade de, qualquer que seja o cargo ou o lugar, manter a dignidade humana protegida, sempre com o objetivo de que a evolução da pessoa seja crescente; caso contrário, se não houver a proteção da dignidade, essas cláusulas são consideradas nulas.

Já com o advento da Constituição Federal de 1988¹⁹⁵, vislumbrou-se a urgência de que a educação não somente favorecesse o indivíduo em sua integração em todos os sentidos da vida pessoal e social, mas também fosse um agente fundamental e expressivo para a dinâmica da evolução tecnológica e das grandes demandas da Revolução 4.0. Assim, a Constituição impõe como um dos direitos fundamentais a educação. Diante da urgência de investimento para o indivíduo, para a sociedade e para o Estado, tanto o Estado quanto a empresa têm, nesse momento, sua parcela de responsabilidade de creditar mecanismos, a fim de proporcionar as garantias individuais.

Uma sociedade anseia por pessoas que buscam o desenvolvimento e acompanhar um criadouro de homens que trazem, mediante seus estudos, meios de aplicação de uma tecnologia que, em tese, deve elevar os meios de bem estar de um povo, justamente pelo aporte alcançado pela educação. Assim, o Estado, no momento da aplicação do orçamento público deve investir na continuidade, aprendizado e no aperfeiçoamento dos indivíduos, como garantia do estabelecidos na Constituição, como bem aponta Lima (2001, p. 219¹⁹⁶), como sendo nos dois pontos dos direitos essenciais:

a) o direito, irrecusável a toda a criatura humana, de que a sociedade lhe ministre, no primeiro período da evolução individual, os princípios elementares de moralidade e intelectualidade, sem os quais não há homem responsável, sem os quais é cativo a lei, um absurdo a imputabilidade e a repressão torna-se uma injustiça; b) o direito incontestável à sociedade de negar-se a receber no seio da ordem comum cérebros atrofiados pela ausência dessa educação rudimentar, à míngua da qual o ente humano se desnatura e inhabita para a convivência racional.

Para estabelecer as regras desta relação de emprego entre partes, se constitui um Contrato de Trabalho cujas cláusulas convencionam deveres e obrigações, bem como garantia de que direitos sejam protegidos e entregues aos

¹⁹⁵ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20 nov.2019.

¹⁹⁶ LIMA, Maria Cristina de Brito. A educação como Direito Fundamental. **Revista da EMERJ**, v. 4, n. 13, 2001 Disponível em: <http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista13/revista13_212.pdf> Acesso em 02 jan.2020.

interessados dessa relação. Nessa relação, as partes estabelecem o tipo de contrato a ser concretizado; no entanto, por via de regra geral. Martinez (2011, p. 124)¹⁹⁷ traz uma definição para essa relação de responsabilidades que são inerentes às partes envolvidas, como diz:

Contrato de emprego é o negócio jurídico pelo qual uma pessoa física (o empregador) obriga-se, de modo pessoal e intransferível, mediante o pagamento de uma contraprestação (remuneração), a prestar trabalho não eventual em proveito de outra pessoa, física ou jurídica (empregador), que assume os riscos da atividade desenvolvida e que subordina juridicamente o prestador.

No Direito, em especial, há uma profusão de dogmas. O que não se discute, pois é dogma. Um dos dogmas do mundo do trabalho estava na estruturação de um arcabouço jurídico sólido, de caráter protetivo, que vem sendo simplesmente solapado pela nova realidade trazida no século XXI com a inovação tecnológica, com a inteligência artificial que traz à arena da luta pelo trabalho um competidor que não se distrai com conversas, não tem sono nem tem fome, não precisa de café e apresenta, em termos de eficiência nos moldes de Frederick Taylor, um resultado imbatível se comparado com o ser humano, aquele que se distrai, que gosta de interações sociais, que sente sono e fome, que busca café. Há, no mundo do século XXI, robôs que leem processos, muitos e extensos, que fazem em minutos um trabalho de leitura e rastreamento que um ser humano levaria meses, até anos, que conseguem fazer análises de conteúdo e tomar decisões por meios algorítmicos altamente precisos, que conseguem fazer analogias até muito profundas de compêndios decisórios.

Voltemos ao filme *Humans Need Not Apply*¹⁹⁸ ('Os seres humanos não precisam se inscrever – 'no processo seletivo'), o qual demonstra, analogicamente, o pensamento do cavalo no início da primeira Revolução Industrial como o pensamento do ser humano no século XXI. O cavalo, a força de trabalho mais importante da época, até então algo 'certamente' insubstituível, nunca 'pensou' que perderia seu emprego; mas o perdeu. Nos dias atuais, o ser humano, 'certamente' a força central do trabalho, pode passar pelo mesmo processo. Fim de uma certeza(?).

A associação entre trabalho e dignidade humana é uma razão que complementa a vida humana. O trabalho tem um papel importante para a sociedade;

¹⁹⁷ MARTINEZ, Luciano. **Curso de Direito do Trabalho**: relações individuais, sindicais e coletiva de trabalho. 2ª ed. São Paulo – Saraiva, 2011.

¹⁹⁸ **HUMANS Need Not Apply**: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

por ele, respira o respeito pela qual as vidas transitam e, mediante o valor laboral, o trabalho dá aos indivíduos um significado para sua existência. Para tanto, o trabalho efetivamente traz um destaque para o ser humano e sua efetivação tem sua razão de ser, tornando-o reconhecido pela sociedade e pelos seus familiares.

A necessidade de formar o trabalhador para o futuro do trabalho reflete-se na busca por qualificá-lo para estar preparado para as mudanças decorrentes da Revolução 4.0 e para ser uma pessoa com autonomia para agir sobre o mundo em que atua. Sem educação, os indivíduos estão propensos à mormência e ao enfado do mesmo trabalho, mesma função ou mesma atividade. Para estimular o trabalho, estimula-se a inovação, o ‘dar’ novos contornos, respirar novos ares, novas experiências e expectativas, por conta do conhecimento, como bem afirma nesse sentido, Cocuruto (2008, p. 58)¹⁹⁹: “O conhecimento se constrói e liberta o ser social, se sua base é a educação.”

Destarte, até no nível micro, o do mercado do trabalho, o conhecimento é fator diferenciador e necessário para a mitigação da desigualdade e da exclusão social. Com a existência de diversos ‘mercados’ de trabalho, que proporcionam diferentes facetas das ofertas de emprego, tem-se a mesma lógica que gere a economia: quando aumentam a oferta de trabalho no mercado, as condições ofertadas para os trabalhadores nessas condições são mínimas, mas as exigências de qualificação para efeito de concorrência são grandes; quando da escassez de oportunidades no mercado, passa a ser ainda mais rigorosa a concorrência, pois nesses casos, o conhecimento e a experiência, são atributos desejados pelas empresas, acrescentando, desde o século XX, a busca do conhecimento tecnológico, por conta dos avanços da Revolução 4.0, da Inteligência artificial e a Robótica.

Mankiw (2007, p. 122)²⁰⁰, reforçando a questão da relação entre educação e mercado de trabalho, esclarece que:

(...) Se o salário mínimo está acima do nível de equilíbrio (...) a quantidade ofertada de mão-de-obra excede a quantidade demandada. O resultado é o desemprego. Assim, o salário mínimo eleva a renda dos trabalhadores que têm emprego, mas reduz a renda daqueles que não conseguem encontrar trabalho. (...) Trabalhadores altamente habilitados e com muita experiência não são afetados porque o salário de equilíbrio deles está acima do salário mínimo. Para eles o salários mínimo não é obrigatório.

¹⁹⁹ COCURUTO, Ailton. **Os princípios da dignidade da pessoa humana e da inclusão social**. São Paulo: Malheiros Editores Ltda., 2008.

²⁰⁰ MANKIWI, N. Gregory. **Introdução à economia**. (Tradução Allan Vidigal Hastings) São Paulo: Thompson Learning, 2007.

Ressalta-se aqui a importância da referência que o trabalho tem na vida dos trabalhadores. Ele se destaca como um direito essencial

O trabalho é um dos direitos essenciais. Sua supressão significa também privação de dignidade. Em primeiro lugar, porque o salário dele resultante é o instrumento de acesso às condições materiais indispensáveis a uma vida digna. Em segundo, porque a sua ausência gera sentimento de diminuição moral e repercute na inserção social do trabalhador, visto que se tem disseminada a cultura do trabalho como valor ético e social. (CECATO, 2007. p. 359)²⁰¹

Logo, o governo precisa criar mecanismos e oportunidades para educar os indivíduos de modo a que esses se adequem às novas realidades laborais, porque justamente em tempos de escassez ou de mudança substancial no trabalho os trabalhadores estarão mais vulneráveis e suscetíveis aos rompimentos contratuais de trabalho, com ampliação das demissões e, principalmente, com a precarização da atividade laboral, portanto, educar para o trabalho é uma questão que fortalece o ser humano e corrobora sua valorização, tornando-o digno.

Com relação ao empregador que exerce a função obrigacional dada pelo contrato de trabalho de proporcionar um ambiente próprio e adequado para o exercício das funções por parte do empregado, inclusive, as que se referem às questões técnicas, este deve ter em mente propiciar ao trabalhador novas realidades e introduzi-lo às modernidades produzidas pela tecnologia.

A qualificação profissional abre a oportunidade de desenvolvimento e de creditação na vida do empregado, tende a minimizar riscos e prejuízos no momento da execução dos serviços, portanto, a adequação, o aprendizado e o aperfeiçoamento dirigido aos empregados tendem a beneficiar também o empregador. Assim, o empregador deve propiciar às qualificações desejáveis as necessidades do seu empreendimento, visto que as empresas se beneficiam dessas novas formas de aprendizagem. Vale lembrar que o investimento na educação e na formação do trabalhador não é apenas uma questão moral, mas de prevenção, porque o empregador assume o risco da atividade econômica, conforme o previsto em legislações que são construídas em um âmbito no qual preponderam as formas

²⁰¹ CECATO, Maria Aurea Baroni. Direitos humanos do trabalhador: para além do paradigma da declaração de 1998 da O.I.T.. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Fundamentos Teórico-Metodológicos EDH**. Educação em Direitos Humanos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/21_cap_2_artigo_13.pdf. Acesso em 02 jan.2020.

capitalistas de produção, como, por exemplo, no Art 2º da Consolidação das Leis Trabalhistas brasileiras.

Boza Pro (2011)²⁰² comenta que, no âmbito dos países latino-americanos de língua espanhola, o México se apresenta como o primeiro país que trouxe, em sua constituição, artigos relacionando os direitos sociais e, dentre eles, se apresentou o direito do trabalho, o qual passou a se desenvolver de forma rápida e se tornou ocupante do que o autor considera um lugar principal no conjunto dos novos direitos sociais; contudo, uma análise mais aprofundada dos princípios do direito do trabalho também demonstra um foco na defesa da regulação das relações econômicas e jurídicas do 'mundo do trabalho' que favorece a manutenção das relações de produção não pautadas pela igualdade, mas, sim, por relações entre atores com distintos poderes de negociação e com enfoque nas relações estruturadas sob essas formas capitalistas de produção, aqui citadas.

Nesse cenário do mundo do trabalho, o que se observa é que, com relação ao trabalhador, no momento da necessidade de adaptação, atualização e aprendizagem determinada pelo empregador, quando ocorrem mudanças de exigências de conhecimento, competências e habilidades, este deve primar pelo interesse em aprender e adaptar as novas exigências pela tecnologia, inteligência artificial e robótica, considerando ser de seu interesse, também, o aprimoramento contínuo. O que se espera é que o trabalhador colabore com seu aprendizado, objetivando o crescimento e as inovações empregadas pelo empregador nas atividades a serem desenvolvidas. Nascimento (2008, p. 38)²⁰³, assevera que:

Do caráter pessoal da prestação de serviços derivam várias consequências ao empregado que se obriga a exercer as tarefas próprias de sua função como cuidado, competência, eficiência e qualificação profissional. O empregado também deve executar suas tarefas de conformidade como o aspecto técnico-funcional determinado pelo empregador, ou seja, no âmbito, no horário e no local ajustado no contrato. Também surgem diversas outras obrigações de conduta exigíveis ao empregado relacionadas à própria natureza da prestação de serviços, consubstanciadas em obrigações de fazer e obrigações de não fazer que incidem sobre o trabalhador e que servem como instrumento de fidejussão que envolve as partes no contexto do contrato de trabalho.

²⁰² BOZA PRO, Guillermo. **Lecciones del derecho del trabajo**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2011.

²⁰³ NASCIMENTO, Nilson de Oliveira. **O poder Diretivo do Empregador e os Direitos Fundamentais do Trabalhador na Relação de Emprego**. 2008. 267 f. Tese - Doutorado em Direito. Direito das Relações Sociais – Direito do Trabalho. São Paulo, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp063483.pdf>>. Acesso em 02 jan.2020.

Observa-se, por conseguinte, que a educação formal é, de fato, algo inerente ao trabalho, visto que para o exercício de qualquer função, exige-se um aprendizado. Em tempos de predomínio da tecnologia, essa educação formal reveste-se de maior robustez, ainda, por se exigir do trabalhador um conhecimento mais técnico, mais multidisciplinar, no sentido de ser necessário haver um raciocínio lógico para a execução de operações de natureza científica, não braçal. Por conseguinte, reforça-se a discussão sustentada neste capítulo que assevera que a construção da dignidade passa, pois, também pela educação formal.

É importante lembrar que a divisão do trabalho, causada pela revolução industrial, trouxe a reboque uma alienação derivada não somente da separação entre o ser humano e o trabalho material que ele executa, mas também do impacto nas relações entre os seres humanos que exercem uma função laboral, com uma constante individualização do ato de trabalhar. A preparação técnica para o exercício profissional, ainda que necessária, não é suficiente para que se mantenha a dignidade do ser humano.

Não há como negar que, com essas transformações no mundo do trabalho que advieram da revolução industrial, a construção da dignidade humana passa pela problemática da existência dessa alienação que impacta negativamente na busca da valorização do ser humano. Quando o ser humano passa a ser mais um ingrediente do processo de produção, um mero instrumento como os outros não materiais que fazem parte desse grande processo, sua dignidade é aviltada, sim, pois se perde a essência do que é o ser humano em seu trabalho de autor da modificação da natureza.

Amplia o impacto dessas transformações no mundo do trabalho com o advento de outras formas de relação de trabalho nas quais a precarização toma à frente e a dignidade humana é aviltada, trazendo-nos uma perspectiva não positiva sobre o futuro do trabalho.

Ademais, a precarização do trabalho, como destacado em vários momentos neste trabalho de investigação, também é um elemento que foi se ampliando ao longo do tempo, mas que já tem início há séculos, na América Latina e no Caribe, com a exploração demasiada da mão de obra dos povos originários e dos escravos,

dos imigrantes (GAMBA; PIRES, 2016)²⁰⁴, dos hipossuficientes de forma geral. Hodiernamente, tal precarização reveste-se de outras roupagens, como: diversas desregulações nos direitos dos trabalhadores; a mudança de leis que favoreciam o lado hipossuficiente da relação, a liberalização cada vez maior do comércio e o crescimento das economias internacionalizadas (CACCIAMALI, 2002)²⁰⁵, o advento das plataformas digitais e de outras formas de trabalho que reduzem sobremaneira a possibilidade de haver, na prática, os elementos que constituem o trabalho decente e que possibilitem a concretização dos direitos fundamentais que compõem a dignidade no trabalho.

Ao pensar nos resultados apresentados por Weller (2020, p.5)²⁰⁶, em um levantamento feito para a CEPAL, um questionamento do autor nos remete ao futuro do trabalho:

¿Qué se puede esperar respecto al impacto de la pandemia en las grandes tendencias en los mercados laborales? Entre las tendencias que marcan el mercado laboral en los últimos años se destacan las perspectivas de una fuerte destrucción, transformación y creación de empleos, la amenaza de una creciente desigualdad en el mercado laboral y el gran potencial – todavía no realizado – para el crecimiento de la productividad laboral. Estas tendencias están fuertemente influenciadas por la digitalización, si bien no es el factor único al respecto (Global Commission on the Future of Work, 2019). Muchos elementos de la discusión sobre reformas de las políticas sociales y laborales se deben a estas tendencias.

Essa crescente desigualdade no mercado de trabalho é uma realidade. Pensar nas plataformas digitais, símbolos modernos da uberização do trabalho e que alcança diversas profissões, é representar essa realidade da forma mais incisiva e sem ‘cobertura’, sem colchões para reduzir a dureza do impacto que tais plataformas geram no sentido do trabalho.

A invisibilidade das pessoas, que aqui foi abordada nas atividades presenciais de pessoas que exercem atividades consideradas simples, é ampliada na plataforma

²⁰⁴ GAMBA, Juliane Caravieri Martins ; PIRES, Julio Manuel. O trabalho humano na América Latina: evolução histórica e condições atuais. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 11-25, 2015. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2015.110375. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/110375>. Acesso em: 02 jan.2020.

²⁰⁵ CACCIAMALI, Maria Cristina. Liberalización económica y derechos fundamentales en el trabajo en América Latina. In: CACCIAMALI, Maria Cristina; BANKO, Catalina; KON, Anita. **Los desafíos de la política social en América Latina**, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo: Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina; Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 2002. p. 91-110.

²⁰⁶ WELLER, Jürgen. **La pandemia del COVID-19 y su efecto en las tendencias de los mercados laborales**. Documentos de Proyectos (LC/TS.2020/67), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45759/1/S2000387_es.pdf>. Acesso em 22 mar.2021.

virtual, sendo que nem sequer saber quem é seu empregador é direito dado às pessoas – estas são contratadas, avaliadas e demitidas por algoritmos. Sim, mas e os porteiros, os seguranças, os vigilantes, qual a sua relação com as plataformas digitais? Pode não ser a realidade imediata, mas é uma realidade possível – se perderem seus empregos para máquinas ou virem suas funções mais e mais reduzidas nas formas híbridas, uma ‘opção’ quase mandatária poderá ser exercer atividades nessas plataformas.

Vale destacar que essa precarização no trabalho decorre, também, do fato de as plataformas pagarem baixas remunerações a quem se submete a realizar os trabalhos nessas plataformas, visto que a massa de trabalhadores é muito grande e, classicamente, a economia demonstra que quanto maior a oferta de trabalho, menor será o valor dado a esse trabalhador. A geração de renda precária traz impactos de ordem econômica e social e afetar a dignidade do trabalho; ousado afirmar que essa dignidade inexistirá neste exercício de exploração da mão de obra. Aos porteiros, faxineiros, seguranças que conseguirem um meio de trabalho nessas plataformas lhes serão designadas tarefas, ou micro tarefas, que são as de menor exigência de qualificação profissional.

Esses trabalhadores, adicionalmente, não terão formas de proteção social, eventuais sobras de dinheiro após o atendimento de suas necessidades básicas dificilmente poderão ser usadas para cultura ou lazer, visto que terão de ser aplicadas para compra de remédios, idas a consultas médicas possíveis, enfim, a precariedade da remuneração ampliará a desigualdade social e reduzirá, mais e mais, possíveis micro aberturas para a construção da dignidade.

Ressalte-se, ainda, os problemas de ergonomia do trabalho, abordados no capítulo 2, e o sofrimento que se amplia por alcançar o aspecto psicológico, além do já esperado impacto físico de trabalhar sem condições adequadas, sem equipamentos ergonômicos. Esse sofrimento psicológico deriva não somente de estar isolado, sozinho, de não ter nem conhecer colegas que, muitas vezes, no ambiente físico minimizam os aspectos insalubres de atividades não valorizadas.

Nas plataformas virtuais, há micro tarefas que trazem insegurança, geram ansiedade e podem até levar a quadros depressivos, como os destacados pelos

pesquisadores. Berg *et al.* (2018)²⁰⁷ exemplificam o que ocorre com os trabalhadores invisíveis cujas funções são retirar conteúdos considerados impróprios e que são publicados na web – são conteúdos que envolvem violência, mortes, ações de toda a natureza de agressões físicas e psíquicas, fotos, vídeos que traumatizam e geram o que se chama estresse pós-traumático. Tudo sem nenhum apoio de caráter psicossocial, de apoio humano, de espaço para desestressar. Desnecessário afirmar o quão violento isto é para a dignidade humana.

Nesse cenário, o futuro do trabalho envolve, na realidade, uma questão sobre o futuro do ser humano e suas relações sociais. Observa-se o quanto há distintas questões que estão envoltas na discussão acerca do mundo do trabalho. Além da inteligência artificial e da computação cognitiva, que se apresenta como uma realidade, já, e pode modificar significativamente a relação do ser humano com o trabalho, há as questões que envolvem as mudanças climáticas, as doenças que podem dizimar populações inteiras, distintas sociedades que interagem em um mundo cada vez mais globalizado, nos quais as referências que o ser humano possuía em termos de cultura, de língua, de tradições e crenças foram sofrendo hibridismos e adotaram símbolos e outros elementos culturais que são como mercadorias de circulação em âmbito mundial.

Um momento em que, como destaca Ianni (2005)²⁰⁸, o ser humano enfrenta a discussão do ‘contrato social’ que se reescreve em um contexto no qual o Estado vê sua soberania reduzida pelo supranacional, pelas cadeias globais de decisão e de aculturação, assim como ocorre com o indivíduo, que se vê imerso em uma multidão global amorfa, da qual ele faz (?) parte, mas não se identifica como parte.

Nesse contexto, no qual imperam o individualismo e o tecnicismo e a formação dada na educação formal, voltada exclusivamente para o ‘mercado de trabalho’ em seu foco eminentemente capitalista, há uma potencialização desses fatores competitivos que ressaltam a individualidade e o sucesso. O indivíduo busca o sentido de sua vida e, dentre outros elementos, apoia-se no trabalho como uma forma de se realizar e de ser alguém. No entanto, esse mesmo trabalho, sobre o

²⁰⁷ BERG, Janine ; FURRER, Marianne ; HARMON, Ellie ; RANI, Uma ; SILBERMAN, M. Six. **Digital labour platforms and the future of work: Towards decent work in the online world.** International Labour Office, Geneva, ILO. 2018. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_645337/lang--en/index.htm>. Acesso em 22 jul.2021.

²⁰⁸ IANNI, Octavio. **A sociedade global.** 12^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

qual o indivíduo agiu no decorrer da história mecanizando-o, tornando-o menos árduo fisicamente, é o mesmo trabalho que hoje em dia se volta contra o indivíduo, expelindo-o do processo ou alijando-o de uma formação que vá além do caráter eminentemente produtivo.

Vivemos um mundo de desafios globais. Uma ocasião na qual o crescimento exponencial das populações contra um crescimento aritmético de alimentos, o que pode causar, no século XXI, aquilo que Malthus já alertava no final do século XVIII, fins do século XIX: que os alimentos produzidos não serão suficientes para atender à demanda das pessoas. A revista da OTAN, (REVISTA OTAN, 2011)²⁰⁹ aponta que as estimativas são de que a população mundial, em meados de 2050, chegue a nove bilhões de pessoas e, em 2075, a 9,5 bilhões.

Na mesma publicação, a OTAN destaca que há possibilidades de que essa explosão por alimentos não seja catastrófica, desde que se apliquem tecnologias sustentáveis para o atendimento às demandas, conforme sugere o relatório do UK Institution for Mechanical Engineers, *Population: One Planet, Too Many People?*. No relatório, quatro grandes áreas são consideradas relevantes para o investimento em tecnologias: alimentação, água, urbanização e energia. Da leitura do relatório, depreende-se que trabalhar com novas tecnologias que abranjam esses elementos será uma questão de sobrevivência laboral no século XXI.²¹⁰

Serão necessários, portanto, cada vez mais mecanismos inovadores e tecnologias de ponta para que as pessoas possam ser atendidas em suas necessidades de consumo e sobrevivência. Logo, as profissões que existirão deverão ser aquelas que envolvem inovação, criatividade, empreendedorismo, espírito crítico e profundas habilidades em tecnologia. Observado-se esse contexto, surge uma pergunta inevitável: estarão as sociedades preparando seus trabalhadores, por meio da educação formal, para essa realidade?

²⁰⁹ REVISTA DA OTAN. Sedentos de iniciativas no domínio climático? O crescimento da população: o desafio determinante do século XXI. **Revista da OTAN** (NATO REVIEW 2011), 2011. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/review/2011/Climate-Action/Population_growth_challenge/PT/index.htm>. Acesso em 29 dez.2018.

²¹⁰ INSTITUTION of Mechanical Engineers. **Population: One Planet, Too Many People?**. 2011. Disponível em: <<https://www.imeche.org/docs/default-source/1-oscar/reports-policy-statements-and-documents/population---one-planet-too-many-people.pdf?sfvrsn=0>>. Acesso em 29 dez.2018.

Uma realidade talvez bastante próxima de um *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1979)²¹¹ livro que em 1941, ano de sua primeira publicação, antevia um futuro no qual as máquinas controlariam o mundo, os seres humanos seriam produzidos artificialmente, sua felicidade viria, também, da ingestão de comprimidos (SOMA) que os fizesse apagar sentimentos ou vontades não condizentes com a ‘estabilidade’ lógica de um lugar totalmente controlado. Nesse sistema, pode-se identificar o interesse sempre presente em controlar as pessoas, em fazer do ser humano parte realmente integrante do processo produtivo. Reproduzo, a seguir, um comentário feito por Veratti (2007)²¹² em sua tese de mestrado na qual avalia o livro sob o ponto de vista de estudos da linguagem. Essa parte é reportada por considerá-la pertinente ao que desejo mostrar quanto ao processo produtivo como algo estruturado, técnico, dominante:

Espaço (salas) e tempo (relógios) estão sincronizados pela mesma hora (quatro). As vozes “desencarnadas”, ou seja, mecânicas e artificiais, representam o predomínio da técnica e a supremacia da máquina, símbolo desse mundo automatizado. Este mundo e seu sistema ecoam suas vozes e transmitem suas mensagens aos quatro mil cantos desse universo. Sinal do poderio e da abrangência da filosofia capitalista fordiana. As categorias de tempo espaço foram dominadas pelo sistema que as homogeneizou, refletindo a estabilidade e reforçando a mesmice, intensificada pela sincrônica aparição de inúmeros seres idênticos das castas inferiores de Deltas, Gamas e Ipsiions, cujos embriões foram submetidos ao processo Bokanowsky(...) (VERATTI, 2007, p. 166)²¹³.

Agora, fazendo um contraponto com o que vem acontecendo no século XXI: em dezembro de 2018, um cientista chinês desapareceu após conceder entrevista informando que havia editado genes de bebês, por meio de uma técnica de edição genética, criada em 2012, denominada Crispr (G1, 2018)²¹⁴. A indústria 4.0, que já

²¹¹ HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5ª ed. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1979 (1ª Edição - abril de 1941). Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1171/1/Admir%C3%A1vel%20mundo%20novo.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

²¹² VERATTI, Nelson Samuel Porto. **Admirável mundo novo: um enredo de possíveis**. 2007. 281 f. Dissertação - apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária (DTHL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492217>>. Acesso em 29 dez.2018.

²¹³ VERATTI, Nelson Samuel Porto. **Admirável mundo novo: um enredo de possíveis**. 2007. 281 f. Dissertação - apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária (DTHL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492217>>. Acesso em 29 dez.2018.

²¹⁴ G1. Chinês que diz ter editado genes de bebês desaparece e levanta suspeita de prisão, dizem jornais. Reportagem publicada no **Globo on line** de 03 dez.2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/03/chines-que-diz-ter-editado-genes-de-bebes-desaparece-e-levanta-suspeita-de-prisao-dizem-jornais-do-pais.ghtml>>. Acesso em 30 dez.2018.

é uma realidade, implica uma transformação distinta, talvez, de tudo o que já ocorreu nas revoluções industriais passadas. A pergunta que fica no ar é exatamente a do título da reportagem publicada na *Revista Digital* em 2016, da qual apresento um excerto: qual o lugar do ser humano na indústria robotizada? (grifos próprios do autor desta pesquisa):

“Estamos no início de uma revolução, através da qual a forma como vivemos, trabalhamos e interagimos uns com os outros vai se transformar profundamente”, afirmou Klaus Schwab, organizador do Fórum Econômico Mundial. Em questão está a chamada **indústria 4.0**– ou seja, a produção controlada por computadores, totalmente automatizada e interconectada e a crescente propagação da tecnologia também no setor de serviços, por exemplo, através de robôs. Mesmo economistas liberais advertem agora de forma mais séria: a indústria 4.0 terá impactos negativos sobre o mercado de trabalho – esse foi o resultado de uma pesquisa junto a empresários em 15 economias. De acordo com o estudo, as novas tecnologias poderão suprimir até sete milhões de postos de trabalhos nos países industrializados nos próximos cinco anos. (QUAL O LUGAR, 2016, s/p.).²¹⁵

Pode-se argumentar que essas mudanças que surgem no mercado de trabalho com as inovações advindas da tecnologia não são novidade. Sim, sempre se alertou para a perda de postos de trabalho com o avanço da tecnologia. Como bem lembra Marx (2013, p. 614)²¹⁶: “O meio de trabalho liquida o trabalhador.” Sim, isso sempre aconteceu, mas não na proporção catastrófica das previsões. Sim, mas como no já citado filme *Humans Need Not Apply* (HUMANS, 2014)²¹⁷, e na *Revista Digital* (QUAL O LUGAR, 2016)²¹⁸, o ser humano não tem como competir com os robôs. Não somente em termos de precisão ou de probabilidade de erro causado por limitações sensoriais e físicas, mas em termos de produtividade e de aprendizado com outros robôs. No filme, apresenta-se uma cena em que se compara o que ocorreu na época das primeiras revoluções industriais com a mais recente: assim como os músculos mecânicos substituíram os músculos do cavalo e do ser humano, assim a mente mecânica tentará substituir a mente do ser humano. A grande questão é: conseguirá, de fato, a mente cibernética criar como a mente do ser humano cria?

²¹⁵ QUAL O LUGAR do ser humano na indústria robotizada?. Reportagem publicada em 03 fev.2016 na **Revista Digital**. Disponível em: <<https://www.revistadigital.com.br/2016/02/qual-o-lugar-do-ser-humano-na-industria-robotizada/>>. Acesso em 30 dez.2018.

²¹⁶ MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

²¹⁷ **HUMANS Need Not Apply**: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

²¹⁸ QUAL O LUGAR do ser humano na indústria robotizada?. Reportagem publicada em 03 fev.2016 na **Revista Digital**. Disponível em: <<https://www.revistadigital.com.br/2016/02/qual-o-lugar-do-ser-humano-na-industria-robotizada/>>. Acesso em 30 dez.2018.

Há alguns anos, talvez em 2013-2014, minha esposa participou de uma apresentação de um professor que tentava mapear a mente humana para criar uma cópia desta no computador. Ele buscava, na verdade, tentar criar o *feeling* que os seres humanos têm em uma mente cibernética. Para tanto, baseou-se no caso de um soldado norte-americano que era responsável por ver o sonar diariamente e, um determinado dia, viu os mesmos pontos que sempre via, mas algo lhe pareceu diferente. Ele tinha 30 segundos para decidir se dispararia ou não um míssil sobre aquele ponto, aparentemente igual aos outros, e 60 segundos para descobrir se havia decidido certo ou não, isto é, se o alvo era um míssil disparado pelo inimigo contra eles ou se era um alvo errado, um avião com civis, por exemplo. Disparou um míssil e descobriu, após longos 60 segundos, que o alvo era correto e que se ele não houvesse disparado o míssil contra o alvo, estariam todos mortos. A ideia, portanto, era transportar para os computadores alguns *insights* e *feelings* do ser humano. Até 2018, ainda não se conseguiu isso, mas não se sabe se, a qualquer momento, essa ideia aparentemente estapafúrdia pode se tornar realidade²¹⁹. O fato é que um computador não teria remorsos por ter errado, não se sentiria indigno, não sofreria depressões, não acusaria seu patrão de *bullying* ou assédio moral. O ser humano, sim.

O panorama para a América Latina não é distinto do que se encontra em regiões de tecnologia mais avançada. Conforme consta no INFOBAE (grifos próprios do autor desta pesquisa), de autoria de Segura (2018, s/p.)²²⁰:

El panorama, en Argentina, pero también en la región, es claro: los robots y la automatización del trabajo avanzan en todo el mundo, a tasas chinas, aun en los países con bajos niveles de automatización de sus sistemas de producción. En un trabajo publicado por el BID en colaboración con los Bancos de Desarrollo de África, Asia y Europa, se señala en una

²¹⁹ Pode-se destacar, por exemplo, o vídeo *Self Consciousness with NAO Bots*, SELF Consciousness with NAO Bots. Vídeo. 38 seg. Publicado em 09 jul.2015, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MceJYhVD_xY, acesso em 30 dez.2019, no qual um robô humanoide observa seu comportamento e modifica sua declaração original acerca de um fato. Conforme Brandão (2016, s/p.): “No experimento, três Nao Robots foram programados para acreditar que dois deles receberam a “pílula emburrecedora”, que os impediria de falar. Para os três foi feita a pergunta: “Que pílula você recebeu?” Como dois robôs permaneceram calados, um deles disse “Eu não sei”. Acontece então que, como o robô foi capaz de falar, ele assumiu consciência sobre si mesmo e suas ações recentes, modificando sua resposta para: “Desculpa, agora eu sei. Fui capaz de provar que não recebi a pílula emburrecedora”. BRANDÃO, Alberto. **Filosofia da Inteligência Artificial**. Ensaio sobre riscos e impactos sociais. Artigo publicado em 22 dez.2016. Disponível em: <<https://alberto.io/filosofia-da-intelig%C3%AAncia-artificial-db2d38652fe3>>. Acesso em 30 dez.2019.

²²⁰ SEGURA, Juan María. La región frente a la robotización. Artigo de opinião (seção Opinión) publicado em 09 out.2018 no **INFOBAE**. Disponível em: <<https://www.infobae.com/opinion/2018/10/09/la-region-frente-a-la-robotizacion/>>. Acesso em 30 dez.2018.

pequena nota al pie que aproximadamente el 53% del tiempo dedicado al trabajo en Colombia y Perú, y cerca del 50% del tiempo en Argentina, Brasil, Chile y México podría ser automatizado en el mediano plazo. Sí, como está leyendo. ¿Qué será del ser humano en un mundo dominado por los robots, la inteligencia artificial y el aprendizaje profundo generado por máquinas y algoritmos? se preguntan unos y otros. ¿Cuánto espacio de práctica profesional queda para un médico, un abogado o un periodista, pero también para un chofer, un obrero fabril o un oficinista? ¿Acaso todas nuestras profesiones tienen los días contados, poseen fecha de vencimiento?²²¹

Pesquisa realizada na Argentina, em 2012 (DI GIOVAMBATTISTA *et al.*, 2012)²²², já demonstrava que a revolução tecnológica levou a uma busca mundial por pessoas que tivessem altos níveis de conhecimento, envoltos em sofisticação, o que foi altamente impactante no mercado de trabalho. Este, além de ter se tornado mais fragmentado e heterogêneo, passou a exigir a capacitação e a especialização como porta de entrada para cada vez mais distintas funções.

Pode-se identificar que, como comentado anteriormente, não há profissões que estejam seguras, mas se pode depreender a importância de compreender o que o futuro espera – pessoas que saibam operar com inteligência artificial, que saibam criar códigos de programação que façam essas máquinas moderníssimas funcionarem. A educação formal, portanto, é parte essencial dessa história que compõe o ‘admirável mundo novo’ da tecnologia 4.0.

Como fica o ser humano diante dessa nova configuração de trabalho que exige dele alta criatividade, raciocínio multifacetado, inovação, em um ambiente cada vez mais instável e competitivo? Competitivo, ressalte-se, não somente com outros seres humanos, mas com robôs. Estes, como já apresentado, não têm problemas de culpa, de consciência. Apenas executam funções. No entanto, o ser humano tem com o trabalho uma relação secular e diferenciada da dos robôs. Sobre essa relação pontuo a seguir:

²²¹ O panorama, na Argentina, mas também na região, é claro: os robôs e a automação do trabalho estão avançando em todo o mundo, a taxas chinesas (rapidamente), mesmo em países com baixos níveis de automação de seus sistemas de produção. Em um artigo publicado pelo BID, em colaboração com os Bancos de Desenvolvimento da África, Ásia e Europa, nota-se, em uma breve nota de rodapé, que aproximadamente 53% do tempo dedicado ao trabalho na Colômbia e no Peru, e quase 50% do tempo na Argentina, Brasil, Chile e México poderia ser automatizado no médio prazo. Sim, como você está lendo. O que será do ser humano em um mundo dominado por robôs, inteligência artificial e aprendizado profundo gerado por máquinas e algoritmos? as pessoas se perguntam umas às outras. Quanto espaço de prática profissional resta para um médico, um advogado ou um jornalista, mas também para um motorista, um operário ou um balconista? Todas as nossas profissões têm seus dias contados, eles têm uma data de validade? (tradução livre, própria do autor desta pesquisa, 2018).

²²² DI GIOVAMBATTISTA, Ana Paula; PANIGO, Demian Tupac; MEDICI, Florencia; GÁRRIZ, Ana Inés; *Trabajadores pobres en Argentina*; Centro de Estudios e Investigaciones Laborales; **Empleo, Desempleo y Políticas de Empleo**; n. 12; p. 1-69, 4º trim.2012. Disponível em: <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/wp-content/uploads/2013/07/edpe12.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

Friedmann (1968)²²³, em edição original publicada cinco anos antes, em 1963, já levantava uma questão que é um dos eixos deste meu trabalho de pesquisa. Além de vislumbrar um futuro cada vez mais especializado e qualificado, o autor questionava: o que seria da massa de trabalhadores que não estão nesse seleto conjunto de profissões especializadas? Embora seja um trecho mais longo, considero essencial citar essas ideias do autor, por condensarem a problemática que envolve o sentido do trabalho:

Ponhamos de parte o caso dos quadros responsáveis a todos os níveis, chefes, funções de reparação e de manutenção, técnicos qualificados, profissões liberais, cujas responsabilidades são também muitas vezes transformadas pelo progresso técnico e pela especialização cada vez maior. Sem entrar no pormenor de avaliações estatísticas que não têm cabimento aqui, é no entanto evidente que a massa dos homens (ela própria em rápido aumento em consequência do surto demográfico, verdadeira <<explosão>> em certos países), não poderá ser convertida a estas funções privilegiadas. Em que irá tornar-se a vida dessas massas para quem o centro de gravidade da existência e as possibilidades de uma realização pessoal não estarão no trabalho, mas fora dele? O <<descanso>> (...) poderá substituir o trabalho enquanto centro de gravidade, e enquanto centro de equilíbrio psíquico e de satisfação na vida humana? (FRIEDMANN, 1968, p. 252).

Pensando no trabalho como aquilo que contribui para conferir humanidade aos indivíduos, a formação mais especializada e qualificada não pode prescindir do aspecto 'humanitário' porque sem ele, em meu entendimento, não se pode construir uma base que favoreça a dignidade.

A educação formal necessita, portanto, considerar esse aspecto em sua estrutura; somente assim poderá potencializar os espaços para a construção da dignidade e do respeito entre os indivíduos, respeito este que irá reverberar nas relações sociais e laborais e favorecer a integração, reduzir a desigualdade, ampliar a inclusão, mitigar a vulnerabilidade dos hipossuficientes. Castel (2010, p. 569)²²⁴ assim ilustra:

Os "excluídos" são, na maioria das vezes, vulneráveis que estavam "por um fio" e que caíram. Mas também existe uma circulação entre essa zona de vulnerabilidade e a da integração, uma desestabilização dos estáveis, dos trabalhadores qualificados que se tornaram precários, dos quadros bens considerados que podem ficar desempregados.

Considerando essas ponderações e o contexto atual, faço a tessitura deste capítulo com a proposição da tese ressaltando os motivos da escolha pela pesquisa em ambientes de educação superior – o local da construção do conhecimento, o

²²³ FRIEDMANN, Georges. **O futuro do trabalho humano**. Tradução de Maria Manuela Serrão. São Paulo: Moraes Editores, 1968.

²²⁴ CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Tradução: Iraci D. Poletti. 9 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

local da troca, do acolhimento e da oportunidade para todos. Entendo a universidade em seu sentido mais amplo, o da 'universalidade', condição do que é universal. Universal abrange todos.

Todos, em meu entendimento, é um termo que abraça, no sentido conotativo e denotativo do termo, os que lá atuam, também, independentemente da função que exercem. De todas essas elocubrações, fiz-me a pergunta: estará a universidade, ou as instituições de ensino superior de forma mais ampla, estimulando ou proporcionando alguma facilidade para que os trabalhadores que exercem funções laborais identificadas como menos qualificadas, mais simples, possam se aprimorar, se formar, crescer, para agir no mundo do trabalho e ter sua dignidade respeitada e contemplada nas relações sociais que marcam esse mundo do trabalho? A quem ouvir? Aos protagonistas e sujeitos principais dessas reflexões: os trabalhadores.

Então, cabe voltar ao objetivo central desta tese: identificar e compreender o imaginário dos trabalhadores que exercem funções simples e as exercem em um mundo cada vez mais envolto em relações laborais nas quais estão presentes as exigências de qualificação e de conhecimento de tecnologia. Para alcançar este objetivo, cumpre lembrar que se propõe ir além do simples raciocínio reflexivo; busca-se ouvir as vozes de quem é o principal ator participante dessa relação: os trabalhadores; eis, pois, as suas vozes, as suas expressões, as suas palavras registradas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4. O SENTIDO DO TRABALHO NA VISÃO DOS TRABALHADORES QUE EXERCEM FUNÇÕES QUE EXIGEM MENOR QUALIFICAÇÃO COMO AS DE PORTEIRO, FAXINEIRO, SEGURANÇA – AS VOZES DOS SUJEITOS OCULTOS AO MAINSTREAM

Introduzindo este capítulo, é importante tecer algumas considerações que aprofundam o aspecto metodológico da ação de pesquisa e, para tanto, partirei para a apresentação de alguns elementos que compõem o contexto do exercício de investigação. Cabe destacar, primeiramente, que o exercício de realizar a leitura cultural implica afastar preconceções e ‘certezas’ que podem trazer uma miopia ao pesquisador. Implica, também, ter o interesse genuíno em conhecer a pessoa que será a protagonista de pesquisa e, ao ouvi-la praticando uma escuta ativa, ter o exercício dialógico que possibilite vir à tona a sensibilidade da leitura do mundo. Por fim, cumpre compreender o ambiente.

Nessa compreensão dos fatos, alguns alertas estão muito presentes para o pesquisador que deseja compreender o outro: zelar para que seja criado um ambiente de segurança que possibilite à pessoa expressar-se sem medos ou inseguranças de qualquer natureza que possa enviesar a resposta; construir um espaço de troca que seja pautado pelo respeito e pelo genuíno interesse em ouvir ativamente o protagonista da pesquisa.

Tendo em mente esses cuidados, é necessário informar que todos os nomes adotados nesta pesquisa são fictícios, e assim o foram para que se possa evidenciar a qualidade de reais sujeitos de pesquisa, singularizados, sim, nominados, sim, mas preservando o anonimato das pessoas e gerando uma relação mais espontânea entre o protagonista da pesquisa e a pessoa que realiza esse trabalho de investigação.

Ressalte-se que, como esse grupo pesquisado, realizador de tarefas simples, rotineiras, pouco valorizadas socialmente, costuma ser invisibilizado e discriminado, essa garantia de anonimato dá a cada pessoa mais conforto e potencializa a probabilidade de a expressão do pensamento ocorrer sem amarras prévias ou medo de alguma retaliação ou punição por parte do empregador.

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, em decorrência da pandemia, foi necessário aplicar técnicas de pesquisa como entrevistas semiestruturadas e questionários, alguns respondidos assincronicamente, por conta das limitações de acesso ao ambiente das instituições de ensino superior. Mantive, no entanto, o foco de, sempre que possível, colocar em prática a parte da pesquisa que se referia ao contato e à construção do relacionamento com os sujeitos da investigação.

As primeiras sete abordagens foram feitas antes da pandemia e resultaram de um contato construído ao longo de, em média, três anos com os participantes protagonistas; em decorrência dessa construção de relacionamento, as falas dos protagonistas e as minhas percepções, como mediador cultural, são mais extensas, como esperado na aplicação do método de leitura cultural.

Já no período de pandemia e pós-pandêmico, algumas instituições permaneceram com atividades de ensino paralisadas ou ocorrendo em modo híbrido, o que se impediu a construção de um contato mais frequente e de interações cotidianas. A opção possível, considerando os objetivos e a forma de abordagem que considera o sujeito de pesquisa como protagonista, foi recorrer às entrevistas semiestruturadas e trazer, ainda, a opção de respostas por escrito, quando o entrevistado considerava mais pertinente, dadas suas condições de privacidade e liberdade para responder, o que ocorreu, algumas vezes, fora do ambiente de trabalho propriamente dito. Para essas ações realizadas do período de pandemia em diante, contei com a colaboração de colegas professores que fizeram a ponte, a apresentação da minha pessoa aos sujeitos de pesquisa.

É necessário destacar que a abordagem do método de leitura cultural e de técnicas de pesquisa como entrevista semiestruturada e questionários já estava prevista, por sugestão dada em uma banca de qualificação, e o intuito era o de ampliar as vozes de mais trabalhadores, dado o ponto central deste trabalho de pesquisa. Como o método de leitura cultural exige tempo para conhecimento e construção do relacionamento com as pessoas, em geral as pesquisas que o utilizam envolvem poucos participantes, como, por exemplo, quatro, cinco pessoas. Já a entrevista semiestruturada e a aplicação de questionários ampliam o contingente pesquisado. Com a pandemia, o que antes era uma proposição tornou-se imperativo

para que se conseguisse o contato com pessoas em outros países, em períodos em que viagens e ingresso em instituições de ensino superior estavam suspensos.

4.1.1 O método de leitura cultural

O método de leitura cultural busca a construção de um diálogo verdadeiro, de um processo dialógico, entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, visando ao alcance de um significado social que, segundo Medina (2003)²²⁵ pode ser obtido quando se aplica a estética da narrativa. Ao narrar, o ser humano consegue produzir sentidos organizando o mundo que o cerca; ao narrar, o indivíduo produz cultura, pode ser o sujeito de sua história. Nesse processo dialógico, a troca entre os dois lados é a tônica – o processo em que existe espaço para a subjetividade é um processo em que há o encontro das distintas visões de mundo, tanto do sujeito de pesquisa quanto do sujeito pesquisador. Assim, a leitura cultural procura identificar, nas narrativas do cotidiano dos atores sociais, quais são os elementos culturais que compõem o seu repertório e que revelam qual o sistema simbólico cultural que apresentam (SEIXAS, 2016).²²⁶

Faz-se necessário observar que o método de leitura cultural permite que a narrativa dos entrevistados, que são os protagonistas da pesquisa, possa ser apresentada trazendo à tona a voz das pessoas, cabendo ao pesquisador realizar um trabalho de compreensão e do exercício do diálogo para compreender a expressão cultural e ser um autor do que chamamos de mediação social (MEDINA, 1996²²⁷). Assim, ao longo de três anos, entre 2018 e 2020, buscou-se estabelecer espaços de troca com vários desses interlocutores, trabalhadores latino-americanos que apresentam suas perspectivas sobre o trabalho e o sentido que o exercício da ação laboral traz a eles.

De forma sintética, pode-se dizer que os aspectos éticos de pesquisa não se limitam a apenas aplicar uma lógica analítica, um *modus operandi* técnico, que

²²⁵ MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

²²⁶ SEIXAS, Renato. Migração simbólica e dialética da identidade cultural no processo de migração. **Cadernos Prolam/USP**, v. 15, n. 29, p. 14-37, jul/dez.2016. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2016.128802.

²²⁷ MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

busque a isenção e a objetividade; no relacionamento com outros indivíduos, na busca da compreensão de um fenômeno social, há também um lado subjetivo, há o que Medina (2003)²²⁸ chama de afeto, de arte de tecer (MEDINA, 2008)²²⁹ o que se está estudando (o presente), de *insights*, da linguagem dialógica. Nessa linguagem, as diferenças culturais são respeitadas e existe, na narrativa, a presença dos múltiplos significados (a polissemia) e das múltiplas vozes (a polifonia) que são parte do processo no qual o sujeito de pesquisa é um sujeito de pesquisa, verdadeiramente.

Em especial, os sujeitos de pesquisa têm importância ímpar, em meu entendimento. Eles são, como o nome diz, sujeitos, não objetos. Eles são aqueles que podem, por meio de sua visão de mundo, trazer ao pesquisador novos horizontes de pesquisa, permitindo descobertas de novas formas de construir significados, de realizar associações entre teorias e as visões que refletem aspectos culturais e históricos. A racionalidade, embora tecnicamente correta e lógica, é insuficiente para se construir significados, principalmente no contexto entremeado de subcontextos que envolve as ciências sociais.

Logo, minha pretensão, conforme apontei na abertura deste documento de pesquisa, é ser, antes de um pesquisador, um ser humano (SARSUR; CRUZ, 2003)²³⁰; então, cheio de incertezas, vazio de certezas pré-determinadas, busquei ouvir os sujeitos dessa pesquisa – porteiros, faxineiros, seguranças, trabalhadores nas Instituições de Ensino Superior às quais tive acesso para a investigação, em Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba, para identificar, registrar, analisar, refletir sobre suas vozes acerca do trabalho que exercem, em um contexto no qual o ser humano vem sendo substituído, no mundo do trabalho, pela alta tecnologia advinda da computação cognitiva ou inteligência artificial; em um mundo que, além da substituição por máquinas, há outras substituições, mais sutis, da pessoa que, dependendo da profissão que exerce, passa por um processo de invisibilidade social, de desconsideração, desprezo, inferioridade.

²²⁸ MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

²²⁹ MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

²³⁰ SARSUR; Amyra Moyzes; CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da. A função gerencial na encruzilhada: dilemas contemporâneos. **VI SEMEAD**. 2003. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/6semead/ADM%20GERAL/063Adm%20-%20A%20Fun%20Gerencial%20na%20Encruzilhada.doc>>. Acesso em 29 dez.2018.

É importante lembrar que a linguagem expressa a forma de ver o mundo, ela verbaliza a construção social que cada indivíduo faz de seu entorno; por conseguinte, é essencial que se ouça o outro, que se busque a compreensão das vozes que ressoam para verbalizar o que, culturalmente, se entende por sentido do trabalho, sob a perspectiva de quem o protagoniza, não por vozes traduzidas ou interpretadas segundo a ótica de quem pesquisa.

Para tecer o presente, Medina (2008, p. 30)²³¹ destaca quatro elementos: “contexto social, protagonismo anônimo, identidade cultural/raízes históricas e diagnósticos e prognósticos especializados”. Destaco o protagonismo anônimo – as vozes daqueles que não são os protagonistas oficiais, os ‘porta-vozes’, os atores sempre ouvidos - como fundamental nessa pesquisa proposta. Espero superar meu ‘analfabetismo de afeto’ e conseguir pesquisar reduzindo os pré-conceitos ou visões formadas de mundo para que possa ter a sensibilidade de registrar e transmitir algo tão complexo quanto a intertextualidade das narrativas, lembrando sempre que a ambiguidade, questões não resolvidas, lacunas não preenchidas, não somente fazem parte da vida quanto da pesquisa.

Ao contrário de nos fazer arrefecer, as limitações da pesquisa deveriam ser vistas como parte natural de um conjunto das ciências sociais que é infundável. Da limitação de uma pesquisa é que se desenvolvem muitas outras mais, e o ser humano continua em sua missão de buscar compreender o mundo, ou melhor, um fenômeno desse mundo que escolheu para ser pesquisado.

Cumprido lembrar que nesse mundo da tecnologia 4.0, em que domina a tecnicidade e a objetividade, há aspectos essenciais na compreensão da realidade ou na tentativa de reduzir os limites da ciência e da pesquisa que precisam ser observados. Recorro, novamente, a Medina (2003, p. 67-68)²³²: “o tempo que pode ser medido objetivamente pelas máquinas cada vez mais aceleradas não contempla, entre outros, o tempo das subjetividades, o tempo das culturas, o dos mitos. E é nessa trama sutil, subjacente à história, que se tece o tônus de um povo.”

Assim, passo agora a apresentar o resultado do ‘tecer a trama’ do presente no caso do objeto de pesquisa – o trabalho e sua relação com a emancipação da pessoa humana – com os sujeitos de pesquisa são trabalhadores que atuam em

²³¹ MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

²³² MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

Instituições de Ensino Superior em Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba, exercendo funções de porteiros, faxineiros, seguranças. Como sublinhado na justificativa para esta pesquisa, essas pessoas que executam funções mais simples são pouco ou nada consideradas sob o ponto de vista da vocalização de suas visões acerca do trabalho. Dificilmente são protagonistas, tanto na esfera acadêmica, quanto na esfera executiva, comercial, econômica que envolve as características do trabalho, mas, aqui, são os sujeitos principais, cujas vozes serão reverberadas nas páginas seguintes.

4.2 O EXERCÍCIO DA LEITURA CULTURAL ANTES DA PANDEMIA

A dinâmica de escutar, dar voz e esses trabalhadores está estruturada em entrevistas mais livres do que semiestruturadas. O roteiro elaborado e apresentado no Apêndice A serviu como ponto de partida da interação entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. Primeiramente, realizei um pré-teste em dezembro de 2018 com três pessoas – uma pessoa atuando na segurança, uma pessoa atuando na limpeza, uma pessoa atuando na portaria – este pré-teste permitiu a identificação do rico universo de sentidos que os sujeitos de pesquisa trouxeram para este trabalho e permitiram reforçar os benefícios da escolha do caminho metodológico apresentado na introdução deste trabalho e da adoção do método da leitura cultural.

Cumprir observar que foi um pré-teste de aprendizado para mim, à época recém-iniciado no método da leitura cultural. Com o tempo e com o aprendizado adquirido nas disciplinas cursadas na pós-graduação, em especial a de Cultura e Diversidade, da Profa. Cremilda Medina, ampliei a compreensão do que é ouvir o protagonista da pesquisa e procurar ser um mediador autoral do que esse protagonista quer dizer.

Entre fevereiro de 2019 e março de 2020 foram realizados sete acompanhamentos de pessoas com as quais tive mais do que um contato para a realização de uma entrevista; foram pessoas com as quais já vinha convivendo, algumas desde 2014, a maioria desde 2018, e com as quais pude construir uma relação dialógica pautada pelo respeito e pelo genuíno interesse em compreender

suas vozes e ter a construção destes resultados de pesquisa consciente de meu papel como mediador autoral.

Assim, apresento, os resultados desse convívio e da aplicação do método de leitura cultural. Todos os nomes foram alterados, visando preservar o anonimato e trazer mais segurança a quem quis participar, mantendo, por outro lado, a singularidade a cada uma das pessoas que foram os protagonistas desta pesquisa.

LEONARDO ANTONIO

Leonardo Antonio, rapaz de 32 anos, estudante de Logística no sistema EaD, que estava exercendo a função de porteiro desde 2014 em uma universidade privada localizada na zona oeste de São Paulo, capital, ao comentar sobre o que ele gostaria que houvesse de diferente em suas atividades, respondeu que ele queria mais reconhecimento e que pudesse fazer apenas o que a função dele permitia. O que mais gosta, em seu trabalho?

- Comunicação com o público.

Foi parar nessa profissão por quê?

- Porque oferecia base salarial um pouco melhor.

Não via nada marcante em sua profissão, e entendia o trabalho como progresso, como uma forma de poder ajudar a sua família. Se pudesse escolher outra profissão para ter, respondeu:

- Trabalhar com entregas, porque já trabalhei na área. Ou música, porque sou compositor, ou humorista, porque sou criador de vídeos.

O que gosta de fazer nas horas vagas?

- Mexer no carro, fazer churrasco, ficar com as minhas filhas.

Já se observa, aqui, nessa interação, o desejo que o protagonista da pesquisa apresenta de se ter um trabalho que permita criar, que traga autoestima, que dê espaço para o sonhar. Também se encontra, aqui, o tempo de não trabalho, no qual se 'trabalha' com o que se gosta, isto é, se cria fazendo aquilo que lhe dá satisfação e que não é entendido, formalmente, como trabalho.

O exercício de uma função considerada, aos olhos sociais, como algo corriqueiro ou simples, de 'pouco' valor no sentido do que se valoriza como status, pode levar os outros a verem aquele que executa a função como uma pessoa sem sonhos ou com sonhos mezinhos, de pequenos alcances. Ao ouvir o protagonista porteiro comentar, com um brilho nos olhos, que gostaria de ser compositor ou

criador de vídeos, voltou à lembrança as leituras sobre a formação do cidadão, sobre o dever do Estado e das empresas em atuarem para que o ser humano tenha sua dignidade. Na dignidade não cabem os sonhos? Que caminhos poderá essa pessoa trilhar para alcançar o que deseja? Qual o sentido que ela dá ao seu trabalho? Que futuro vislumbra?

Leonardo Antonio me impacta como pesquisador porque ele se permite considerar possibilidades que refletem seus sonhos; ele não as aborta, ele as deixa em um plano imaginário possível e que pode ser executado, pode vir a ser real, e ousa afirmar isto por tê-lo acompanhado por uns anos, vendo suas ações e espaços para criar que ele mesmo construía, ou abria – seja tornando seu tempo de trabalho um tempo de expressar seus sonhos na atividade dura, técnica, cotidiana, seja no exercício de explicitar a sua voz no ambiente de trabalho. Já o encontrei criando *jingles* para as campanhas da CIPA e fazendo campanha dele mesmo, conquistando as pessoas pelo exercício de seus dons e de suas habilidades no dia a dia sem cor da função técnica e rotineira que exercia.

CARLOS ALBERTO

Outro ‘entrevistado’ no ‘bate-papo’ inicial foi um segurança, Carlos Alberto 46 anos, casado, quatro filhos. Atua na mesma universidade particular do primeiro participante. Começou atuando na área em 2015, por quê?

- Por falta de opção de emprego no mercado.

Gosta da possibilidade de ter interatividade com o público e da responsabilidade que a função exige, não havendo nada que ele gostaria que fosse diferente no que faz. Ah, sim, é por quê?

- Pois todos os dias me deparo com diferentes situações.

Trabalho, o que significa?

- Dignidade, responsabilidade, prazer, satisfação, cansaço (risos) e aprendizado.

Eis o trabalho, em sua quase dicotomia, sendo fonte de satisfação e fonte de cansaço, aquilo que queremos e não queremos, que precisamos e não queremos abrir mão, mas, ao mesmo tempo, há momentos em que queremos o tempo de não trabalho, o tempo de sair do cansaço, da rotina, para se completar, se autorrealizar além dos limites da atividade do trabalho.

Não quer mudar de profissão? Não.

Por quê?

- Hoje, estou me satisfazendo com a minha, pois estou sendo reconhecido e valorizado pela empresa que trabalho.

A busca pela autorrealização, pela valorização, pela completude no trabalho está presente no discurso e o exercício da profissão atual, por satisfazer tais condições, leva Carlos Alberto ao desejo de manter a situação atual.

Sonhos para o futuro?

- Me especializar em minha área e continuar dando segmento até virar supervisor ou alguma função mais acima.

O que gosta de fazer nas horas vagas?

- Às vezes sair, às vezes descansar, depende da ocasião das horas vagas.

A ideia do tempo de não trabalho é associada a algo que traga uma satisfação de outra necessidade que pode ser o descanso, pode ser o envolvimento com outra atividade – é interessante notar que o tempo de não trabalho é o tempo do ‘ser’, do fazer-não fazer algo que lhe seja agradável; não é o tempo do ‘ter’, no sentido mais material do termo, ou de produzir.

Não estuda atualmente, estudou até que nível?

-2º grau incompleto.

Há vários caminhos a serem explorados para compreender o sentido que o trabalho tem para essa pessoa. Seu discurso coaduna com a visão de trabalho como forma de construção da dignidade, da auto estima, do reconhecimento – lembrou o mito do senhor e do escravo, quando estávamos dialogando. Lembrou-me, também, a educação como forma de melhoria para o trabalho – quando Carlos Alberto comenta sobre a especialização para ‘subir’ de cargo – a educação profissional é vista como ‘possibilidade de’, como instrumento para... há uma associação entre educação e trabalho que vislumbro na fala de Carlos Alberto.

IRACEMA LÚCIA

O terceiro participante nessa conversa inicial foi uma senhora que trabalha na limpeza de uma universidade particular. Ela demonstrou grande interesse em participar e retomamos nossa conversa mais uma única vez, antes da pandemia. Depois, o contato foi perdido porque a instituição de ensino foi reduzindo os ingressos dos estudantes e foi rescindindo contratos de trabalhos com terceirizados. O que pude compreender ao conhecer e dialogar com Iracema Lúcia, se pudesse

resumir, é que ela tem uma vontade de se desenvolver, no entanto, seu imaginário sobre o trabalho e a educação reproduz os limites que lhes foram apresentados ao longo da vida.

Iracema Lúcia tem 57 anos, três filhos, é separada, veio da Bahia e estudou até a 4ª série. Trabalha nessa função desde 2014, mas já foi costureira e já trabalhou como doméstica. Relata, espontaneamente, que sente vontade de estudar trabalhando na Universidade.

Por que não estuda? Porque não tenho condições.

Veio para a profissão porque precisava de emprego e o que ela mais gosta no trabalho é de quê?

- Das colegas de trabalho. Ri.

Trabalho, o que significa?

- Ter dinheiro no bolso.

E se pudesse escolher outra profissão?

Costureira, por gosto.

Sonhos para o futuro?

- Acabar a casa.

O que você gosta de fazer nas horas vagas?

- Limpeza em casa. Ri, novamente.

Aqui, o tempo de não trabalho é o tempo de trabalho, é a função do tempo de trabalho que, feita no tempo de não trabalho, é prazerosa. Reconheço a complexidade que me toma quando tento realizar a compreensão dessa fala, ou melhor, desse sentido do trabalho e do não trabalho relacionado a uma mesma ação. O que representa, então, o que caracteriza o trabalho? O local, o espaço geográfico, as pessoas? Penso no caráter social do trabalho que Iracema Lúcia destaca e fico me perguntando sobre o impacto que a substituição do ser humano por máquinas tem nessa função social – vale lembrar a experiência de Hawthorne nos primórdios da administração enquanto ciência, que levou a uma quebra de paradigmas sobre a produtividade como sendo restrita a fatores higiênicos, como luz, cadeiras, mesas – ao constatar que o ser humano era mais que um *homo economicus*, era, também, um *homo socialis*, o psicólogo Elton Mayo remeteu a um sentido do trabalho até então ignorado, e que se permeia de importância até hoje.

Bem, esses pequenos trechos exemplificam três visões particulares, um mundo caleidoscópico que se vislumbra na construção dos sentidos do trabalho para

os sujeitos que têm suas narrativas apresentadas nesta pesquisa e servem como 'ponto de partida' para a riqueza da leitura cultural que as vozes das pessoas trazem para a compreensão de um fenômeno.

Após a qualificação para o mestrado e contando com as recomendações dadas pela banca, procurei ampliar as conversas com os porteiros, faxineiros e seguranças com os quais fui fazendo uma amizade e apresentando um interesse genuíno em conhecê-los e melhor compreendê-los, sem as amarras das ideias pré-concebidas ou das perguntas fechadas. Durante as aulas da disciplina *Cultura e Diversidade*, intensifiquei os contatos com os protagonistas e realizei mais quatro entrevistas:

MARIA DA LUZ

Quem primeiro aparece aqui é a Maria da Luz. Após longo contato verbal e acompanhando-a no âmbito de uma universidade pública em São Paulo, no dia 29 de novembro de 2019, recebo o prêmio de ouvir o seu relato.

Minha profissão: limpeza. Eu nasci em Pernambuco e comecei a trabalhar na roça com 10 anos de idade, meu pai João de Souza e mãe Benedita de Souza, mas só a minha mãe tá viva, meu pai já faleceu em Ouricuri – Pernambuco, a gente trabalhava na roça, aprendi tudo de roça, tenho nove irmãos, cinco homens e quatro mulheres é cinco, mas uma faleceu, não mais ou menos sou no meio, e estudo eu não tive muito tudo, eu não tive a oportunidade de estudar, porque a gente quando a gente morava na roça e meu pai também não tinha condições de pagar, então ele pagou um professor para ensinar a gente um pouco em casa, então o pouquinho que eu aprendi foi em escola, o professor ensinava na minha casa mesmo meu pai pagou. Mas foi pouco, pouco tempo, acho que um ano mesmo que a gente teve de aula. Já estou com 25 anos aqui em São Paulo e aí eu vim para cá para São Paulo, já casada. Meus dois filhos, só tenho dois filhos, um casal, meu filho tem 29 anos e a minha filha tem 26 anos, ela já é casada, meu filho é solteiro mora comigo meu esposo e graças a Deus, a gente veio de lá para cá moro morei com a minha irmã, porque não tinha condições quando eu cheguei aí comecei arrumar um trabalho, eu trabalhei 11 anos em restaurante ajudante de restaurante, meu esposo ele trabalha como segurança, mas só que é não é tipo de segurança de rua, aí ele trabalha como segurança, ele tem 52 anos e eu vou fazer 51 anos, pois é, e foi assim a nossa vida aí, não estudei mais e eu assino meu nome e ler eu leio um pouquinho mais, porque

na época que meu pai pagou a gente lia mais que escrevia, entendeu, era aquelas cartilhas ABC e tudo aquilo, você sabe. Chegou aqui foi maravilhoso, maravilhoso estar lembrando dessas coisas e emociona lembrar.

A quem ouve, emociona também. Emociona porque o relato relembra os escritos sobre o valor da educação, as expectativas que tantas famílias têm, ao levarem seus filhos à escola, os desejos projetados daquilo que outrora foi um sonho, e está lá, no inconsciente, de ter uma formação, de ter uma profissão, de que o filho fosse o que o pai queria ser... Medina (2006)²³³ destaca que o pesquisador tem de estar atento para que possa realizar os nexos entre a cultura e aquele que é o protagonista social. Se houver sensibilidade, é possível observar e dialogar, realmente realizar uma produção de conhecimento do mundo por meio do exercício dessa observação, registro e construção do texto, pela narrativa. Ao ouvir Maria da Luz, relembrei tantos outros relatos de pessoas que sonham com a educação para mudar de vida, inclusive a própria família de onde venho. Quem já não sonhou em ter um filho médico, advogado, engenheiro?

Maravilhoso, maravilhoso não lembro dos meus, o meu professor já faleceu que era o Manuel Rodrigo que meu pai pagava para ele, ele já faleceu meu professor dessa época que meu pai pagava para ele em casa para gente na gente aí desse negócio de palmatória, quando a gente não respondia a questão certinha as perguntas e foi meu primeiro emprego foi no restaurante, ajudante restaurante, eu trabalhei 11 anos aí eu achei que era muito puxado, porque eu tenho que trabalhar sábado, domingo e feriado, então não tinha muito tempo de ficar com a família né, aí eu fui mandado embora desse serviço, eu morava de aluguel, aí eu fui mandado embora desse serviço recebi os meus direitos juntei com que meu esposo ganhava e a gente comprou uma casa, aí a gente comprou a nossa casa na zona sul, perto de Diadema, aí a gente foi morar lá eu saí desse ramo de restaurante, aí eu falei assim: não, eu não quero mais restaurante muito puxado, eu vou procurar uma outra coisa, aí eu fui procurar, mas como eu não tenho estudo sabe uma formação de estudo, eu não consegui, aí eu consegui na limpeza tá bom vamos em frente né, e aí em outras empresas já passei por outras empresas por várias empresas já passei de limpeza e aí fui mandada embora algumas perdeu o contrato não recebi eu não

²³³ MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

recebi e fui e aí fiquei um ano dois anos em casa e aí foi quando eu parti para arrumar em outra e consegui nessa eu tô aqui na empresa, eu tô com quatro anos de empresa na Riachuelo, porque a empresa também trabalha para Riachuelo e eu fui contratada para Riachuelo, e aí teve um probleminha na Riachuelo e aí ele me tiraram da Riachuelo e me jogaram para cá, e aí aqui eu já vou fazer vou fazer um ano que eu tô aqui, eu tô aqui e aqui eu gosto de trabalhar aqui apesar e para mim é muito longe é muito longe.

Eu saio daqui às 2 horas e 20 minutos e chego na minha casa as 4 horas e 30 minutos da tarde. De manhã, eu tenho que acordar às 3 horas e trinta minutos e tenho que pegar o ônibus no máximo as 4 horas e 30 minutos e tem que chegar as 6 horas aqui, aí eu tenho que pegar eu pego um ônibus e dois trem para chegar até aqui então é um pouco longe né, mas assim como não tem outra né aí eu tenho que vir para cá mesmo né aí mas eu dou graças a Deus né, eu tenho vontade de estudar porque eu não tive outra oportunidade entendeu, então foi o que eu tinha que aparecer fui pegando entendeu mas assim eu tinha vontade de estudar para você meu tempo também não dá muito para estudar, porque assim eu saio daqui já chego em casa, aí tem que fazer os afazeres de casa né, porque só tem eu também né só eu mesmo aí tem meu esposo tem meu filho também para cuidar fica lavar tem que passar.

O meu filho é mecânico de automóveis e o meu esposo é segurança e a situação de hoje as pessoas vão ficar desempregadas é porque essa tecnologia está bem abastada e a preocupação é que vai ficar sem trabalho, então o certo é partir sei lá, um curso para estudar, mas estudar como, porque a gente não tem oportunidade, né, para estudar. Aqui trabalhando na universidade a gente até pensa em estudar, mas quando você olha assim, eu vou estudar como, o meu salário é tão pequenininho para pagar e tão longe para vir até aqui já trabalho aqui né, é muito caro para fazer isso e o salário que a gente ganha é pequenininho e você não ganha um salário assim que dá para..... Meu sonho de menina eu gostaria de trabalhar num serviço que ganhasse melhor, uma profissão que ganhe melhor, porque é uma vida bem....., mas enquanto não aparece a gente ou não tem oportunidade, vai levando.

Maria da Luz demonstra, em sua fala, uma preocupação com a tecnologia e volta ao ponto da educação como forma de reduzir o impacto da tecnologia. Contudo, ao verbalizar a falta de oportunidade, remete-me à garantia da dignidade, preconizada pelas leis, mas muitas vezes longe da realidade do trabalhador simples.

Este apresenta vontade de estudar, reconhece a importância que a educação formal tem – ou teria – para ele, contudo, não encontra os espaços para viabilizar seu sonho de criança. Não se trata de uma exposição de vitimismo; trata-se de uma realidade à qual o trabalhador que exerce funções simples é exposto: há reduzidas opções ou oportunidades para quem necessita trabalhar saindo bem cedo de casa, como relata Maria da Luz, enfrentar um longo tempo no transporte coletivo, chegar ao emprego, trabalhar, enfrentar mais um longo tempo de retorno, chegar a casa, trabalhar...

Eu já folheei algum dos cursos na Universidade, mas tudo é pago e se tivesse oportunidade eu estudaria sim, até por que eu tenho vontade de escrever uma letra bonita assim e rápida. Eu não escrevo rápido, o pouquinho que escrevo é muito devagar. Eu gosto e ler e ler muito a palavra, estudo a Bíblia e leio a Bíblia, sim com certeza, que você aprende vida espiritual também, então, a gente tem que se alimentar espiritual, por que não adianta só alimentar só a carne, tem que alimentar o espírito, né.

Não passeio muito. Somente viajo quando estou de férias e aí vou visitar minha mãe que está no Pernambuco, onde está minha família. Mas aqui mesmo é difícil, por que trabalho de segunda sábado e no domingo quero descansar e fazer as coisas, lavar e limpar. Eu queria conhecer alguns lugares, até aqui em São Paulo, queria conhecer parques, pontos bonitos que a gente não conhece. De casa para o serviço e ponto, aquele mundinho mesmo. A gente não tem conhecimento, se eu disser que conhece lógico que não, sempre que cheguei aqui em São Paulo, sempre trabalhei, então, quem trabalha. Eu trabalhei 11 anos no restaurante, de segunda a domingo, agora trabalho de segunda a sábado, tenho folga no domingo, aonde eu vou? Domingos e nem sempre vou a Igreja. Antes eu ia na Mundial, mas agora eu reúno com meus irmãos em casa e leio a palavra e discuto e está tudo ótimo.

Antes eu não tinha vontade de voltar para Pernambuco, mas hoje já tou com... tenho vontade de voltar, por que aqui tá ficando muito difícil a cidade está ficando muito agitada, muito perigosa sabe muita sei lá muita coisa muita coisa ruim acontecendo, então lá é um lugar mais tranquilo, mas sossegado apesar de não ter muito trabalho, mas é mais tranquilo e aqui também se não tiver se você não tiver trabalhando você não tem como sobreviver e lá si mesmo você tem um pedaço de terra você pode plantar alguma coisa tirar da roça né vou, fazer uma irrigação para

plantar e dali você tira o que você come e aqui se você não tiver trabalhando é bem complicado.

Eu escolhi essa profissão por eu gosto de limpeza de limpar, mas eu gostaria de ter alguma coisa para mim, fazer alguma coisa para mim, eu gostaria de ver se eu tivesse condições mesmo eu abriria uma loja para vender roupas eu não sei agora né, porque assim a gente não como a gente não estuda aí depois a gente não tá bem por dentro do ramo, entendeu? Porque para, eu acho que para a gente ficar por dentro do ramo a gente tem que estudar um pouco ver, né observar a gente não tem tempo de né eu gosto eu gosto eu gosto mas não tem Eu gosto de sempre gostei de fazer limpeza, assim, eu gosto de fazer de limpar de ver as coisas tudo limpinho, assim, eu coloco eu tenho eu gosto de tudo um pouco, então de tudo eu me dou bem com meu pai colegas e também me dou bem assim porque eu não sou uma pessoa assim de sabe de falar. Você ficar falando muito sabe, eu sou um pouco mais reservada, você não gosta de ficar jogando conversa ao ar, porque assim eu acho que acabou. Talvez às vezes até prejudicando a pessoa mesmo dependendo do que sai né você não....

O meu relacionamento com as pessoas da minha parte tudo bem e da parte deles tudo tranquilo. Tanto é que vim para cá para cobrir férias e ela gostou tanto do meu serviço do meu jeito sabe e ela acabou falando com ele dá para mim ficar por aqui entendeu, então isso, né, quer dizer que não tem o que falar. Aqui é um pouco ruim então só a distância é muito longe, mas eu gosto muito de trabalhar aqui gosto pessoal, das pessoas. Eu gosto de trabalhar também eu sou daqui não tem o que reclamar, só um pouquinho longe. Eu sou meio tímida para estar falando e meço para falar e eu penso que vou falar e muitas pessoas são muito sentimentais e pode ferir. Eu gostaria muito de conhecer os Estados Unidos, mas tenho medo de avião.

ALBA MARIA

Bom dia, eu sou a Alba Maria, vindo da origem do Ceará em Juazeiro do Norte, que trabalho aqui no prédio, vim de uma cidade muito de uma família muito humilde de cinco irmãos, porém os meus pais trouxeram a gente para São Paulo, em busca de algo melhor e comecei a vida aqui em São Paulo, porém trabalhando, né, estudando; aliás aqui no começo fui porém não terminei e viemos tentar a vida em São Paulo vim como os meus 9 anos de idade, porém moramos alguns anos e temos que voltar para a cidade do Ceará novamente e moramos um ano e voltei

para cá um ano de 90, porém resido na comunidade de chamada Jardim São Remo cheguei com 15 anos de idade, porém fui mãe muito jovem e não tive como terminar os meus estudos e comecei no mercado de trabalho como atendente de lanchonete tive várias profissões como atendente de padaria, ajudante de cozinha, trabalhei em pizzaria como auxiliar de limpeza fazendo diarista, porém não tive como terminar os estudos, aos 32 anos de idade já com mãe de três filhos terminei o meu estudo do ensino médio, aonde vim fazer um curso de vigilante que hoje eu trabalho de controladora de acesso.

O trabalho para mim é muito significativo, pois é da onde eu tiro meu sustento para mim e minha família é onde me dá um meio de tá ajudando o meu familiar e os meus filhos, no ano que eu trabalhei na faculdade da FFLCH como atendente no restaurante, eu tive uma oportunidade de entrar na faculdade, só que, porém, não tinha estudo completo e já era mãe de família e teria que sustentar a família, agora que terminei o ensino médio como cursei um curso de vigilante e trabalho como controladora de acesso na faculdade da ECA-USP e o trabalho para mim é o meu meio de sobrevivência, pois a gente sem trabalho não tem como sobreviver, temos que trabalhar.

A conversa com Alba é muito rica, ela é expressiva, interessada em orientar quem chega e entende a sua função de porteira e, ao mesmo tempo, segurança, como importante. Importante porque as pessoas podem chegar ao local que querem, podem participar das reuniões a que vieram, ou seja, ela tem uma consciência de que seu trabalho, que os outros podem considerar simples, é importante. Mesmo sem verbalizar, suas atitudes e sua postura frente aos que a procuram demonstram que ela se valoriza e vê, em seu trabalho, uma forma de construir sua dignidade. Trabalho é o meio de sobrevivência, ele tem um valor para ela. O valor de lhe permitir ser importante, ser alguém que exerce uma função de direcionamento, de localização, de ajuda a tanta gente importante que chega para eventos importantes.

Sobre as condições de trabalho dentro de uma universidade que a gente tem muito conhecimento né, tem e é próximo da onde eu moro as condições são boas, a única coisa que eu assim não me agrada muito é o transporte que tem porque final de semana feriado a gente tem que andar muito para chegar até onde trabalha, porque não tem condições porque a USP é toda fechada, tem que descer todo mundo a pé e assim as condições é perto pelo trabalho, agradeço assim porque eu não tenho muita dificuldade da minha casa, o percurso até que é 25 minutos a pé e

assim trabalhando aqui no prédio da ECA se me aparecer uma oportunidade assim de mudar de profissão estou isso me incentiva muito se aparecer uma outra oportunidade para sair da área que eu trabalho né, porém trabalhar na cidade de São Paulo, é uma cidade que me incentiva muito, porém dá muitas oportunidades.

Então sobre um incentivo que a universidade pode estar me oferecendo, antigamente há muitos anos atrás que tinha concurso até tinha muita oportunidade assim de incentivo, hoje em dia já não veja muito incentivo nessa parte de não tem mais concurso é muito mais difícil você tá entrando em uma profissão na Universidade de São Paulo, porém sobre incentivo assim a gente podia até ter, mas alguns anos que não tá muito oferecendo mais, parou, tá congelado, assim não tem mais oportunidade, se tivesse uma oportunidade, bem que eu gostaria. Sobre estudar na universidade, assim, eu não tenho muito tempo na minha vida é muito corrido, porém assim não posso falar no momento que eu tenho vontade de estudar de prestar concurso ou entrar mesmo na faculdade na Cidade Universitária.

EDUARDO FELINTO

Boa tarde, sou Eduardo Felinto, sou porteiro aqui na faculdade e resido na cidade de Osasco moro atualmente com a minha avó, sou divorciado tem um filho de 10 anos e a minha profissão é portaria, eu meu hobby eu gosto de estudar gosto também de sair um pouco pra dançar, a gente está dando para fazer alguma coisa para....

Hoje o significado do meu trabalho, pois eu tenho um filho para sustentar né como pago pensão alimentícia e quero também em busca também de novo de novas oportunidades, o meu trabalho, hoje, eu faço com dedicação, faço com vontade me dedico ao máximo para as pessoas que trabalham, aos meus colegas de trabalho, ao posto de trabalho, enfim e para mim é uma grande importância esse trabalho para mim.

O meu sonho é conquistar uma casa, conquistar algum lugar conquistar todos nós temos metas, sonhos, enfim, e estou no trabalho e buscar novas abordagens para realizá-los, pois sei que será uma tarefa não fácil, mas com muita, com muito empenho e dedicação, eu vou conquistar o meu maior sonho é ter minha casa dar um melhor para o meu filho e cada vez mais tem um profissional melhor. Estudei meu ensino médio na Escola Walter Negrelli em Osasco, eu tô estudando também faculdade na Anhanguera fazendo educação física no sétimo semestre atualmente,

também terminei o curso de bombeiro civil e hoje eu trabalho como porteiro desde 2007, quanto à função de portaria, eu busco algo melhor, o motivo dessa profissão por algo melhor, pois não sei o que será o dia de amanhã, pois estou querendo novas oportunidades e novos desafios, porém sei que não seriam fácil, mas estou aqui para superá-las. Futuramente pretendo acabar a minha faculdade de educação física, pois não sei o que acontecerá futuramente com o trabalho de portaria, pois hoje em dia a tecnologia tem aumentado e não sei o que será por isso estou me preparando para concurso novas oportunidades no mercado de trabalho, pois sou uma pessoa que eu sou motivado e terminado para conseguir novos desafios.

Eduardo também vê a educação como uma forma de alcançar algo melhor. Ter um trabalho digno, ir à busca dele, superar-se e superar os desafios. Conquistar sua casa por meio do trabalho. O trabalho dignifica. O trabalho é uma forma de o ser humano conseguir o que almeja, seja no sentido material, da conquista de um bem, seja no sentido espiritual, a busca da autoestima, da autorrealização. Cada protagonista tem um sonho, os sonhos de um entrevistado, várias vezes, podem parecer com os de outro entrevistado, mas se houver uma imersão na busca do sentido da fala de cada um, é possível constatar que os sonhos são matizados de uma unicidade, de uma nuance que os fazem únicos para aqueles que os sonham.

KATARINA FERNANDA

2019

Então, eu vou começar do começo, né? Sou Katarina Fernanda, eu comecei a trabalhar exatamente de empregada doméstica, né, com oito anos, né, comecei a trabalhar na casa dos tios porque eu venho de uma família de 15 anos, de 15 irmãos, só que meu pai vivia se casando, minha mãe faleceu e ele vivia se casando e as madrastas não queriam um bando de crianças, né, então, meu pai jogou um na casa de um, na casa de outro nós fomos trabalhar, né? Nós, Eu fui trabalhar com oito anos e nesse tempo eu trabalhava, trabalhava por roupa, por comida (chora), é triste isso, né (chora), eu sei que não é história triste não mas, pra mim foi bom, foi muito gratificante, que me ensinou a crescer.

Katarina é expansiva, muito alegre, sorridente, elegante. Senta no banquinho da portaria onde ficam os seguranças, que é a função dela nessa universidade, pega o celular do pesquisador desta tese, instrumento usado para realizar as entrevistas, para gravar o que o entrevistado quiser, quando quiser. Para quando quer, também,

fica falando no celular com a maior desenvoltura, e o fato de ela mesma operar o aparelho que grava a nossa conversa a deixa mais expansiva ainda. Conversar com Katarina é uma lição de vida. Ela tem uma longa trajetória e demonstra tanta sensibilidade ao contar a sua vida que leva seu interlocutor a querer ouvir, com muita satisfação, sua história de vida e dela compartilhar, vivenciar, aprender o que é enfrentar adversidades e vencê-las, mesmo que aos olhos da sociedade esse 'vencer' não tenha a conotação do que as pessoas comumente entendem por 'vencer'.

Trabalho pra mim é um trabalho que eu gosto de tipo assim eu gosto de mexer, eu gosto de público, eu gosto de conversar com as pessoas, eu gosto de estar presente, eu gosto muito de ouvir, gosto de ouvir e gosto de falar também né, risos, trabalho para mim eu tenho de trabalhar com o corpo, com a mente, sabe, e esse trabalho de porteira a gente só trabalha pouco com a mente e o corpo quase nada, mas eu quero um trabalho assim que, sabe, que eu posso me movimentar, que eu possa trabalhar com o público que eu gosto, fazer alguma coisa que realmente eu goste, né, porque... ficar... indefinido...

Aqui atualmente eu trabalho de porteira, né, mas a tecnologia que está vindo, eu vou ter, eu tenho que me atualizar porque em breve essa profissão jamais, já não vai existir mais, né, ela vai ser extinta porque está na globalização está tudo mudado, né, o pessoal está automatizando tudo, é a profi, eee, o trabalho que eu faço uma pessoa pode fazer, né, pode sentar ali no computador e fazer, uma coisa que eu não sei fazer, (risos), né? porque esta semana eu fui fazer um curso porque essa, essa profissão minha já vai, em breve já está extinta, né, e eu tô me inscrevendo para fazer um curso, para me atualizar, né, para o mercado de trabalho porque se eu não me atualizar eu vou ficar para trás e vou ficar desempregada novamente, então a gente tem, eu tenho que procurar melhorias, né, não ficar sentada, eu fico sentada o tempo todo, mas em breve esse banco que eu estou aqui não vai fazer falta nenhuma, né, então, eu, procurar melhorias, procurar melhorias porque lá na frente não vai mais existir porteiro e eu tenho que me atualizar.

Novamente, a tecnologia aparece no cenário como ameaçadora, sim, contudo, não como algo intransponível. Os protagonistas sociais demonstram ter consciência da necessidade de se atualizarem, de estudarem, de se educarem para enfrentar o futuro que se avizinha. Então, talvez seja melhor definir essa tecnologia como impulsionadora, dado que esses sujeitos de pesquisa a veem como um

elemento que os leva a sair do ponto em que estão e buscarem um salto, algo novo, algo que os mantenha empregáveis.

E hoje eu estou trabalhando de porteira, né, não é aquilo que eu quero, mas se hoje eu tivesse, se eu tivesse que escolher uma outra profissão, uma profissão que eu escolheria era a de enfermeira porque eu gosto de trabalhar com o público, eu gosto de ajudar, né, e eu gosto, eu gosto de trabalhar e eu gosto de ver o pessoal trabalhando no hospital porque eu fiz seis meses de... de enfermagem, seis?, eu fiz, é, eu estudei durante seis meses, e gostei disto que eu fiz, né, só que por motivos alheios eu tive que parar, mas hoje já me acho velha para o mercado de trabalho, assim, de enfermeira, né, mas é uma coisa que eu ainda vou tentar, eu vou tentar fazer, porque se eu não tentar, eu não sei como vai ser, não sei se eu conseguiria, mas se eu também não fizer, eu também vou ficar imaginando se eu vou conseguir, né, mas o ano que, esse ano de 2020 eu pretendo voltar novamente ao mercado de trabalho como enfermeira, né, nem que seja como ajudante, mas é uma coisa que, é um sonho que eu tenho.

Eeee eu sou casada, eu tenho 46 anos, né, sou mãe de 4 filhos, tenho uma família, tenho, sou, tenho 15 irmãos, né, venho de uma família, venho de uma família humilde, né, porém, eu comecei a trabalhar muito cedo, né, me casei muito cedo também, me casei com 16 anos, (risos), e continuo casada até hoje, né, mas, a minha, ééé, esses quase 30 anos de casada, né, eu já tive muitas coisas assim na minha vida, primeiro, eu comecei a trabalhar com 15 anos porque eu não tin, eu tinha que me sustentar, aí, comecei a trabalhar, abri uma confecção, né, trabalhei em confecções, trabalhei por uns 10 anos, né, aí, me casei, continuei trabalhando nessa confecção, aí, não tinha muito estudo, tinha até a 5ª série, aí, continuei, continuei ééé, continuei trabalhando, e o meu esposo me incentivou a voltar a estudar, né, porque eu queria um trabalho melhor, aí voltei a trabalhar, né, voltei a trabalhar que eu tinha parado uns dois anos, voltei novamente a estudar, né, difícil, eu já tinha 2 filhos, mas nesta caminhada eu sempre tinha meu esposo do meu lado, né, K., volta a estudar, K., volta a estudar, então voltei a estudar e trabalhar ao mesmo tempo, mas pra poder ver se a vida ia abrindo portas, ia abrindo uma coisa melhor lá na frente, né, porque o que eu sempre procurei foi uma coisa melhor pra mim e quando voltei, voltei a estudar na 5ª serie, aí terminei, fiz até a 8ª, na 8 parei, porque novamente eu fiquei grávida, tive mais 2 filhos e quando eu já tinha meus 4 filhos eu voltei pro primeiro, voltei a estudar novamente, né, fazer o ensino, ensino funda, o

ensino médio, e até hoje eu vou procurando oportunidades, né, já fui cabelereira durante uns 15 anos, né, e sempre procurando melhorar a minha vida, sempre procurando dar o melhor para os meus filhos, procurando um lugar melhor para morar né, porque na minha vida sempre foi procurando aprimoramento, procurando melhorar, procurando (inaudível)... eu incentivando ele, ele me incentivando... a gente tem de procurar melhorar a vida da gente, né, porque sem estudo nós não conseguimos nada, eu senti isso na pele, se você tem a 5ª série você não tem nada, se você tem a 8ª, você continua não tendo nada, mas quando você passa para o ensino fundamental à procura de alguma coisa, à procura de fazer um curso, né, a vida vai, as coisas vai melhorando na vida da gente, e não foi diferente na minha vida, né?

Novamente, encontra-se a crença na educação como forma de ascensão, de melhoria de vida. A educação e o trabalho. Binômio, de fato, construtor da dignidade, como preconizam as leis. Culturalmente, a educação é vista como um importante meio de mudança social e se pode notar que todos os sujeitos de pesquisa verbalizaram o valor que dão à educação formal em suas vidas – seja como forma de manter um emprego, seja para concretizar um sonho, seja para enfrentar os desafios da alta tecnologia, a educação está sempre presente nas falas dos que exercem profissões consideradas simples.

Fiz um curso de cabeleireira, trabalhei oito anos de cabelereira, aí fui fazendo curso de... fui fazer um curso, até de pedreira eu já fiz curso (muitos risos) para ver se eu colocava, se ajudava a melhorar a minha casa, mas isso também foi bom, eu também trabalhei de pedreira, foi muito bom (risos), mas é pesado, cansativo (risos), mas hoje, a minha vida, eu, eu gosto mesmo é de ser cabelereira, mas hoje eu trabalho de porteira porque aconteceu muitas coisas na minha vida, né, meu esposo teve depressão, e eu tive que fechar o salão, e como eu fechei o salão e fiquei muito tempo só me aprimorando, só estudando, só fazendo curso de cabelereira, não deu tempo de procurar novas oportunidades, né, mas eu fiz o curso de porteira, comecei a trabalhar porque não dava para ficar em casa, né, com marido depressivo e você em casa com 4 filhos, né, ele não tinha forças para trabalhar por causa da doença, aí eu tive que fechar meu salão, mas é uma coisa, para mim foi gratificante trabalhar nessa área porque você, você conhece muitas pessoas, você conhece a vida das pessoas, é gratificante, né, você se torna uma psicóloga (risos) e hoje eu trabalho de porteira, mas não é aquilo que eu quero pra mim, sabe, eu estou á uns três, quase

quatro anos nessa vida, mas não é isso que eu quero para mim, eu fiz um curso de farmácia recentemente, né, aí tem pessoa que fala, ah, mas farmácia não adianta, mas eu vou procurando, uma hora eu vou encontrar uma coisa melhor, né, eu pretendia voltar a estudar, voltar a trabalhar, tentar uma faculdade, mas eu sou um pouco preguiçosa para isto (risos), mas eu vou procurar, sim, sabe, eu tenho sempre um conselheiro aqui onde eu trabalho que fala pra mim, vá procurar outras oportunidades, né, e eu tô à procura de novas oportunidades na minha vida, porque tudo isso que eu já fiz na minha vida até hoje foi pra mim, mas geralmente foi em prol da minha família, né, porque meu esposo, meu esposo sempre batalhou também, ele trabalhou na, ele, ele sempre trabalhou na automobilístico, na indústria automobilística, né, e sempre teve um salário bom, mas ele nunca procurou estudo, ele não gosta de estudar, né, e o que ele tem é profissão, mas hoje em dia se ele for, com essa escassez de trabalho, a crise, ele está sem trabalhar, mas, eu falei, onde ele vai, eles pedem estudo, pede que pelo menos tenha o 2º grau completo, ele não tem, né, ele achava que o que valia para ele era a profissão, mas, hoje em dia, se você não tem, se você não tem um faculdade, se você não tem o ensino superior, o que você aprende não vale muita coisa não, porque quem não tem, que tem o ensino superior, eles abrem as porta para novas oportunidades né, porque a tecnologia está muito avançada, e hoje, hoje eu posso afazer, eu posso dizer que eu estou à procura de melhorias na minha vida.

(...)

2022. Como você está?

Nem sabe, professor... a escola fechou em São Paulo, todo mundo foi demitido. Minha filha também perdeu o emprego, aí, eu pensei: fazer o quê? Com minha filha, abri uma loja de bolos. Ó, professor, não posso falar muito agora, porque tô aqui na loja comprando uns negócios aqui para a loja, mas posso dizer para o senhor que foi muito bom tudo isso, eu gosto muito de cozinhar, acho que já falei isso, né, e trabalhar com a minha filha é muito bom. O tempo que passei lá na escola como porteira, foi bom também, sou muito grata pelo tempo que fiquei lá porque conheci gente muito legal, o professor, a sua esposa, gente que olhava pra gente, que gostava de nós, que conversava, foi um tempo bom, sim. Aprendi bastante com as pessoas.

4.3 E VEIO A PANDEMIA... COM ELA, O DESAFIO DA REALIZAÇÃO DA LEITURA CULTURAL ASSÍNCRONA

Devido à limitação de acesso por conta da pandemia, adotou-se, adicionalmente, a possibilidade de obter as perspectivas das pessoas protagonistas mediante a realização de entrevistas via telefone e a apresentação de perguntas por escrito, de modo a possibilitar a essas pessoas que trabalham como faxineiras, porteiras ou vigilantes mais uma opção de expressarem o que pensam sobre o tema, de forma livre, sem qualquer obrigatoriedade. Para conseguir esse intuito, contei com a colaboração preciosa de vários colegas pesquisadores que atuam em instituições de ensino fora de São Paulo e do Brasil, e que fizeram a ponte fundamental para que a pesquisa pudesse ocorrer, apresentando-me a pessoas com as quais eu não pude ter o contato presencial, físico. Participaram as pessoas que consideraram o tema importante para que pudessem ser ouvidas, terem sua opinião registrada, e que se sentiram livres para expressarem suas perspectivas, mesmo que a distância.

No caso das respostas que foram obtidas por escrito, por escolha dos protagonistas de pesquisa, estas são apresentadas, inicialmente, sem minha ação como mediador autoral porque nos questionários essa mediação não foi síncrona, foi assíncrona. Deste modo, as falas a seguir estão expressas sem qualquer alteração à expressão original, deixando a cada leitor deste trabalho a oportunidade para uma primeira compreensão geral das perspectivas de cada pessoa que participou da pesquisa para, a seguir, termos o espaço para a mediação autoral, que ocorreu em um segundo momento, com a leitura das respostas, a ligação com aspectos conhecidos por contato anterior antes da pandemia com alguns respondentes e a associação das ideias com os aspectos teóricos abordados neste trabalho. Embora o papel possa parecer mais 'frio' e limitado do que uma conversa, ele revela importantes aspectos dessas expressões polifônicas e polissêmicas dos sujeitos de pesquisa.

É importante sublinhar que, ao apresentar a cada pessoa leitora deste trabalho essa ordem de fala em sua integralidade, é possível que a própria pessoa leitora também faça sua mediação autoral, e as visões caleidoscópicas terão mais probabilidade de serem construídas com todos os coloridos originais' de suas

expressões, sejam elas verbais, sejam elas escritas. Poder-se-ia questionar: por que não deixar tais respostas como apêndice? Porque elas não são apêndices, elas são a essência das opções metodológicas tomadas.—Como apêndices, estão os instrumentos de pesquisa e quadros com as vozes originais dos protagonistas da pesquisa de fala espanhola, com a respectiva versão para a língua portuguesa.

4.3.1 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior na Argentina

Como foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, optei por apresentar a análise em paralelo à fala, permitindo ao leitor que, caso deseje, possa acessar as falas dos respondentes sem a interferência do pesquisador.

Quadro 2 - Protagonistas da pesquisa em Argentina em entrevistas semiestruturadas

Protagonista	Mediador cultural
FACUNDO GUILLERMO (OPTOU POR RESPONDER POR ESCRITO)	
<p>Actualmente me desempeño como personal de servicios de una institución educativa, trabajando en la portería</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral, piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Lo que pienso de mi futuro en el campo laboral es seguir aprendiendo y perfeccionándome en conjunto al equipo de directivo de la institución educativa. Pensando en la continuidad de mis labores en la institución</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Mi opinión con el uso de robots que hagan mi trabajo sería falta de empleo humano por que los técnicos tendrían trabajos para manejar los robots.</p> <p>En su profesión, ¿usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y, por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona?</p>	<p>Facundo Guillermo mostra uma visão do trabalho como algo positivo, relacionado ao suprimento das necessidades, sim, mas também à evolução pessoal, algo que envolve constante aperfeiçoamento, fazendo uma associação que me remontou à relação entre educação profissional e trabalho, sendo a educação um baluarte que estrutura a dignidade humana.</p>

<p>En ningún momento perdí o conozco a alguien que haya perdido el trabajo por un cambio de sistema informático</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Mi nivel de educación es primaria terminada secundaria con algunas materias en 1er año 2do año y 3er año</p> <p>¿Estás estudiando actualmente?</p> <p>Por el momento solo cursos de capacitación</p> <p>Si es así, ¿podría decirme qué curso está tomando?</p> <p>Cursos como ser refrigeración online</p> <p>Si no estás estudiando, ¿le gustaría tomar un curso? Por el momento no</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>No necesitaría cambiar nada de mi vida para poder seguir los estudios es solamente cuestión de voluntad.</p> <p>Trabajando dentro de la institución, ¿se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Si me siento estimulado a terminar los estudios secundarios; el equipo directivo de la institución educativa, las maestras y equipo profesional de licenciados me alientan a que siga avanzando.</p> <p>¿La institución donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? No contestó</p> <p>¿Qué significa el trabajo para Usted?</p> <p>Para mí el trabajo significa una forma de subsistir y tratar de mejorar la situación económica de mi familia</p>	
JUAN MANUEL	
<p>¿En qué? ¿En qué actividad se desarrolla?</p> <p>Actualmente me desempeño como limpieza y mantenimiento.</p> <p>Ahora. ¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>El trabajo para mí significa mucha responsabilidad en mantener y cuidar un establecimiento educativo.</p> <p>¿Qué significa ese?</p> <p>Ya está.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?</p> <p>Piensa continuar en su profesión actual.</p> <p>¿Debido a la edad que tiene?</p>	<p>Quando ouvi a Juan Manuel, voltei-me para a compreensão do trabalho como algo que vai mais além da tarefa a ser executada em si; seu imaginário sobre o trabalho o levou a uma reflexão do resultado da ação sobre o espaço – no caso, a responsabilidade de</p>

<p>Sí. Mi idea es seguir en las condiciones que estoy y manteniendo mi trabajo actual.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso del robot o máquinas para hacer su trabajo? Para hacer su trabajo.</p> <p>Creo que la tecnología es una gran herramienta que puede ayudarnos al mejor funcionamiento del establecimiento en tanto no condiciones. El puesto laboral de cada uno.</p> <p>¿Usted o a alguien o a alguien que conoce que trabaja en el mismo, en la misma profesión que usted perdió su trabajo por el servicio realizado por robots o máquinas?</p> <p>Conozco colegas que están en la misma profesión que yo, pero ninguno ha perdido su puesto laboral en los últimos tiempos.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Mi nivel de educación es secundaria, completa y terciario incompleto.</p> <p>Estudio actualmente. Si es así. ¿Podría decirme qué curso está tomando? ¿Si no está estudiando?</p> <p>Actualmente no realizo ningún curso y no estoy en ningún estudio.</p> <p>Voy a tomar un curso. Sí, sí.</p> <p>¿Igual necesitarías cambiar?</p> <p>Sí. Me gustaría seguir haciendo cursos de capacitación. Tengo realizado tres cursos de electricidad domiciliaria, plomería sanitaria para establecimientos y manejos de alimentos y nutrición en instituciones escolares. Y sí, estaría de acuerdo en realizar mayores capacitaciones que me ayuden en mi trabajo. La institución donde trabajo siempre está dispuesta a darme el tiempo para que pueda hacer la capacitación y cursos. En cuanto a los mismos directivos, siempre están atentos y me hacen saber de las nuevas capacitaciones que salen para que uno pueda en el área que me que me manejo poder mejorar.</p>	<p>manter e cuidar de um espaço educacional. Também me reporte à compreensão da leitura da educação como desejo, como algo positivo que traz melhoria, desenvolvimento, inclusive no campo profissional.</p>
MIGUELINA ANGELICA	
<p>Buenas tardes.</p>	<p>Miguelina Angelica traz uma visão do trabalho como criador de identidade e dignidade,</p>

<p>Esta entrevista es para un trabajo de investigación que estoy realizando. ¿Estaría dispuesta a responderme a las preguntas?</p> <p>Sí, obviamente que sí.</p> <p>¿En qué actividad se desempeña actualmente? ¿Portera?</p> <p>Empieza escuela de portero. De portero significa mantener una escuela limpia y todo lo que requieren un centro para lo que me necesiten.</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Para mí significa una identidad como. La dignidad y la dignidad.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Qué pasará en el futuro?</p> <p>Y en el país que vivimos es muy incierto el futuro.</p> <p>Muy bien. Gracias. ¿Y cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? Si hay un robot haciendo su trabajo en vez de hacer. Usted qué piensa.</p> <p>¿Respecto a eso? En un futuro. Creo que el ser humano a nosotros como ser humano vamos a terminar quedando sin trabajo, porque si bien hoy por hoy la computadora te ayuda, saca trabajo a muchas personas que antes la trabajaban.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación hoy en día?</p> <p>Secundario completo.</p> <p>Está estudiando. ¿Estás estudiando actualmente? ¿Qué cursos estás tomando?</p> <p>Por ahora no, pero sí pienso seguir estudiando a partir del año que viene una tecnicatura para seguir estudiando, para tener un futuro mejor.</p> <p>¿Necesitaría cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>Sí, hay muchas cosas que se podrían cambiar. Actualmente son mis horarios de trabajo. Por ahí no coincide con las clases para seguir estudiando, por eso de que la tecnicatura.</p> <p>¿La institución de la institución donde está trabajando en estos momentos le ha brindado alguna facilidad para estudiar?</p> <p>Hasta ahora no ha habido ninguna.</p> <p>Muchísimas gracias por prestar su tiempo.</p> <p>Muchísimas gracias. De nada. Muy amable.</p>	<p>sendo o imaginário que me remete aos conceitos fundamentais estudados nos capítulos 1 e 2; Penso, também, em quão forte é, em nós, a ideia do trabalho como aquilo que nos dá a identidade de seres humanos, o que nos diferencia na ação sobre a natureza com intenção e nos completa.</p> <p>A protagonista também apresenta uma visão crítica sobre o uso de máquinas ou robôs como substitutos do trabalho e vê, na educação, uma espécie de possibilidade de futuro mais alvissareiro, o que também me remeteu ao imaginário da educação formal como sinônimo de melhoria e progresso.</p>
--	--

ROBERTO HERNÁNDEZ	
<p>Y puedo hablar. Bueno, me desempeño como portero ya hace más de 20 años. Un trabajo que me gusta y lo hago cada día con más fuerza, con más voluntad. Siempre me ha gustado esto.</p> <p>¿Y qué significa esto para mí?</p> <p>Y para mí significa. Me siento feliz a tener un trabajo digno, un trabajo tranquilo, un trabajo limpio donde trabajo bien sin. Sin ninguna coincidencia, sin un seguimiento de apriete mi trabajo. Tengo libertad de trabajo y que pienso en mi futuro, en el campo laboral y que haya, por ejemplo, para nosotros como personal de limpieza o servicio, como quieran llamarlo, que sea mejor tener un salario digno como tiene que ser. Porque nosotros esto, yo lo que voy a encontrar es que dos años de trabajo, de aporte laboral y se jubilan con un miserable sueldo que en realidad vuelve a hacer otra vez persona pobre. ¿Lo que somos con el mismo sueldo que tiene, no es cierto?</p> <p>¿Y en el uso de las maquinarias, en el trabajo nunca estuve de acuerdo, porque la gente de yo trabajo eso no? Porque una maquinaria, cada maquinaria que viene que inserta en el trabajo, son mucha gente que queda sin prácticamente sin trabajo, sin el pan de cada día. Aparte de esa misma gente a no estar preparada para otra cosa, no tiene dónde ir, no sabe qué hacer y queda en un en un abismo, sin saber a qué dedicarse. Porque hoy en día prácticamente casi todo está cada vez más con la tecnología. Pasa con nosotros, pasa con la gente del campo. Por ejemplo, tenemos los yerbateros o los dealers que mucha gente de ese campo a través de la tecnología que lleva mucho sin trabajo en. Bueno, no conozco ninguno que haya perdido el trabajo.</p> <p>Sé que hay algunos que han tomado licencia prácticamente por problemas de enfermedad, problema de visión que conozco, colegas que se han quedado así, pero esto también influye mucho en la en la parte en que nosotros cuando nos jubilamos, que hasta ahora se está peleando, es el tema que quedarnos a nosotros jubilados, que siempre se quiso que haya una persona de la familia directa que siga ocupando ese puesto, cosa que hasta ahora todavía no se ha podido conseguir. Y yo, por ejemplo, tengo la educación, tengo primaria y secundaria, tengo hasta 4.º año que lo hice el otro lado de Encarnación, porque tenía el marido de mi vieja que</p>	<p>Roberto Hernández traz, a mim, o imaginário do trabalho como dignidade e, mais, me remete a outras ‘categorias’ do trabalho que o constituem como provedor da dignidade, como ter um salário ‘digno’ (o trabalho decente), ter segurança para o futuro (não podemos nos aposentar ‘pobres’).</p> <p>Impactou-me a fala da perda do trabalho com a analogia do abismo – sem trabalho, somos nada.</p> <p>A invisibilidade é outro ponto que se destaca – tal e qual a literatura aponta, os trabalhadores de funções mais simples são invisibilizados.</p> <p>Roberto Hernández se permite dar voz e dizer: sim, existimos, não somos invisíveis e devemos fazer parte dos ritos e símbolos que envolvem o existir nas instituições em que trabalhamos.</p>

consiguí trabajo allá. Entonces íbamos y veníamos, íbamos fin de semana, domingo, volvíamos y veníamos bien. A la tarde de vuelta Posada era un ida y vuelta cada semana. Y si estoy estudiando solamente actualmente no, porque ya me dediqué al trabajo y bueno, formé una familia y ahí quedé. ¿Lo que sí, estoy tratando de conseguir otro trabajito más para poder aumentar un poco el ingreso en la casa, no? Me gustaría tomar un curso. He estado haciendo un curso de electricidad acá en el colegio 43 que iba a la nocturna, pero a raíz de otra cosita dejé de hacerlo porque la tesis así me gusta. Siempre me gustó y nunca, nunca he podido comprarme los materiales. Por ejemplo, las herramientas como para poder desempeñarme y trabajar en eso es lo que es importante para mí por lo menos tener algo el día de mañana aquí y después que yo me retire esto. ¿Bueno, seguir trabajando hasta donde el cuerpo me diga basta, no? Porque todavía me siento fuerte, me siento como joven todavía y quiero seguir trabajando hasta donde, hasta donde pueda. Después.

Trabajando dentro de institución. ¿Cómo se siente? ¿Y dentro de la institución?

Muy bien. Siempre he recibido el apoyo, tanto directivo como docente, nunca he tenido ningún problema, así que he pasado por varias instituciones y bueno, a veces cuando las cosas no, no van, no van bien. O porque generalmente las instituciones muchas veces somos mirados de una manera distinta por el desempeño que hacemos, el trabajo que hacemos todos los días. Y como siempre le digo a mis colegas, nosotros nunca nos tienen en cuenta, porque siempre que hago le pongo énfasis. En el momento que hay un acto de que hay un acto, hay una fiesta, siempre estando presente, directivo, docente, padre, alumno, pero nosotros nunca existimos, nunca estamos presentes y eso siempre hago énfasis y también somos parte de la institución, de la planta funcional del colegio y siempre deberíamos estar presentes en ese caso, no solo existir en caso que solo para hacer la limpieza. Y sí.

Hay algo de lo que me gustaría hablar o comentar sobre este tema.

Y bueno, que esto pueda cambiar un poco o que pueda mejorar, mejor dicho no que se han visto y este por ejemplo es el uniforme que nosotros supuestamente nos tenían que entregar cada tres o cuatro años porque se desgasta mucho por el trabajo que hacemos, prácticamente lo estamos viendo

nosotros. ¿Creo que ahora recién este año hemos logrado que noten el uniforme después de 468 años, que es la última vez que nos entregaron, porque nosotros todos los años no están, todos los meses, mejor dicho, nos están descontando del sindicato que estamos pagando como socio del gremio, pero tampoco se hacen la gente del gremio, se hacen presente en nuestro trabajo, a ver cómo estamos trabajando, como que necesitábamos y estamos muy bien, tenemos un problema? Para nada, simplemente son nulos totalmente, siempre aparecen solo cuando hoy va a haber una elección en el sindicato y o si no, no aparecen directamente, son nulos totalmente ellos hasta el día de hoy. Yo hace más de 20 años que trabajo en esto y nunca lo he visto aparecer ahí, a no ser que por ahí tenga un problema. Y para atenderte te olí que te asocia el sindicato para poder atender tu problema. Si tengo problemas en la escuela sobre todo porque si no ellos no, no aparecen para nada, no se hacen ver en ningún momento, así que. Pero en mi trabajo estoy muy contento y lo hago con gusto. Cada vez me siento más cómodo, siempre trato de hacer siempre algo más de lo que sobre todo, sobre todo en el horario. No tengo horario de empezar, siempre vengo, estoy antes del horario que me corresponde y. ¿Y a la hora de salida tampoco le llevo en cuenta a la hora de salir hasta que no termino mi trabajo y no lo deje como tiene que ser, no me retiro prácticamente porque conozco colegas que siempre se manejan por el horario y si terminado siendo terminamos y como hasta ahí nomás no le importa no? Y eso es por falta de responsabilidad, pero si estoy muy a gusto, muy cordial, así que muy contento con todo.

Bueno.

Así que no, por favor, agradecido.

Bueno, hasta luego.

Fonte: autoria própria (2022)

4.3.2 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior no Brasil

Essas vozes estão expressas por escrito – foram questionários respondidos pelos protagonistas da pesquisa, aplicados em períodos de pandemia e pós-pandemia. Desse modo, mantendo-se a lógica de possibilitar ao leitor a compreensão sem interferências da ‘fala’ do protagonista, e ainda considerando que, diferentemente da entrevista, em que o contato é síncrono, optei por apresentar, em destaque e abaixo de cada grupo, os aspectos que se relacionam à leitura cultural das vozes de cada protagonista, procurando representar essa assincronicidade entre a voz e a leitura. Também dividi as falas em categorias para facilitar a leitura, apenas considerando o volume que, distintamente dos casos de entrevistas semiestruturadas, é bem maior no caso dos questionários. Como apresentado anteriormente, não encontrei diferenças significativas nas falas dos protagonistas de pesquisa com relação aos aspectos pesquisados nas três funções que fazem parte desta investigação.

Quadro 3 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na segurança

PESSOAS QUE TRABALHAM NA SEGURANÇA
<p>ADERBAL ALONSO</p> <p>Trabalha na segurança; tem ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não disse o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.</p> <p>O que Aderbal quis comentar sobre o tema:</p> <p>Eu gostaria que a faculdade voltasse a abrir concurso para nós poder ter uma oportunidade de trabalhar direto pela faculdade.</p> <p>Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.</p> <p>Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:</p> <p>Na minha opinião nunca vai ser a mesma coisa, pois faço muito bem o meu trabalho.</p> <p>O que o trabalho significa para você? Muitas coisas.</p>

ANTONIO ERISON

Trabalha na segurança; tem ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar inglês, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim

O que Antonio Erison registrou sobre o tema:

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Nem tudo pode ser substituído.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

BENÍCIO JOAQUIM

Trabalha na segurança; tem ensino superior, está estudando atualmente DEVOPS (engenharia de *software*), dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo sair

O que Benício Joaquim quis comentar sobre o tema:

Valorização do funcionário terceirizado

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Evolução, faz parte.

O que o trabalho significa para você? Conta paga.

CARLOS PATRÍCIO

Trabalha na segurança; estudou até a 5ª série, não está estudando atualmente, mas queria estudar, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não disse o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim

O que Carlos quis comentar sobre o tema:

Algo para a gente. Bom poder falar.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não vai tirar minha profissão.

O que o trabalho significa para você? Importante.

CLÁUDIO MANOEL

Trabalha na segurança; tem o 2ª grau completo, não está estudando atualmente, não quer estudar, não precisaria mudar nada na vida para poder estudar; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não disse o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, se arrumar outro melhor.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Vão tirar nossos empregos.

O que o trabalho significa para você? Nossa sobrevivência.

DARIO DANUSIO

Trabalha na segurança; tem o 2ª grau, não está estudando atualmente, não quer estudar, não precisaria mudar nada na vida para poder estudar; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não penso.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

É o futuro, é a tecnologia.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

DEIVID SUSANO

Trabalha na segurança; tem o 2ª grau completo, está estudando atualmente, faz curso de editor de vídeos, precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar? Sim (não informou o quê); dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas

não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, mas com projetos futuros.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Tecnologia faz parte.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

EDUARDO CANÓBIO

Trabalha na segurança; tem o ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não disse o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim

O que Eduardo quis comentar sobre o tema:

Deveria ter alguma oportunidade.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não vai tirar minha profissão.

O que o trabalho significa para você? Importante.

FERNANDO SOBRINO

Trabalha na segurança; cursou até o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não disse o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim

O que Fernando quis comentar sobre o tema:

Gostaria de ter mais oportunidades.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? Importante.

GENILDO ARAÚJO

Trabalha na segurança; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar enfermagem, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, precisaria ter mais tempo livre. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Vejo o futuro com poucas oportunidades, mas pretendo continuar

O que Genildo quis comentar sobre o tema:

Deveria ter alguma oportunidade.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Pouco humanizado. Vai faltar calor humano.

O que o trabalho significa para você? Uma realização pessoal, mas que me proporciona sobreviver.

GONÇALO AURÉLIO

Trabalha na segurança; tem o ensino médio, não quer estudar, dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, pretendo.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Vai deixar muita gente sem emprego.

O que o trabalho significa para você? Significa levar pão pra minha família.

HELIO LEONEL

Trabalha na segurança; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria se atualizar na área de segurança, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, o horário de trabalho não permite. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim é uma área que gosto, pretendo continuar.

O que Helio Leonel quis comentar sobre o tema:

Estar na universidade não significa que tenha uma melhoria na educação, principalmente para pessoas mais velhas.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Acho ruim porque a máquina pode substituir a gente e vamos ficar desempregados.

O que o trabalho significa para você? É o meu sustento e da minha família.

HUGO SIMÃO

Trabalha na segurança; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, não quer estudar, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, seria ter vontade mesmo, eu não tenho. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo continuar minha profissão, provavelmente.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não respondeu.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Acho que é inviável, não seria adequado, pois a máquina pode fazer algumas coisas melhores, mas outras que só os humanos podem fazer, não. Vai descompensar.

O que o trabalho significa para você? Trabalho para mim significa sustento.

Fonte: autoria própria (2022)

Muitas questões assomam à minha mente ao fazer a leitura cultural das falas dos protagonistas que atuam na segurança: primeiramente, o ‘bom poder falar’ – o espaço para os que não são ouvidos. A seguir, destaco que a fala mais preponderante é a que revela o imaginário do trabalho como fonte de renda, sustento, sobrevivência, ‘levar pão para a família’; há, também, a verbalização do trabalho como realização pessoal, mas sempre com a adição do ‘além de me permitir sobreviver’. As expressões que também me remeteram aos construtos aqui abordados são os de que se vê nas instituições de ensino superior um ambiente propício, estimulador ao estudo, mas não se encontra a oferta de algum incentivo a esse grupo de trabalhadores para a dedicação ao estudo, o que vai ao encontro de minha percepção sobre um hiato entre o que seria o papel desse ambiente de estudo no acolhimento e incentivo de todos os que por lá estão, seja atuando

profissionalmente com vínculo ou sem vínculo empregatício, seja na função clássica de estudante.

Quanto às visões sobre robôs e máquinas, quatro respondentes apontaram aspectos negativos, sendo que a expressão ‘pouco humanizado’ chamou-me a atenção, por demonstrar algo que está em nosso imaginário, também, sobre o trabalho – a relação de troca, o falar com alguém que pode ter empatia por nós, é algo que se revela como desejado – quem gosta de falar com uma URA? – o trabalho, nos parece, precisa dessa humanidade; três pessoas mostram uma postura positiva e confiante, verbalizando que o trabalho não tirará sua profissão, que o ‘fazer bem’ o trabalho é sua ‘garantia’ de não ter medo das máquinas, dando a entender que há aspectos que a máquina não supera o ser humano; e há uma frase que desejo sublinhar: nem tudo pode ser substituído...

Quadro 4 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na limpeza

PESSOAS QUE TRABALHAM NA LIMPEZA
<p>ABIGAIL ALBERTINA</p> <p>Trabalha na limpeza; tem o médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar manicure e pedicure, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo melhorar na área de trabalho.</p> <p>O que Abigail Albertina quis comentar sobre o tema:</p> <p>Na minha opinião se colocasse robô para fazer nosso trabalho, vai acabar com muito trabalho de pessoas que gostam do trabalho que fazem.</p> <p>Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.</p> <p>Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:</p> <p>Minha opinião é não até porque vai acabar com o trabalho de muitas pessoas.</p> <p>O que o trabalho significa para você? O trabalho significa tudo na minha vida.</p>
<p>ALAÍDE JOSECÍLIA</p> <p>Trabalha na limpeza; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê), dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para</p>

estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não informou o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não se aparecer outra melhor mudo.

O que Alaíde quis comentar sobre o tema:

Valorizar os funcionários terceirizados.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Injusto, tirando nosso emprego.

O que o trabalho significa para você? Importante.

BETÂNIA MARIA

Trabalha na limpeza; tem o ensino fundamental completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar veterinária, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim mudaria rotinas de vida. Pretende prosseguir na sua profissão atual? O trabalho para mim é muito importante. Pretendo até que surjam novas oportunidades.

O que Betânia Maria quis comentar sobre o tema:

Perguntas importantes para nós sabermos que a empresa se importa com os funcionários é fundamental.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não acho algo tão interessante pois estas máquinas não trabalham como manualmente.

O que o trabalho significa para você? Algo muito importante.

CAROL GREICIANA

Trabalha na limpeza; tem o 3º incompleto, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê), dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim mudaria rotinas de vida. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Se depender de mim, sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

É ótimo é mais prático.

O que o trabalho significa para você? Pra mim significa tudo.

CLÉLIA SANTOS

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar pedagogia, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, organizar meus horários. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, pretendo cursar uma faculdade, se não der, pelo menos cursos técnicos.

O que Clélia quis comentar sobre o tema:

O trabalho com robôs e máquinas é viável para o empregador, porém deixa muitas pessoas desempregadas tornando suas vidas mais difíceis.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não acho legal, pois desta forma eu estaria desempregada.

O que o trabalho significa para você? Uma forma de trazer uma vida digna para a família.

CORINA SILVA

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar gastronomia, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; ao responder à pergunta sobre se a universidade onde trabalha proporcionou alguma facilidade para estudar, respondeu: Não que eu tenha conhecimento.

Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, pretendo abrir meu comércio.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

O uso de máquinas sempre são métodos para auxiliar e facilitar nosso trabalho.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda e sustento para minha família.

CREUZA SAMPAIO

Trabalha na limpeza; tem 5^a-6^a série, não está estudando atualmente, mas queria estudar, não informando qual curso; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, mas não informou o quê.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, quero crescer na vida.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

DANILA SANTANA

Trabalha na limpeza; tem o 6^o ano, não está estudando atualmente, mas queria estudar cuidados de idosos, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, morar próximo do trabalho. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, pretendo fazer curso para outras oportunidades.

O que Danila quis comentar sobre o tema:

Na minha opinião, seria muita gente desempregada morando nas ruas.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Que só teria muito mais desempregadas.

O que o trabalho significa para você? Meio de ter sempre comida para minha filha.

DELEUZA SOUZA

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar auxiliar de raio x, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não respondeu.

O que Deleuza Souza quis comentar sobre o tema:

Gostaria de uma oportunidade de ter algum curso pra nós.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não respondeu

O que o trabalho significa para você? Não respondeu.

JACI VIEIRA

Trabalha na limpeza; tem ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê), dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não informou o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? No momento sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não concordo, pois vai deixar muitos trabalhadores, pai de família desempregado.

O que o trabalho significa para você? Responsabilidade e compromisso com meu trabalho.

JEFINHO JÚNIOR

Trabalha na limpeza; tem a 8ª série, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê), dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar; não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Respondeu: Não.

O que o trabalho significa para você? O meu meio de sustentação

JUDSON MARCELIO

Trabalha na limpeza; tem o 1º grau, não está estudando atualmente, mas queria estudar cabeleireiro; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, mas não respondeu o quê. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Uma covardia.

O que o trabalho significa para você? Uma maneira de poder sustentar minha família.

JURACY SILVA

Trabalha na limpeza; tem ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê), dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, o financeiro. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, pretendo crescer e conhecer outras áreas.

O que Juracy quis comentar sobre o tema:

Gostaria que as empresas dessem mais oportunidade para as pessoas que já terminaram seus estudos a crescer profissionalmente.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não respondeu.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não aceito porque as máquinas irão deixar muitos sem serviço.

O que o trabalho significa para você? O meio de sobrevivência.

KELSY SOUSA

Trabalha na limpeza; tem o 2º grau, não está estudando atualmente, mas queria estudar computação; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar; mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, mas não respondeu o quê. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não, espero poder crescer e progredir.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não concordo

O que o trabalho significa para você? Uma forma de poder viver e sustentar minha família.

LARA LILA

Trabalha na limpeza; tem o 1º ano do ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar um curso de computação; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, minhas atividades domésticas. Fico sem tempo. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, talvez.

O que Lara quis comentar sobre o tema:

Eu acho muito interessante essas máquinas e robôs trabalharem, mas que não tirem das pessoas os seus trabalhos, pois tem muita gente que sobrevive do trabalho... E se essas máquinas e robe fizerem os serviços, muita gente vai sofrer.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Ah, eu não acho isso legal porque vai tirar o serviço que eu deveria fazer.

O que o trabalho significa para você? Minha sobrevivência de vida.

LAURA WILFREDO

Trabalha na limpeza; tem o 1º ano do ensino médio, não está estudando atualmente, não quer fazer algum curso; não se sente estimulada a estudar, mesmo estando dentro da universidade; não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Eu não acho legal, vai ficar muito pai de família desempregado.

O que o trabalho significa para você? É meu meio de ganhar dinheiro para sustentar minha família.

LELIA FERNANDES

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio completo, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê); dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim (não informou o quê). Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo continuar, quero mudar de profissão no futuro.

O que Lelia quis comentar sobre o tema:

Acho importante o uso da tecnologia para ajudar as pessoas, mas ao mesmo tempo tenho um pouco de medo de no futuro as pessoas perderem seus empregos por conta de máquinas e robôs.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Seria bom porque é um serviço muito desgastante e cansativo, mas muita gente iria perder o emprego, pessoas sem estudo nenhum.

O que o trabalho significa para você? Significa pra mim minha sobrevivência e dignidade.

LÚCIA MARIA

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio, está estudando atualmente? Sim, EJA, e queria estudar nutrição, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Agradeço a Deus pela oportunidade que foi me dada na área da limpeza, mas não pretendo continuar.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

É uma grande evolução para a tecnologia, porém deixaria muitas pessoas desempregadas.

O que o trabalho significa para você? O trabalho significa aprendizagem, crescimento.

LUIZ MAURO

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar informática; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, tempo - salário. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Sou contra.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

MARCELO JOÃO

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio incompleto, não está estudando atualmente, mas queria estudar informática, administrativo; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim, tempo - salário. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo, penso em trabalhar na área de educação.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Sou contra.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

MATEUS JOAQUIM

Trabalha na limpeza; tem o 1º incompleto, não está estudando atualmente, não quer estudar; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo, sim, mas vou me aprimorar mais.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Creio que não são uma boa, porque muitas pessoas ficarão desempregadas.

O que o trabalho significa para você? Aprendizagem, crescimento.

MELKI FERDINANDO

Trabalha na limpeza; tem o ensino médio, não está estudando atualmente, mas queria estudar informática; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim: tempo salário. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo continuar, quero mudar de profissão no futuro.

O que Melki Ferdinando quis comentar sobre o tema:

Acho importante o uso da tecnologia para ajudar as pessoas, mas ao mesmo tempo tenho um pouco de medo de no futuro as pessoas perderem seus empregos por conta de máquinas e robôs.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Sou contra.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

MELQUISEDEQUE CARMIN

Trabalha na limpeza; tem o ensino fundamental, não está estudando atualmente, mas queria estudar informática; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim: tempo salário. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Sou contra.

O que o trabalho significa para você? Fonte de renda.

MICHEL SERTINO

Trabalha na limpeza; tem a 4ª série, ao ser perguntado se está estudando atualmente, respondeu: sim, vou começar a estudar agora.

Dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Ruim.

O que o trabalho significa para você: tudo.

NAIM PEREIRA

Trabalha na limpeza; não informou o grau de escolaridade; não está estudando, atualmente, mas gostaria de fazer algum curso (não informou qual); precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim (não informou o quê); não respondeu à pergunta se, dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, informou que não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você: o pão de cada dia.

NATALINO JANDREI

Trabalha na limpeza; escolaridade: incompleto, não está estudando atualmente, mas queria estudar (não informou o quê); dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Ruim.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

NEURY VIVINO

Trabalha na limpeza; escolaridade: 4ª série, não está estudando atualmente, não quer estudar; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, não teve

facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Ruim.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

NILOR HELENO

Trabalha na limpeza; escolaridade: 7ª série, não está estudando atualmente, não quer estudar; dentro da universidade, trabalhando, trabalhando, sente estímulo para estudar, não mas teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

NEWTON SILVEIRA

Trabalha na limpeza; escolaridade: 3ª série; não está estudando atualmente, não quer estudar; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, assinalou que teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Não. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não respondeu.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não.

O que o trabalho significa para você? Tudo.

ODILON SALGADO

Trabalha na limpeza; escolaridade: fundamental; não está estudando atualmente, gostaria de estudar – o quê? Ensino médio; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim. Meu horário de trabalho não dá para estudar. Pretende prosseguir na sua profissão atual? No serviço de limpeza não vejo que vai melhorar aqui na universidade. É a única coisa que que sei fazer então vou continuar.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não sei sobre isso, mas se colocar robôs, vai faltar o serviço para gente.

O que o trabalho significa para você? Meu trabalho é onde tiro o dinheiro para ajudar minha família.

OLIVIA HELENILCE

Trabalha na limpeza; escolaridade: fundamental; está estudando atualmente o ensino médio; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Aponta que não gostaria de fazer algum curso, mas em seguida, responde: no futuro - quem sabe - ser assistente social. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim. Não ter uma carga horária tão exaustiva. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, pretendo ficar nessa área, é a única coisa que sei fazer.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Não acho bom, porque eu vou perder meu trabalho para uma máquina.

O que o trabalho significa para você? Significa sim, pois com meu trabalho posso cuidar da minha família. Ajudo com minha renda meu marido.

PATRÍCIA LUANA

Trabalha na limpeza; escolaridade: ensino até 8ª série; não está estudando atualmente, mas gostaria de terminar o ensino médio; dentro da universidade, trabalhando, não sente estímulo para estudar, e não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Patrícia comenta: somos terceirizados e geralmente não temos essas facilidades. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim. Preciso de tempo, por enquanto não tenho. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, quero me dedicar a esse trabalho, abrir as portas para conseguir minhas coisas.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Penso que se tiver máquinas não será bom.

O que o trabalho significa para você? Minha vida e minhas condições financeiras.

PAULA CATARINA

Trabalha na limpeza; escolaridade: Ensino médio. Técnica enfermagem; não está estudando atualmente, não gostaria de estudar; dentro da universidade, trabalhando, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar? Sim. Acordo muito cedo, o horário precisa mudar. Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo continuar.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim. Colocaram uma máquina aqui que lava, puxa e seca e tirou o emprego de 2 amigas.

Sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o trabalho que realiza:

Vai tirar a oportunidade da gente, vai tirar o ser humano e seu trabalho.

O que o trabalho significa para você? É a minha fonte de renda, a única coisa para sobreviver.

Fonte: autoria própria (2022)

A realização da leitura cultural das falas dos protagonistas que atuam na limpeza foi semelhante à anterior, em termos de me trazer profundas reflexões sobre o sentido do trabalho; de igual modo, a fala que mais se repete é a que revela o imaginário do trabalho como fonte de renda, sustento, sobrevivência, mas há também falas que remetem à autorrealização e a aprendizagem e crescimento.

Sobre as instituições de ensino superior como ambiente que estimula ao estudo, tampouco se encontra a oferta de algum incentivo a esse grupo de trabalhadores para a dedicação ao estudo, e há quem expresse que terceirizados são considerados distintos, eles “não têm as mesmas facilidades”; há diversos sonhos de aprimoramento, de ter outra profissão, de ser veterinária, assistente social, nutricionista... e há a verbalização das dificuldades, da exigência que o

trabalho faz de tempo, da dupla jornada, da falta de oportunidade. Novamente, não encontro no ambiente universitário o acolhimento, a universalidade...

Acerca de robôs e máquinas substituindo o trabalho do ser humano, a maioria foi sucinta e direta – ruim, não concordo..., mas quero destacar uma expressão que me chamou a atenção: uma covardia... o quão o nosso imaginário sobre essa relação traz angústia e incerteza, como nos leva a considerar nossa fragilidade enquanto criador da criatura, o quão essa pequena expressão remonta ao filme citado no capítulo 1 e no capítulo 2: *Humans Need Not Apply...*²³⁴ como nos preparar para esse embate, os trabalhadores que exercem funções simples foram sensíveis e diretos, em minha percepção, ao revelar seu imaginário sobre essa relação.

Quadro 5 - Protagonistas da pesquisa no Brasil que responderam a questionários e trabalham na portaria

PESSOAS QUE TRABALHAM NA PORTARIA
<p>ELVIO TERANS</p> <p>Trabalha na portaria, tem ensino médio; não está estudando atualmente não quer estudar; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, mudar horários.</p> <p>Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não. Futuramente pretendo subir na profissão.</p> <p>Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Injusto estão tirando nossos empregos.</p> <p>Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.</p> <p>O que o trabalho significa para você? Muito importante.</p>
<p>FILADELFIO JORGE</p> <p>Trabalha na portaria, tem ensino médio; não está estudando atualmente, porém, gostaria de fazer algum curso na área de informática; trabalhando dentro da universidade, sente</p>

²³⁴ **HUMANS Need Not Apply**: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, carga horária.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não. Pretendo investir na minha formação. Adquirir conhecimento.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Mudanças sempre são bem-vindas, cabe nos adaptarmos a essas mudanças.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? No atual momento apenas pra subsistência.

GEORGIO VANDERSON

Trabalha na portaria, tem 2º grau completo; não está estudando atualmente, Gostaria de fazer algum curso? Sim (não respondeu o quê); trabalhando dentro da universidade, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Não.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não é uma área ruim, estou sempre em busca de melhoria e não pretendo permanecer muito tempo na área.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Mudanças sempre são bem-vindas, cabe nos adaptarmos a essas mudanças.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? Essencial para sobreviver.

HORACIO ARÃO

Trabalha na portaria, tem 2º grau completo; não está estudando atualmente, Gostaria de fazer algum curso? Não; trabalhando dentro da universidade, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Não.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Muito triste tirar serviço dos trabalhadores.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que Horacio quis comentar sobre o tema:

Valorizar mais os trabalhadores.

O que o trabalho significa para você? Minha sobrevivência.

ILDO NATANANEL

Trabalha na portaria, tem ensino médio completo; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso na área de informática? Sim (não informou qual); trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Não.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Futuro.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? S/N.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? Progresso.

JAIA FELIPE

Trabalha na portaria, tem ensino médio completo; está estudando atualmente: técnico em enfermagem. Não respondeu se gostaria de fazer algum curso nem se precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo continuar na área, pois estou estudando para ter outra profissão.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Apesar de gostar da modernidade, não gosto do fato de trocarmos por robôs ou máquinas, pois existem profissionais que pensam em ficar para o resto da vida e se forem trocados, ficarão sem nada.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? O trabalho significa esforço, disciplina e renda fixa para viver.

JOANA GABRIELA

Trabalha na portaria, tem ensino médio completo; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim, veterinária e recursos humanos. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, minha rotina, pois às vezes fica difícil associar emprego com os estudos; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, pretendo continuar por alguns anos, mas continuar os estudos e investindo na minha carreira e futuramente poder ter um emprego melhor.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Eu sou contra, pois com essa nova tecnologia muitas pessoas irão perder o emprego, pois às vezes não têm recursos e nem oportunidade de estudar, ou conhecimento com máquinas, assim, muitas pessoas não terão oportunidades ou até mesmo o sustento.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? Novas oportunidades, ajuda a crescer de vida, a poder investir em estudos, melhorias profissionalmente, ajuda a se relacionar com outras pessoas profissionalmente.

JOEL MÁRIO

Trabalha na portaria, tem 2º grau; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim, mas não respondeu qual. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Não; trabalhando dentro da universidade, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Muito ruim.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que Joel Mário quis comentar sobre o tema:

Muito ruim robô tomar o lugar do humano porque cada dia mais pessoa desempregada no mundo.

O que o trabalho significa para você? Importante, onde pago minhas contas.

JOCELIA LEAL

Trabalha na portaria, tem ensino médio completo; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim (não informou qual). Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, precisaria me dedicar mais; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo sim! Mas vou fazer alguns concursos públicos para melhorar profissão e salário também.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Não concordo! Porque tira o trabalho de muitas pessoas no mundo.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? É uma coisa que me ajuda muito. Significa muito para mim, me ajuda demais.

JOSÉ SEVERINO

Trabalha na portaria, tem ensino fundamental; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim (não informou qual). Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? não; trabalhando dentro da universidade, não sente estímulo para estudar, também não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual Sim.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Seria muito ruim, porque isso pode causar um colapso financeiro e social.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? O sustento da minha família.

JUVENAL SERGIO

Trabalha na portaria, grau de escolaridade: 7ª série; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim, informática. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? não; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar, mas não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Negativo, é muito ruim, vai tirar muitos empregos.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que Juvenal Sergio quis comentar sobre o tema:

O tema é muito bom.

O que o trabalho significa para você? Honra.

MARIA TEODORA

Trabalha na portaria, grau de escolaridade: 5ª série; não está estudando atualmente. Gostaria de fazer algum curso? Sim, especializar na área, fazer o ensino médio. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, com o horário 12/36 não tenho possibilidade de estudar. Trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar? Sim, a gente vê eles estudando e quer ter algo melhor na vida. Teve facilidade ofertada pela universidade para estudar? Respondeu que não, mas escreveu: Já me ofereceram curso, mas por causa do horário de trabalho não dá para fazer.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Pretendo continuar até aposentar.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? É assim, muito triste pois, muitos pais e famílias perderão a renda do trabalho.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que Maria Teodora quis comentar sobre o tema:

Deveriam abrir oportunidade de estudar nas folgas (folgas).

O que o trabalho significa para você? Trabalho é dignidade.

MARIVÂNIA PEREIRA

Trabalha na portaria, grau de escolaridade: ensino médio completo; atualmente você está estudando? Assinalou sim e não. Não informou nada a seguir. Se não está estudando, gostaria de fazer algum curso? Sim, técnico de edificações. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim, nosso horário de trabalho 12/36 não dá para estudar. Trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar? Não, fiquei sabendo agora sobre o curso de edificações. Não teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo continuar.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Eu acredito que seja prejudicial, vai causar desemprego.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? Trabalho é essencial né.

PALOMA SUZY

Trabalha na portaria, grau de escolaridade: graduação incompleta; atualmente você está estudando? Sim, administração. Se não está estudando, gostaria de fazer algum curso? Sim (não informou qual). Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Não, estou estudando. Trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar? Sim, e respondeu também que sim, teve facilidade ofertada pela universidade para estudar.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não pretendo, quero evoluir na mesma empresa, mas em uma área melhor.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Não acho legal porque vai tirar o serviço de outras pessoas que precisam.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que o trabalho significa para você? É importante.

RIVANIA OLIVEIRA

Trabalha na portaria, tem ensino superior; não está estudando atualmente; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar e teve facilidade ofertada pela universidade para estudar. Não está estudando, mas comenta que precisaria mudar algo

em sua vida para que pudesse estudar: No momento estou com problemas de saúde na família.

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Não estou trabalhando no momento, mas gostaria de voltar trabalhar. Isso nos torna mais ativos.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Máquinas e robôs acho que tornam as coisas muito artificiais e gosto do contato direto com as pessoas, a troca de energia é muito gratificante.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Não.

O que Rivania quis comentar sobre o tema:

No mundo em que vivemos hoje, penso que em breve tudo será automatizado. Por um lado é a evolução, por outro deixará de existir todo o contato humano que existe dentro das pessoas. Acho uma pena, ainda acredito nos olhos nos olhos.

O que o trabalho significa para você? Significa aprendizado, bons relacionamentos, ocupação mental, realizações.

Sobre seu tempo de lazer, o que gosta de fazer? Gostaria de ter mais tempo de lazer do que tem atualmente? Hoje estou aposentada, tenho muito tempo livre. Agora, com a pandemia mais controlada, espero fazer algum curso.

RUTE FRANCISCA

Trabalha na portaria, tem ensino superior completo; está estudando atualmente publicidade e propaganda; trabalhando dentro da universidade, sente estímulo para estudar e teve facilidade ofertada pela universidade para estudar, mas não informou qual foi a facilidade. Não está estudando. Precisaria mudar algo em sua vida para que pudesse estudar? Sim (não informou o quê).

Pretende prosseguir na sua profissão atual? Sim, sempre se atualizando.

Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar? Acho que facilita em muitos casos, porém tem que tomar certos cuidados, para não fazer mal uso em pessoas e acabar machucando-as.

Conhece alguém que trabalha na mesma profissão que você e perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e um robô ou computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia? Sim.

O que o trabalho significa para você? Uma forma de movimentar sua mente.

Chegando à leitura cultural das falas dos protagonistas que atuam na portaria, temos que o sentido do trabalho se mantém centrado na dignidade e na essencialidade ou importância do trabalho, assim como em subsistência (seis menções diretas), mas também há outras abordagens que remetem ao imaginário sobre o trabalho e suas vertentes, como o relacionamento social (duas menções diretas), oportunidades de crescimento e aprendizado e de ‘movimentar a mente’; o trabalho ocupa, então, o tempo, e ele é tão central que suas distintas vertentes quase que ofuscam o pensamento sobre o tempo do não trabalho, fico aqui considerando nesse espaço de leitura cultural que os protagonistas desta pesquisa me permitem. Ainda destaco a palavra ‘honra’, dita por uma das pessoas – honra, dignidade, o que completa cada um de nós como seres humanos.

Sobre as instituições de ensino superior como ambiente que estimula ao estudo, a minoria comenta sobre facilidades, mas, em contrapartida, a maioria destaca que o ambiente é estimulador; entretanto, ainda suas falas me remetem ao problema do confronto entre a universalidade e a execução de ações que tornem efetiva a ideia de universalidade e inclusão; há diversos sonhos de aprimoramento, de ter outra profissão, de ser veterinária, assistente social, nutricionista... e há a verbalização das dificuldades, da exigência que o trabalho faz de tempo, da dupla jornada, da falta de oportunidade. Novamente, não encontro no ambiente universitário o acolhimento, a universalidade...

No tocante a robôs e máquinas substituindo o trabalho do ser humano, a maioria também desaprova – algumas frases contundentes: pode causar um “colapso financeiro e social”; tem-se apreço à modernidade, mas não aos malefícios que ela traz, vai afetar famílias, gerando desemprego – essas frases e ideias verbalizadas me remontam à consciência do trabalhador quanto ao seu entorno e quanto às dicotomias que regem a relação ser humano-máquina. E o ser humano: “ainda acredito nos olhos nos olhos” , há os que acreditam e dão boas-vindas à evolução, destacando a importância da adaptação às mudanças. Ao pensar nisto, remeto-me ao ser humano como modificador da natureza e do quão é preciso querer ‘modificar-se a si’... volto até ao conceito de trabalho como progresso para concluir esta leitura, por considerar pertinente trazer à reflexão a ideia de constante movimento e mudança que a vida humana exige de si, seja no tempo do trabalho, seja no tempo do não trabalho.

4.3.3 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior na Colômbia

Quadro 6 - Protagonistas da pesquisa na Colômbia em entrevistas semiestruturadas

Protagonista	Mediador cultural
ALISON LUPITA	
<p>¿Buenos días, en que actividad se desempeña actualmente? Yo soy coordinador de servicio de la Universidad (limpieza).</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted? Mucho, porque es algo que es para mi familia, para mis hijos, para un bienestar de mis hijos.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual? Sí, claro. Uno cuando tiene sus hijos tiene que seguir trabajando. Buscar un proyecto más para mis hijos. Un buen futuro para mis hijos.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? En parte que son buenas. No hay parte de robótica. En una escala que le están quitando mucho el trabajo al personal humano, donde nosotros trabajamos y hay otras cosas que son buenas, no hay unas buenas y otras malas.</p> <p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona.</p> <p>Sí, hay muchos compañeros que eran un muchacho que trabajaban metiendo esa cañería, todas las cosas. Ya llegó la máquina, les quitó lo que sean sus chambas cuando llegan a su plato. Ahora llega la máquina, se acaba rapidito y ya. Listo. Se acabó el trabajo para los muchachos.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación? El bachillerato.</p> <p>¿Está estudiando actualmente? No en estos momentos. No, ya no, no, no estoy estudiando ese momento.</p> <p>¿Le gustaría tomar un curso?</p>	<p>Alison Lupita me recordou sobre o imaginário do trabalho como progresso, futuro, como algo que pode trazer uma esperança de mudança, em que pese a realidade da máquina substituindo o ser humano.</p> <p>A questão do tempo para não trabalho ficou evidenciada em minha leitura cultural de seu imaginário – cada tempo alocado em algo significa uma escolha e há que ponderar essas escolhas – um ponto do imaginário de Alison direcionou-me à alocação do tempo para trabalho como forma de trazer conforto e bem-estar à família, estando aqui vários construtos sobre o papel do ser humano e sua relação com o trabalho, além das escolhas e as ponderações de valor que fazemos nas escolhas.</p>

<p>Sí, claro. Me gusta mucho la electricidad.</p> <p>Ok. ¿Le gustaría entonces el de electricidad?</p> <p>Sí, claro. Me encanta la electricidad un poquitico. No es que sea mucho, pero sí me encanta</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>No, no, no, tiempo más que todo el tiempo tenía que haber uno trabajando y conteniendo sus hijos. Uno tiene que tener tiempo para otras cosas. Por eso a veces uno no estudia, uno por sacar sus hijos adelante y tener otro trabajo fuera, el que yo tengo, porque yo tengo que salir a buscar. A veces trabajo por fuera para mantener bien a mis hijos.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>No, no, nunca. No, no, no, para nada.</p> <p>¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decirme cuál?</p> <p>Sí, claro. Aquí, aquí. Cada rato nos dicen a nosotros desde el trabajo. La otra era que nos están dando de enfermería o de enfermería, pero no, no, no!</p> <p>¿Hay algo de lo que le gustaría hablar a comentar sobre este tema?</p> <p>No, aquí en mi universidad no, y aquí le agradezco mucho a la universidad por todo lo que me ha dado, todo lo que tengo. He sacado mis hijos adelante, he tenido un trabajo constante aquí en la universidad. Gracias a la universidad he tenido mis cosas ahora en adelante que he tenido.</p> <p>¿Cuántos lleva? ¿Cuántos años lleva aquí en la universidad?</p> <p>17 años.</p> <p>La experiencia. Muchas gracias.</p>	
ANA LAURA VARGAS	
<p>Buenos días.</p> <p>¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>En aseo. Servicios Generales.</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Limpiar. Desinfectar toda la cuestión de aseo, de limpieza.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión la profesión actual?</p> <p>Sí, porque me gusta. Me gusta la limpieza, el orden.</p> <p>¿Entonces? Creo que sí.</p>	<p>Ana Laura e seu gosto pela limpeza associada à ordem me recordou o imaginário do trabalho como uma ação humana que gera algo agradável, remontando-me à literatura abordada nesta pesquisa acerca da valorização da atividade que gera limpeza, mas não a quem a realiza. Também</p>

<p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Pues no sé, como que no me conviene. Eso nos quita mucho el trabajo a nosotras que desempeñamos esta labor. Bueno, no estoy de acuerdo.</p> <p>¿Conoce algún caso que haya sido reemplazado por alguna computadora o Robots?</p> <p>¿Para que haga el servicio que hacía esta persona anteriormente?</p> <p>Pues la verdad no, no conozco, pero sí he escuchado y no estoy de acuerdo.</p> <p>¿Y porque no está de acuerdo?</p> <p>No, pues porque nos quitan el trabajo a nosotras que después desempeñamos esa labor. Ya con una máquina, pues ya la máquina es la que lo va a hacer. ¿No?</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>El bachillerato.</p> <p>¿Está estudiando actualmente?</p> <p>No, señor.</p> <p>¿Le gustaría tomar algún curso?</p> <p>Sí, claro, sí. ¿Teniendo la oportunidad? Sí.</p> <p>¿Y cómo cuál?</p> <p>Como manipulación de alimentos, cocina.</p> <p>Necesi. Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.</p> <p>¿De pronto un poquito los horarios, pero del resto no? ¿Todo bien?</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar? Sí, por ahora sí.</p> <p>¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?</p> <p>Sí. Aquí en la universidad sí. Nos han brindado la oportunidad de cursos en sistemas, pero pues la verdad, pues como eso no es lo mío, entonces no me he animado, pero sí hemos tenido la oportunidad.</p> <p>¿Le gustaría estudiar algo de sistemas relacionado con el área de sistemas?</p> <p>La verdad no, no, no, no, no me gusta. ¿Entonces como que no es mi afinidad? No! No, no me gusta.</p> <p>Muchas gracias.</p>	<p>é considerável observar que, nessa instituição de ensino superior, há falas sobre a oferta de facilidades de formação para o trabalhador que executa tarefas simples, e me ponho a refletir: possível, é...</p>
---	--

DULCE MARÍA MORENO	
<p>Y en que actividad se desempeña actualmente. Conserje (portería). ¿Qué significa el trabajo para usted? Es muy importante porque ahí depende mi... depende mi salario depende prácticamente todo. ¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual? Pues mientras tenga fuerza y vida. Claro que si tengo que continuar, porque no tengo quien me mantenga. ¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? Me suena como para mí es obsoleto eso porque hay muchas personas que las dejan sin trabajo, muchas personas que están viviendo en total pobreza y no les importa meter un robot a trabajar en una empresa donde hay hombres trabajando, mujeres. ¿Conoce usted de algún caso que haya sido reemplazado por un robot? Aquí en Colombia no, pero en otros países sí. ¿Cuál es su nivel de educación? Primero y primero, bachillerato. ¿Está estudiando actualmente? No, ni quiero seguir estudiando porque ya. Ya vi lo que tenía que ver. ¿Le gustaría tomar un curso? Pues yo he tomado tantos cursos que ya me cansé. No quiero estudiar. ¿Seguir más cursos para qué? Porque aquí no le dan trabajo a uno en los cursos que uno haga. ¿Necesitarías cambiar algo en su vida, en su vida, para poder estudiar.? Así como estoy, estoy perfectamente bien. Gracias a Dios tengo todo lo que necesito. ¿Se siente estimulado a estudiar? No, ya no, porque ya lo que tenía que ver con 68 años, ya lo que fue, fue ya. Los estudios quedaron para mis nietos, para mis hijos. ¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?</p>	<p>Dulce María aponta o trabalho que realiza como o que lhe sustenta, reforçando o imaginário do trabalho como fonte de sobrevivência. Ela entende que a educação tem tempos e que o tempo de estudar, para ela, já passou, o que remete ao imaginário da educação como etapas de vida, não como algo contínuo e que permite o desenvolvimento do ser humano. Com relação ao estímulo para estudar, Dulce María expressa o que vimos discutindo sobre a invisibilidade e as classificações de status - Por que razão a universidade não lhe oferece facilidades para trabalhar? Porque não interessa a ela que alguém trabalhe e se supere, algumas vezes, não. O 'algumas vezes' nos remete a refletir – para alguns, talvez?</p>

<p>Nunca.</p> <p>¿Nunca me puede dar alguna razón?</p> <p>Por el trabajo, tal vez. Porque no le interesa que uno trabaje, que que se supere. Algunas veces no.</p> <p>¿Hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema?</p> <p>No, que lo hablen otros. Yo no.</p> <p>Muchas gracias.</p>	
EMILY MÍA	
<p>¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>Me desempeño contestando teléfono en la portería.</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Lo mejor que me ha podido pasar.</p> <p>¿Qué piensa en su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Bueno, ya estoy de que me voy a mencionar. Ya me falta un año para pensionarse.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de los robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Muy triste, muy triste porque nos vamos a quedar mucha gente sin trabajar.</p> <p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted. Servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona.</p> <p>Bueno, hasta ahora no amanece en este puesto. Somos dos compañeras y hasta ahora ella lleva más tiempo. Lleva 23 años aquí. Entonces todavía no nos ha sucedido eso.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Bueno, bachiller.</p> <p>¿Está estudiando actualmente?</p> <p>No, ya no estoy estudiando. Ya tengo 60 años.</p> <p>Uhm. ¿Le gustaría tomar un curso?</p> <p>Bueno, sí, de pronto. Sí, claro.</p> <p>Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.</p> <p>No, no, no cambiaría nada de mi vida.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Sí, sí, me siento estimulada.</p>	<p>O trabalho como o melhor que poderia acontecer é uma expressão contundente, que Emily Mía me conduz ao imaginário do sentido do trabalho enquanto centralidade para o ser humano. A idade não lhe é empecilho para o estudo e este é visto como parte da vida. A facilidade a que Emily se refere é a de oferecer cursos (talvez com descontos) e que, ao escolher que a filha dela estudasse, em vez dela, voltei-me ao imaginário dos tempos de trabalho e de estudo que são construídos por nós e da educação profissional como importante para o desenvolvimento de uma atividade socialmente esperada – tempo de trabalhar, tempo de descansar... há tempo para cada coisa...</p>

<p>¿Pero la universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? Si es así. ¿Podría decirme cuál?</p> <p>Bueno, sí. Aquí ya después de que llevamos tres años, nos da. No tengo facilidad para para estudiar, pero en el momento en que me llegó a mí, entró a estudiar mi hija acá. Entonces preferí que mi hija estudiara y no yo.</p> <p>¿Hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema? ¿Algo adicional que usted quisiera decir?</p> <p>Bueno, que sí, yo me siento muy agradecida con mi trabajo porque saque adelante a mis dos hijas y son profesionales y yo aquí estoy esperando mi pensión.</p> <p>Muchas gracias.</p>	
EMILIANA DÍAZ	
<p>¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>Oficios varios (limpieza).</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Significa mucho porque sirve para sostener a la familia.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Sí. Seguir estudiando.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de los robots o máquinas para hacer su trabajo? ¿Qué piensa usted? ¿Por ejemplo, usted qué piensa cuando se reemplaza la mano humana por los robots? ¿Usted estaría de acuerdo o qué piensa usted?</p> <p>No, porque no uno se queda sin empleo.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación? Mi bachillerato está estudiando actualmente. ¿No? ¿Le gustaría tomar un curso?</p> <p>Sí. Sería del sistema.</p> <p>Necesitarías cambiar algo en su. En su vida para poder estudiar.</p> <p>Pues cambiarnos de trabajar y estudiar.</p> <p>¿Qué necesitaría cambiar en su vida? Porque la pregunta dice que necesitaría cambiar en su vida para poder estudiar. ¿Qué piensa usted?</p> <p>Pues cambiar. Yo creo que nada, seguir trabajando y estudiar al mismo tiempo.</p> <p>¿Se siente estimulada para estudiar? No sé. ¿Sí o no?</p> <p>Sí.</p> <p>Sí. En la universidad donde trabaja. Le ha brindado alguna facilidad para estudiar y. ¿Que si le ha apoyado con algún</p>	<p>O trabalho como fonte de sobrevivência também surge com muita intensidade no imaginário do trabalhador latino-americano, como reforça a fala de Emiliana Díaz. Também voltei-me às escolhas e ao imaginário do trabalho como uma ‘escolha obrigatória’ – toda a vida foi dedicada ao trabalho e, agora, com a vinda dos robôs, a ameaça do desemprego se apresenta ao trabalhador, que verbaliza discordância e, no intertexto, temor.</p>

<p>apoyo económico, que si para poder estudiar no? No había posibilidad.</p> <p>Pues la verdad toda la vida se dedicaba a trabajar. Entonces la verdad.</p> <p>Si hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema, algo que ud. quisiera adicionar.</p> <p>Muchas gracias.</p>	
EMMANUELA RUÍZ	
<p>Buenas tardes.</p> <p>Quisiera hacerle la siguiente pregunta. ¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>En jardín. Jardín (limpieza)</p> <p>¿Puede hablar un poquito más de jardín? ¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Pues para mí, en verdad es un trabajo en el cual me gusta. No lo hago por la necesidad y la necesidad, sino porque me gusta laborar en la semana.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>La verdad, sí. Para porque tengo una hija y necesito el trabajo. Y actualmente, para poder conseguir mis cosas que necesito.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Y manejarlas con el debido, o sea, manejarlas adecuadamente como son. Tener todo lo. Lo que nos... lo que nos permite no tener accidentes.</p> <p>En su profesión. ¿Usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona que sí conoce algún caso familiar conocido que haya sido reemplazado por una máquina?</p> <p>No, hasta el momento no.</p> <p>¿Y usted qué opina al respecto?</p> <p>Pues sería, o sea, en mi forma de pensar, pues si ponen una máquina ya uno quedaría sin trabajo. ¿Entonces pues no sería ya una falencia para uno de personas, ya no conseguiría el trabajo entonces? Pues no, no estaría de acuerdo, digámoslo así.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p>	<p>Emmanuela Ruíz me recorda o mito do senhor e do escravo ao dizer que o trabalho é uma necessidade, mas também fonte de prazer. O escravo, ao perder para o seu senhor, se volta ao trabalho como forma de criar e de se realizar – de sua ação sobre a natureza, de seu labor, ele se realiza ao mesmo tempo que se transforma.</p> <p>Outro ponto de sua fala dirige a atenção para o fazer algo que lhe interessa e que significa algo, algo além do material – o trabalho realiza e traz superação.</p> <p>Seu interesse em estudar ‘atenção à primeira infância’ me recorda o imaginário do estudo como transformação e evolução.</p>

<p>Bachiller y preescolar.</p> <p>¿Está estudiando actualmente?</p> <p>No, no, señor.</p> <p>En sí no está estudiando. ¿Le gustaría tomar algún curso? Y si es así. ¿Cuál?</p> <p>Pues me gustaría, sí. Bueno, por el momento actualmente no, pero sí a largo plazo. Me gustaría hacer como el seminario del curso que yo hice, que era de preescolar. Atención a primera infancia. Me gustaría homologar, pero ya a más tiempito necesita.</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>Tener el trabajo, que con eso es que uno también se logra superar.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Pues por el momento agradezco a los que me han contratado por el trabajo, pero actualmente no, no, no tengo como la forma de porque estoy recién ingresada, pero sí me gustaría a largo plazo estudiar del mismo trabajo que tengo.</p> <p>En la universidad donde trabaja. ¿Le ha brindado alguna facilidad para estudiar?</p> <p>¿La verdad a quien le he puesto? No, no, la verdad no, ni tampoco lo he hablado.</p> <p>Si hay algo de lo que les gustaría hablar o comentar sobre este tema.</p> <p>Es que uno no tiene conocimiento ni esa facilidad como para hacer esas preguntas. Y si o no o no, tal vez no es como como someterse a preguntar eso si le afecta en el trabajo o como una persona.</p> <p>¿Algo más que quisiera añadir?</p> <p>No, pues que me cueste. Trabajo en la universidad, la verdad a mí me gusta y eso es lo importante, lo sentirse bien en el puesto de trabajo.</p> <p>Muchas gracias.</p>	
MARÍA CELESTE	
<p>¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>Auxiliar de Servicios Universitarios - conserje. Atendemos los eventos de la Ola Máxima y el Pedro Elías Serrano y en la auxiliar del aula Máxima.</p> <p>¿En qué? ¿En qué? Perdón. ¿Qué significa el trabajo para usted?</p>	<p>María Celeste expresa apreço ao local que trabalha e me remete ao imaginário do lugar do trabalho como uma extensão da 'família'... ademais, ao dizer que</p>

<p>Una bendición de Dios. Para mí es una maravilla estar trabajando aquí en la Universidad. La amo.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Pues cuando salga pensionada, quiero viajar, conocer lo que no pude conocer porque estaba laborando.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Pues me parece que están desplazando el ser humano por máquinas. ¿Y entonces nosotros qué vamos a hacer? Los humanos, si van a reemplazar por máquinas.</p> <p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona. ¿En síntesis, usted qué opina? Por ejemplo, para aquellas personas que han sido reemplazadas por las máquinas o por los robots, si usted conoce algún caso aquí en la universidad o algún vecino o familiar.</p> <p>Yo solita, gracias al universo, no he conocido hasta ahorita a nadie que se haya quedado sin trabajo. Por eso el robot. Pero si observa uno, por ejemplo en esos carros que eran dos, ya no anda sino uno, porque la vida, la situación económica, está bastante cara.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Estudié hasta primero Bachillerato.</p> <p>¿En este momento está estudiando?</p> <p>No, para nada. Si no está estudiando, le gustaría tomar algún curso.</p> <p>Que sea curso, pero no estudiar. Estudiar porque le cogí fobia al estudio. ¿Como cuál curso?</p> <p>Por ejemplo, manualidades. Me gustaría aprender a coser para uno, al menos estar en la casa ocupada.</p> <p>Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.</p> <p>El estudio para mí no, no, no me llamó la atención. No sé si fue porque me tocó estudiar a conciencia mía, estar laborando desde muy niña y costearme el mismo estudio yo y hasta logré hasta el primero de bachillerato y de ahí para allá no.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>¿En que sí me siento estimulada para estudiar?</p> <p>No.</p>	<p>gostaria de, ao cessar o trabalho, o tempo de trabalho, e se aposentar, que quer conhecer o que o tempo de trabalho lhe impede de ter. O ser humano busca, no trabalho, condições para que possa realizar outros anseios que envolvem outros tempos e espaços; o tempo do trabalho e o do não trabalho se mesclam no presente, sendo o primeiro como realidade, o segundo como um 'vir-a-ser' – um desafio e tanto para o imaginário da ocupação do espaço de lazer como a do não-trabalho propriamente dito. Ao realizar a leitura de aprender um ofício para estar em casa ocupada, logo pensei em que queremos aprender para fazer, e recordei-me do quanto associamos a ideia de aprender a executar algo.</p> <p>Ao comentar que a matemática sempre foi algo difícil e que a ela não era dado o estudo como algo presenteado pelo universo, Maria Celeste me leva ao imaginário da escola como um lugar para alguns, para uma elite, quando a escola deve</p>
--	--

<p>¿Y por qué?</p> <p>Por no sé por qué. Pues como le digo, yo quedé como marcada, marcada yo desde muy niña y el estudio a veces se le hacía uno muy duro. La matemática a mí me daba, me daba demasiado duro. Ahora los dictados también me daban muy duro. Entonces por eso le he cogido fobia al estudio.</p> <p>¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decirme cuál?</p> <p>Sí. Si, gracias al universo. Si la universidad le da la facilidad a uno, pero lastimosamente para mí, para mí no, pero sí estoy ayudando a mis hijos, a mi nieta para que ellos salgan adelante.</p> <p>¿Hay algo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema?</p> <p>Pues darle la felicitación a la niña que está estudiando y haciendo su maestría o el doctorado que siga para adelante y que el universo me la guarde. Y me dio el espacio. Y quisiera agregar algo más libremente. No hasta ahí.</p> <p>Muchas gracias.</p>	<p>ser o lugar de todos, em que todos possam se desenvolver. O imaginário da escola como um lugar de alguns é algo muito presente na vida dos povos latino-americanos, havendo a necessidade de abrir-se diversos espaços para a discussão desse imaginário que não inclui, mas exclui, e nessa exclusão estão muito presentes condições sociais e econômicas que reforçam a crença da ‘educação formal’ para poucos.</p>
JERÓNIMO MARTÍNEZ	
<p>Buenas tardes. ¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>Hoy no responde.</p> <p>¿En qué trabaja en este momento?</p> <p>Servicios Generales. (limpieza)</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Significa todo porque uno sin trabajo no es nada. El trabajo necesario para todo.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar con su profesión actual?</p> <p>Pues sí, me gustaría, pero me gustaría continuar trabajando y estudiando para ser alguien en la vida. Porque no crea que me voy a quedar siempre haciendo lo mismo, haciendo aseo.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Genial, porque mire que la tecnología ahorita está muy avanzada y pues ahí no sé qué más responderle.</p> <p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio está informatizado y por ejemplo un robot o una</p>	<p>Jerónimo Martínez nos traz, em uma frase, o resumo do imaginário do trabalho como condição para a diferenciação do ser humano – sem o trabalho, não somos nada. “Uno sin trabajo no es nada”.</p> <p>Ver a tecnologia em seu aspecto positivo foi encontrado minoritariamente nesta pesquisa, mas o que queria destacar é esse comentário sobre considerar positivo ser substituído por um robô no trabalho seguido de: “mas isso foi somente em filmes (na ficção), não é?”</p>

<p>computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona. ¿Usted qué opina al respecto?</p> <p>Que todos tenemos derechos y pues la persona ya robo porque la tecnología está muy avanzada. ¿Pues yo no veo nada de malo porque todos necesitamos, no?</p> <p>¿Pero usted estaría de acuerdo con que se reemplace el ser humano por la por un robot o por una máquina?</p> <p>Pues por un robot sí me gustaría. Pero eso fue solamente en las películas. ¿No?</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Terminé el bachillerato, terminé 11 y. Pero me gustaría terminar el estudio, hacer una carrera.</p> <p>¿En este momento está estudiando?</p> <p>No, pero me gustaría.</p> <p>¿Y qué curso le gustaría tomar?</p> <p>Pues a mí me gustaría hacer eso. Es algo como sonar, pero pues acá en la universidad no sé si está permitirle una trabajar y estudiar.</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>Sí, claro. Deja de trabajar y de cama. Estudiar, pero imposible hacer eso. Hay que hacer las dos cosas trabajar y estudiar.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Sí, claro. Que rico tener una profesión.</p> <p>¿Pues la universidad donde trabaja le ha brindado algún espacio, alguna facilidad para estudiar?</p> <p>Pues sí, yo hablé con doña Andrea, pero ella me dijo que me tenía que hablar con don Juan Carlos y pues estoy en ese proceso, que don Juan Carlos me diga sí, sí o no.</p> <p>O que quisiera agregar algo más.</p> <p>Sí, está bien también.</p> <p>Muchas gracias.</p>	<p>Eis que o admirável mundo novo se encontra como real...</p> <p>O tempo de trabalho e não trabalho e o estudo como decisão também me remete ao imaginário das escolhas e do que é considerado socialmente mais importante. O que precisaria fazer para poder estudar? Deixar de trabalhar e de dormir... a resposta demonstra o imaginário do trabalho como prioridade e a impossibilidade de optar pelo não trabalho...</p>
MARÍA JOSÉ TORRES	
<p>Buenas tardes. En qué actividad se desempeña actualmente.</p> <p>En Servicios Generales (conserje, portería)</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p> <p>Como desempeñarme y crecer como persona.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p>	<p>María José nos traz o sentido do trabalho como algo que traz crescimento pessoal e que propiciará condições para estudar e para ter sua própria casinha, seu lar, além</p>

<p>Pues por el momento sí, pero más adelante crecer como persona, estudiar para tener mi casita propia y ayudar a mi niño con los estudios.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Pues es algo que nos sirve mucho, pues.</p> <p>Lo que le salga del corazón.</p> <p>Pues lo sirve la verdad. ¿Está capacitado ahora cómo? La ayuda es como una ayuda para desempeñarlo mejor en nuestra área de trabajo.</p> <p>¿Conoce usted de algún caso, algún familiar vecino que haya sido reemplazado por alguna máquina?</p> <p>No, pues por el momento no he conocido ningún caso. Nada.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Bachiller.</p> <p>¿Está estudiando actualmente?</p> <p>No, por el momento no, si me gustaría estudiar, pero por el momento no lo puedo hacer.</p> <p>¿Qué le gustaría estudiar? ¿Qué curso le gustaría tomar?</p> <p>Culinaria. Me encanta la cocina.</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>Pues necesitaría trabajar medio tiempo y medio tiempo dedicarlo al estudio.</p> <p>¿Se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Sí, claro. Es muy necesario para todo ser humano estudiar, tener una carrera para tener nuestros propios negocios.</p> <p>¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?</p> <p>Pues yo creo que me la brindaría, pero la verdad no he preguntado, pero yo creo que sí la podría brindar.</p> <p>Quisiera agregar algo más.</p> <p>No, que muchas gracias por la entrevista. Muy chévere.</p> <p>Muchas gracias</p>	<p>de ayudar a familia (no caso, o filho) para que este possa estudar. O imaginário do trabalho como fonte de realizações fica bem presente aqui, assim como a ideia do estudo para as gerações que vêm, que têm um 'futuro pela frente'.</p> <p>O tempo para estudo aparece novamente como desafio e como escolha, mas uma escolha necessária – todo ser humano deve estudar, estudar é uma necessidade.</p> <p>Por fim, tenho de ilustrar o registro do comentário final: muito legal a entrevista.</p> <p>O pesquisador é um ser humano e, como tal, é cheio de necessidades sociais, também, como a de construir os relacionamentos para que haja a troca e a compreensão que nos faz ser diferentes.</p>
MATHILDA SANCHÉZ	
<p>¿Buenas tardes, en que actividad se desempeña actualmente?</p> <p>Bueno pues actualmente tengo a mi cargo el manejo de esta dependencia que es el área de alojamiento institucional aquí en la Universidad. (limpieza)</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted?</p>	<p>Mathilda Sánchez nos diz que o trabalho é complemento da vida para que nos sintamos dotados de valor, novamente remetendo ao trabalho como essencial e central, e</p>

<p>El trabajo para mí, desde el punto de vista profesional, es el desarrollo de una actividad para la cual uno se prepara permanentemente y en la cual uno se enriquece también a través del conocimiento y de la experiencia. Y en lo personal es el complemento de. De la de la vida que se requiere para sentirse autosuficiente, para sentirse valor valioso, para sentir que servimos y podemos aportar no solo a nuestra vida, sino a la de otras personas.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Bueno, en cuanto a mi futuro, pues yo llevo ya bastantes años laborando. Pienso de todas maneras, que cada vez que cuando llegue la etapa de dejar ya mi actividad como empleada en una institución, igual espero poder continuar desarrollando algún tipo de actividad laboral. Pues porque primero porque ya estoy habituado al trabajo, lo requiero, lo necesito más que digamos en la parte económica, digámoslo que lo necesitaría siempre como como desarrollo de mi personalidad, de mi vida, de mi vida como ser humano y como persona que puede aportar algo a la vida.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Bueno, pienso que la tecnología es una herramienta muy valiosa para el desarrollo de muchas cosas. En la actualidad la tecnología nos ha ayudado a facilitar en algunos aspectos la vida, pero también me parece que la tecnología reemplaza a veces al ser humano y el ser humano es irremplazable. Entonces siento que la tecnología nunca puede ser superior al hombre ni estar por encima del ser humano.</p> <p>¿En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona?</p> <p>Si diariamente se da uno cuenta de eso, le voy a poner un ejemplo que en el cual se evidencia que el ser humano es reemplazable por muy, muy alta que sea la forma como se desarrolle la tecnología. Hay momentos en los cuales uno no valora el papel del ser humano enormemente. Por ejemplo, cuando uno hace una llamada y es un call center o es una máquina la que le contesta Personalmente siento una frustración muy grande porque no es lo mismo que te digan para tal cosa marque uno, para tal otra cosa marque dos. A</p>	<p>ainda nos brinda com o imaginário do trabalho como forma de contribuição para si e para os outros, o sentido social do trabalho também é forte na fala de Mathilda. Aliás, Mathilda também nos revela o imaginário da necessidade do contato social e do quanto nós, humanos, queremos falar com humanos, não com máquinas, como também já foi abordado anteriormente nas falas dos respondentes do Brasil.</p> <p>O tempo novamente aparece como limitador, como algo que diminui a possibilidade de estudo – agora, eis que Mathilda revela, ainda, que se aprende não somente na escola, na educação formal, mas também com as experiências de trabalho. Ou seja, o espaço de trabalho também é um espaço de aprendizado.</p> <p>São escolhas, como destaca Mathilda – as opções estão sempre dadas, temos que buscá-las...</p> <p>“ A veces somos nosotros quienes no las buscamos o no nos las</p>
--	--

<p>que una persona muy amablemente, con su voz humana nos diga en qué le puedo servir.</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Mi nivel de educación es universitario.</p> <p>¿Está estudiando actualmente?</p> <p>No, no estoy estudiando ya en la actualidad.</p> <p>¿Si no está estudiando, le gustaría tomar algún curso?</p> <p>Si, desafortunadamente el tiempo es como muy reducido para para eso. Pero también creo que todos los días uno tiene oportunidad de aprender cosas nuevas, no solamente de forma académica, sino de la misma experiencia que uno desarrolla en el trabajo y en muchas actividades de la vida.</p> <p>?Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.?</p> <p>Disfrutar de más tiempo.</p> <p>¿Se siente estimulada a estudiar?</p> <p>Sí, yo creo que el estudio es algo que siempre nos estimula para mejorar y para para crecer como seres humanos y como profesionales. Pienso que el estudio es una actividad sumamente importante en la formación integral que las personas debemos tener.</p> <p>¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decir cuál?</p> <p>Bueno, la universidad tiene ha tenido siempre muchos beneficios para quien quiera acceder a estudiar en ella. A veces es uno mismo quien tal vez no lo. No los aprovecha lo suficientemente por falta de tiempo o por falta de decisión.</p> <p>¿Hay algo más que le gustaría añadir o comentar sobre este tema?</p> <p>¿No? Es decir, añadir todo. Hummm... Son las opciones están siempre dadas. A veces somos nosotros quienes no las buscamos o no nos las propiciamos a nosotros mismos. Pero las cosas dependen también de la iniciativa que cada uno de que tenga en alrededor de su vida y alrededor de muchas cosas.</p> <p>Muchas gracias.</p>	<p>propiciamos a nosotros mismos”...</p>
---	--

Fonte: autoria própria (2022)

4.3.4 Vozes sobre o trabalho em instituições de ensino superior em Cuba

Quadro 7 - Protagonistas da pesquisa em Cuba em entrevistas semiestruturadas

Protagonista	Mediador cultural
MARI LUIS ERNESTO	
<p>Agente de seguridad en la universidad.</p> <p>¿La universidad nunca se preocupó por proponerla a ustedes una forma de superación, un curso o algo? No, no, nunca hubo ninguna propuesta de un curso corto de algo que mejorara su puesto laboral. Aunque sea nada de nada.</p> <p>Nada de nada.</p> <p>¿O sea que la universidad nunca tuvo la intención de que ustedes salieran de guarda de seguridad hacia otro puesto?</p> <p>No</p> <p>¿Y en ese puesto de trabajo habían personas que sí tenían ese interés de estudiar, de superarse?</p> <p>Que lo había!! Que lo había porque había personas jóvenes.</p> <p>Ese nunca fue el interés suyo, superarse y tener otro.</p> <p>Si hubiera tenido, me hubieran propuesto que hubiera estudiado.</p> <p>Sí, porque es algo contradictorio que trabajando como guardia en una universidad no hubieran proposiciones para mejorar. Entonces...</p> <p>Claro. Tchhh (muxoxo)</p> <p>¿Qué piensa de eso? ¿De las computadoras, las máquinas, las cámaras que suplen el trabajo de la gente? O sea, yo pongo una cámara y ya no necesito tres guardias de seguridad. ¿Qué opinas de esas cosas?</p> <p>Bueno, yo pienso que sea una forma de más seguridad... pero afecta al propio humano porque reduce los puestos de trabajo. Entonces se vería como una mejora quizás para la entidad, pero para la persona que trabaja sería afectada. Ah, sí, sería... sería afectada</p> <p>¿Cuál considera que debería ser la máquina un complemento del ser humano, no suplir el trabajo del ser humano?</p> <p>No suplir el trabajo de su puesto.</p> <p>Entonces, definitivamente la universidad nunca dio ninguna facilidad para estudiar para nada.</p>	<p>Mari Luis apresenta o imaginário do trabalho como fonte de segurança, ainda que sua fala não explicita isto. Ao comentar que as máquinas, substituindo os seres humanos, a mesmo tempo que aumenta a segurança (e vamos ao imaginário da máquina como mais eficiente, como a que não se fadiga, não se distrai), afeta o ser humano, reduzindo as opções de postos de trabalho.</p> <p>Sobre o tempo de não trabalho ou, ainda, o tempo de lazer, a expressão de Mari é a de 'me superei', trazendo a ideia de que melhorou nesse quesito, mas não falou mais nada a respeito.</p> <p>O que registro em minha leitura foi a questão da não oferta de facilidades ou estímulo ao estudo, algo que transpareceu como um ponto de atenção para Mari, que</p>

<p>(...) pensando... (...) Para nada</p> <p>En el tiempo libre que usted tiene. ¿En qué le gustaría emplearlo? Aparte de los quehaceres de la casa, del trabajo y demás.</p> <p>Bueno, pues me he superado</p> <p>¿Hasta dónde estudiaste? Hasta un noveno grado.</p> <p>Una necesidad que no ha sido satisfecha por la propia universidad.</p>	<p>pensou e verbalizou, mais de uma vez, a expressão: para nada... não ajudou em nada...</p>
<p>RICARDO CABRERA</p>	
<p>Para su desempeño como guarda de seguridad. ¿Qué significa ese trabajo para usted?</p> <p>Pero para mí es un trabajo sencillo, pero un trabajo que me da cierta libertad y me da cierta cobertura para trabajar en otros lugares. Por ejemplo, yo tengo una carpintería particular en la que yo con los tiempos de descanso me desempeño en ella y tengo un salario aparte y es una mejoría de vida para mí.</p> <p>¿Qué piensa usted de las máquinas, los robots, las computadoras, las cámaras de vigilancia que ya están supliendo el trabajo del propio hombre?</p> <p>Bueno, para mí es algo que nos toca a nosotros como seres humanos. Que llegue el momento en que las máquinas lleguen a ocupar nuestro lugar al lugar que nos corresponde como seres en esta tierra. Por ejemplo, una máquina no tiene la tendencia, no tiene la preocupación, no tiene el alcance que puede tener un ser humano en un puesto de vigilancia. El desarrollo no es el mismo porque abarca un cierto determinado, una determinada visión. Pero nosotros podemos abarcar una visión más profunda poder llegar a lugares donde ellas quizás no pueden llegar nunca.</p> <p>¿Actualmente estás estudiando? No</p> <p>¿Nos podrías decir por qué? ¿Y si te gustaría estudiar, aunque estés en el puesto de guarda de seguridad?</p> <p>Bueno, yo elegí este puesto porque es un puesto que me deja. Es, como dije antes, una margen para trabajar. Un margen para. Para desarrollar una vida diferente. En este momento, sinceramente, no me gustaría estudiar. Me gustaría mantenerme como me encuentro porque yo tengo mi doble trabajo, tengo mi puesto como agente de seguridad y tengo mi puesto. En mi caso, un puesto particular en la que me siento bien y así tengo mejores ganancias.</p>	<p>Ricardo Cabrera traz uma fala que remete ao imaginário do trabalho como algo associado à liberdade – para ele, a liberdade de fazer outras coisas e ter outros tempos em outros lugares. Também voltei ao mito do senhor e do escravo ao imaginar Ricardo em seu processo de criador, transformador da natureza no serviço que, para ele, se apresenta também como um hobby, a carpintaria.</p> <p>Sobre as máquinas e os seres humanos, associei sua fala à busca do ser humano em criar na máquina a ‘intuição’, como comentei nesta pesquisa sobre o seminário que minha esposa participou... a máquina e a o paradoxo de seus limites – ‘la máquina no tiene la tendencia, no tiene la preocupación, no tiene el alcance que puede tener un ser humano em um puesto de</p>

<p>¿Aun así, si llegara un curso que fuera para tu superación, lo tomarías? ¿Y qué tendrías que cambiar en tu vida para tomar ese curso?</p> <p>No, negativo. Yo. Yo no lo tomaría. Yo llevo una vida lo bastante tranquila, lo bastante plácida. Y es una vida en la que yo me he acostumbrado a vivir de una manera en la que yo me desenvuelvo muy bien y la que ya no me gustaría estudiar. En primer lugar, yo me siento muy bien como yo me siento y yo soy un agente de seguridad en cierto en cierto en ciertas partes del día, pero en otros momentos del día, soy un carpintero y creo que mi vida es lo bastante tranquila y lo bastante buena como para en estos momentos dedicarme a estudiar.</p> <p>El estudio para ti no es una necesidad.</p> <p>No. Negativo. El estudio para mí no es una necesidad.</p> <p>¿Entonces, en tu tiempo libre, qué te gusta hacer? ¿Y si tuvieras más tiempo libre, en qué lo emplearía?</p> <p>Bueno, eeee bueno... mi tiempo libre. Ya, ya, ya, ya. Como le dije, es un tiempo que me dedico a la carpintería. Pero el otro tiempo libre lo dedicaría. No sé. Me gusta el mar, me gusta la playa, pues a compartir con mis hijos, etcétera, etcétera ver... Pues son cosas que normal, como todo ser humano.</p>	<p>vigilancia...” – a máquina ainda não tem a sensibilidade, o discernimento, o feeling – em nosso imaginário, seremos, sempre, preponderantes sobre a nossa criação... estaremos em um espaço matrix?</p>
WALMIR RAÚL	
<p>¿Tú piensas que el trabajo de guardia de seguridad es algo para hacerlo toda la vida o es solamente algo momentáneo?</p> <p>No, no... es algo momentáneo. Es algo momentáneo. Por ejemplo, yo trabajé en Seguridad de la Portuaria en un aeropuerto internacional donde las condiciones son mejores que en otros centros de trabajo... mejor. Yo, por ejemplo, tenía buen confort donde trabajaba, buena alimentación, ropa, los medios necesarios para trabajar que no es lo mismo como el guarda de seguridad, por ejemplo, aquí en la universidad.</p> <p>No, no, para nada... para nada... tiene otras condiciones</p> <p>A mí se me acordaba de un buen abrigo, un lugar donde yo me protegía y donde tenía inclusive anteojos para me dar una cerca al momento adecuado. Y no era ser un custodio como un lugar cuidando un poco de arena si tenía sus condiciones.</p> <p>Por eso, de todas maneras, sigue considerando que no es un trabajo para toda la vida.</p>	<p>Walmir Raúl destaca o imaginário do trabalho como decência – garantia de bem-estar mínimo, de condições de segurança, de descanso, de alimentação... por outro lado, mesmo com todos os benefícios, o trabalho esgotava. O trabalho consome tempo, o trabalho consome a vida. E por que nele permanecemos? Porque sopejamos, analisamos custo-benefício – no caso, eis o destaque do salário – o imaginário da remuneração como moeda de troca</p>

Es un trabajo para toda la vida. Un trabajo agotador. Una noche entera de guardia, 12 horas para descansar, 48 y incorporarte 12 por el día 12 en la noche. No es un trabajo barato.

Y en ese puesto de trabajo. ¿Alguna vez le ofrecieron algún curso, alguna superación que lo moviera de ese puesto de trabajo?

Sí. De hecho, en el mismo aeropuerto los custodios deben tener un nivel cultural acorde, porque ellos están cumpliendo, cubriendo un tipo de garita donde puede dar lo mismo una persona hacerte una pregunta qué estaba sucediendo? ¿O un turista? Inclusive yo, custodio, dominaba inglés. Y eso reforzaba más tu curso de vuelo, pasar cursos de operaciones y podía cambiar de trabajo.

Eso te daba la posibilidad de cambiar, la posibilidad de cambiar de trabajo?

Ya que si se guarda un curso habrá que crear el tema de que las computadoras, las cámaras, los equipos están supliendo el trabajo de los. Bueno, en realidad lo que pasa es que una cámara con una cámara tiene mayor alcance el campo visual. Entonces una persona desde un punto con una cámara puede informar que está sucediendo, inclusive hasta 500, 600, que el hombre como tal no puede decir no puedo hacerlo. La cámara es algo muy importante, pero no sé si estás de acuerdo en que yo instalo una cámara y puedo eliminar a través de gente de seguridad. Bueno, en el aeropuerto es lo que se pretende. Recuerdo que una empresa mixta francesa preguntó por la cantidad de personas que cuidaban el aeropuerto y dijo que era totalmente excesivo. Una persona cada 40 o 50 metros. Una persona para que cuidar un avión con una cámara y un dispositivo. Una persona o dos personas pueden cuidar a entender mejor el trabajo de la empresa, pero afecta al hombre. Afecta al hombre como tal porque es una empresa en desempleo donde todas esas personas que están en desempleo cubriendo a la familia a partir de su trabajo. Claro. Claro.

Ahora. ¿Si se diera el caso de que la propia entidad te diera una superación para moverte de ese puesto de trabajo, pero fuera de la propia empresa, tú lo tomarías? Bueno, no, porque... porque el salario para la seguridad aeroportuaria donde yo trabajaba es un salario mucho mejor que cualquier custodio fuera de la ruta. Entonces muchas personas si mantienen en su trabajo e inclusive años y años porque sus condiciones son mejor, su salario es mucho mejor que hacer

‘compensatória’ dos pontos negativos ou de tensão que temos, os momentos em que temos de ‘negociar’ as regras não existentes formalmente e que nos permitem a adaptação, a ergonomia do trabalho que tanto nos custa e que foi abordada no capítulo 2.

A análise de Walmir Raúl sobre as vantagens da máquina em termos de eficiência, se comparadas ao custo de ter o ser humano para o exercício da mesma função, remeteu-me ao ponto da discussão ser humano x máquina ou ser humano & máquina. Embate ou simbiose? O imaginário que está presente no mundo laboral do século XXI é, de fato, repleto de questionamentos e incertezas.

Sobre o tempo livre, ao ouvir Walmir Raúl, voltei aos outros protagonistas desta pesquisa que expressaram seus sonhos ou desejos de executar – ou não executar - algo que os liberte da ‘monotonia’ que a rotina traz e que lhes permita criar – criar bem-estar, criar relacionamento, criar alegria, simplesmente,

<p>custodio en una escuela, en una universidad o en un centro de trabajo normal. Allí las condiciones eran mejores y el salario mucho mejor. Transportación hacia la ciudad no tenías que ir, tú no tienes que ir por todos los medios de transporte te llevaba te traía.</p> <p>Si considera que entonces eso conlleva que muchas personas, como me dijiste, mantengan ese trabajo. Tienes que trabajar aun cuando tienes la oportunidad que tengo yo. Compañero, que llevan más de 20 o 25 años trabajando como custodio de Seguro Aeroportuaria, que en este caso se llama el SPA, una empresa de protección de la aviación civil en Cuba. Sí. Más de 20 años o 25 años que no muere.</p> <p>En tu tiempo libre. ¿Qué te gusta hacer? Bueno, en mi tiempo libre me gusta leer. Me gusta compartir con mis amigos. Me gusta estar con mi familia. Salir y ver televisión.</p>	<p>ao 'ser' em um espaço geográfico ou imaginário.</p>
---	--

Fonte: autoria própria (2022)

Dadas essas considerações de caráter mais específico, amplio as descobertas de pesquisa que são derivadas da relação dialógica com os protagonistas desta investigação, seja com o contato físico, seja com o contato via mecanismos tecnológicos, como telefone, *WhatsApp*, seja com a leitura atenta ao que a escrita quis mostrar, trazendo uma sumarização do conjunto e as abordagens mais gerais do que o contato com os protagonistas originaram em termos de compreensão dos resultados, análise e reflexão.

4.4 DESCOBERTAS A PARTIR DA RELAÇÃO DIALÓGICA COM OS PROTAGONISTAS DESTA PESQUISA

De forma geral, na busca da compreensão dos resultados, a sumarização se apresenta como uma técnica que favorece uma visão panorâmica do conjunto. Por isso, apresenta-se, primeiramente, figuras e quadros que caracterizam aspectos sobre os respondentes, isto é, os protagonistas da pesquisa que trouxeram suas diferentes vozes e perspectivas a esta presente investigação.

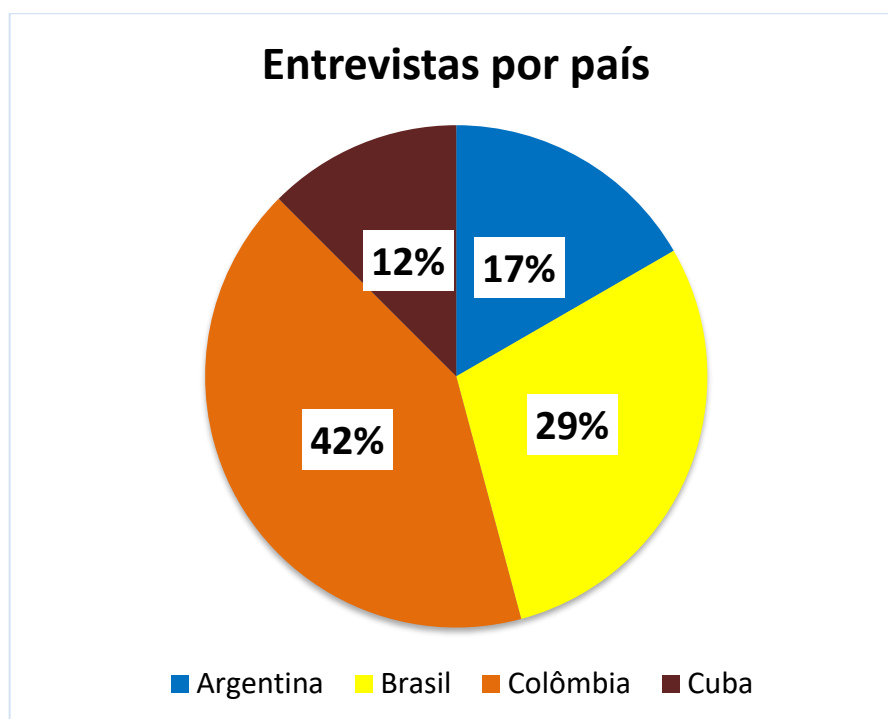
4.4.1 Panorama geral – caracterização dos protagonistas da pesquisa

Figura 3 - Onde atuam os protagonistas desta pesquisa



Fonte: autoria própria (2022)

Destes números, cumpre destacar que entrevistas, técnica que permite aplicar com mais profundidade o método de leitura cultural, apresentaram uma distribuição equilibrada entre os países, como pode ser observado na figura a seguir. A aplicação dos questionários, como comentado anteriormente, teve por objetivo ampliar o número de vozes dos protagonistas de pesquisa que apresentaram suas perspectivas sobre o trabalho.

Figura 4 – Entrevistas realizadas por países

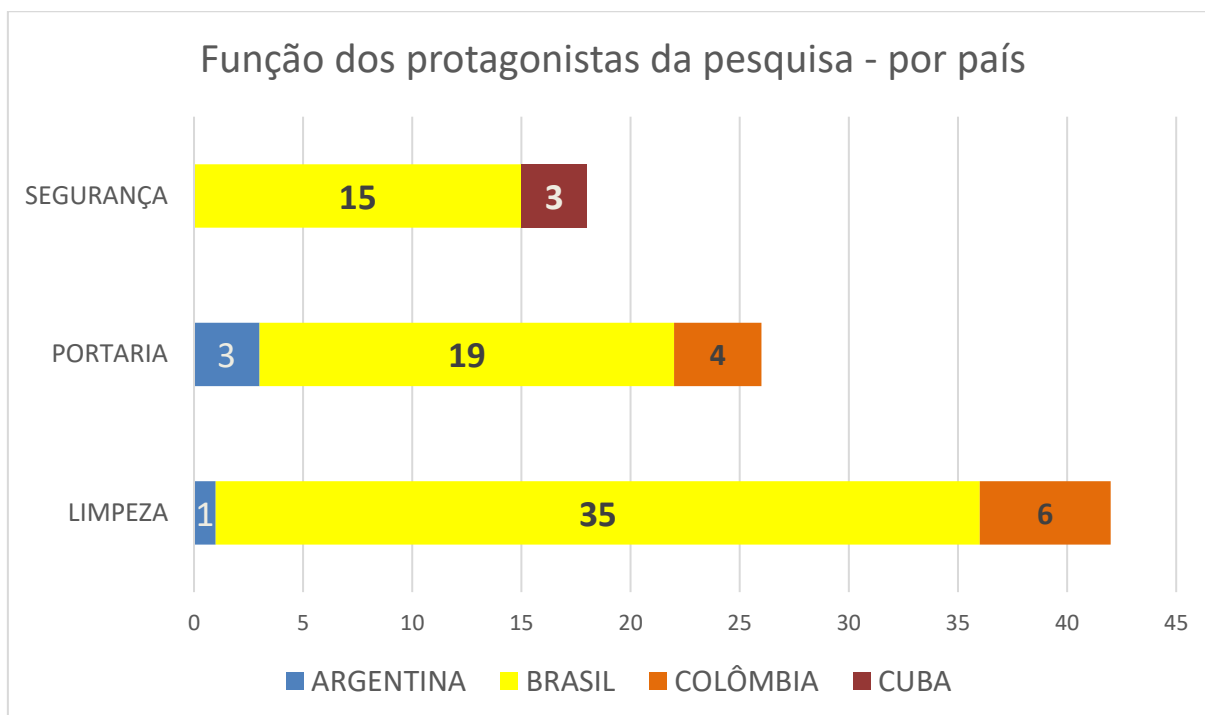
Fonte: autoria própria (2022)

Tabela 1 – Onde atuam os protagonistas da pesquisa – tipo de instituição

TIPO DE INSTITUIÇÃO	ARGENTINA	BRASIL	COLÔMBIA	CUBA	TOTAL	Em %
UNIVERSIDADE PÚBLICA NACIONAL	4			3	7	8%
UNIVERSIDADE PÚBLICA ESTADUAL		47			47	55%
UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL	15				15	17%
UNIVERSIDADE PARTICULAR		7	10		17	20%
TOTAIS					86	100%

Fonte: autoria própria (2022)

A pesquisa realizada trouxe uma diversidade de instituições, o que também foi positivo no sentido de ilustrar os imaginários dos protagonistas de pesquisa e de possibilitar verificar, no conjunto de respondentes, os imaginários sobre o trabalho, ou seja, as representações sociais que as pessoas têm sobre o sentido do trabalho e até comparar as respostas considerando o tipo de instituição, ressaltando-se, porém, que os resultados encontrados devem ser circunscritos ao conjunto pesquisado, visto tratar-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cujo foco está em trabalhar a reflexão sobre o sentido do trabalho e estimular a ação crítica sobre a temática em questão.

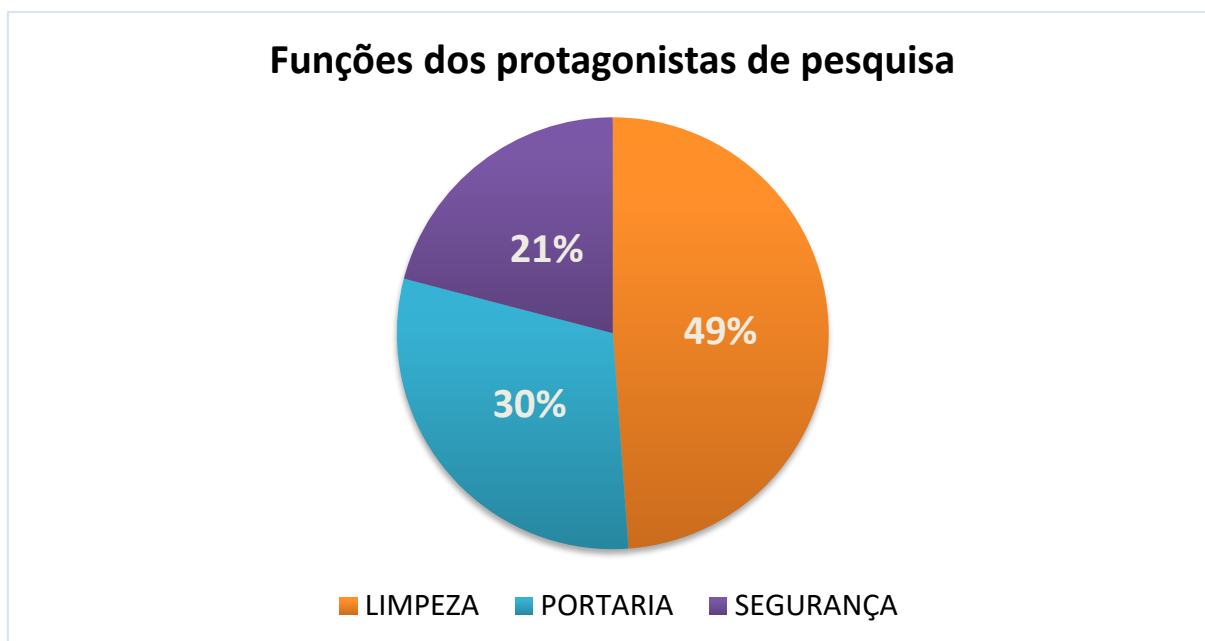
Figura 5 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – por país

Quanto à presença de pessoas atuando nas funções pesquisadas (limpeza, portaria e segurança), somente no Brasil houve representantes nos três segmentos; na Argentina e na Colômbia foi possível obter respostas de pessoas que trabalham na portaria e na limpeza, enquanto em Cuba a totalidade das respostas envolveu pessoas que trabalham na segurança. Contudo, cumpre observar que o fato de não abarcar, em todos os países, as três categorias pesquisadas não obsta a análise realizada, visto que, conforme detalhado a seguir, as respostas dos protagonistas, independentemente de sua função, apresentam pontos semelhantes quanto ao imaginário ou representação social sobre o sentido do trabalho e o advento de robôs e máquinas como ‘substitutos’ do trabalho humano. Adicionalmente, também é oportuno recordar que algumas identificações de função sofrem uma sobreposição, como ocorre, por exemplo, com as designações de porteiro e de segurança – muitas vezes, a mesma pessoa exerce as duas funções.

Tabela 2 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – por categoria

FUNÇÃO	ARGENTINA	BRASIL	COLÔMBIA	CUBA	TOTAL	Em %
LIMPEZA	01	35	6		42	49%
PORTARIA	03	19	4		26	30%
SEGURANÇA		15		3	18	21%

Fonte: autoria própria (2022)

Figura 6 - Qual a função dos protagonistas da pesquisa – distribuição por categoria

Fonte: autoria própria (2022)

O que se destaca nestas estatísticas da tabela 2 e da figura 6 é o fato de as três categorias de trabalho (limpeza, portaria e segurança) estarem presentes em uma distribuição que, de certo modo, reflete o que, em termos quantitativos, se encontra nas instituições de ensino superior, pela própria especificidade da função: há a preponderância da função limpeza, isto é, se necessita, geralmente, de mais pessoas trabalhando na limpeza, do que na portaria e na segurança. Cabe lembrar, ainda, que como destacado anteriormente, é comum encontrar a função 'portaria' e 'segurança', muitas vezes, como se fosse uma única função – o 'porteiro' é também o vigilante, em vários locais.

4.4.2 O que mais os protagonistas da pesquisa nos dizem...

Divido a análise em três aspectos, os quais correspondem aos pontos centrais dos capítulos desta pesquisa:

- o sentido do trabalho e a relação do ser humano com ele, o tempo de trabalho e de não trabalho (capítulos 1 e 2), o que abarca o objetivo de compreender o sentido do trabalho para tais trabalhadores, isto é, se identificam o seu trabalho como forma de emancipação, se o trabalho traz a elas a ideia de liberdade, de dignidade, de ser independente;

- o que abrange o processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs de alta tecnologia, considerando-se o mundo da tecnologia 4.0, dominado pela inteligência artificial e pela computação cognitiva, vislumbrando ser o 'admirável mundo novo' uma quase-realidade no século XXI (capítulo 1), trazendo relação com outro objetivo desta pesquisa; e

- o que envolve a perspectiva dos respondentes quanto à educação (capítulo 3) que também está relacionada ao objetivo de identificar o imaginário dos protagonistas de pesquisa com relação ao seu preparo para o enfrentamento do 'admirável mundo novo' do século XXI

Bem, diante de uma investigação com foi feita neste trabalho, que envolveu protagonistas que exercem funções simples, o primeiro incentivo que se sobressai é o que nos instiga a repensar em uma lógica de como refletir na relação de trabalho associada à educação que vai além do mero preparo para o mercado, como apresentado anteriormente, ou seja, estamos falando de uma educação que prepara a pessoa para o mundo do trabalho e para o exercício da sua cidadania e do 'ser' no mundo de forma plena.

Quando iniciei o desenvolvimento desse trabalho teórico, não era possível visualizar a profundidade das riquezas que encontramos nos relatos dos protagonistas, que nos encantam e que trazem à luz as nuances da realidade da vida social individual e coletiva, que é 'vívida' no mundo natural e no mundo subjetivo de cada indivíduo.

Cada protagonista, ao desenrolar o livro de sua vida em uma relação mais dialógica que foi possível antes da pandemia, me permitiu encontrar tempo e espaço para apreciar es relatos individuais contidos na verbalização e na escuta ativa da

trajetória individual com lutas e glórias, acertos e erros, consequências momentâneas e duradoras/permanentes.

Os protagonistas trazem uma realidade própria, única, que efetivamente nos emociona e cativa a cada momento. Suas particularidades mostram o que esses protagonistas quiseram rememorar e repensar, as escolhas do tempo e não tempo que tiveram de fazer, suas expectativas e sonhos que, para muitos, são altos ou simples, exagerados e imaginários, ou simplesmente, se concentram longe do que o imaginário lhes permite considerar como sua realidade.

É preciso, então, abrir o leque do entendimento para poder aprender e desfrutar desse momentos em que as vozes são ouvidas para descobrir ou descortinar os objetivos desta investigação.

Observa-se que os trabalhadores que exercem funções simples que tais 'funções', consideradas de baixo teor agregado, são atividades cruciais em todos os lugares e ambientes, mas a valorização se limita à atividade, não chega ao trabalhador, o executor, o que age sobre a natureza para modificá-la. É o caso evidenciado pelos profissionais da limpeza que até verbalizaram, explicitamente, a invisibilidade a que são expostos.

A questão do processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs trouxe, além das considerações mais específicas realizadas na seção anterior, merece ser aqui ressaltada por despertar um intertexto também repleto de dicotomias – o abalo à estrutura social que o desemprego ampliado causará, o impacto nas relações sociais e familiares gerando fissuras de toda natureza – física e mental, como, inclusive, já tem sido evidenciado com o crescimento da desigualdade e da precarização do trabalho, gerando sofrimento para o trabalhador, afetando sua saúde física e psíquica, como relatado no capítulo 2. Os relatos dos respondentes levam à reflexão sobre o imaginário da relação ser humano-máquina, criador e criação, relação simbiótica ou concorrencial – e nos remetem, adicionalmente, a repensar, novamente, nas relações trabalho-educação como elementos essenciais na 'construção' da dignidade humana.

As máquinas no mundo do trabalho nos levam a pensar em nós, como seres humanos em constante busca de uma evolução e de como essa busca constante é, ao mesmo tempo, impulsionadora e fonte de tensão contínua; de incerteza, de exposição de nossas fragilidades e de nossa busca para sermos aceitos e reconhecidos, fazendo o melhor.

Nos relatos, é possível observar traços, como fotos instantâneas, dos instantes em que as pessoas destacam sua dedicação e seu esforço nessa busca para fazerem o melhor. Pode-se observar também, que na maioria dos protagonistas se vislumbra que a vida não foi tão suave e se revestiu de poucas oportunidades de escolhas.

Considerando as suas particularidades, percebo que muitos conceitos identificados nas entrevistas e nos questionários aplicados remetem a educação e trabalho como condições ou potencializadores de liberdade, dignidade, sustento, de apoio à família, de escolhas/possibilidades de tempo e de lazer e de melhor qualificação para o exercício profissional. Um destaque está ao analisar o ser no trabalho e no seu espaço de construção de sua vida e escolhas, que são muito pessoais, mas que sofrem o impacto das exigências externas e levam a escolhas não aditivas, como trabalho ou estudo, trabalho ou lazer, profissão valorizada x profissão menos valorizada, como já apontado em parágrafos anteriores.

Sendo assim, voltamos a avaliar os tempos, o ser o ter, a diferença do tempo de trabalho e não trabalho, pois na prática seria o tempo dedicado ao outro e o tempo dedicado a mim; que 'sou para o outro' e que 'sou para mim'; o que dou para o outro e o que entrego a mim. Neste diapasão, verificamos que a diferença imposta na sociedade e que é transferida para o individual vem recair entre o ser e o ter.

Desta forma, quando começo a ouvir as vozes dos protagonistas e sua impressão registrada nas perguntas feitas no questionário, noto que condições a dimensão entre o ser e o ter se apresentam e principalmente, percebo essa questão do ser e do ter quando a fala envolve os ideais e os sonhos, ou o que pode ser declarado como algo palpável ou imaginário.

Assim, ao tratarmos com o imaginário destes trabalhadores é possível ver que as diferenças não são somente do que eles têm de fazer, do que exige sua profissão, mas também abarcam o grau de subjetividade que seus sonhos trazem, se em seu imaginário esses sonhos podem ser concretizados ou não, se eles têm perspectivas de conseguir alcançá-los ou não. Em várias passagens das respostas, saltam aos olhos frases como: 'é a única coisa que sei fazer', ou frases que trazem, subjacentes, a ideia de que 'não há outra opção'; em contrapartida, na educação os respondentes vislumbram condição para a mudança, para o progresso, para o 'encontrar a opção', a janela que permite 'ver' outra paisagem.

Aí, então, reside os grandes impasses e contrastes que a vida traz para cada um. Neste ponto, cada caso é delineado em suas particularidades e, embora um

questionário ou uma entrevista não consiga abarcar em todas as dimensões, já é possível notar que a educação é vista como uma ‘possibilidade real’ de mudança e de melhoria profissional e pessoal, mesmo com diversas observações quanto à limitação do tempo, quanto à necessidade de haver mudanças substanciais nas condições de trabalho e nas exigências de tempo de dedicação, enfim, mesmo com os obstáculos internos ou externos relatados.

Durante as conquistas obtidas enquanto ser humano na investigação produzida neste trabalho com os protagonistas, destaco o descortinamento que esses protagonistas me permitiram ter de seus imaginários: as palavras que são associadas ao trabalho, que mais aparecem como ‘almeçadas’ do que como ‘realidade’, foram: dignidade, autoestima, satisfação, gostar, honra e valioso, palavras essas que vêm em contraponto de: sustento, renda, sobrevivência esforço, disciplina, compromisso, lealdade, dedicação e superação; e ainda seguem com a ausência explícita de: reconhecimento, valorização, espaço e oportunidade.

Um dos elementos que chamou a atenção nas falas dos entrevistados foi o que reverbera a consciência de que as pessoas não são tratadas da mesma forma; a questão da invisibilidade, retratada com profundidade científica em trabalhos como os de Costa (2004, 2008), Martins *et al.* (2019) e outros, demonstra que a dignidade no trabalho é uma realidade complexa.

Ainda mais, quando estava realizando a escuta ativa e ouvindo os relatos dessas pessoas que exercem funções consideradas simples, sem exigência de qualificação profissional em níveis mais complexos, fiquei pensando acerca de certos padrões que são apresentados como únicos ou majoritariamente desejados. Início com a questão tecnológica e aos ideais ou expressões de padrões hegemônicos.

Sob a influência do avanço da tecnologia e informações veiculadas, juntamente com a ânsia do conhecimento, muitas vezes as pessoas não dão conta de satisfazer seus mais íntimos desejos e pensamentos, o que notadamente, Cremilda Medina (2006, p. 140)²³⁵ destaca: “Na era da cultura das aparências o ideal da eterna juventude está no coração e na mente da maioria das pessoas”, portanto, as pessoas podem ser levadas pela mídia que pregam certas culturas, sejam elas:

²³⁵ MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

da beleza, do corpo perfeito ou da riqueza, que impulsiona uma forma de comportamento consumista e força uma ideia de padrão de qualidade de vida existencial, muitas vezes distorcidas da realidade, o que leva as pessoas a uma obsessão do que é apresentado como ideal, ideal este hegemônico, homogêneo, criador de padrões de vida consideradas glamourosas ou de 'status' reconhecido como 'superior'. Por que pensei nisso? Porque um dos pontos de relação está entre as profissões escolhidas ou exercidas e o passado, algo que envolve o tempo e a região que os envolvidos traduzem seus históricos de vida, e que de uma forma praticamente inegável, traça uma espécie de determinismo regional que os impulsiona nas tomadas de decisões que, naquele momento, lhes surge como uma 'melhor' opção – ou, talvez, como uma única opção, face às exigências sociais que nos são imputadas, inculcadas, construídas em nosso imaginário como as que devemos almejar e se esforçar para alcançar. Ao final da linha, acabam percebendo que existiam alternativas, não necessariamente as esperadas pela cultura hegemônica. Um exemplo: Leonardo Augusto e seu desejo de ser músico, ou humorista, de se dedicar às artes como profissão. Ora, mas as artes não são 'profissão', diriam as pessoas em seu entorno. Você tem de pensar em trabalhar... Vai viver de quê? De música? 'Isso não enche a barriga, irmão'.

Prigogine (1996, p. 20)²³⁶, ressalta que “A novidade, a escolha, a atividade espontânea são apenas aparências, relativas ao ponto de vista humano.” Tais decisões cerceiam definitivamente os indivíduos, levando-os a acreditar que as circunstâncias não favorecem a qualquer outra forma daquilo que se torna real para a sua sobrevivência no duro dia a dia que exige 'produtividade', retorno imediato e palpável; não sonhos ou ideais de existência e ação sobre a natureza que abarque algo fora do *mainstream* das profissões tradicionais e 'segregadas' por *status* e classes. Com estas reflexões, parto, ainda com as incertezas que acompanham o pesquisador e são mola propulsora da ciência, para as considerações denominadas 'finais' por representarem um 'fechamento' de ciclo, não um encerramento das curiosidades e inquietudes que movem um pesquisador.

²³⁶ PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de investigação teve por objetivos identificar o imaginário dos trabalhadores latino-americanos que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança em instituições de ensino superior para, então, compreender: (1) qual sua perspectiva sobre o processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs de alta tecnologia, considerando-se o mundo da tecnologia 4.0, dominado pela inteligência artificial e pela computação cognitiva, vislumbrando ser o ‘admirável mundo novo’ uma quase-realidade no século XXI; (2) o sentido do trabalho para tais trabalhadores, isto é, se identificam o seu trabalho como forma de emancipação, se o trabalho traz a elas a ideia de liberdade, de dignidade, de ser independente.

Como referencial teórico que dialogou com a compreensão do imaginário, é pertinente destacar a leitura de Hegel e do mito do senhor e do escravo, momento em que a reflexão foi centrada em como o ser humano enfrenta, no século XXI, um grande embate histórico com aquilo que era seu esteio desde o início das relações sociais e da convivência entre pares: o domínio da natureza como força de sobrevivência e autorrealização, que foi materializado pelo trabalho e se tornou fonte de construção da dignidade humana. Eis a máquina, eis o ser humano em seu embate por mais tempo de não trabalho e por construir sua consciência-de-si e para-si e relacionar-se com o outro, que o subjugou na luta pelo reconhecimento? Trata-se de uma leitura sobre o trabalho como fundamental para o ser humano construir sua identidade entre seus pares e para a própria construção do sentido para a existência desse ser humano; uma analogia com o mito do senhor e do escravo, uma discussão polifônica sobre o trabalho como formador daquele ser humano que foi subjugado na luta por ser reconhecido no outro e para desenvolver a consciência de si, além dos aspectos puramente materiais que envolvem o trabalho como fonte de subsistência.

Dando prosseguimento a esses aspectos reflexivos, o ter toma o lugar do ser, os espaços para o consumo tornam-se a razão de ser do trabalhador, que exerce sua função como engrenagem da máquina produtiva e compra a ideologia ‘reverberada’ como a essência da existência: ter representa o prazer da existência, em vez do existir, do ser para ter a vida em si mesmo. O momento do tempo do

não trabalho tem menos valor do que o tempo do trabalho, e o que se conclui é que a liberdade só ocorre quando o ser humano separa, por deliberação própria, o trabalho do não trabalho e determina a forma pela qual terá o seu tempo livre. Ao abordar essas questões, chegou-se ao momento das revoluções no mundo do trabalho, que culminaram com os processos atuais envolvendo a existência de máquinas inteligentes que aprendem entre si e que tomam decisões inclusive em tarefas que exigem complexidade de raciocínio, saindo do ambiente meramente rotineiro das atividades outrora desempenhadas.

Nesse diapasão, a educação formal amplia seu impacto ao tratarmos de um cenário em que o ser humano tem de estar preparado para um mundo do trabalho dinâmico, multifacetado, de constante aprendizado, reforçando a discussão sobre os princípios do trabalho decente e reverberando a defesa que aqui apresentei de que a construção da dignidade passa, também, pela educação formal a qual, em conjunto com princípios legais, forma a base para que os ideais do trabalho decente sejam uma realidade na América Latina e no Caribe. As falas dos protagonistas de pesquisa reforçam a compreensão da importância da educação e de seus desejos de tê-la para além de uma formação profissional.

Tal investigação se propôs a registrar a polissemia, a multiplicidade de sentidos e a polifonia, as muitas vozes que compõem o tecido social, e tal propósito foi alcançado mediante a escuta ativa e a comunicação dialógica com os sujeitos da pesquisa, as pessoas que atuam como faxineiras, porteiras e/ou seguranças em ambientes universitários, durante 2019-2022, enfrentando realidades completamente distintas, quais sejam: o ambiente antes da pandemia e o ambiente pós-pandêmico.

Com esta pesquisa, buscou-se ampliar o campo de reflexão sobre o sentido do trabalho nos tempos atuais e levar as pessoas que a lerem a uma análise sobre a importância do trabalho para a sociedade a partir da identificação e compreensão do imaginário desses sujeitos que exercem funções de faxineiro, porteiro e segurança em instituições de ensino superior sobre suas perspectivas acerca de suas funções laborais e a relação com a alta tecnologia contemporânea e qual o sentido que o trabalho tem para essas pessoas. Os respondentes revelaram seus anseios e imaginários quanto aos aspectos que envolvem a tecnologia no mundo laboral, destacando a consciência dos impactos do uso das máquinas no trabalho.

Optou-se por escolher profissões que exigem pouca especialização e envolvem funções rotineiras, que podem ser substituídas por robôs inteligentes e que trazem a marca da invisibilidade, justamente para cumprir o propósito de contribuir para a reflexão e para a ação de um tema de relevância sob a ótica, sob a perspectiva dos sujeitos desta pesquisa. A escolha por esses três grupos que, inicialmente, derivou de um interesse de pesquisa para escutar e dar voz a quem é pouco ouvido, reforçou sua importância ao deparar-me com um quadro reduzido de pesquisas acadêmicas encontradas a respeito que tivessem essa abordagem de ouvir e dar a voz das pessoas que, de forma geral, não são as protagonistas das pesquisas sobre o sentido do trabalho, contribuindo, ainda que consciente das limitações do estudo, para ampliar a reflexão acerca de assuntos que são pouco tangenciados no mundo acadêmico.

Reforce-se a pertinência da escolha por ouvir e dar voz a essas pessoas que exercem as chamadas funções servis, menos 'nobres' perante os olhos das classes que têm mais influência social, política e econômica, em um momento no qual o trabalho está ficando cada vez mais *hightech*, ampliando-se a probabilidade de essas funções mais servis serem substituídas por máquinas, deixando os trabalhadores mais vulneráveis ao desemprego e à ruptura de sua relação com o trabalho como forma de emancipação e construção de dignidade.

Para a realização de tal intento, aplicou-se, antes do período de pandemia, o método de leitura cultural, possibilitando a delimitação do contexto do problema e o aprofundamento de seu diagnóstico, colhendo as vozes dos protagonistas envolvidos diretamente com o fenômeno estudado. Também se utilizou, durante a pandemia e pós-pandemia, a realização de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários, ampliando o alcance das vozes dos trabalhadores latino-americanos que trabalham nos serviços de segurança, portaria e limpeza em instituições de ensino superior em Argentina, Brasil, Colômbia e Cuba.

A hipótese central explorada nesta pesquisa foi a de que, apesar das dificuldades que se potencializam com a adoção da tecnologia 4.0 para muitas funções, os trabalhadores que exercem funções simples, não especializadas, como as de porteiro, segurança e limpeza, veem o trabalho que exercem de forma positiva, considerando-o como um formador de sua dignidade humana. As vozes desses 86 trabalhadores assim responderam à hipótese: sim, o trabalho é formador da dignidade humana, ele nos dá identidade, ele nos faz 'ser'. Ser, no entanto,

exige reconhecimento por parte do outro e, como tão bem expressou Roberto Hernández, um dos protagonistas desta pesquisa, é preciso ter a consciência de que romper a barreira da invisibilidade é verbalizá-la e lutar para que haja mudança.

O porque generalmente las instituciones muchas veces somos mirados de una manera distinta por el desempeño que hacemos, el trabajo que hacemos todos los días. Y como siempre le digo a mis colegas, nosotros nunca nos tienen en cuenta, porque siempre que hago le pongo énfasis. En el momento que hay un acto de que hay un acto, hay una fiesta, siempre estando presente, directivo, docente, padre, alumno, pero nosotros nunca existimos, nunca estamos presentes y eso siempre hago énfasis y también somos parte de la institución, de la planta funcional del colegio y siempre deberíamos estar presentes en ese caso, no solo existir en caso que solo para hacer la limpieza.

Não é usual citar terceiros nas considerações finais, como não é usual verbalizar as vozes dos que não são os protagonistas ‘científicos’. Para mudar, é preciso ter coragem e verbalizar, levar o imaginário à reflexão e à ação – assim, ouse inserir a fala de Roberto Hernández, de Marías, de Josés, de todos os que foram os protagonistas desta pesquisa nas considerações que buscam retratar uma síntese da riqueza do que foi dito.

O trabalho vai muito além da remuneração, para esses trabalhadores protagonistas desta pesquisa. Ele traz o equilíbrio, traz respeito, traz autorrealização – é ‘tudo’, como vários protagonistas destacaram; é honra, é dignidade, é o que nos faz ser – sem o trabalho, somos nada – nos disseram Roberto Hernández, da Argentina e Jerónimo Martínez, da Colômbia. E tantos outros, de outros rincões, nos mostram a força do imaginário no construto trabalho e no seu impacto no desenvolvimento e na manutenção da dignidade humana.

As vozes dos trabalhadores latino-americanos protagonistas desta pesquisa nos mostraram que, de fato, o trabalho traz uma espécie de equilíbrio em vários âmbitos da vida – além do monetário e de sobrevivência, remete a representações de respeito social e reconhecimento que os trabalhadores almejam e que, quando vêm de pessoas que lhes são importantes, mesmo as atividades consideradas comuns e simples trazem uma contribuição para a construção dessa dignidade.

É preciso lembrar que o trabalho, inegavelmente, apresenta-se sempre na história do ser humano. Sua relação com o ser humano apresenta, por um lado,

uma luta entre criador e criatura, uma luta de relações sociais. Mesmo que com distintas roupagens, o trabalho está invariavelmente associado ao ser humano. Ao ser humano e à sua emancipação, para a qual a educação formal se apresenta como principal 'elemento' para preparar o ser humano para o futuro, para agir sobre o mundo como sujeito transformador. Contudo, para que ela se configure, mesmo, como principal elemento da emancipação humana, precisa ter uma mudança substancial com relação a essa forma de preparar que, na verdade, não prepara, mas limita o ser humano a ser uma peça praticamente descartada do jogo do trabalho, trazendo uma formação para o 'mercado' de trabalho, quando necessita focar no 'mundo' do trabalho e na complexidade que o constitui.

Diversas foram as constatações com esta pesquisa, todas elas recheadas, sim, de incertezas e de desafios a serem considerados para novas pesquisas, para a ampliação do conhecimento acerca das pessoas e de sua relação com o trabalho. Ao realizar a escuta ativa dos protagonistas desta pesquisa e, principalmente, ao observar suas vidas, utilizando os sentidos humanos, podemos sentir e vivenciar a transpiração dada pelas expressões e exposição de fatos vivenciados por eles, ao ponto de os narradores começarem a entender os seus significados e aprenderem a ser mediadores culturais.

O mais interessante é que, quando esses trabalhadores descobrem a ausência de esmorecimento para o enfrentamento dos problemas, dá-se como um nascimento de um desejo ou sentimento de que poderia ser diferente e, não somente, tomar como decisão o amoldar-se a um sistema previamente determinado culturalmente. Nasce a consciência-de-si. Desabrocha a consciência de que se pode ser senhor. Senhor de si. Enfim, o narrador torna o seu relato como uma referência dele para ele mesmo, algo que lhe permite, ao verbalizar, refletir e tomar uma postura diferente frente ao que se lhe apresenta como inexorável. E isso vale, também, para o pesquisador-narrador.

Adicionalmente, é impressionante observar, quando a pessoa volta ao passado, a sensibilidade que aflora quando ela retoma fatos da vida que, por vezes, foram abafados, jogados lá para dentro, sonhos esquecidos no baú da memória das pessoas comuns que fazem a vida ser incomum. Não há como não se emocionar com os relatos e ver/ouvir/perceber, nas entrelinhas do que foi dito, aquilo que não foi dito, mas que queria ser dito, e que fazem dessas pessoas 'comuns', muitas vezes invisibilizadas em suas funções não valorizadas

socialmente, exemplos tão particulares de experiências de vida e luta. Sem talvez perceber, essas pessoas demonstram os encontros e desencontros que são comuns a todos nós, na arte de orquestrar nosso destino. Suas preocupações com o trabalho remontam a alguns questionamentos que foram embriões para o próprio sentido desta tese, como a questão da dignidade da pessoa humana e o impacto da tecnologia no trabalho, o crescimento da desigualdade, o desejo de estudar ou de mudar um patamar por meio do desenvolvimento pessoal que abarca, ainda, a formação, a educação formal e profissional.

Possibilitar que as vozes dos que não têm a sua dignidade reconhecida, em um ambiente no qual as vozes sonantes são limitadas, em geral, a grupos que não estão nas chamadas profissões menos valorizadas ou reconhecidas, não é motivo de orgulho, é uma exigência para que a ciência possa, de fato, expressar sua essência mais profunda que é a de contribuir para um mundo mais justo, mais igual, mais inclusivo. As palavras que mais são encontradas nos trabalhos que abrem os espaços para os trabalhadores de profissões consideradas mais 'simples' se expressarem são exclusão, desigualdade de tratamento, subalternidade, servidão, preconceito, invisibilidade.

Não posso deixar de registrar uma lembrança que vem à mente ao traçar as considerações que são chamadas de 'finais' por concluírem uma etapa, mas são perenes' em sua essência enquanto sou um ser humano pesquisador. Essa lembrança é a do trabalho de outro pesquisador Fernando Braga da Costa, cuja sensibilidade em *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* muito despertou questionamentos e possibilidades no decorrer deste presente trabalho de investigação. Recordo-o, agora, porque esta pesquisa também tem em comum um propósito: o de estimular a discussão e a ação para que ocorra mudança por meio da colaboração. Colaboração entre as pessoas, os sujeitos de pesquisa, os que pesquisam, os que contratam.

De forma consciente, embora sabedor das limitações que são parte de uma investigação complexa, construída nas ciências sociais, registro modestamente o que compreendo como sua importância: não é uma pesquisa voltada para si, é uma pesquisa construída polifonicamente e voltada para todos; todos os que querem mudança para um conviver mais harmônico, menos desigual, mais humano.

A dignidade é intransferível e é parte do ser humano – trazer a dignidade para a realidade da vida em sociedade é muito mais do que o exercício do direito,

é o dever da humanidade enquanto reconhecida como um *locus* coletivo. É meu dever fazer parte dessa humanidade e lutar para, na expressão da pesquisa científica, gerar interesse, reflexão e movimento em busca desse mundo mais humano em que a dignidade do ser seja uma de suas maiores e mais bonitas expressões.

REFERÊNCIAS

ACCENTURE. **El Futuro del trabajo en Argentina**. En la era digital, lo humano hace la diferencia. 2015. Disponível em: <https://www.accenture.com/_acnmedia/PDF-5/Accenture-El-Futuro-Del-Trabajo-En-Argentina-POV.pdf>. Acesso em 28 dez.2018.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 23, abril 2004.

ALVAREZ, Denise; FONSECA DE AZEVEDO, Eliza Regina. O trabalho feminino na função de limpeza de prestadoras de serviço em uma instituição de ensino **superior**. **Vianna Sapiens**. Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior, v. 7, n. 1, p. 185-212, 2017. Disponível em: <<https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/188>>. Acesso em 24 mai.2020.

ANDRADE, Sílvia Patricia Cavalheiro de; TOLFO, Suzana da Rosa; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 200-216, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a03.pdf>>. Acesso em 20 nov.2019.

ANDRADE, Tábatta Joplin Moreira; DOMINGOS, Camila Bruna Duarte; LAMBERTUCCI, Danielle Borges; PACHECO, Maria Isabela Gonçalves Gomes; SILVEIRA, Amanda Mariana. Trabalho e Terceirização: Contexto dos Serviços de Limpeza na Faculdade de Direito e Ciências do Estado – UFMG. *In*: **Revice - Revista de Ciências do Estado**, v.1, n.2, 2016, p.187-211.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ARAGÜEZ VALENZUELA, Lúcia. Nuevos modelos de economía compartida: Uber Economy como plataforma virtual de prestación de servicios y su impacto en las relaciones laborales. **Revista Internacional y Comparada de relaciones laborales y derecho del empleo**, v. 5, n.1, p. 1-23, enero-marzo de 2017, p. 1-23.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Hegel, a ordem do tempo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

ARGENTINA Constitución de la Nación Argentina. **Ley Nº 24.430**. Ordénase la publicación del texto oficial de la Constitución Nacional (sancionada en 1853 con las reformas de los años 1860, 1866, 1898, 1957 y 1994). Sancionada: Diciembre 15 de 1994. Promulgada: Enero 3 de 1995. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/0-4999/804/norma.htm> >. Acesso em 10 dez.2019.

ASSIS, Wendell Fischer Teixeira. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 713-627, set/dez 2014.

AZEVEDO, Eliza Regina Fonseca de. **Análise do trabalho e da saúde das mulheres que desempenham a função de limpeza no polo universitário de Volta Redonda**. 2015. 185 f. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sistemas de Gestão da Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda: UFF, 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/851/Dissert%20Eliza%20Regina%20Fonseca%20de%20Azevedo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em 24 mai.2020.

BAPTISTA, Luiz Tadeu; CASTRO, Paulo Sergio de; CALIL, Ricardo Borgheresi; CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de. **O sentido do trabalho no século XXI**. Trabalho de pesquisa apresentado ao Centro Universitário SENAC SP. 2019.

BARROS, Sabrina Cavalcanti; ALVARO, José Luis; BORGES, Livia de Oliveira. Significados do trabalho e do dinheiro: quais suas funções sociais? **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 282-290, mar. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 nov.2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERG, Janine; FURRER, Marianne; HARMON, Ellie; RANI, Uma; SILBERMAN, M. Six. **Digital labour platforms and the future of work**: Towards decent work in the online world. International Labour Office, Geneva, ILO. 2018. Disponível em:

<https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_645337/lang--en/index.htm>. Acesso em 22 jul.2021.

BOLÍVAR, Simão. **Escritos Políticos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**. Males de origem. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, 291 p. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf>. Acesso em 25 dez.2018.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

BOZA PRO, Guillermo. **Lecciones del derecho del trabajo**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2011.

BRANDÃO, Alberto. **Filosofia da Inteligência Artificial**. Ensaio sobre riscos e impactos sociais. Artigo publicado em 22 dez.2016. Disponível em: <<https://alberto.io/filosofia-da-intelig%C3%A2ncia-artificial-db2d38652fe3>>. Acesso em 30 dez.2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20 nov.2019.

BRUNNER, José Joaquín; MIRANDA, Daniel Andrés. **Educación superior en Iberoamérica**. Informe 2016 1ª ed. Santiago: Centro Interuniversitario de Desarrollo (CINDA), 2016.

BURAWOY, Michael. The politics of production: factory regimes under capitalism and socialism. 2. ed. New York: British Library, 1987.

BURAWOY, Michael. The public turn: from labor process to labor movement. **Work and Occupations**, v.35, n. 4, November 2008, p. 371-387.

BUSTILLO, Luisa Nascimento; NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira. Letramento digital: reflexos no mundo do trabalho. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 18, n. 2, p. 111-130, 9 fev. 2018. Disponível em: <<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/977>>. Acesso em 24 mai.2019.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Liberalización económica y derechos fundamentales en el trabajo en América Latina. *In*: CACCIAMALI, Maria Cristina; BANKO, Catalina; KON, Anita. **Los desafíos de la política social en América Latina**, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo: Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina; Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 2002. p. 91-110.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998 –(Coleção Polêmica).

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Tradução: Iraci D. Poleti. 9 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

CASTELLS, Manuel. A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista. **Cad. CRH**. Salvador, v 17, p. 5-34, 1992.

CASTELLS, Manuel; **Globalización, Identidad y Estado en América Latina**. PNUD. Santiago. 1999. Disponível em: <<http://desarrollohumano.cl/idh/download/idyest.pdf>>. Acesso em 20 ago.2018.

CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de; CASTRO, Paulo Sergio de. Razões para o estado de “vir a ser” democrático na América Latina: a contraditória relação entre democracia, cidadania, soberania, poder e desigualdade. *In*: CHINCHILLA, Laura (coord.). **Democracia, Liderança e Cidadania na América**. Wagner Pinheiro Pereira e Carlos Lugo (organização). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, p. 317-334.

CECATO, Maria Aurea Baroni. Direitos humanos do trabalhador: para além do paradigma da declaração de 1998 da O.I.T.. *In*: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al.

Fundamentos Teórico-Methodológicos EDH. Educação em Direitos Humanos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/21_cap_2_artigo_13.pdf. Acesso em 02 jan.2020.

CIELO. Comunidad para la Investigación y el Estudio Laboral y Ocupacional. **2º Congreso Mundial CIELO Laboral 2018.** “Cuarta revolución industrial y globalización: la protección del empleo, la salud y vida privada de los trabajadores ante los desafíos del futuro”. Realizado em: 12 e 13 out.2018. Facultad de Derecho. Universidad de la República Montevideo, Uruguay. Disponível em: <<http://www.cielolaboral.com/wp-content/uploads/2018/10/Booklet-Congreso-Mundial-Montevideo-2018.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

COCURUTO, Ailton. **Os princípios da dignidade da pessoa humana e da inclusão social.** São Paulo: Malheiros Editores Ltda., 2008.

COLOMBIA. Ministerio del Trabajo. **Trabajo Decente.** 2022. Disponível em: <<https://www.mintrabajo.gov.co/relaciones-laborales/derechos-fundamentales-del-trabajo/promocion-de-la-organizacion/trabajo-decente> >. Acesso em 20 jan.2022.

COLOMBIA. Ministerio de la Educación. **Colombia: destino de educación superior de calidad,** 2012. Disponível em: <https://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-310917_archivo_pdf_brochure.pdf>. Acesso em 12 dez.2021.

COMISIÓN Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) / ORGANIZACIÓN Internacional del Trabajo (OIT). El futuro del trabajo en América Latina y el Caribe: antiguas y nuevas formas de empleo y los desafíos para la regulación laboral. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe,** Nº 20 (LC/TS.2019/31), Santiago, 2019. Disponível em: <<https://www.cepal.org/es/publicaciones/44604-coyuntura-laboral-america-latina-caribe-futuro-trabajo-america-latina-caribe>>. Acesso em 08 fev. 2021.

CONSULTOR Jurídico – CONJUR. Não há relação de emprego entre Cabify e motorista, decide juíza do Trabalho. Boletim de notícias publicado em 21 jul.2018 na **Revista Consultor Jurídico** (portal **CONJUR**). Disponível em:

<<https://www.conjur.com.br/2018-jul-21/nao-relacao-emprego-entre-cabify-motorista-decide-juiza>>. Acesso em 29 dez.2018.

CAPÓN FILAS. **Derecho internacional del trabajo**. Su construcción. 1 ed. La Plata: Librería EDITORA Platense, 2011.

CORAZZA, Gentil. O “regionalismo aberto” da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 135-152, maio 2006.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação socia.. São Paulo: Editora Globo, 2004.

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. 403 f. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf>. Acesso em 05 jan.2019.

DATHEIN, Ricardo. Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. **Publicações DECON**. Textos Didáticos 02/2003. DECON/UFRGS, Porto Alegre, Fevereiro 2003.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DE DIEGO, Julián A. Choferes de UBER son empleados en relación de dependencia, según tribunales londinenses. Reportagem publicada em 29 nov.2016 no jornal **O Cronista on line**. Disponível em:<<https://www.cronista.com/columnistas/Choferes-de-Uber-son-empleados-en-relacion-de-dependencia-segun-tribunales-londinenses-20161129-0025>>. Acesso em 18 jan.2019.

DEL PERCIO, Enrique M. **Política o Destino**. Cuestiones estratégicas en tiempos de crisis. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana: COPPPAL, 2009. 320 p.

DEL PERCIO, Enrique M. **Aulas de Sociología Jurídica**. Universidad de Buenos Aires – UBA, julho de 2010, Curso Intensivo de Direito – Doutorado em Direito do Trabalho (Derecho Laboral), 2010a.

DEL PERCIO, Enrique M. **La condición social: consumo, poder y representación en el capitalismo tardío**. 2ª ed. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2010b. 208 p.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. ampliada. 12ª reimpressão. Trad. de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez Editora/Oboré, 1987.

DEJOURS, Christophe: **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Selma Lancman; Laerte I. Szneman (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004.

DI GIOVAMBATTISTA, Ana Paula; PANIGO, Demian Tupac; MEDICI, Florencia; GÁRRIZ, Ana Inés; **Trabajadores pobres en Argentina**; Centro de Estudios e Investigaciones Laborales; **Empleo, Desempleo y Políticas de Empleo**; n. 12; p. 1-69, 4º trim.2012. Disponível em: <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/wp-content/uploads/2013/07/edpe12.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

DUARTE, Felipe. **Trajetórias e Vivências de Trabalhadoras Terceirizadas da Limpeza da Universidade Federal de Uberlândia (2011-2015)**. 2015. 58 f. Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFF, 2015.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sofia Rodrigues. Lisboa: Actividades Editoriais Ltda., 2003. (Temas e Debates).

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

EMPLEO 4.0. Menos horas, más productividad: ¿es posible reducir la jornada laboral en Argentina? Reportagem publicada em 05 nov.2019 no **iProUP**. Disponível em:

<<https://www.iproup.com/empleo/8775-Empleo-es-posible-reducir-la-jornada-laboral-en-Argentina>>. Acesso em 30 dez.2019.

ESQUIVEL, Valeria; PEREYRA, Francisca. Las condiciones laborales de las y los trabajadores del cuidado en Argentina: Reflexiones en base al análisis de tres ocupaciones seleccionadas. **Trab. soc.**, Santiago del Estero, n. 28, p. 55-82, jan. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 07 jan.2019.

FACHIN, Zulmar; CAMARGO, José A. Dignidade humana. Dignidade da pessoa humana. **Publica Direito**, [s/d.]. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=a8badd37c221a3f1>>. Acesso em 29 dez.2018.

FARAH JUNIOR, Moisés Francisco. **Rev. FAE**, Curitiba, v.3, n.2, p.45-61, maio/ago. 2000.

FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto. **Educación Superior y calidad en América Latina y Argentina**: los procesos de evaluación y acreditación. Caseros: Universidad Nacional de Tres de febrero, 2007.

FILGUEIRAS, Vitor Araujo; LIMA, Uallace Moreira; SOUZA, Ilan Fonseca de. Os impactos jurídicos, econômicos e sociais das reformas trabalhistas. **Cad. CRH**, Salvador, v. 32, n. 86, p. 231-252, ago.2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000200231&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, ano 5, n.9, p. 91-100, 2º semestre de 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/138986/134334/270059>>. Acesso em 24 mai.2019.

FRANCO, Tânia. Alienação do trabalho: despertencimento social e desrenraizamento em relação à natureza. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 171-191, 2011.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 nov. 2019.

FRIEDMANN, Georges. **O futuro do trabalho humano**. Tradução de Maria Manuela Serrão. São Paulo: Moraes Editores, 1968.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último ser humano**. Lisboa: Editora Gradiva, 1999.

FUKUYAMA, Francis. **A construção de estados**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

GAMBA, Juliane Caravieri Martins ; PIRES, Julio Manuel. O trabalho humano na América Latina: evolução histórica e condições atuais. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 11-25, 2015. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2015.110375. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/110375>. Acesso em: 02 jan.2020.

G1. Chinês que diz ter editado genes de bebês desaparece e levanta suspeita de prisão, dizem jornais. Reportagem publicada no **Globo on line** de 03 dez.2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/12/03/chines-que-diz-ter-editado-genes-de-bebes-desaparece-e-levanta-suspeita-de-prisao-dizem-jornais-do-pais.ghtml>>. Acesso em 29 dez.2018.

GOMES, Helton Simões. 4ª revolução industrial: Como robôs conversando com robôs pela internet vão mudar sua vida. Reportagem publicada em 21 jan.2018 no jornal **Globo on line**, seção Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/4-revolucao-industrial-como-robos-conversando-com-robos-pela-internet-vaio-mudar-sua-vida.ghtml>>. Acesso em 02 jan.2019.

GÓMEZ VÉLEZ, María Alejandra. Sobre el sentido del trabajo en la flexibilidad laboral en Medellín, Colombia. **Equidad & Desarrollo** (29, suplemento), 83-104, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.19052/ed.4152>.

GORZ, André. Quem não tiver trabalho, também terá o que comer. **Estudos Avançados**, v. 4, n. 10, p. 211-217, set.dez, 1990. Edição especial. Estudos de Antropologia.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi (org.). **Trabalho flexível, empregos precários?** Uma comparação Brasil, França, Japão. São Paulo: EDUSP, Editora da USP, 2009.

HALBWACHS, Maurício. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HANDBOOK de estudos organizacionais. volume 2: reflexões e novas direções. Stewart R. Clegg, Cynthia Hardy e Walter R. Nord (Orgs.). Organizadores da edição brasileira: Miguel Caldas, Roberto Fachin e Tânia Fischer. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

HEGEL, Guillermo Federico. **Filosofía del Derecho**. Prólogo de Carlos Marx. 5ª ed. Trad. Angélica Mendoza de Montero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1968.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, Georg Wilhem Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HOBBSAWN, Eric J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 2ª ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HUMANS Need Not Apply: Direção: C.G.P. Grey. Inglaterra, 2014. (15:01 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pq-S557XQU>>. Acesso em 28 dez.2018.

'HUMANS Need Not Apply': Is this a sign of the future? The Science Gallery will be looking at a post-work world... Reportagem publicada em **thejournal.ie**, em 02 jan.2017. Disponível em: <<https://www.thejournal.ie/artificial-intelligence-exhibition-3119971-Jan2017/>>. Acesso em 29 dez.2018.

HUNTINGTON, Samuel. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Tradução M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1996.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5ª ed. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1979 (1ª Edição - abril de 1941). Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1171/1/Admir%C3%A1vel%20mundo%20novo.pdf>>. Acesso em 29 dez.2018.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

INSTITUTION of Mechanical Engineers. **Population**: One Planet, Too Many People?. 2011. Disponível em: <<https://www.imeche.org/docs/default-source/1-oscar/reports-policy-statements-and-documents/population---one-planet-too-many-people.pdf?sfvrsn=0>>. Acesso em 29 dez.2018.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2000.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

LIMA, Maria Cristina de Brito. A educação como Direito Fundamental. **Revista da EMERJ**, v. 4, n. 13, 2001 Disponível em: <http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista13/revista13_212.pdf> Acesso em 02 jan.2020.

LIMA, José Edmilson de Souza. A Racionalidade e o Debate Ambiental Contemporâneo. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, Florianópolis, v.13, n.102, p.100-118 jan/jul 2012.

MACHADO, Nilson. O Lugar da Dádiva na Constituição do Ser Humano. Mini-curso ofertado pela **Cátedra de Educação Básica – Instituto de Estudos Avançados - Universidade de São Paulo, Escola de Inverno**, 26 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/catedradeeducacaobasica>>. Participação ao vivo.

MAIDA, Marco José Domeninci & CABRAL, Edson Maurício. Formulação coletiva do Estatuto da Criança e do Adolescente e sua contribuição para o avanço republicano da democracia na América Latina e no Caribe. *In*: CHICHILLA, Laura (coord) PEREIRA, Wagner Pinheiro & LUGO, Carlos (orgs). **Democracia, Liderança e Cidadania na América Latina**. São Paulo: Edusp, 2019, p. 413-431.

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à economia**. (Tradução Allan Vidigal Hastings) São Paulo: Thompson Learning, 2007.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. 1891. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>>. Acesso em 26 nov.2018.

MARTINEZ, Luciano. **Curso de Direito do Trabalho**: relações individuais, sindicais e coletivas de trabalho. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MARTINS, Juliane Caravieri; MONTAL, Zélia Maria Cardoso. Educação para o trabalho (Direito Fundamental) e a responsabilidade social da empresa na profissionalização dos adolescentes. **Revista do Direito Constitucional e Internacional**, v, 108, ano 25, p. 121-155. São Paulo: Ed. RT, jul.ago 2018.

MARX, Carlos. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. Tomo 1. 19ª reimp. Trad. Wenceslao Roces. México/DF: Fondo de Cultura Económica, 1986.

MARX, Karl. **Capítulo VI, inédito de O Capital**: resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Moraes, 1985.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e outros escritos** (primeira parte); selecionados por Octavio Ianni; traduzidos por Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTINS, Daiane de Lourdes; BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício; PEREIRA, Jussara Jéssica. Invisibilidades no âmbito do trabalho de limpeza: um estudo em uma instituição federal de ensino superior. **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 6, n. 17, p. 994-1034, dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25113/farol.v6i17.4131>>. Acesso em 22 jul.2021.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. UFRGS/PUCRS. In JACQUES, Maria da Graça Correa et al. (org). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. ISBN: 978-85-99662-89-2. Disponível em: <<<http://books.scielo.org/id/6j3gx/07>>>. Acesso em 15 out.2018.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MELLO E SILVA, Leonardo. **Sociologia do trabalho**. (Notas de aula – Prolam 2018).

MERTON, Robert K. **Teoría y estructura sociales**. Introducción de Mario Bunge. Traducción de Florentino M. Torner y Rufina Borques. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento: tradução Elioá Jacobina – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.19, n. spe, p. 47-56, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. **Teoria das organizações**. Evolução e crítica. São Paulo: Pioneira, 1986.

NASCIMENTO, Nilson de Oliveira. **O poder Diretivo do Empregador e os Direitos Fundamentais do Trabalhador na Relação de Emprego**. 2008. 267 f. Tese - Doutorado em Direito. Direito das Relações Sociais – Direito do Trabalho. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp063483.pdf>>. Acesso em 02 jan.2020.

NEVES MUJICA, Javier. **Introducción al Derecho del Trabajo**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. Transformações no mundo do trabalho da revolução industrial aos nossos dias. **Caminhos de Geografia**, v.6, n. 11, p. 84-96, Fev/2004.

OLIVEIRA, Paulo de S. Tempo livre, trabalho e lutas sociais. **Reflexão**, v. 11, n. 35, 1986, p. 7-14.

ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIENCIA Y LA CULTURA - OEI. **Globalización, Ciência y Tecnología**. Volumen II. [s/l.]: Corporación Escenários, 2004.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. A Política das Multidões: Populismo e Neopopulismo na América Latina. *In*: GONÇALVES, Felipe (coord); DAMIANI, Gerson; FERNANDEZ ALBERTOS, José (org.). **Governança e Democracia Republicana**. São Paulo: Edusp, 2017, p. 301-322.

POPP, Carlyle. Princípio Constitucional da dignidade da pessoa humana e a liberdade negocial – A proteção contratual no Direito Brasileiro. *In*: LOTUFO, Renan (coord.). **Direito Civil Constitucional**. Cadernos I. São Paulo: Max Limonad, 1999, p. 149-211.

PRADO, Eleutério F. S.; PINTO, José Paulo Guedes. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 61-74, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez.2019.

PRATES, Caroline; SILVA, Natália Gomes da; PICCININI, Valmíria Carolina. O sentido do trabalho para o operário: estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 13, n. 24, p. 139-160, 1º sem. 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/8565/7378>>. Acesso em 20 nov.2019.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

QUAL O LUGAR do ser humano na indústria robotizada?. Reportagem publicada em 03 fev.2016 na **Revista Digital**. Disponível em: <<https://www.revistadigital.com.br/2016/02/qual-o-lugar-do-ser-humano-na-industria-robotizada/>>. Acesso em 30 dez.2018.

QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, Identidad y Utopia en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, setembro 2005, p. 227 – 278. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em 24 dez.2018.

REVISTA DA OTAN. Sedentos de iniciativas no domínio climático? O crescimento da população: o desafio determinante do século XXI. **Revista da OTAN** (NATO REVIEW 2011), 2011. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/review/2011/Climate-Action/Population_growth_challenge/PT/index.htm>. Acesso em 29 dez.2018.

RODÓ, José Enrique. **Ariel**. 1900. Albalearning, Audiolibros. Disponível em: <<https://albalearning.com/audiolibros/rodo/ariel6.html>>. Acesso em 25 dez.2018.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Destino do Sindicalismo**. São Paulo: Edusp, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**; ou, Da Educação. Tradução Sergio Millet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RUBINSTEIN, Dana. Uber loses a 'precedential' victory, and some New York state drivers win 'employee' status. Notícia publicada em 18 jul.2018 em **POLÍTICO NEW YORK on line**. Disponível em: <<https://www.politico.com/states/new-york/albany/story/2018/07/18/uber-loses-a-precedential-victory-and-some-new-york-state-drivers-win-employee-status-518782>>. Acesso em 29 dez.2018.

SÁNCHEZ DAZA, Germán; FIGUEROA DELGADO, Silvana Andrea; VIDALES CARMONA, Alejandra. **La ciencia y tecnología en el desarrollo**: Una visión desde América Latina. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/uacp-uaz/20100322012242/CYTED.pdf>>. Acesso em 18 jan.2019.

SANSON, Cesar. **Quarta Revolução Industrial**. Revolução 4.0. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/apresentacoes_palestrantes/30_05_17_cesar_sanson_revolucao_4.0.pdf>. Acesso em 18 jan.2019.

SANTI, Mariana. La Argentina tiene una de las jornadas laborales legales más altas del mundo. Reportagem publicada em 04 nov.2019 no jornal *on line* **Chequeado**, seção Explicadores. Disponível em: <<https://chequeado.com/el-explicador/la-argentina-tiene-una-de-las-jornadas-laborales-legales-mas-altas-del-mundo>>. Acesso em 30 dez.2019.

SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. Conferência. **V Congresso da Sociedade Latino-americana de Estudos sobre a América Latina e Caribe** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1996.

SARSUR; Amyra Moyzes; CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da. A função gerencial na encruzilhada: dilemas contemporâneos. **VI SEMEAD**. 2003. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/6semead/ADM%20GERAL/063Adm%20-%20A%20Fun%20Gerencial%20na%20Encruzilhada.doc>>. Acesso em 29 dez.2018.

SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo (comps.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Versión de Juan Russo y Miguel A. Ruiz de Azúa. 1ª ed. española. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1994.

SELF Consciousness with NAO Bots. Vídeo. 38 seg. Publicado em 09 jul.2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MceJYhVD_xY>. Acesso em 30 dez.2019.

SEGURA, Juan María. La región frente a la robotización. Artigo de opinião (seção Opinión) publicado em 09 out.2018 no **INFOBAE**. Disponível em: <<https://www.infobae.com/opinion/2018/10/09/la-region-frente-a-la-robotizacion/>>. Acesso em 30 dez.2018.

SEIXAS, Renato. Identidade Cultural da América Latina: conflitos culturais globais e mediação simbólica. **Cadernos Prolam/USP**, v 7, n.12, p. 93-120 2008. <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2008.82312>.

SEIXAS, Renato. Migração simbólica e dialética da identidade cultural no processo de migração. **Cadernos Prolam/USP**, v. 15, n. 29, p. 14-37, jul/dez.2016. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2016.128802.

SILVER, Beverly. **Forças do trabalho**: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870. São Paulo: Boitempo, 2005.

SILVESTRE, Bruno Modesto; SANTOS NETO, Samuel Ribeiro dos; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. "Sem tempo, irmão": o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online], v. 43, p. 1-8, 2021 <<https://doi.org/10.1590/rbce.43.e000421>>.

SIMÕES, Paula; KADOUK, Marcia. Semana de 4 dias de trabalho ganha força com aumento da produtividade. Reportagem publicada em 03 jun.22 e atualizada em 15 jul.2022 na **Revista VOCÊ RH**. Futuro do Trabalho, Políticas e Práticas. Disponível em: <<https://vocerh.abril.com.br/futurodotrabalho/semana-de-4-dias-de-trabalho-ganha-forca-com-aumento-da-produtividade/>>. Acesso em 20 jul. 2022.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - RBCS, v. 15, n. 43, junho/2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v15n43/002.pdf>>. Acesso em 10 dez.2018.

SOUZA, José Antonio Menezes Felipe de. **Robótica** Material didático. 2005. Disponível em: <http://webx.ubi.pt/~felippe/main_pgs/mat_didp.htm>. Acesso em 29 dez.2018.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TAMASHIRO, Ricardo de Melo; GANAKA, Cristiane; CARDOSO, André. Resenha: A quarta revolução industrial / Klaus Schwab; tradução Daniel Moreira Miranda – São Paulo: EDIPRO, 2016. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 9, p. 127-134, dezembro de 2017. Disponível em: <<https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/download/154/pdf>>. Acesso em 18 jan.2019.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: A questão do outro. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

TELÂM. Un juez brasileño consideró a UBER como una empresa y a los choferes, empleados. Notícia publicada em 14 fev.2017 na Agência Nacional de Notícias **Telâm**

(*on line*) – seção Sociedad. Disponível em: <<http://www.telam.com.ar/notas/201702/179786-juez-brasil-fallo-uber-empresa-choferes-empleados.html>>. Acesso em 29 dez.2018.

TENENTE, Luiza. Adeus aos currículos: empresas usam robôs e games em seleção de vagas de emprego. Reportagem publicada no **O Globo** *on line* em 16 jan.2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2019/01/16/adeus-aos-curriculos-empresas-usam-robos-e-games-em-selecao-de-vagas-de-emprego.ghtml>>. Acesso em 18 jan.2019.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: A questão do outro. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 159-178, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 dez.2019.

UBA – Universidad de Buenos Aires. **Programa historia y memoria**. 200 anos de la UBA. 2019. Disponível em: <<http://www.uba.ar/historia/contenidos.php?id=2&s=19>>. Acesso em 16 jan.2019.

UMC- Universidade de Mogi das Cruzes. **Instituição**. A Universidade. Disponível em: <<http://www.umc.br/instituicao/7/a-universidade>>. Acesso em 16 jan.2019.

UMSA – Universidad Museo Social Argentino. **Acerca de UMSA**. Historia. 2019. Disponível em: <<http://www.umsa.edu.ar/acerca-de-umsa/historia/>>. Acesso em 16 jan.2019.

USP – Universidade de São Paulo. **Site institucional**. A Universidade de São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www5.usp.br/institucional/a-usp/>>. Acesso em 16 jan.2019.

VADE Mecum Saraiva. **Código Civil**. 28ª edição. 2º semestre. São Paulo: Saraiva, 2019.

VALDÉS ESTRADA, Zaida. El trabajo decente y futuro del trabajo en Cuba. **Revista Iberoamericana de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 79-93, 2021. Disponível em: <https://aidtss.org/revistaiberoamericana/index.php/main/article/view/85>. Acesso em: 28 jul. 2022.

VARELA, Paula. La resistencia de los trabajadores precarizados en el sindicalismo de base en Argentina: apuntes sobre las experiencias de Subte, Kraft y Madygraf (ex Donnelley). **Rev. Pilquen**. secc. cienc. soc., Viedma, v. 19, n. 3, p. 66-78, set.2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-31232016000300006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 05 jan.2019.

VERATTI, Nelson Samuel Porto. **Admirável mundo novo**: um enredo de possíveis. 2007. 281 f. Dissertação - apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária (DTHL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492217>>. Acesso em 29 dez.2018.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. 4ª ed., revista e aumentada. São Paulo: Atlas, 1999.

WELLER, Jürgen. **La pandemia del COVID-19 y su efecto en las tendencias de los mercados laborales**. Documentos de Proyectos (LC/TS.2020/67), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45759/1/S2000387_es.pdf>. Acesso em 22 mar.2021.

ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção formal e real do trabalho ao capital e suas implicações nas relações sociais. **XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**. Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, Ecuador, 4-8 octubre.2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-274.pdf>>. Acesso em 30 dez.2019.

ZUFFO, João Antonio. **A sociedade e a economia no novo milênio**: os empregos e as empresas no turbulento alvorecer do Século XXI, livro 1: a tecnologia e a infossociedade. Barueri, SP: Manoel, 2003.

APÊNDICE A – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA ANTES DA PANDEMIA

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: JAN2019-MAR2020

APRESENTAÇÃO

Olá! Sou Paulo, estou estudando sobre o trabalho das pessoas, o que elas gostam, como se sentem fazendo a atividade que fazem, quais são seus sonhos e expectativas para o futuro. Meu objetivo é mostrar como algumas categorias profissionais veem o trabalho e qual a importância desse trabalho para a sociedade.

Ficarei muito grato se você aceitar ser entrevistado por mim. Os seus dados e respostas não serão expostos de maneira a identificá-lo(a). Apresentarei os resultados da minha pesquisa de forma anônima, isto é, sem identificação do nome das pessoas.

Não há riscos em você participar dessa pesquisa. Ela não traz remuneração e você pode sair dela a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, ou deixar de responder a qualquer pergunta que lhe deixe desconfortável.

Você autoriza a gravação da nossa conversa, para que eu possa, depois, reproduzir suas respostas de uma maneira mais exata? Caso não autorize a gravação, você me concede a entrevista mesmo assim e eu posso anotar o que você vai falando?

Agradeço muito por sua colaboração.

INÍCIO DA GRAVAÇÃO

Olá! Conforme conversamos inicialmente, estamos gravando essa nossa conversa para que eu possa, depois, reproduzir suas respostas de uma maneira mais exata. Conforme comentei, estou estudando sobre o trabalho das pessoas, o que elas gostam, como se sentem fazendo a atividade que fazem, quais são seus

sonhos e expectativas para o futuro. Meu objetivo é mostrar como algumas categorias profissionais veem o trabalho e qual a importância desse trabalho para a sociedade.

Não há riscos em você participar dessa pesquisa e seus dados serão tratados de forma confidencial. As respostas serão expostas no trabalho de forma anônima, não havendo identificação da sua pessoa. Você tem alguma dúvida com relação aos objetivos da minha pesquisa?

Aceita participar voluntariamente dela, sabendo que não traz remuneração e você pode sair dela a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, ou deixar de responder a qualquer pergunta que lhe deixe desconfortável?

1. Qual foi seu primeiro trabalho?
2. Qual é a sua profissão atual?
3. Quando você começou a trabalhar como porteiro? faxineiro? segurança?
4. Por que você veio para essa profissão?
5. O que você mais gosta no seu trabalho?
6. O que acha que poderia ser diferente nas suas atividades?
7. Com as novas tecnologias que estão surgindo, o que você acha que será o futuro da sua profissão?
8. Em sua profissão, algum fato lhe marcou?
9. Quando eu falo a palavra 'trabalho', o que significa para você?
10. Se pudesse escolher outra profissão para ter, qual seria? Por quê?
11. Quais são seus sonhos para o futuro?

Muito obrigado por sua atenção e pelo tempo que dedicou a me ajudar na minha pesquisa. Caso você tenha interesse, posso lhe trazer, depois, os resultados do que pesquisei.

**APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA APLICAÇÃO EM PERÍODOS DE
PANDEMIA E ‘PÓS-PANDEMIA’
PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 2022**

B1 – VERSÃO EM PORTUGUÊS

APRESENTAÇÃO

Olá! Sou Paulo Castro, estou realizando uma pesquisa para identificar como as pessoas que trabalham estão lidando com o processo de substituição do trabalho humano por máquinas e robôs de alta tecnologia qual é o sentido que o trabalho tem para quem trabalha, se ele tem relação com liberdade, com dignidade, enfim, o que o trabalho significa para a pessoa que trabalha. Por isso, necessito de sua ajuda, pois quero expressar o que você pensa, expressando a sua voz, a sua opinião, nesta pesquisa.

A quem aceitar responder, deixo minha gratidão por sua atenção e pela colaboração em responder a esta pesquisa.

- 1) Você trabalha em qual atividade?
 segurança recepção/portaria limpeza

- 2) O que o trabalho significa para você?

- 3) O que pensa sobre seu futuro na área do trabalho, pretende continuar na sua profissão atual?

- 4) Qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho, em seu lugar?

- 5) Na sua profissão, você ou alguém que você conhece e trabalha na mesma profissão que você perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e,

por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que antes uma pessoa fazia?

() Sim () Não

6) Qual o seu grau de escolaridade?

7) Atualmente, você está estudando? () Sim () Não. Em caso afirmativo, poderia informar que curso faz?_____

8) Se não está estudando, gostaria de fazer algum curso? () Sim () Não. Se sim, qual?

9) Precisaria mudar algo em sua vida para que você pudesse estudar?

() Sim () Não Se sim, o que precisaria mudar?

10) Trabalhando dentro de Universidade, você se sente estimulado a estudar?

() Sim () Não

11) A Universidade onde você trabalha já proporcionou alguma facilidade para você estudar?

() Sim () Não. Em caso afirmativo, poderia informar qual?

12) Sobre seu tempo de lazer, o que gosta de fazer? Gostaria de ter mais tempo de lazer do que tem atualmente?

13) Há algo que você gostaria de falar ou comentar sobre esse tema? Fique à vontade para escrever o que desejar.

B2 – VERSÃO EM ESPANHOL

PRESENTACIÓN

¡Hola! Soy Paulo Castro, estoy realizando una investigación para identificar cómo las personas que trabajan evalúan sus funciones con el proceso de sustitución del trabajo humano por máquinas y robots de alta tecnología; así como identificar cuál es el significado del trabajo para quienes trabajan, si está relacionado con la libertad, la dignidad, en fin, lo que significa el trabajo para la persona que trabaja. Por lo tanto, necesito su ayuda, porque quiero expresar lo que piensa, expresando su voz, su opinión, en esta investigación.

A quienes aceptan responder, les expreso mi agradecimiento por su atención y por su colaboración al responder esta encuesta.

- 1) ¿En qué actividad se desempeña actualmente?
() guarda de seguridad () portería () limpieza
- 2) ¿Qué significa el trabajo para Usted?
- 3) ¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral, piensa continuar en su profesión actual?
- 4) ¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?
- 5) En su profesión, ¿usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y, por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona?
- 6) ¿Cuál es su nivel de educación?

- 7) ¿Estás estudiando actualmente? Si es así, ¿podría decirme qué curso está tomando?
- 8) Si no estás estudiando, ¿le gustaría tomar un curso? ¿Si sí, cuál?
- 9) ¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?
Sí () No () En caso afirmativo, ¿qué necesitaría cambiar?
- 10) Trabajando dentro de la institución, ¿se siente estimulado a estudiar?
- 11) ¿La institución donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? Si es así, ¿podría decirme cuál?
- 12) En cuanto a tu tiempo libre, ¿qué te gusta hacer? ¿Te gustaría tener más tiempo libre del que tienes actualmente?
- 13) ¿Hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema? Siéntese libre de escribir lo que quiera.

APÊNDICE C – VERSÃO EM PORTUGUÊS DAS ENTREVISTAS COM HISPANO-HABLANTES

Quadro C.1 - ARGENTINA

ORIGINAL	VERSÃO EM PORTUGUÊS
FACUNDO GUILLERMO	
<p>Actualmente me desempeño como personal de servicios de una institución educativa, trabajando en la portería</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral, piensa continuar en su profesión actual?</p> <p>Lo que pienso de mi futuro en el campo laboral es seguir aprendiendo y perfeccionándome en conjunto al equipo de directivo de la institución educativa. Pensando en la continuidad de mis labores en la institución</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?</p> <p>Mi opinión con el uso de robots que hagan mi trabajo sería falta de empleo humano por que los técnicos tendrían trabajos para manejar los robots.</p> <p>En su profesión, ¿usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y, por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona?</p> <p>En ningún momento perdi o conozco a alguien que haya perdido el trabajo por un cambio de sistema informatico</p> <p>¿Cuál es su nivel de educación?</p> <p>Mi nivel de educación es primaria terminada secundaria con algunas materias en 1er año 2do año y 3er año</p> <p>¿Estás estudiando actualmente?</p> <p>Por el momento solo cursos de capacitación</p> <p>Si es así, ¿podría decirme qué curso está tomando?</p> <p>Cursos como ser refrigeración online</p> <p>Si no estás estudiando, ¿le gustaría tomar un curso? Por el momento no</p> <p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p> <p>No necesitaría cambiar nada de mi vida para poder seguir los estudios es solamente cuestión de voluntad.</p> <p>Trabajando dentro de la institución, ¿se siente estimulado a estudiar?</p> <p>Si me siento estimulado a terminar los estudios secundarios; el equipo directivo de la institución educativa, las maestras y equipo profesional de licenciados me alientan a que siga avanzando.</p> <p>¿La institución donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? No contestó</p>	<p>Atualmente trabalho como pessoal de serviço de uma instituição de ensino, trabalhando na portaria</p> <p>O que você acha do seu futuro na área trabalhista, você pretende continuar na sua profissão atual?</p> <p>O que penso do meu futuro na área trabalhista é continuar aprendendo e me aperfeiçoando junto com a equipe gestora da instituição de ensino. Pensando na continuidade do meu trabalho na instituição</p> <p>Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?</p> <p>Minha opinião com o uso de robôs para fazer meu trabalho seria falta de emprego humano porque os técnicos teriam empregos para manusear os robôs.</p> <p>Na sua profissão, você ou alguém que você conhece que trabalha na mesma profissão que você perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia?</p> <p>Em nenhum momento perdi ou conheço alguém que perdeu o emprego por causa de uma mudança no sistema do computador</p> <p>Qual é o seu nível de escolaridade?</p> <p>Meu nível de educação é primário e secundário com algumas disciplinas no 1º ano 2º ano e 3º ano</p> <p>Você está estudando atualmente?</p> <p>No momento apenas cursos</p> <p>Se sim, poderia me dizer qual curso está fazendo?</p> <p>Cursos de como ser refrigeração online</p> <p>Se você não está estudando, gostaria de fazer um curso? No momento, não</p> <p>Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?</p> <p>Eu não precisaria mudar nada na minha vida para poder continuar meus estudos, é só uma questão de vontade.</p> <p>Trabalhando dentro da instituição, você se sente estimulado a estudar?</p> <p>Se me sinto estimulado a terminar o ensino médio; a equipe gestora da instituição de ensino, os professores e a equipe profissional de egressos me incentivam a continuar avançando.</p>

<p>¿Qué significa el trabajo para Usted? Para mí el trabajo significa una forma de subsistir y tratar de mejorar la situación económica de mi familia</p>	<p>A instituição onde você trabalha lhe forneceu alguma facilidade para estudar? Não respondo O que o trabalho significa para você? Para mim, o trabalho significa uma maneira de sobreviver e tentar melhorar a situação econômica da minha família.</p>
JUAN MANUEL	
<p>¿En qué? ¿En qué actividad se desarrolla? Actualmente me desempeño como limpieza y mantenimiento.</p>	<p>Em que? Que atividade desenvolve? Atualmente trabalho como limpeza e manutenção.</p>
<p>Ahora. ¿Qué significa el trabajo para usted? El trabajo para mí significa mucha responsabilidad en mantener y cuidar un establecimiento educativo.</p>	<p>Agora. O que o trabalho significa para você? Trabalhar para mim significa muita responsabilidade na manutenção e cuidado de um estabelecimento de ensino.</p>
<p>¿Qué significa ese? Ya está.</p>	<p>O que isso significa? Já está.</p>
<p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? Piensa continuar en su profesión actual.</p>	<p>O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Ele pretende continuar em sua atual profissão.</p>
<p>¿Debido a la edad que tiene? Sí. Mi idea es seguir en las condiciones que estoy y manteniendo mi trabajo actual.</p>	<p>Por causa de quantos anos tem? Sim. Minha ideia é continuar nas condições em que estou e manter meu emprego atual.</p>
<p>¿Cuál es su opinión sobre el uso del robot o máquinas para hacer su trabajo? Para hacer su trabajo. Creo que la tecnología es una gran herramienta que puede ayudarnos al mejor funcionamiento del establecimiento en tanto no condiciones. El puesto laboral de cada uno.</p>	<p>Qual é a sua opinião sobre o uso do robô ou das máquinas para fazer o seu trabalho? Para fazer o trabalho deles. Acredito que a tecnologia é uma grande ferramenta que pode nos ajudar a melhorar o funcionamento do estabelecimento em ambas as condições. O trabalho de cada um.</p>
<p>¿Usted o a alguien o a alguien que conoce que trabaja en el mismo, en la misma profesión que usted perdió su trabajo por el servicio realizado por robots o máquinas? Conozco colegas que están en la misma profesión que yo, pero ninguno ha perdido su puesto laboral en los últimos tiempos.</p>	<p>Você ou alguém ou alguém que você conhece que trabalha no mesmo, na mesma profissão que você perdeu o emprego pelo serviço realizado por máquinas ou robôs? Conheço colegas que estão na mesma profissão que eu, mas nenhum perdeu o emprego recentemente.</p>
<p>¿Cuál es su nivel de educación? Mi nivel de educación es secundaria, completa y terciario incompleto.</p>	<p>Qual é o seu nível de escolaridade? Minha escolaridade é secundária, completa e terciária incompleta.</p>
<p>Estudio actualmente. Si es así. ¿Podría decirme qué curso está tomando? ¿Si no está estudiando? Actualmente no realizo ningún curso y no estoy en ningún estudio.</p>	<p>Atualmente, estou estudando. Sim é assim. Você poderia me dizer qual curso está fazendo? Se você não está estudando? Atualmente não faço nenhum curso e não estou em nenhum estudo.</p>
<p>?Voy a tomar un curso. Sí, sí. Igual necesitarías cambiar? Sí. Me gustaría seguir haciendo cursos de capacitación. Tengo realizado tres cursos de electricidad domiciliaria, plomería sanitaria para establecimientos y manejos de alimentos y nutrición en instituciones escolares. Y sí, estaría de acuerdo en realizar mayores capacitaciones</p>	<p>Eu vou fazer um curso. Sim. Você ainda precisaria mudar? Sim. Gostaria de continuar a fazer cursos de formação. Realizei três cursos sobre eletricidade doméstica, canalização sanitária para estabelecimentos e gestão alimentar e nutricional nas escolas. E sim, eu concordaria</p>

que me ayuden en mi trabajo. La institución donde trabajo siempre está dispuesta a darme el tiempo para que pueda hacer la capacitación y cursos. En cuanto a los mismos directivos, siempre están atentos y me hacen saber de las nuevas capacitaciones que salen para que uno pueda en el área que me que me manejo poder mejorar.

em continuar o treinamento para me ajudar no meu trabalho. A instituição onde trabalho está sempre disposta a me dar tempo para que eu possa fazer os treinamentos e cursos. Quanto aos próprios diretores, eles estão sempre atentos e me informam dos novos treinamentos que saem para que se possa melhorar na área que administro.

MIGUELINA ANGELICA

Buenas tardes.

Boa tarde.

Esta entrevista es para un trabajo de investigación que estoy realizando. ¿Estaría dispuesta a responderme a las preguntas? Sí, obviamente que sí.

Esta entrevista é para um projeto de pesquisa que estou fazendo. Você estaria disposto a responder minhas perguntas? Sim, obviamente sim.

¿En qué actividad se desempeña actualmente?
¿Portera?

Em qual atividade você está trabalhando atualmente? Porteira?

Empieza escuela de portero. De portero significa mantener una escuela limpia y todo lo que requieren un centro para lo que me necesiten.

Comece a escola de porteiro. Como zelador significa manter uma escola limpa e tudo o que requer um centro para o que eles precisam de mim.

¿Qué significa el trabajo para usted?

O que o trabalho significa para você?

Para mí significa una identidad como. La dignidad y la dignidad.

Para mim significa uma identidade como e dignidade.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?
¿Qué pasará en el futuro?

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? O que acontecerá no futuro?

Y en el país que vivimos es muy incierto el futuro.

E no país em que vivemos, o futuro é muito incerto.

Muy bien. Gracias. ¿Y cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? Si hay un robot haciendo su trabajo en vez de hacer. Usted qué piensa.

Muito bem. Obrigado. E qual a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho? Se houver um robô fazendo seu trabalho em vez de fazer. Você que pensa.

¿Respecto a eso? En un futuro. Creo que el ser humano a nosotros como ser humano vamos a terminar quedando sin trabajo, porque si bien hoy por hoy la computadora te ayuda, saca trabajo a muchas personas que antes la trabajaban.

Sobre isso? Em um futuro. Eu acho que os seres humanos e nós como seres humanos vamos acabar ficando desempregados, porque embora hoje o computador te ajude, ele tira emprego de muitas pessoas que trabalhavam nele.

¿Cuál es su nivel de educación hoy en día?
Secundario completo.

Qual é o seu nível de escolaridade hoje?
Secundário Completo.

Está estudiando. ¿Estás estudiando actualmente? ¿Qué cursos estás tomando?

Está estudando. Você está estudando atualmente? Quais cursos você está fazendo?

Por ahora no, pero sí pienso seguir estudiando a partir del año que viene una tecnicatura para seguir estudiando, para tener un futuro mejor.

No momento não, mas pretendo continuar estudando técnico a partir do ano que vem para continuar estudando, para ter um futuro melhor.

¿Necesitaría cambiar algo en su vida para poder estudiar?

Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?

Sí, hay muchas cosas que se podrían cambiar. Actualmente son mis horarios de trabajo. Por ahí no coincide con las clases para seguir estudiando, por eso de que la tecnicatura.

Sim, há muitas coisas que podem ser mudadas. Atualmente meu horário de trabalho. Dessa forma não coincide com as aulas continuar estudando, por isso o curso técnico.

¿La institución de la institución donde está trabajando en estos momentos le ha brindado alguna facilidad para estudiar? Hasta ahora no ha habido ninguna.	A instituição da instituição em que trabalha neste momento forneceu-lhe alguma facilidade para estudar? Até agora não houve nenhum.
Muchísimas gracias por prestar su tiempo.	Muitíssimo obrigado por conceder parte de seu tempo.
Muchísimas gracias. De nada. Muy amable.	Muitíssimo obrigada. De nada. Muito amável.

ROBERTO HERNÁNDEZ

Y puedo hablar. Bueno, me desempeño como portero ya hace más de 20 años. Un trabajo que me gusta y lo hago cada día con más fuerza, con más voluntad. Siempre me ha gustado esto.	E eu posso falar. Bem, sou porteiro há mais de 20 anos. Um trabalho que gosto e faço todos os dias com mais força, com mais vontade. Eu sempre gostei disso.
¿Y qué significa esto para mí? Y para mí significa. Me siento feliz a tener un trabajo digno, un trabajo tranquilo, un trabajo limpio donde trabajo bien sin. Sin ninguna coincidencia, sin un seguimiento de apriete mi trabajo. Tengo libertad de trabajo y que pienso en mi futuro, en el campo laboral y que haya, por ejemplo, para nosotros como personal de limpieza o servicio, como quieran llamarlo, que sea mejor tener un salario digno como tiene que ser. Porque nosotros esto, yo lo que voy a encontrar es que dos años de trabajo, de aporte laboral y se jubilan con un miserable sueldo que en realidad vuelve a hacer otra vez persona pobre. ¿Lo que somos con el mismo sueldo que tiene, no es cierto? ¿Y en el uso de las maquinarias, en el trabajo nunca estuve de acuerdo, porque la gente de yo trabajo eso no? Porque una maquinaria, cada maquinaria que viene que inserta en el trabajo, son mucha gente que queda sin prácticamente sin trabajo, sin el pan de cada día. Aparte de esa misma gente a no estar preparada para otra cosa, no tiene dónde ir, no sabe qué hacer y queda en un abismo, sin saber a qué dedicarse. Porque hoy en día prácticamente casi todo está cada vez más con la tecnología. Pasa con nosotros, pasa con la gente del campo. Por ejemplo, tenemos los yerbateros o los dealers que mucha gente de ese campo a través de la tecnología que lleva mucho sin trabajo en. Bueno, no conozco ninguno que haya perdido el trabajo.	E o que isso significa para mim? E para mim significa Eu me sinto feliz por ter um trabalho decente, um trabalho tranquilo, um trabalho limpo onde eu trabalho bem sem. Sem nenhuma partida, sem um acompanhamento apertado meu trabalho. Tenho liberdade para trabalhar e penso no meu futuro, na área trabalhista e que existe, por exemplo, para nós como pessoal de limpeza ou serviço, como você quiser chamar, que é melhor ter um salário decente porque deveria estar. Porque nós fazemos isso, o que eu vou descobrir é que dois anos de trabalho, contribuição trabalhista e eles se aposentam com um salário miserável que na verdade torna uma pessoa pobre de novo. O que estamos com o mesmo salário que você tem, não é verdade? E no uso de máquinas, no trabalho eu nunca concordei, porque as pessoas com quem trabalho não concordam? Porque uma máquina, cada máquina que está inserida no trabalho, é um monte de gente que está praticamente sem trabalho, sem o pão de cada dia. Fora essas mesmas pessoas que não estão preparadas para mais nada, não têm para onde ir, não sabem o que fazer e ficam no abismo, sem saber o que fazer. Porque hoje praticamente tudo é cada vez mais com tecnologia. Acontece conosco, acontece com o povo do campo. Por exemplo, temos o yerbateros ou os revendedores que muitas pessoas nesse campo por meio da tecnologia estão sem emprego há muito tempo. Bem, não conheço ninguém que tenha perdido o emprego.
Sé que hay algunos que han tomado licencia prácticamente por problemas de enfermedad, problema de visión que conozco, colegas que se han quedado así, pero esto también influye mucho en la en la parte en que nosotros cuando nos jubilamos, que hasta ahora se está peleando, es el tema que quedarnos a nosotros jubilados, que siempre se quiso que haya una persona de la familia directa que siga ocupando ese puesto, cosa que hasta ahora todavía no se ha podido conseguir. Y yo, por ejemplo, tengo la educación, tengo primaria y secundaria, tengo	Eu sei que tem uns que se afastaram praticamente por motivo de doença, problemas de visão que eu conheço, colegas que ficaram assim, mas isso também influencia muito na parte em que a gente se aposenta, que até agora está sendo combatido, é o questão que continuamos aposentados, que sempre se quis que houvesse uma pessoa da família direta que continuasse a ocupar esse cargo, algo que até agora ainda não foi alcançado. E eu, por exemplo, tenho educação, tenho ensino

hasta 4.º año que lo hice el otro lado de Encarnación, porque tenía el marido de mi vieja que consiguió trabajo allá. Entonces íbamos y veníamos, íbamos fin de semana, domingo, volvíamos y veníamos bien. A la tarde de vuelta Posada era un ida y vuelta cada semana. Y si estoy estudiando solamente actualmente no, porque ya me dediqué al trabajo y bueno, formó una familia y ahí quedé. ¿Lo que sí, estoy tratando de conseguir otro trabajito más para poder aumentar un poco el ingreso en la casa, no? Me gustaría tomar un curso. He estado haciendo un curso de electricidad acá en el colegio 43 que iba a la nocturna, pero a raíz de otra cosita dejé de hacerlo porque la tesis así me gusta. Siempre me gustó y nunca, nunca he podido comprarme los materiales. Por ejemplo, las herramientas como para poder desempeñarme y trabajar en eso es lo que es importante para mí por lo menos tener algo el día de mañana aquí y después que yo me retire esto. ¿Bueno, seguir trabajando hasta donde el cuerpo me diga basta, no? Porque todavía me siento fuerte, me siento como joven todavía y quiero seguir trabajando hasta donde, hasta donde pueda. Después.

Trabajando dentro de institución. Cómo se. ¿Siente? ¿Y dentro de la institución?

Muy bien. Siempre he recibido el apoyo, tanto directivo como docente, nunca he tenido ningún problema, así que he pasado por varias instituciones y bueno, a veces cuando las cosas no, no van, no van bien. O porque generalmente las instituciones muchas veces somos mirados de una manera distinta por el desempeño que hacemos, el trabajo que hacemos todos los días. Y como siempre le digo a mis colegas, nosotros nunca nos tienen en cuenta, porque siempre que hago le pongo énfasis. En el momento que hay un acto de que hay un acto, hay una fiesta, siempre estando presente, directivo, docente, padre, alumno, pero nosotros nunca existimos, nunca estamos presentes y eso siempre hago énfasis y también somos parte de la institución, de la planta funcional del colegio y siempre deberíamos estar presentes en ese caso, no solo existir en caso que solo para hacer la limpieza. Y sí.

Hay algo de lo que me gustaría hablar o comentar sobre este tema.

Y bueno, que esto pueda cambiar un poco o que pueda mejorar, mejor dicho no que se han visto y este por ejemplo es el uniforme que nosotros supuestamente nos tenían que entregar cada tres o cuatro años porque se desgasta mucho por el trabajo que hacemos, prácticamente lo estamos viendo nosotros. ¿Creo que ahora recién este año hemos logrado que noten el

fundamental e médio, tenho até o 4º ano que fiz do outro lado de Encarnación, porque o marido da minha mãe trabalhava lá. Então a gente ia e vinha, ia de fim de semana, domingo, voltava e ia bem. À tarde, de volta a Posada fazia uma viagem de ida e volta toda semana. E se eu só estou estudando agora, não, porque já me dediquei ao trabalho e, bem, comecei uma família e foi aí que fiquei. O que sim, estou tentando arrumar mais um trabalhinho para poder aumentar um pouco a renda da casa, né? gostaria de fazer um curso. Eu estava fazendo um curso de eletricidade aqui no Colégio 43 que era à noite, mas por outra coisinha eu parei de fazer porque gosto da tese assim. Sempre gostei e nunca consegui comprar os materiais. Por exemplo, as ferramentas para poder executar e trabalhar nisso é o que é importante para mim, pelo menos ter algo aqui amanhã e depois de aposentar isso. Bem, continue trabalhando enquanto o corpo me disser o suficiente, certo? Porque ainda me sinto forte, ainda me sinto jovem e quero continuar trabalhando até onde puder. Depois.

Trabalhar dentro de uma instituição. Como se. você sente? E dentro da instituição?

Muito bem. Sempre tive apoio, tanto de diretores quanto de professores, nunca tive nenhum problema, então já passei por várias instituições e bem, às vezes quando as coisas não vão, não vão, não vão bem. Ou porque muitas vezes nas instituições somos vistos de forma diferente por causa do desempenho que fazemos, do trabalho que fazemos todos os dias. E como sempre digo aos meus colegas, nunca somos levados em conta, porque sempre que vejo isto, ênfase. No momento tem ato que tem ato, tem festa, sempre estão presentes diretor, professor, pai, aluno, mas nunca existimos, nunca estamos presentes e sempre ênfase isso e também fazemos parte a instituição, da planta funcional da escola e devemos estar sempre presentes nesse caso, não só existir no caso mas apenas fazer a limpeza. E sim.

Há algo que eu gostaria de discutir ou comentar sobre este tópico.

E bem, que isso poderia mudar um pouco ou que poderia melhorar, não que eles tenham sido vistos e este, por exemplo, é o uniforme que supostamente tínhamos que nos dar a cada três ou quatro anos porque se desgasta muito devido ao trabalho que fazemos, estamos praticamente vendo isso. Acho que agora só este ano conseguimos fazer com que percebam o uniforme depois de 468 anos, que é a última vez que nos deram, porque todos os anos não são, todos os meses, pelo contrário, estão nos

uniforme después de 468 años, que es la última vez que nos entregaron, porque nosotros todos los años no están, todos los meses, mejor dicho, nos están descontando del sindicato que estamos pagando como socio del gremio, pero tampoco se hacen la gente del gremio, se hacen presente en nuestro trabajo, a ver cómo estamos trabajando, como que necesitábamos y estamos muy bien, tenemos un problema? Para nada, simplemente son nulos totalmente, siempre aparecen solo cuando hoy va a haber una elección en el sindicato y o si no, no aparecen directamente, son nulos totalmente ellos hasta el día de hoy. Yo hace más de 20 años que trabajo en esto y nunca lo he visto aparecer ahí, a no ser que por ahí tenga un problema. Y para atenderte te olí que te asocia el sindicato para poder atender tu problema. Si tengo problemas en la escuela sobre todo porque si no ellos no, no aparecen para nada, no se hacen ver en ningún momento, así que. Pero en mi trabajo estoy muy contento y lo hago con gusto. Cada vez me siento más cómodo, siempre trato de hacer siempre algo más de lo que sobre todo, sobre todo en el horario. No tengo horario de empezar, siempre vengo, estoy antes del horario que me corresponde y. ¿Y a la hora de salida tampoco le llevo en cuenta a la hora de salir hasta que no termino mi trabajo y no lo deje como tiene que ser, no me retiro prácticamente porque conozco colegas que siempre se manejan por el horario y si terminado siendo terminamos y como hasta ahí nomás no le importa no? Y eso es por falta de responsabilidad, pero si estoy muy a gusto, muy cordial, así que muy contento con todo.

Bueno.

Así que no, por favor, agradecido.

Bueno, hasta luego.

descontando do sindicato que estamos pagando como membro da guilda, mas as pessoas da guilda também não estão envolvidas, estão presentes no nosso trabalho, para ver como estamos trabalhando, como precisávamos e estamos muito bem, temos algum problema? De jeito nenhum, eles são simplesmente totalmente nulos, eles sempre aparecem só quando vai haver eleição no sindicato hoje e se não, eles não aparecem diretamente, eles são totalmente nulos até hoje. Estou trabalhando nisso há mais de 20 anos e nunca vi isso aparecer lá, a menos que haja um problema lá. E para atendê-lo cheirei que o sindicato o associa para poder atender seu problema. Se eu tiver problemas na escola, até porque senão eles não aparecem, eles não aparecem de jeito nenhum, eles não aparecem em nenhum momento, então. Mas no meu trabalho sou muito feliz e faço-o com prazer. Cada vez que me sinto mais confortável, procuro sempre fazer algo mais do que acima de tudo, principalmente no horário. Não tenho hora para começar, sempre venho, estou antes da hora que me corresponde e. E quando eu saio, eu não levo em conta quando saio até terminar meu trabalho e não deixo como deveria estar terminando e até onde não importa para você, certo? E isso é por falta de responsabilidade, mas estou muito confortável, muito cordial, muito feliz com tudo.

Como não há nada mais a dizer, Muito obrigado.

Quadro C.2 - COLOMBIA

ORIGINAL	VERSÃO EM PORTUGUÊS
ALISON LUPITA	
<p>¿Buenos días, en que actividad se desempeña actualmente? Yo soy coordinador de servicio de la Universidad (limpieza).</p>	<p>Bom dia, em qual atividade você está trabalhando atualmente? Sou coordenador de serviços da Universidade (limpeza).</p>
<p>¿Qué significa el trabajo para usted? Mucho, porque es algo que es para mi familia, para mis hijos, para un bienestar de mis hijos.</p>	<p>O que significa o trabalho para você? Muito, porque é algo que é para a minha família, para os meus filhos, para o bem-estar dos meus filhos.</p>
<p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual? Sí, claro. Uno cuando tiene sus hijos tiene que seguir trabajando. Buscar un proyecto más para mis hijos. Un buen futuro para mis hijos.</p>	<p>O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual? Sim, claro. Quando você tem seus filhos, você tem que continuar trabalhando. Encontre mais um projeto para meus filhos. Um bom futuro para os meus filhos.</p>
<p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? En parte que son buenas. No hay parte de robótica. En una escala que le están quitando mucho el trabajo al personal humano, donde nosotros trabajamos y hay otras cosas que son buenas, no hay unas buenas y otras malas.</p>	<p>Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho? Em parte são bons. Não há parte de robótica. Em uma escala que está tirando muito trabalho do pessoal humano, onde trabalhamos e há outras coisas que são boas, não há boas e outras ruins.</p>
<p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona. Sí, hay muchos compañeros que eran un muchacho que trabajaban metiendo esa cañería, todas las cosas. Ya llegó la máquina, les quitó lo que sean sus chambas cuando llegan a su plato. Ahora llega la máquina, se acaba rapidito y ya. Listo. Se acabó el trabajo para los muchachos.</p>	<p>Na sua profissão, você ou alguém que você conhece e trabalha na mesma profissão que você perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia. Sim, tem muitos colegas que era menino que trabalhava colocando aquele cachimbo, todas as coisas. A máquina chegou, tirou-lhes o trabalho quando chegam ao prato. Agora a máquina chega, acaba rapidinho e pronto. Inteligente. Trabalho feito para os meninos.</p>
<p>¿Cuál es su nivel de educación? El bachillerato.</p>	<p>Qual é o seu nível de escolaridade? O bacharelado.</p>
<p>¿Está estudiando actualmente? No en estos momentos. No, ya no, no, no estoy estudiando ese momento.</p>	<p>Você está estudando atualmente? Não neste momento. Não, não mais, não, não estou estudando no momento.</p>
<p>¿Le gustaría tomar un curso? Sí, claro. Me gusta mucho la electricidad.</p>	<p>Gostaria de fazer um curso? Sim, claro. Eu gosto muito de eletricidade.</p>
<p>Ok. ¿Le gustaría entonces el de electricidad? Sí, claro. Me encanta la electricidad un poquitico. No es que sea mucho, pero sí me encanta</p>	<p>OK. Você gosta de eletricidade então? Sim, claro. Eu amo eletricidade um pouco. Não é muito, mas eu adoro.</p>
<p>¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?</p>	<p>Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?</p>

No, no, no, tiempo más que todo el tiempo tenía que haber uno trabajando y conteniendo sus hijos. Uno tiene que tener tiempo para otras cosas. Por eso a veces uno no estudia, uno por sacar sus hijos adelante y tener otro trabajo fuera, el que yo tengo, porque yo tengo que salir a buscar. A veces trabajo por fuera para mantener bien a mis hijos.

¿Se siente estimulado a estudiar?

No, no, nunca. No, no, no, para nada.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decirme cuál?

Sí, claro. Aquí, aquí. Cada rato nos dicen a nosotros desde el trabajo. La otra era que nos están dando de enfermería o de enfermería, pero no, no, no!

¿Hay algo de lo que le gustaría hablar a comentar sobre este tema?

No, aquí en mi universidad no, y aquí le agradezco mucho a la universidad por todo lo que me ha dado, todo lo que tengo. He sacado mis hijos adelante, he tenido un trabajo constante aquí en la universidad. Gracias a la universidad he tenido mis cosas ahora en adelante que he tenido.

¿Cuántos lleva? ¿Cuántos años lleva aquí en la universidad?

17 años.

La experiencia. Muchas gracias.

Não, não, não, tempo mais do que todo o tempo tinha que haver um trabalhando e lutando contra seus filhos. É preciso ter tempo para outras coisas. É por isso que às vezes você não estuda, um para criar os filhos e ter outro trabalho fora, o que eu tenho, porque eu tenho que sair e procurar. Às vezes eu trabalho fora para sustentar meus filhos.

Você se sente estimulado a estudar?

Não, não, nunca. Não, não, não, de jeito nenhum.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar? Se sim, poderia me dizer qual?

Sim, claro. Aqui, aqui. De vez em quando eles nos falam do trabalho. A outra é que eles estão nos dando enfermagem ou enfermagem, mas não, não, não!

Há algo que você gostaria de falar ou comentar sobre este assunto?

Não, não aqui na minha universidade, e aqui eu sou muito grato à universidade por tudo que ela me deu, tudo que eu tenho. Criei meus filhos, tive um trabalho constante aqui na universidade. Graças à universidade eu tive minhas coisas de agora em diante que eu tive.

Quantos anos está aqui? Há quantos anos você está aqui na universidade?

17 anos.

Às ordens. Muito obrigado.

ANA LAURA VARGAS

Buenos días.

¿En qué actividad se desempeña actualmente?
En aseo. Servicios Generales.

¿Qué significa el trabajo para usted?

Limpiar. Desinfectar toda la cuestión de aseo, de limpieza.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?

¿Piensa continuar en su profesión la profesión actual?

Sí, porque me gusta. Me gusta la limpieza, el orden. ¿Entonces? Creo que sí.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?

Pues no sé, como que no me conviene. Eso nos quita mucho el trabajo a nosotras que desempeñamos esta labor. Bueno, no estoy de acuerdo.

Bom Dia.

Em qual atividade você está trabalhando atualmente?

Limpeza. Serviços gerais.

O que o trabalho significa para você?

Limpar. Desinfetar todo o banheiro, questão de asseio, de limpeza.

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você planeja continuar sua profissão atual em sua profissão?

Sim, porque eu gosto. Gosto de limpeza, ordem.

Então? Acho que sim.

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?

Bem, eu não sei, porque não combina comigo. Isso tira muito trabalho de nós que realizamos esse trabalho. Bem, eu discordo.

¿Conoce algún caso que haya sido reemplazado por alguna computadora o Robots, para que haga el servicio que hacía esta persona anteriormente?

Pues la verdad no, no conozco, pero sí he escuchado y no estoy de acuerdo.

¿Y porque no está de acuerdo?

No, pues porque nos quitan el trabajo a nosotras que después desempeñamos esa labor. Ya con una máquina, pues ya la máquina es la que lo va a hacer. ¿No?

¿Cuál es su nivel de educación?

El bachillerato.

¿Está estudiando actualmente?

No, señor.

¿Le gustaría tomar algún curso?

Sí, claro, sí. ¿Teniendo la oportunidad? Sí.

¿Y cómo cuál?

Como manipulación de alimentos, cocina.

Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.

De pronto un poquito los horarios, pero del resto no. ¿Todo bien?

¿Se siente estimulada a estudiar?

Sí, por ahora sí.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?

Sí. Aquí en la universidad sí. Nos han brindado la oportunidad de cursos en sistemas, pero pues la verdad, pues como eso no es lo mío, entonces no me he animado, pero sí hemos tenido la oportunidad.

¿Le gustaría estudiar algo de sistemas relacionado con el área de sistemas?

La verdad no, no, no, no, no me gusta.

¿Entonces como que no es mi afinidad?

No! No, no me gusta.

Muchas gracias.

Você conhece algum caso que tenha sido substituído por um computador ou Robôs?

Para fazer o serviço que essa pessoa fazia antes?

Bem, a verdade é que não, não sei, mas já ouvi e não concordo.

E por que você não concorda?

Não, bem, porque eles tiram nosso trabalho de nós, que então executamos esse trabalho. Já com uma máquina, bem, a máquina é que vai fazer isso. Não?

Qual é o seu nível de escolaridade?

O bacharelado.

Você está estudando atualmente?

Não senhor.

Gostaria de fazer um curso?

Sim certo sim. Tendo a oportunidade? Sim.

E como o quê?

Como manipulação de alimentos, cozinhar.

Você precisaria mudar alguma coisa em sua vida para poder estudar.

Talvez um pouco sobre os horários, mas não o resto? Tudo bem?

Você se sente estimulada a estudar?

Sim, por enquanto sim.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar?

Sim. Aqui na universidade sim. Eles nos deram a oportunidade de fazer cursos de sistemas, mas a verdade é que, como não é minha praia, não fui encorajado, mas tivemos a oportunidade.

Gostaria de estudar algo sobre sistemas relacionados à área de sistemas?

A verdade é que não, não, não, não, eu não gosto disso.

Então, como não é minha afinidade?

Não! Não, não gosto.

Muito obrigado.

DULCE MARÍA MORENO

Y en que actividad se desempeña actualmente.
Conserje.

¿Qué significa el trabajo para usted?

Es muy importante porque ahí depende mi. Depende mi salario depende prácticamente todo.

E em qual atividade você está trabalhando atualmente?

Porteira.

O que o trabalho significa para você?

É muito importante porque depende de mim. Meu salário depende de praticamente tudo.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?
 ¿Piensa continuar en su profesión actual?
 Pues mientras tenga fuerza y vida. Claro que si tengo que continuar, porque no tengo quien me mantenga.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?
 Me suena como para mí es obsoleto eso porque hay muchas personas que las dejan sin trabajo, muchas personas que están viviendo en total pobreza y no les importa meter un robot a trabajar en una empresa donde hay hombres trabajando mujeres.

¿Conoce usted de algún caso que haya sido reemplazado por un robot?
 Aquí en Colombia no, pero en otros países sí.

¿Cuál es su nivel de educación?
 Primero y primero, bachillerato.

¿Está estudiando actualmente?
 No, ni quiero seguir estudiando porque ya. Ya vi lo que tenía que ver.

¿Le gustaría tomar un curso?
 Pues yo he tomado tantos cursos que ya me cansé. No quiero estudiar. ¿Seguir más cursos para qué? Porque aquí no le dan trabajo a uno en los cursos que uno haga.

¿Necesitarías cambiar algo en su vida, en su vida, para poder estudiar?
 Así como estoy, estoy perfectamente bien. Gracias a Dios tengo todo lo que necesito.

¿Se siente estimulado a estudiar?
 No, ya no, porque ya lo que tenía que ver con 68 años, ya lo que fue, fue ya. Los estudios quedaron para mis nietos, para mis hijos.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?
 Nunca.

Nunca ¿me puede dar alguna razón?
 Por el trabajo, tal vez. Porque no le interesa que uno trabaje, que que se supere. Algunas veces no.

¿Hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema?
 No, que lo hablen otros. Yo no.

Muchas gracias.

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?

Bem, enquanto eu tiver força e vida. Claro que tenho que continuar, porque não tenho ninguém para me apoiar.

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?
 Parece-me obsoleto porque tem muita gente que os deixa sem trabalho, muita gente que vive na pobreza total e não se importa de colocar um robô para trabalhar numa empresa onde tem homens trabalhando mulheres.

Você conhece algum caso que tenha sido substituído por um robô?
 Aqui na Colômbia não, mas em outros países sim.

Qual é o seu nível de escolaridade?
 Primeiro e primeiro, o ensino médio.

Você está estudando atualmente?
 Não, não quero continuar estudando porque agora. Eu já vi o que eu tinha que ver.

Gostaria de fazer um curso?
 Bem, eu fiz tantos cursos que estou cansado disso. Não quero estudar. Seguir mais cursos para quê? Porque aqui não te dão emprego nos cursos que você faz.

¿Você precisaria mudar alguma coisa na sua vida, na sua vida, para poder estudar?
 Do jeito que estou, estou perfeitamente bem. Graças a Deus tenho tudo que preciso.

Você se sente estimulado a estudar?
 Não, não mais, porque o que tinha a ver com 68 anos, e o que era, já era. Os estudos ficaram para os meus netos, para os meus filhos.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar?
 Nunca.

Nunca. Você pode me dar alguma razão?
 Para o trabalho, talvez. Porque ele não está interessado em um trabalhando, esse se destaca. Às vezes não.

Há algo que você gostaria de discutir ou comentar sobre este assunto?
 Não, deixe os outros falarem. Eu não.

Muito obrigado.

EMILY MÍA

¿En qué actividad se desempeña actualmente?	Em qual atividade você está trabalhando atualmente?
Me desempeño contestando teléfono en la portería.	Eu trabalho atendendo o telefone na portaria.
¿Qué significa el trabajo para usted?	O que o trabalho significa para você?
Lo mejor que me ha podido pasar.	A melhor coisa que poderia ter acontecido comigo.
¿Qué piensa en su futuro en el campo laboral?	O que você pensa sobre o seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?
¿Piensa continuar en su profesión actual?	Bem, estou prestes a me mencionar. Já tenho um ano para me aposentar.
Bueno, ya estoy de que me voy a mencionar. Ya me falta un año para pensionarse.	
¿Cuál es su opinión sobre el uso de los robots o máquinas para hacer su trabajo?	Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?
Muy triste, muy triste porque nos vamos a quedar mucha gente sin trabajar.	Muito triste, muito triste porque muitas pessoas vão ficar sem trabalhar.
En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted. Servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona.	Na sua profissão, você ou alguém que você conhece trabalha na mesma profissão que você. O atendimento foi informatizado e, por exemplo, um robô ou computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia.
Bueno, hasta ahora no amanece en este puesto. Somos dos compañeras y hasta ahora ella lleva más tiempo. Lleva 23 años aquí. Entonces todavía no nos ha sucedido eso.	Bem, até agora nenhum amanhecer nesta posição. Somos dois parceiros e até agora ela tem sido mais longa. Ele está aqui há 23 anos. Então isso ainda não aconteceu conosco.
¿Cuál es su nivel de educación?	Qual é o seu nível de escolaridade?
Bueno, bachiller.	Bem, bacharel.
¿Está estudiando actualmente?	Você está estudando atualmente?
No, ya no estoy estudiando. Ya tengo 60 años.	Não, eu não estou estudando mais. Já tenho 60 anos.
Uhm. ¿Le gustaría tomar un curso?	Hum. Gostaria de fazer um curso?
Bueno, sí, de pronto. Sí, claro.	Bem, sim, de repente. Sim, claro.
Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.	Você precisaria mudar alguma coisa em sua vida para poder estudar.
No, no, no cambiaría nada de mi vida.	Não, não, eu não mudaria nada na minha vida.
¿Se siente estimulada a estudiar?	Você se sente estimulada a estudar?
Sí, sí, me siento estimulada.	Sim, sim, sinto-me estimulada.
¿Pero la universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? Si es así. ¿Podría decirme cuál?	Mas a universidade onde você trabalha lhe deu alguma facilidade para estudar? Sim é assim. Você poderia me dizer qual?
Bueno, sí. Aquí ya después de que llevamos tres años, nos da. No tengo facilidad para estudiar, pero en el momento en que me llegó a mí, entró a estudiar mi hija acá. Entonces preferir que mi hija estudiara y no yo.	Bom, sim. Aqui já depois de três anos, dá-nos. Eu não tenho facilidade para estudar, mas no momento que me veio, minha filha veio estudar aqui. Então eu preferia que minha filha estudasse e não eu.
¿Hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema? ¿Algo adicional que usted quisiera decir?	Há algo que você gostaria de discutir ou comentar sobre este assunto? Mais alguma coisa que você gostaria de dizer?
Bueno, que sí, yo me siento muy agradecida con mi trabajo porque saque adelante a mis dos	

hijas y son profesionales y yo aquí estoy esperando mi pensión.	Bem, sim, eu me sinto muito grata ao meu trabalho porque eu ajudo minhas duas filhas e elas são profissionais e aqui estou esperando minha pensão.
Muchas gracias.	Muito obrigado.

EMILIANA DÍAZ

¿En qué actividad se desempeña actualmente? Oficios varios.(limpieza)	Em qual atividade você está trabalhando atualmente? Vários ofícios.
¿Qué significa el trabajo para usted? Significa mucho porque sirve para sostener a la familia.	O que o trabalho significa para você? Significa muito porque ajuda a sustentar a família.
¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual? Sí. Seguir estudiando.	O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual? Sim. Continue estudando.
¿Cuál es su opinión sobre el uso de los robots o máquinas para hacer su trabajo? ¿Qué piensa usted? ¿Por ejemplo, usted qué piensa cuando se reemplaza la mano humana por los robots? ¿Usted estaría de acuerdo o qué piensa usted? No, porque no uno se queda sin empleo.	Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho? O que você pensa? Por exemplo, o que você pensa quando a mão humana é substituída por robôs? Você concordaria ou o que você acha? Não, porque ninguém fica sem emprego.
¿Cuál es su nivel de educación? Mi bachillerato está estudiando actualmente. ¿No? ¿Le gustaría tomar un curso? Sí. Sería del sistema.	Qual é o seu nível de escolaridade? Minha escola está estudando atualmente. Não? Gostaria de fazer um curso? Sim. Seria do sistema.
Necesitarías cambiar algo en su. En su vida para poder estudiar. Pues cambiarnos de trabajar y estudiar.	Você precisaria mudar algo no seu. Em sua vida para poder estudar. Bem, mude de trabalho e estudo.
¿Qué necesitaría cambiar en su vida? Porque la pregunta dice que necesitaría cambiar en su vida para poder estudiar. ¿Qué piensa usted? Pues cambiar. Yo creo que nada, seguir trabajando y estudiar al mismo tiempo.	O que você precisaria mudar em sua vida? Porque a pergunta diz que você precisaria mudar na sua vida para poder estudar. O que você pensa? Bem, mude. Acho que nada, continuo trabalhando e estudando ao mesmo tempo.
¿Se siente estimulada para estudiar? No sé. ¿Sí o no? Sí.	Você se sente estimulado a estudar? Não sei. Sim ou não? Sim.
Sí. En la universidad donde trabaja. Le ha brindado alguna facilidad para estudiar y. ¿Que si le ha apoyado con algún apoyo económico, que si para poder estudiar no? No había posibilidad. Pues la verdad toda la vida se dedicaba a trabajar. Entonces la verdad.	Sim. Na universidade onde trabalha. Deu-lhe alguma facilidade para estudar e. E se ele te sustentou com algum apoio econômico, e se não conseguir estudar? Não havia chance. Bem, a verdade é que toda a sua vida foi gasta trabalhando. Então a verdade.
Si hay algo de lo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema, algo que ud. Quisiera adicionar.	Se há algo que você gostaria de falar ou comentar sobre este tópico, algo que você. Eu gostaria de adicionar.
Muchas gracias.	Muito obrigado.

EMMANUELA RUÍZ

Buenas tardes.

Boa tarde.

Quisiera hacerle la siguiente pregunta. ¿En qué actividad se desempeña actualmente?

Gostaria de lhe fazer a seguinte pergunta. Em qual atividade você está trabalhando atualmente?

En jardín. Jardín (limpieza)

No jardim (limpeza).

¿Puede hablar un poquito más de jardín? ¿Qué significa el trabajo para usted?

Você pode falar um pouco mais sobre o jardim? O que o trabalho significa para você?

Pues para mí, en verdad es un trabajo en el cual me gusta. No lo hago por la necesidad y la necesidad, sino porque me gusta laborar en la semana.

Bem, para mim, é realmente um trabalho que eu gosto. Não o faço por necessidade e necessidade, mas porque gosto de trabalhar durante a semana.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?

La verdad, sí. Para porque tengo una hija y necesito el trabajo. Y actualmente, para poder conseguir mis cosas que necesito.

A verdade sim. Pare porque tenho uma filha e preciso do emprego. E atualmente, para poder pegar minhas coisas que eu preciso.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?

Y manejarlas con el debido, o sea, manejarlas adecuadamente como son. Tener todo lo. Lo que nos... lo que nos permite no tener accidentes.

E trate-os adecuadamente, isto é, trate-os adecuadamente como são. Ter tudo. o que nós. O que nos permite não ter acidentes.

En su profesión. ¿Usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona que sí conoce algún caso familiar conocido que haya sido reemplazado por una máquina?

Na sua profissão. Você ou alguém que você conhece e trabalha na mesma profissão que você, perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador começou a fazer o serviço que uma pessoa que conhece fez um caso familiar conhecido que foi substituído por uma máquina?

No, hasta el momento no.

Não, até agora não.

¿Y usted qué opina al respecto?

E o que você pensa sobre isso?

Pues sería, o sea, en mi forma de pensar, pues si ponen una máquina ya uno quedaría sin trabajo. ¿Entonces pues no sería ya una falencia para uno de personas, ya no conseguiría el trabajo entonces? Pues no, no estaría de acuerdo, digámoslo así.

Bem, seria, quero dizer, no meu modo de pensar, bem, se eles colocassem uma máquina, um ficaria sem emprego. Então, então, não seria um defeito para uma das pessoas, ele não conseguiria o emprego então? Bem, não, eu não concordaria, vamos colocar dessa forma.

¿Cuál es su nivel de educación?

Qual é o seu nível de escolaridade?

Bachiller y preescolar.

Ensino médio e pré-escola.

¿Está estudiando actualmente?

Você está estudando atualmente?

No, no, señor.

Não, não, senhor.

En sí no está estudiando. ¿Le gustaría tomar algún curso? Y si es así. ¿Cuál?

Então, não está estudando sozinho. Gostaria de fazer um curso? Em caso afirmativo, qual?

Pues me gustaría, sí. Bueno, por el momento actualmente no, pero sí a largo plazo. Me gustaría hacer como el seminario del curso que yo hice, que era de preescolar. Atención a primera infancia. Me gustaría homologar, pero ya a más tiempo necesita.

Bem, eu gostaria, sim. Bem, no momento não atualmente, mas a longo prazo. Gostaria de fazer como o seminário do curso que fiz, que foi pré-escola. Cuidados na primeira infância. Eu gostaria de homologar, mas precisa de mais tempo.

¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?

Tener el trabajo, que con eso es que uno también se logra superar.

¿Se siente estimulado a estudiar?

Pues por el momento agradezco a los que me han contratado por el trabajo, pero actualmente no, no, no tengo como la forma de porque estoy recién ingresada, pero sí me gustaría a largo plazo estudiar del mismo trabajo que tengo.

En la universidad donde trabaja. ¿Le ha brindado alguna facilidad para estudiar?

¿La verdad a quien le he puesto? No, no, la verdad no, ni tampoco lo he hablado.

Si hay algo de lo que les gustaría hablar o comentar sobre este tema.

Es que uno no tiene conocimiento ni esa facilidad como para hacer esas preguntas. Y si o no o no, tal vez no es como como someterse a preguntar eso si le afecta en el trabajo o como una persona.

¿Algo más que quisiera añadir?

No, pues que me cueste. Trabajo en la universidad, la verdad a mi me gusta y eso es lo importante, lo sentirse bien en el puesto de trabajo.

Muchas gracias.

Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?

Ter o emprego, que com isso é que também se consegue superar.

Você se sente estimulado a estudar?

Bem, no momento agradeço a quem me contratou para o trabalho, mas atualmente não, não, não tenho como porque acabei de ser admitido, mas gostaria de estudar a longo prazo da mesma trabalho que eu tenho.

A universidade onde trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar?

Na verdade para quem ofertou? Não, não, não realmente, nem falei sobre isso.

Se houver algo que você gostaria de discutir ou comentar sobre este tópico.

É que não se tem conhecimento nem essa facilidade de fazer essas perguntas. E sim ou não ou não, talvez não seja como se submeter a perguntar se isso afeta você no trabalho ou como pessoa.

Mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Não, bem, deixe que isso me custe. Trabalho na universidade, a verdade é que gosto e isso é o importante, sentir-se bem no trabalho.

Muito obrigado.

MARÍA CELESTE

Buenas tardes.

¿En qué actividad se desempeña actualmente? Auxiliar de Servicios Universitarios - conserje. Atendemos los eventos de la Ola Máxima y el Pedro Elías Serrano y en la auxiliar del aula Máxima.

¿En qué? ¿En qué? Perdón. ¿Qué significa el trabajo para usted?

Una bendición de Dios. Para mí es una maravilla estar trabajando aquí en la Universidad Santiago de Cali. La amo.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar en su profesión actual?

Pues cuando salga pensionada, quiero viajar, conocer lo que no pude conocer porque estaba laborando.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?

Boa tarde.

Em qual atividade você está trabalhando atualmente?

Assistente de Serviços Universitários. Assistimos aos eventos do Ola Máxima e do Pedro Elías Serrano e no assistente da sala do Máxima.

Em que? Em que? Desculpe. O que o trabalho significa para você?

Uma benção de Deus. Para mim é maravilhoso trabalhar aqui na Universidade de Santiago de Cali. A amo.

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?

Bom, quando eu sair aposentado, quero viajar, saber o que não pude saber porque estava trabalhando.

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?

Pues me parece que están desplazando el ser humano por máquinas. ¿Y entonces nosotros qué vamos a hacer? Los humanos, si van a reemplazar por máquinas.

En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona. ¿En síntesis, usted qué opina? Por ejemplo, para aquellas personas que han sido reemplazadas por las máquinas o por los robots, si usted conoce algún caso aquí en la universidad o algún vecino o familiar.

Yo solita, gracias al universo, no he conocido hasta ahorita a nadie que se haya quedado sin trabajo. Por eso el robot. Pero si observa uno, por ejemplo en esos carros que eran dos, ya no anda sino uno, porque la vida, la situación económica, está bastante cara.

¿Cuál es su nivel de educación?
Estudí hasta primero Bachillerato.

¿En este momento está estudiando?
No, para nada. Si no está estudiando, le gustaría tomar algún curso.

Que sea curso, pero no estudiar. Estudiar porque le cogí fobia al estudio. ¿Como cuál curso?
Por ejemplo, manualidades. Me gustaría aprender a coser para uno, al menos estar en la casa ocupada.

Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar.
El estudio para mí no, no, no me llamó la atención. No sé si fue porque me tocó estudiar a conciencia mía, estar laborando desde muy niña y costearme el mismo estudio yo y hasta logré hasta el primero de bachillerato y de ahí para allá no.

¿Se siente estimulado a estudiar?
¿En que sí me siento estimulada para estudiar?
No.

¿Y por qué?
Por no sé por qué. Pues como le digo, yo quedé como marcada, marcada yo desde muy niña y el estudio a veces se le hacía uno muy duro. La matemática a mí me daba, me daba demasiado duro. Ahora los dictados también me daban muy duro. Entonces por eso le he cogido fobia al estudio.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decirme cuál?

Bem, parece-me que estão deslocando o ser humano por máquinas. E então o que vamos fazer? Humanos, se forem substituídos por máquinas.

Na sua profissão, você ou alguém que você conhece e trabalha na mesma profissão que você perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia. Resumindo, o que você acha? Por exemplo, para aquelas pessoas que foram substituídas por máquinas ou robôs, se você souber de um caso aqui na universidade ou de um vizinho ou familiar.

Sozinho, graças ao universo, não conheci ninguém que tenha perdido o emprego até agora. Daí o robô. Mas se você observar um, por exemplo naqueles carros que eram dois, só resta um, porque a vida, a situação econômica, é muito cara.

Qual é o seu nível de escolaridade?
Estudei até o primeiro colegial.

Você está estudando atualmente?
Nao para nada. Se você não está estudando, gostaria de fazer um curso?

Que seja curso, mas não estudo. Estudo porque tenho fobia de estudar. Gostou de qual curso?
Por exemplo, artesanato. Gostaria de aprender a costurar para um, pelo menos para ficar na casa movimentada.

Você precisaria mudar alguma coisa em sua vida para poder estudar.
O estudo pra mim não, não, não me chamou a atenção. Não sei se foi porque tive que estudar com consciência, trabalhando desde muito jovem e pagando eu mesmo o mesmo estudo e cheguei até o primeiro ano do ensino médio e a partir daí não consegui.

Você se sente estimulado a estudar?
Como me sinto estimulado a estudar?
Não.

E por que?
Porque eu não sei por quê. Bom, como digo, fui marcada, marcada desde muito nova e estudar às vezes era muito difícil para ela. A matemática me deu, me deu muito duro. Agora os ditados também me deram muito duro. Então é por isso que eu tenho fobia de estudar.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar? Se sim, poderia me dizer qual?

<p>Sí. Sí, gracias al universo. Si la universidad le da la facilidad a uno, pero lastimosamente para mí, para mí no, pero sí estoy ayudando a mis hijos, a mi nieta para que ellos salgan adelante.</p> <p>¿Hay algo que le gustaría hablar o comentar sobre este tema? Pues darle la felicitación a la niña que está estudiando y haciendo su maestría o el doctorado que siga para adelante y que el universo me la guarde. Y me dio el espacio.</p> <p>Y quisiera agregar algo más libremente. No hasta ahí.</p> <p>Muchas gracias.</p>	<p>Sim. Sim, graças ao universo. Se a universidade facilita para um, mas infelizmente para mim, não para mim, mas estou ajudando meus filhos, minha neta para que eles prossigam.</p> <p>Há algo que você gostaria de discutir ou comentar sobre este assunto? Bem, que se parabeneze a menina que está estudando e fazendo mestrado ou doutorado, para que ela possa seguir em frente e que o universo guarde o que tem para mim. E ele me deu o espaço.</p> <p>Gostaria de acrescentar algo mais livremente. Não até lá.</p> <p>Muito obrigado.</p>
--	---

JERÓNIMO MARTÍNEZ

<p>Buenas tardes. ¿En qué actividad se desempeña actualmente?</p> <p>¿En qué trabaja en este momento? Servicios Generales. (limpieza)</p> <p>¿Qué significa el trabajo para usted? Significa todo porque uno sin trabajo no es nada. El trabajo necesario para todo.</p> <p>¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral? ¿Piensa continuar con su profesión actual? Pues sí, me gustaría, pero me gustaría continuar trabajando y estudiando para ser alguien en la vida. Porque no crea que me voy a quedar siempre haciendo lo mismo, haciendo aseo.</p> <p>¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo? Genial, porque mire que la tecnología ahorita está muy avanzada y pues ahí no sé qué más responderle.</p> <p>En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio está informatizado y por ejemplo un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona. ¿Usted qué opina al respecto? Que todos tenemos derechos y pues la persona ya robo porque la tecnología está muy avanzada. ¿Pues yo no veo nada de malo porque todos necesitamos, no?</p> <p>¿Pero usted estaría de acuerdo con que se reemplace el ser humano por la por un robot o por una máquina?</p>	<p>Boa tarde. Em qual atividade você está trabalhando atualmente?</p> <p>No que você está trabalhando agora? Serviços gerais.</p> <p>O que o trabalho significa para você? Significa tudo porque quem não tem emprego não é nada. O trabalho necessário para tudo.</p> <p>O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar com sua profissão atual? Sim, gostaria, mas gostaria de continuar trabalhando e estudando para ser alguém na vida. Porque acho que não vou ficar para sempre fazendo a mesma coisa, limpando.</p> <p>Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho? Ótimo, porque você vê que a tecnologia agora é muito avançada e aí eu não sei mais o que te responder.</p> <p>Na sua profissão, você ou alguém que você conhece e trabalha na mesma profissão que você, perdeu o emprego porque o serviço é informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia. O que você acha disso? Que todos nós temos direitos e bem a pessoa já roubou porque a tecnologia é muito avançada. Bem, eu não vejo nada de errado porque todos nós precisamos, certo?</p> <p>Mas você concordaria com a substituição do ser humano por um robô ou uma máquina? Bem, para um robô, eu gostaria. Mas isso era só nos filmes. Não?</p>
---	--

Pues por un robot sí me gustaría. Pero eso fue solamente en las películas. ¿No?

¿Cuál es su nivel de educación?
Terminé el bachillerato, terminé 11 y. Pero me gustaría terminar el estudio, hacer una carrera.
¿En este momento está estudiando?
No, pero me gustaría.

¿Y qué curso le gustaría tomar?
Pues a mí me gustaría hacer eso. Es algo como sonar, pero pues acá en la universidad no sé si está permitirle una trabajar y estudiar.

¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?
Sí, claro. Deja de trabajar y de cama. Estudiar, pero imposible hacer eso. Hay que hacer las dos cosas trabajar y estudiar.

¿Se siente estimulado a estudiar?
Sí, claro. Que rico tener una profesión.

¿Pues la universidad donde trabaja le ha brindado algún espacio, alguna facilidad para estudiar?
Pues sí, yo hablé con doña Andrea, pero ella me dijo que me tenía que hablar con don Juan Carlos y pues estoy en ese proceso, que don Juan Carlos me diga sí, sí o no.

O que quisiera agregar algo más.
Sí, está bien también.

Muchas gracias.

Qual é o seu nível de escolaridade?
Eu terminei o ensino médio, eu terminei 11 e. Mas eu gostaria de terminar meus estudos, ter uma carreira.

Você está estudando atualmente?
Não, mas gostaria.

E qual curso você gostaria de fazer?
Bem, eu gostaria de fazer isso. É algo como sonhar, mas bem aqui na universidade não sei se é permitido trabalhar e estudar.

Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?
Sim, claro. Pare de trabalhar e vá dormir. Estudo, mas impossível fazer isso. Você tem que trabalhar e estudar.

Você se sente estimulado a estudar?
Sim, claro. Como é bom ter uma profissão.

Bem, a universidade onde você trabalha lhe deu algum espaço, alguma facilidade para estudar?
Bem, sim, eu falei com Dona Andrea, mas ela me disse que tinha que falar com Don Juan Carlos e, bem, eu estou nesse processo, que Don Juan Carlos me diga sim, sim ou não.

Ou gostaria de acrescentar algo mais?
Sim, tudo bem também.

Muito obrigado.

MARÍA JOSÉ TORRES

Buenas tardes.
En qué actividad se desempeña actualmente.

En Servicios Generales (conserje, portería)

¿Qué significa el trabajo para usted?
Como desempeñarme y crecer como persona.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?
¿Piensa continuar en su profesión actual?
Pues por el momento sí, pero más adelante crecer como persona, estudiar para tener mi casita propia y ayudar a mi niño con los estudios.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?
Pues es algo que nos sirve mucho, pues.

Lo que le salga del corazón.
Pues lo sirve la verdad. ¿Está capacitado ahora cómo? La ayuda es como una ayuda para desempeñarlo mejor en nuestra área de trabajo.

Boa tarde. Em qual atividade você está trabalhando atualmente?

Em Serviços Gerais (zeladoria, portaria)

O que o trabalho significa para você?
Como atuar e crescer como pessoa.

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?
Bom, por enquanto sim, mas depois vou crescer como pessoa, estudar para ter minha casinha e ajudar meu filho nos estudos.

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?
Bem, é algo que nos ajuda muito.

O que vem do coração.
Bem, a verdade funciona. Você está treinado agora como? A ajuda é como uma ajuda para

¿Conoce usted de algún caso, algún familiar vecino que haya sido reemplazado por alguna máquina?

No, pues por el momento no he conocido ningún caso. Nada.

¿Cuál es su nivel de educación?

Bachiller.

¿Está estudiando actualmente?

No, por el momento no, si me gustaría estudiar, pero por el momento no lo puedo hacer.

¿Qué le gustaría estudiar? ¿Qué curso le gustaría tomar?

Culinaria. Me encanta la cocina.

¿Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?

Pues necesitaría trabajar medio tiempo y medio tiempo dedicarlo al estudio.

¿Se siente estimulado a estudiar?

Sí, claro. Es muy necesario para todo ser humano estudiar, tener una carrera para tener nuestros propios negocios.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar?

Pues yo creo que me la brindaría, pero la verdad no he preguntado, pero yo creo que sí la podría brindar.

Quisiera agregar algo más.

No, que muchas gracias por la entrevista. Muy chévere.

Muchas gracias.

um melhor desempenho em nossa área de trabalho.

Você conhece algum caso, um parente vizinho que tenha sido substituído por uma máquina?

Não, porque no momento não conheço nenhum caso. Algum.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Bacharel.

Você está estudando atualmente?

Não, no momento não, gostaria de estudar, mas no momento não posso.

O que você gostaria de estudar? Qual curso você gostaria de fazer?

culinária. Eu amo cozinhar.

Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?

Bem, eu precisaria trabalhar meio período e dedicar meio período para estudar.

Você se sente estimulado a estudar?

Sim, claro. É muito necessário que todo ser humano estude, tenha uma carreira para ter seus próprios negócios.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar?

Bem, acho que ele me daria, mas eu realmente não pedi, mas acho que ele poderia me dar.

Eu gostaria de acrescentar algo mais.

Não, muito obrigado pela entrevista. Muito legal. Muito obrigado.

MATHILDA SANCHÉZ

¿Buenas tardes, en que actividad se desempeña actualmente?

Bueno pues actualmente tengo a mi cargo el manejo de esta dependencia que es el área de alojamiento institucional aquí en la Universidad. (limpieza)

¿Qué significa el trabajo para usted?

El trabajo para mí, desde el punto de vista profesional, es el desarrollo de una actividad para la cual uno se prepara permanentemente y en la cual uno se enriquece también a través del conocimiento y de la experiencia. Y en lo personal es el complemento de. De la de la vida que se requiere para sentirse autosuficiente, para sentirse valor valioso, para sentir que servimos y podemos aportar no solo a nuestra vida, sino a la de otras personas.

Boa tarde, em qual atividade você está trabalhando atualmente?

Bem, atualmente sou responsável por gerenciar essa dependência, que é a área de acomodação institucional aqui na Universidade de Santiago de Cali.

O que o trabalho significa para você?

Trabalho para mim, do ponto de vista profissional, é o desenvolvimento de uma atividade para a qual se está permanentemente preparado e na qual também se enriquece com o conhecimento e a experiência. E pessoalmente é o complemento de. Da vida que é necessária para nos sentirmos autossuficientes, para sentirmos valor valioso, para sentirmos que servimos e podemos contribuir não só para a nossa vida, mas para a de outras pessoas.

¿Qué piensa de su futuro en el campo laboral?

¿Piensa continuar en su profesión actual?

Bueno, en cuanto a mi futuro, pues yo llevo ya bastantes años laborando. Pienso de todas maneras, que cada vez que cuando llegue la etapa de dejar ya mi actividad como empleada en una institución, igual espero poder continuar desarrollando algún tipo de actividad laboral. Pues porque primero porque ya estoy habituado al trabajo, lo requiero, lo necesito más que digamos en la parte económica, digámoslo que lo necesitaría siempre como como desarrollo de mi personalidad, de mi vida, de mi vida como ser humano y como persona que puede aportar algo a la vida.

¿Cuál es su opinión sobre el uso de robots o máquinas para hacer su trabajo?

Bueno, pienso que la tecnología es una herramienta muy valiosa para el desarrollo de muchas cosas. En la actualidad la tecnología nos ha ayudado a facilitar en algunos aspectos la vida, pero también me parece que la tecnología reemplaza a veces al ser humano y el ser humano es irremplazable. Entonces siento que la tecnología nunca puede ser superior al hombre ni estar por encima del ser humano.

¿En su profesión, usted o alguien que conoce y trabaja en la misma profesión que usted, perdió su trabajo porque el servicio estaba informatizado y por ejemplo, un robot o una computadora comenzó a hacer el servicio que hacía una persona?

Si diariamente se da uno cuenta de eso, le voy a poner un ejemplo que en el cual se evidencia que el ser humano es reemplazable por muy, muy alta que sea la forma como se desarrolle la tecnología. Hay momentos en los cuales uno no valora el papel del ser humano enormemente. Por ejemplo, cuando uno hace una llamada y es un call center o es una máquina la que le contesta Personalmente siento una frustración muy grande porque no es lo mismo que te digan para tal cosa marque uno, para tal otra cosa marque dos. A que una persona muy amablemente, con su voz humana nos diga en qué le puedo servir.

¿Cuál es su nivel de educación?

Mi nivel de educación es universitario.

¿Está estudiando actualmente?

No, no estoy estudiando ya en la actualidad.

¿Si no está estudiando, le gustaría tomar algún curso?

O que você acha do seu futuro no local de trabalho? Você pretende continuar na sua profissão atual?

Bem, quanto ao meu futuro, bem, eu tenho trabalhado por alguns anos agora. Em todo o caso, penso que cada vez que chega a fase de deixar a minha atividade como colaborador numa instituição, ainda espero poder continuar a desenvolver algum tipo de atividade laboral. Bom, primeiro porque eu estou acostumada a trabalhar, eu preciso disso, eu preciso mais do que vamos dizer na parte econômica, digamos que eu precisaria sempre como um desenvolvimento da minha personalidade, da minha vida, da minha vida como um ser humano e como uma pessoa que pode contribuir com algo para a vida.

Qual é a sua opinião sobre o uso de robôs ou máquinas para fazer o seu trabalho?

Bem, eu acho que a tecnologia é uma ferramenta muito valiosa para o desenvolvimento de muitas coisas. Atualmente, a tecnologia nos ajudou a facilitar a vida em alguns aspectos, mas também me parece que a tecnologia às vezes substitui o ser humano e o ser humano é insubstituível. Então eu sinto que a tecnologia nunca pode ser superior ao homem ou acima do ser humano.

?Na sua profissão, você ou alguém que você conhece que trabalha na mesma profissão que você perdeu o emprego porque o serviço foi informatizado e, por exemplo, um robô ou um computador passou a fazer o serviço que uma pessoa fazia?

Se percebermos isso diariamente, vou dar um exemplo no qual é evidente que o ser humano é substituível por mais alto, muito alto que a tecnologia seja desenvolvida. Há momentos em que não se valoriza enormemente o papel do ser humano. Por exemplo, quando você faz uma ligação e é um call center ou uma máquina que atende. Pessoalmente, me sinto muito frustrado porque não é a mesma coisa que eles dizem para você discar um para tal, discar dois para tal e tal coisa. Para uma pessoa muito gentil, com sua voz humana, nos dizer o que posso fazer por ele.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Meu nível de educação é universitário.

Você está estudando atualmente?

Não, não estou estudando mais no momento.

Se você não está estudando, gostaria de fazer um curso?

Si, desafortunadamente el tiempo es como muy reducido para para eso. Pero también creo que todos los días uno tiene oportunidad de aprender cosas nuevas, no solamente de forma académica, sino de la misma experiencia que uno desarrolla en el trabajo y en muchas actividades de la vida.

?Necesitarías cambiar algo en su vida para poder estudiar?
Disfrutar de más tiempo.

¿Se siente estimulada a estudiar?

Sí, yo creo que el estudio es algo que siempre nos estimula para mejorar y para para crecer como seres humanos y como profesionales. Pienso que el estudio es una actividad sumamente importante en la formación integral que las personas debemos tener.

¿La universidad donde trabaja le ha brindado alguna facilidad para estudiar? ¿Si es así, podría decir cuál?

Bueno, la universidad tiene ha tenido siempre muchos beneficios para quien quiera acceder a estudiar en ella. A veces es uno mismo quien tal vez no lo. No los aprovecha lo suficientemente por falta de tiempo o por falta de decisión.

¿Hay algo más que le gustaría añadir o comentar sobre este tema?

¿No? Es decir, añadir todo. Hummm... Son las opciones están siempre dadas. A veces somos nosotros quienes no las buscamos o no nos las propiciamos a nosotros mismos. Pero las cosas dependen también de la iniciativa que cada uno de que tenga en alrededor de su vida y alrededor de muchas cosas.

Muchas gracias.

Sim, infelizmente o tempo é muito curto para isso. Mas também acredito que todos os dias se tem a oportunidade de aprender coisas novas, não só academicamente, mas a partir da mesma experiência que se desenvolve no trabalho e em muitas atividades da vida.

Você precisaria mudar algo em sua vida para poder estudar?
Ter mais tempo.

Você se sente estimulado a estudar?

Sim, acredito que estudar é algo que sempre nos estimula a melhorar e crescer como seres humanos e como profissionais. Acho que estudar é uma atividade extremamente importante na formação integral que as pessoas devem ter.

A universidade onde você trabalha lhe ofereceu alguma facilidade para estudar? Se sim, poderia dizer qual?

Bem, a universidade sempre trouxe muitos benefícios para quem quer estudar nela. Às vezes é a si mesmo que não pode. Ele não os aproveita suficientemente por falta de tempo ou falta de decisão.

Há mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar ou comentar sobre este tópico?

Não? Ou seja, adicione tudo. Eles são as opções são sempre dadas. Às vezes somos nós que não os procuramos ou nós mesmos não os propiciamos. Mas as coisas também dependem da iniciativa que cada um tem em torno de sua vida e em torno de muitas coisas.

Muito obrigado.

Quadro C.3 - CUBA

ORIGINAL	VERSÃO EM PORTUGUÊS
MARI LUIS ERNESTO	
<p>Agente de seguridad en la universidad.</p> <p>¿La universidad nunca se preocupó por proponerla a ustedes una forma de superación, un curso o algo? No, no, nunca hubo ninguna propuesta de un curso corto de algo que mejorara su puesto laboral. Aunque sea nada de nada. Nada de nada.</p> <p>¿O sea que la universidad nunca tuvo la intención de que ustedes salieran de guarda de seguridad hacia otro puesto? No</p> <p>¿Y en ese puesto de trabajo habían personas que sí tenían ese interés de estudiar, de superarse? Que lo había!! Que lo había porque había personas jóvenes.</p> <p>Ese nunca fue el interés suyo, superarse y tener otro. Si hubiera tenido, me hubieran propuesto que hubiera estudiado.</p> <p>Sí, porque es algo contradictorio que trabajando como guardia en una universidad no hubieran proposiciones para mejorar. Entonces... Claro. Tchhh (muxoxo)</p> <p>¿Qué piensa de eso? ¿De las computadoras, las máquinas, las cámaras que suplen el trabajo de la gente? O sea, yo pongo una cámara y ya no necesito tres guardias de seguridad. ¿Qué opinas de esas cosas?</p> <p>Bueno, yo pienso que sea una forma de más seguridad... pero afecta al propio humano porque reduce los puestos de trabajo. Entonces se vería como una mejora quizás para la entidad, pero para la persona que trabaja sería afectada. Ah, sí, sería... sería afectada</p> <p>¿Cuál considera que debería ser la máquina un complemento del ser humano, no suplir el trabajo del ser humano? No suplir el trabajo de su puesto.</p> <p>Entonces, definitivamente la universidad nunca dio ninguna facilidad para estudiar para nada. (...) pensando... (...) Para nada</p>	<p>Bem, meu primeiro emprego como oficial de segurança na universidade. A universidade nunca se preocupou em lhe oferecer uma forma de se aprimorar, um curso ou algo assim? Não, nunca houve nenhuma proposta de um curso curto de algo que melhorasse sua posição de trabalho. Mesmo que não seja nada. Nada de nada.</p> <p>Então a universidade nunca pretendeu que você passasse de guarda de segurança para outro cargo? Não</p> <p>E nesse trabalho tinha gente que tinha esse interesse de estudar, de se aprimorar, o que não tinha, porque tinha gente jovem. Esse nunca foi seu interesse, melhorar a si mesmo e ter outro. Se eu tivesse, eles teriam sugerido que eu estudasse. Sim, porque é um pouco contraditório que trabalhando como guarda em uma universidade não houvesse propostas de melhoria. Então. O que ele pensa sobre isso? Dos computadores, das máquinas, das câmeras que abastecem o trabalho das pessoas? Ou seja, coloco uma câmera e não preciso mais de três seguranças. O que você acha dessas coisas?</p> <p>Bom, eu acho que é uma forma de mais segurança, mas afeta o ser humano porque reduz empregos. Então seria visto como uma melhoria talvez para a entidade, mas para a pessoa que trabalha seria afetado.</p> <p>O que você acha que a máquina deve ser? Um complemento ao ser humano? Não para substituir o trabalho do cargo (não para substituir o seu posto).</p> <p>Então, definitivamente, a universidade nunca forneceu quaisquer instalações para estudar. No tempo livre que você tem. Para que você gostaria de usá-lo? Além do trabalho doméstico, trabalho e outros. Bem, eu me superei (...) Você estudou até que grau? 1/9 grau.</p> <p>Uma necessidade que não foi atendida pela própria universidade.</p>

En el tiempo libre que usted tiene. ¿En qué le gustaría emplearlo? Aparte de los quehaceres de la casa, del trabajo y demás.

Bueno, pues me he superado

Hasta dónde estudiaste? Hasta un noveno grado.

Una necesidad que no ha sido satisfecha por la propia universidad.

RICARDO CABRERA

Para su desempeño como guarda de seguridad. ¿Qué significa ese trabajo para usted?

Pero para mí es un trabajo sencillo, pero un trabajo que me da cierta libertad y me da cierta cobertura para trabajar en otros lugares. Por ejemplo, yo tengo una carpintería particular en la que yo con los tiempos de descanso me desempeño en ella y tengo un salario aparte y es una mejoría de vida para mí.

¿Qué piensa usted de las máquinas, los robots, las computadoras, las cámaras de vigilancia que ya están supliendo el trabajo del propio hombre?

Bueno, para mí es algo que nos toca a nosotros como seres humanos. Que llegue el momento en que las máquinas lleguen a ocupar nuestro lugar al lugar que nos corresponde como seres en esta tierra. Por ejemplo, una máquina no tiene la tendencia, no tiene la preocupación, no tiene el alcance que puede tener un ser humano en un puesto de vigilancia. El desarrollo no es el mismo porque abarca un cierto, determinado, una determinada visión. Pero nosotros podemos abarcar una visión más profunda poder llegar a lugares donde ellas quizás no pueden llegar nunca.

¿Actualmente estás estudiando? No

¿Nos podrías decir por qué? ¿Y si te gustaría estudiar, aunque estés en el puesto de guarda de seguridad?

Bueno, yo elegí este puesto porque es un puesto que me deja. Es, como dije antes, una margen para trabajar. Un margen para. Para desarrollar una vida diferente. En esto momento, sinceramente, no me gustaría estudiar. Me gustaría mantenerme como me encuentro porque yo tengo mi doble trabajo, tengo mi puesto como agente de seguridad y tengo mi puesto. En mi caso, un puesto particular en la que me siento bien y así tengo mejores ganancias.

¿Aun así, si llegara un curso que fuera para tu superación, lo tomarías? ¿Y qué tendrías que cambiar en tu vida para tomar ese curso?

No, negativo. Yo. Yo no lo tomaría. Yo llevo una vida lo bastante tranquila, lo bastante plácida. Y

Por sua atuação como segurança. O que esse trabalho significa para você?

Mas para mim é um trabalho simples, mas um trabalho que me dá alguma liberdade e me dá alguma cobertura para trabalhar em outros lugares. Por exemplo, tenho uma marcenaria particular na qual trabalho nos meus intervalos e tenho um salário à parte e isso é uma melhoria de vida para mim.

O que você acha das máquinas, dos robôs, dos computadores, das câmeras de vigilância que já estão abastecendo o trabalho do próprio homem?

Bem, para mim é algo que nos toca como seres humanos. Que chegue o momento em que as máquinas venham tomar nosso lugar no lugar que nos corresponde como seres desta terra. Por exemplo, uma máquina não tem a tendência, não tem a preocupação, não tem o alcance que um ser humano pode ter em um posto de vigilância. O desenvolvimento não é o mesmo porque abrange um certo, determinado, uma certa visão. Mas podemos abraçar uma visão mais profunda para poder alcançar lugares onde eles podem nunca chegar.

Você está estudando no momento? Não. Você poderia nos dizer por quê? E se você gostaria de estudar, mesmo estando no cargo de segurança.

Bem, eu escolhi esta posição porque é uma posição que me deixa. É, como eu disse antes, uma margem para trabalhar. Uma margem para ... para desenvolver uma vida diferente. Agora, honestamente, eu não quero estudar. Eu gostaria de ficar como estou porque tenho meu trabalho duplo, tenho meu trabalho como agente de segurança e tenho meu trabalho. No meu caso, uma determinada posição em que me sinto bem e assim tenho melhores ganhos.

Ainda assim, se surgisse um curso que fosse para o seu aperfeiçoamento, você o faria? E o que você teria que mudar na sua vida para fazer esse curso?

es una vida en la que yo me he acostumbrado a vivir de una manera en la que yo me desenvuelvo muy bien y la que ya no me gustaría estudiar. En primer lugar, yo me siento muy bien como yo me siento y yo soy un agente de seguridad en cierto en cierto en ciertas partes del día, pero en otros momentos del día, soy un carpintero y creo que mi vida es lo bastante tranquila y lo bastante buena como para en estos momentos dedicarme a estudiar.

El estudio para ti no es una necesidad. No. Negativo. El estudio para mí no es una necesidad.

¿Entonces, en tu tiempo libre, qué te gusta hacer? ¿Y si tuvieras más tiempo libre, en qué lo emplearía?

Bueno, eeee bueno... mi tiempo libre. Ya, ya, ya, ya. Como le dije, es un tiempo que me dedico a la carpintería. Pero el otro tiempo libre lo dedicaría. No sé. Me gusta el mar, me gusta la playa, pues a compartir con mis hijos, etcétera, etcétera ver... Pues son cosas que normal, como todo ser humano.

Não, negativo. Eu. Eu não aceitaria. Levo uma vida bastante tranquila, bastante plácida. E é uma vida em que me acostumei a viver de uma maneira que me administro muito bem e na qual não gostaria mais de estudar. Em primeiro lugar, sinto-me muito bem como me sinto e sou um agente de segurança até certo ponto em certas partes do dia, mas em outras horas do dia. Sou carpinteiro e acho que minha vida é calma e boa o suficiente para que no momento me dedique aos estudos.

Estudar para você não é uma necessidade. Hoje não. Negativo. O estudo para mim não é uma necessidade.

Então, no seu tempo livre, o que você gosta de fazer? E se você tivesse mais tempo livre, como você o usaria?

Bem, meu tempo livre é bom. Sim Sim SIM SIM. Como lhe disse, é hora de me dedicar à carpintaria. Mas o outro tempo livre seria gasto. Não sei. Gosto do mar, gosto da praia, bem, de dividir com meus filhos etc., etc. Bem, são coisas que são normais, como todo ser humano.

WALMIR RAÚL

¿Tú piensas que el trabajo de guardia de seguridad es algo para hacerlo toda la vida o es solamente algo momentáneo?

No, no... es algo momentáneo. Es algo momentáneo. Por ejemplo, yo trabajé en Seguridad de la Portuaria en un aeropuerto internacional donde las condiciones son mejores que en otros centros de trabajo... mejor. Yo, por ejemplo, tenía buen confort donde trabajaba, buena alimentación, ropa, los medios necesarios para trabajar que no es lo mismo como el guarda de seguridad, por ejemplo, aquí en la universidad.

No, no, para nada... para nada... tiene otras condiciones

A mí se me acordaba de un buen abrigo, un lugar donde yo me protegía y donde tenía inclusive anteojos para me dar una cerca al momento adecuado. Y no era ser un custodio como un lugar cuidando un poco de arena si tenía sus condiciones.

Por eso, de todas maneras, sigue considerando que no es un trabajo para toda la vida.

Es un trabajo para toda la vida. Un trabajo agotador. Una noche entera de guardia, 12 horas para descansar, 48 y incorporarte 12 por el día 12 en la noche. No es un trabajo barato. Y en ese puesto de trabajo. ¿Alguna vez le ofrecieron algún curso, alguna superación que lo moviera de ese puesto de trabajo?

Sí. De hecho, en el mismo aeropuerto los custodios deben tener un nivel cultural acorde,

Você acha que o trabalho de guarda de segurança é algo para fazer toda a sua vida ou é apenas algo momentáneo?

Não, não é algo temporário. É algo momentáneo. Por exemplo, trabalhei em segurança portuária em um aeroporto internacional onde as condições são melhores do que em centenas de outros empregos melhores. Eu, por exemplo, tinha um bom conforto onde trabalhava, boa alimentação, roupas, os meios necessários para trabalhar, que não é o mesmo que o segurança, por exemplo, aqui na universidade.

Não, não, não tem nenhuma outra condição.

Me lembrou um bom casaco, um lugar onde eu me protegia e onde até tinha óculos para olhar uma cerca e armas adequadas. E não era ser zelador como um lugar cuidando de um pouco de areia se tivesse suas condições. É por isso que, em todo caso, ele continua a considerar que não é um trabalho para a vida toda. É um trabalho para a vida. Um trabalho exaustivo. Uma noite inteira de plantão, 12 horas para descansar, 48 e juntar 12 para o dia, 12 para a noite. Não é um trabalho barato. E nesse trabalho. Já lhe ofereceram algum curso, alguma melhoria que o afastasse daquele emprego? Sim. De facto, num mesmo aeroporto os guardas devem ter um nível cultural adequado, pois estão a cumprir, abrangendo uma espécie de posto de controle onde uma

porque ellos están cumpliendo, cubriendo un tipo de garita donde puede dar lo mismo una persona hacerte una pregunta qué estaba sucediendo? ¿O un turista? Inclusive yo, custodio, dominaba inglés. Y eso reforzaba más tu curso de vuelo, pasar cursos de operaciones y podía cambiar de trabajo.

Eso te daba la posibilidad de cambiar, la posibilidad de cambiar de trabajo?

Ya que si se guarda un curso habrá que crear el tema de que las computadoras, las cámaras, los equipos están supliendo el trabajo de los. Bueno, en realidad lo que pasa es que una cámara con una cámara tiene mayor alcance el campo visual. Entonces una persona desde un punto con una cámara puede informar que esta sucediendo, inclusive hasta 500, 600, que el hombre como tal no puede decir no puedo hacerlo. La cámara es algo muy importante, pero no sé si estás de acuerdo en que yo instalo una cámara y puedo eliminar a través de gente de seguridad. Bueno, en el aeropuerto es lo que se pretende. Recuerdo que una empresa mixta francesa preguntó por la cantidad de personas que cuidaban el aeropuerto y dijo que era totalmente excesivo. Una persona cada 40 o 50 metros. Una persona para que cuidar un avión con una cámara y un dispositivo. Una persona o dos personas pueden cuidar a entender mejor el trabajo de la empresa, pero afecta al hombre. Afecta al hombre como tal porque es una empresa en desempleo donde todas esas personas que están en desempleo cubriendo a la familia a partir de su trabajo. Claro. Claro.

Ahora. ¿Si se diera el caso de que la propia entidad te diera una superación para moverte de ese puesto de trabajo, pero fuera de la propia empresa, tú lo tomarías? Bueno, no, porque... porque el salario para la seguridad aeroportuaria donde yo trabajaba es un salario mucho mejor que cualquier custodio fuera de la ruta. Entonces muchas personas si mantienen en su trabajo e inclusive años y años porque sus condiciones son mejor, su salario es mucho mejor que hacer custodio en una escuela, en una universidad o en un centro de trabajo normal. Allí las condiciones eran mejores y el salario mucho mejor. Transportación hacia la ciudad no tenías que ir, tú no tienes que ir por todos los medios de transporte te llevaba te traía.

Si considera que entonces eso conlleva que muchas personas, como me dijiste, mantengan ese trabajo. Tienes que trabajar aun cuando tienes la oportunidad que tengo yo. Compañero, que llevan más de 20 o 25 años trabajando como custodio de Seguro Aeroportuaria, que en

pessoa ... onde pode acontecer de uma pessoa lhe fazer uma pergunta: o que está acontecendo? Ou um turista? Ou um turista? Até eu, um zelador, era fluente em inglês. E isso reforçou ainda mais o seu curso de voo, passando nos cursos de operações e você poderia mudar de emprego.

Isso lhe deu a chance de mudar, a chance de mudar de emprego. Já que se um curso for salvo, será necessário criar o tema que os computadores, as câmeras, os equipamentos estão suprimindo o trabalho do. Bem, na verdade o que acontece é que uma câmera com uma câmera tem um campo de visão maior. Assim, uma pessoa de um ponto com uma câmera pode relatar o que está acontecendo, até 500, 600, que o homem como tal não pode dizer que não posso fazer isso. A câmera é algo muito importante, mas não sei se você concorda que eu instale uma câmera e possa eliminá-la através do pessoal da segurança. Bem, no aeroporto é o que se pretende. Lembro-me que uma joint venture francesa perguntou sobre o número de pessoas que guardavam o aeroporto e disse que era totalmente excessivo. Uma pessoa a cada 40 ou 50 metros. Uma pessoa para cuidar de um avião com uma câmera e um dispositivo. Uma ou duas pessoas podem se importar em entender melhor o trabalho da empresa, mas isso afeta o homem. Afeta o homem como tal porque é uma empresa desempregada onde todas as pessoas que estão desempregadas cobrem a família do seu trabalho. É claro. É claro.

Agora. Se fosse o caso da própria entidade te dar uma melhora para sair daquele emprego, mas fora da própria empresa, você aceitaria? Bem, não, porque. Porque o salário da segurança do aeroporto onde trabalhei é muito melhor do que qualquer zelador off-road. Tanta gente se mantém o emprego e mesmo por anos e anos porque suas condições são melhores, seu salário é muito melhor do que ser zelador de uma escola, de uma universidade ou de um local de trabalho normal. Lá as condições eram melhores e o salário muito melhor. Transporte para a cidade você não precisava ir, não precisa ir por todo o transporte que foi trazido.

Se eu considerar isso, significa que muitas pessoas, como você me disse, mantêm esse emprego. Você tem que trabalhar mesmo quando tem a oportunidade que eu tenho. Camarada, que trabalha há mais de 20 ou 25

este caso se llama el SPA, una empresa de protección de la aviación civil en Cuba. Sí. Más de 20 años o 25 años que no muere.

En tu tiempo libre. ¿Qué te gusta hacer? Bueno, en mi tiempo libre me gusta leer. Me gusta compartir con mis amigos. Me gusta estar con mi familia. Salir y ver televisión.

anos como zelador do Seguro Aeroportuário, que neste caso se chama SPA, empresa de proteção da aviação civil em Cuba. Sim. Mais de 20 anos ou 25 anos sem morrer.

Em seu tempo livre. O que você gosta de fazer? Bem, no meu tempo livre eu gosto de ler. Gosto de compartilhar com meus amigos. Eu gosto de estar com minha família. Saia e assista TV.

APÊNDICE D – DISCIPLINAS CURSADAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE

CIÊNCIAS PARA A ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. OLHARES INTERNACIONAIS II (IAL5776-9/3)

Ciências para a Análise da Integração da América Latina, disciplina obrigatória, trouxe diferentes aportes para minha pesquisa. Um ponto importante foi o módulo que trata da metodologia, pois permitiu que tivéssemos contato com diferentes técnicas de pesquisa que são essenciais quando se lida com pesquisa multidisciplinar. O módulo de economia propiciou um aprofundamento sobre as relações de produção e de trabalho na América Latina, o que me serviu como embasamento no desenvolvimento da parte teórica de minha pesquisa sobre a emancipação da pessoa humana por meio do trabalho e sobre o próprio sentido do trabalho em um mundo dominado pela tecnologia, uma vez que entrevistarei pessoas que atuam na sociedade latino-americana, com seus dogmas e conceitos pré-estabelecidos sobre trabalho, profissões e *status*. O módulo de cultura me levou à reflexão sobre o impacto da cultura dos povos nas relações do Direito e, especificamente para minha pesquisa, sobre os sentidos que nos são já impostos socialmente sobre certos construtos como, por exemplo, o trabalho.

Em um dos trabalhos de conclusão da disciplina, realizei uma discussão sobre os papéis sociais que culturalmente são apresentados às pessoas na América Latina como ‘trabalhos típicos’ de etnias. Esse trabalho me foi importante para a discussão que sobre os ‘estereótipos’ quanto aos trabalhos direcionados a etnias negras ou indígenas. Na América Latina, entendo que houve uma espécie de padrão de identificação de trabalhos *versus* etnias que foi sendo reforçado no decorrer dos tempos para sempre permanecer como o *status* inicial, mudando sem mudar, criando uma espécie de processo de identificação cultural transitório, mas permanente.

De forma sucinta: se, no início do processo de ‘colonização’, o índio e, posteriormente, o negro, considerados raças inferiores, recebiam os trabalhos menos nobres, com o passar dos anos e as lutas por independência, as revoltas, a criação de constituições que ‘reconheciam’ os povos originários e outras etnias além da do ‘branco dominador’, que trabalhos continuam sendo os dos negros e dos

índios, na atualidade? Não são basicamente os mesmos? Com novas roupagens, os velhos discursos se apresentam como 'novidade', mas mantêm os conceitos e padrões do passado.

Em pleno século XXI, a cultura da colonialidade do poder (QUIJANO, 1988)²³⁷ está presente no modo de ver o mundo. Na esfera do trabalho e nas manifestações artísticas encontram-se os estereótipos sobre profissões que foram criados ao longo do tempo. Ao negro lhe cabe o papel de serviçal; ao indígena e seus descendentes, algo que não exija muito, pois não é 'afeito ao trabalho'; ao branco, cabem os papéis de gestor, de executivo, de 'dono'. As leituras mentais que os indivíduos fazem de ocupação do espaço no mundo das relações sociais estão impregnadas da ideia de colonialidade do poder e, se observados os fenótipos dos trabalhadores que atuam em funções consideradas menos nobres como os de porteiro, faxineiro, segurança, é patente que se encontrará, em quase sua totalidade, pessoas que expressam as etnias comentadas.

Seguindo o conceito de colonialidade do poder, a colonialidade do saber, associada às formas que se usa para a reprodução do pensamento dominante (ASSIS, 2014)²³⁸, está relacionado à pesquisa de tese no sentido de que o trabalho envolve uma relação entre pessoas, relação quase sempre, no mundo do trabalho, assimétrica. As mutações sociais engendrarão mudanças nas constituições que regem a vida em sociedade e as relações sociais registradas em contratos de trabalho seguirão, pois, o mesmo diapasão. Pode ser que os sujeitos de pesquisa, os trabalhadores que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança, identifiquem e verbalizem esse conceito de colonialidade em suas frases e visões do sentido do trabalho.

A colonialidade do ser, por sua vez, envolve o impacto que ocorre na visão de mundo e na comunicação dos povos colonizados, como relembra Assis (2014)²³⁹. No caso da pesquisa de tese proposta, esse elemento está presente na análise feita das vozes dos sujeitos da pesquisa, quando do registro das narrativas do imaginário

²³⁷ QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, Identidad y Utopia en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1988.

²³⁸ ASSIS, Wendell Fischer Teixeira. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 713-627, set/dez 2014.

²³⁹ ASSIS, Wendell Fischer Teixeira. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 713-627, set/dez 2014.

desses sujeitos com relação ao sentido do trabalho que as pessoas respondentes dão para o trabalho, que constitui a essencialidade do ser.

Foram vários os pressupostos, como os relacionados à reprodução das ideias contidas no imaginário cultural de que o trabalho, nas sociedades capitalistas, está associado ao desenvolvimento, ao crescimento, à obtenção de algo, que tanto pode ser material, como bens, quanto pode ser imaterial – auto estima, status, pertencimento. Historicamente, o Direito, em especial o do ramo do trabalho, reproduz, na América Latina, a visão de defesa do hipossuficiente (no caso, o trabalhador) mediante mecanismos de proteção social; no entanto, as mais recentes movimentações no mundo do trabalho (como a reforma trabalhista no Brasil, ou a luta dos sindicatos argentinos, pressionando para não haver uma mudança que leve a menor proteção social) trazem uma ruptura nessa linha protetiva, tornando as relações de trabalho ainda mais centradas na racionalidade instrumental que predomina a produção capitalista.

Por fim, a colonialidade da natureza, também decorrente da colonialidade do poder, refere-se à forma econômica e instrumental que se adota para apropriar-se da natureza, visando manter a estrutura de exploração que visa à acumulação de capital (ASSIS, 2014)²⁴⁰. Entendo que indiretamente a pesquisa aborda esse aspecto, pois nas relações de trabalho, a questão da forma de produção e de exploração do meio ambiente sempre está presente; ainda que não envolva, necessariamente, a letra da lei na estruturação do contrato social, estará presente na discussão sobre os tipos de relações sociais que envolvem a exploração da mão de obra e a dominação de um grupo sobre outro.

Em síntese, há uma estreita relação entre minha pesquisa e o conceito de colonialidade de poder (QUIJANO, 1988)²⁴¹, visto que toda a estrutura do Direito está baseada na visão de manutenção de *status quo* do grupo dominador que consegue, mesmo após séculos de independência, manter o domínio cultural cunhado no momento da expansão colonial, transformando o colonialismo histórico em modernidade ou colonialidade, mantendo o passado e o presente convivendo atemporalmente, como sempre ocorreu na América Latina.

²⁴⁰ ASSIS, Wendell Fischer Teixeira. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 713-627, set/dez 2014.

²⁴¹ QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, Identidad y Utopía en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1988.

CONSTITUCIONALISMO E DEMOCRACIA (FLS6117-3/4)

A disciplina *Constitucionalismo e Democracia*, ministrada pelo Prof. Dr. Rogerio Bastos Arantes, constituiu-se em um enorme desafio, vencido com muita dedicação. Desafio devido à complexidade do assunto e à excelência do professor e dos pares. Foi uma das disciplinas em que mais questões instigantes vieram à tona para meus interesses de pesquisa, pois Constitucionalismo e Democracia é um assunto deveras interessante para quem se dedica ao estudo da América Latina. Como participante da Cátedra José Bonifácio, organizada pelo Instituto de Relações Internacionais - IRI/USP, a disciplina me permitiu produzir, em conjunto com outro coautor, um capítulo de livro sobre a Democracia na América Latina, que será publicado em 2019 pela EDUSP, e abriu meus horizontes de pesquisa para interesses futuros. Fruto do aprendizado dessa disciplina foi um capítulo de livro no qual fui coautor, intitulado: *O 'velho' neoconstitucionalismo latino-americano e suas implicações na democracia*, a ser publicado pela Editora Kiron, v. VIII, em 2019.

Especificamente para a pesquisa de tese a quem me propus, a disciplina contribuiu para que eu pudesse me aprofundar na questão da democracia e na discussão sobre o fim da história que, no conceito hegeliano, seria o alcance dessa democracia, considerada o melhor modelo possível de convívio social. Com essa disciplina, ampliou-se meu interesse em tentar compreender a função do trabalho nessa construção social dialética. Fiquei me questionando, por exemplo, o quanto as instituições, no sentido de regras do jogo, permitem, no caso do mundo do trabalho, que as pessoas deem voz, de fato, aos seus interesses, aos seus objetivos, e até que ponto as legislações trabalhistas, que são uma das muitas instituições, permitem que a busca de um interesse comum se materialize.

Ademais, essa disciplina foi importante pelo exercício do debate político no regime democrático, que fortalece uma ideia de democracia constitucional, onde as instituições cumprem seu papel, de fato. A discussão sobre como essas relações institucionais atuam no momento histórico, repassando pelas transformações advindas das constituições promulgadas e principalmente, na entrega de poderes estabelecidos em cada um deles, com a finalidade de haja uma harmonia entre a tripartite, foi um reforço de como a cultura de cada país influencia na construção e no desenvolvimento da democracia.

No caso específico da minha tese, essa base constitucional e cultural foi muito rica, pude aprender como as tomadas de decisões e implementações políticas

governamentais, que são atividades no Brasil após a Constituição promulgada de 1988, desembocam em grande conflito de demandas sociais e econômicas, cujas mudanças exigem um protocolo legislativo que por demais levariam a um agravamento nas atividades sociais, devido ao tempo que levaria a ser executado quaisquer ações legais, por conta dessa demanda e do processo constitucional imposta pela Constituição de 1988.

Algumas das alterações trabalhistas que foram recentemente implantadas no Brasil foram de encontro ao texto constitucional e suas questões foram dirimidas pelo setor judiciário. Nesse contexto, pode-se verificar que o enfraquecimento dos poderes no regime do governo e os conflitos ocorridos por conta de ações judiciais pelos fatos de corrupção e improbidade administrativa que sofreram os poderes executivo e legislativo, forçando a regularização das normas constitucionais e da declaração de constitucionalidade ou não das normas vigentes e sua devida interpretação dada ao Poder Judiciário, mais precisamente, denominando-se esse processo como Judicialização. Discutimos, ainda, como equalizar ou definir parâmetros constitucionais que deem força as normas infraconstitucionais, de tal forma que emendas constitucionais tenham um maior rigor para aprovação, cujo impacto tem uma repercussão, sendo certo que as políticas públicas forçam modificações na Carta Magna.

Logo, essa disciplina trouxe a possibilidade de entender os mecanismos no processo de constitucionalidade, da formação das normas infraconstitucionais e de sua compatibilidade de como legalizar ações necessárias de um governo, tomando como base a contextualização constitucional e a necessidade de regulamentar as mudanças legais que impactam diretamente na constitucionalidade. Nesse aspecto, foi estudada a influência de legislações como a Reforma Trabalhista, que impactou uma legislação de 1943, a Consolidação das Leis Trabalhistas, dando uma nova dinâmica e que, com certeza, impacta uma sociedade que se emprega direitos e agora com a flexibilização desses direitos, concedendo uma nova roupagem nas relações trabalhistas que, muitas vezes se chocam com os Direitos Sociais previstos no Artigo 7º. da Constituição Federal de 1988, cuja decisões de constitucionalidade ou não será dado pela Suprema Corte (STF).

Com a reforma, houve mais margem para as pessoas entenderem o trabalho de uma forma mais dinâmica, trazendo mais autonomia para a pessoa que trabalha, por exemplo, abrir uma empresa como terceirizado. Contudo, essa reforma fragilizou

os direitos de quem não quer ser terceirizado, porque a pessoa passa a ser mais vulnerável às relações de trabalho. Exigir-se-á mais empenho, mais produção, e o trabalhador ficará muito mais dependente do empregador do que antes, com as garantias da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). Para que possa buscar os direitos na justiça, terá de provar o que pede, ou seja, o ônus da prova passa a ser para o lado hipossuficiente, que deve arcar com as custas do processo, de imediato, além de ter de provar o que pleiteia.

É necessário registrar que a reforma trabalhista, no Brasil, teve discussão, mas não houve, efetivamente, uma reação sindical como ocorreu, na Argentina, quando se cogitou ter uma reforma semelhante à brasileira. Este ponto serviu-me como reforço à escolha de ouvir atores sociais no Brasil e Argentina, contida na presente proposta de tese, pois embora semelhantes do ponto de vista econômico e político, os dois países apresentam atores que reagem a um mesmo fenômeno de forma bem diferente.

COMUNICAÇÃO, CULTURA E NARRATIVAS DO COTIDIANO: A IDENTIDADE CULTURAL DA AMÉRICA LATINA NARRADA POR SI MESMA (IAL5775-2/7)

- A disciplina *Comunicação, Cultura e Narrativas do Cotidiano: a Identidade Cultural da América Latina Narrada por Si Mesma*, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Braz Oliveira de Seixas, é um dos pontos fundantes de meu trabalho de pesquisa. Com ela, pude desenvolver o capítulo 1 e parte do capítulo 2 da tese e pude ir mais além, no sentido de compreender a importância de ouvir os atores sociais que compõem, por meio das narrativas de seu cotidiano, a cultura de seu próprio país e constroem o fenômeno estudado.

De forma mais detalhada, a disciplina seguiu uma orientação metodológica muito rica, que envolvia a participação ativa dos pesquisadores de mestrado e doutorado em todas as aulas, por meio de discussões pautadas nas referências bibliográficas sugeridas pelo professor e nas inserções que os próprios estudantes faziam, no decorrer dos debates. Exemplificando, ao estudar sobre as culturas, tive a oportunidade de apresentar um trabalho sobre “O sentido do trabalho como forma de pertencimento e sua relação com indivíduo e a sua identidade” e os comentários do professor e dos pares foi muito útil para eu estruturar o pensamento e poder me aprofundar na questão da identidade e da cultura dos povos.

Assim, tendo como proposta principal que os participantes compreendessem qual a identidade cultural contemporânea latino-americana, considerando-se que essa compreensão fosse, como apresentado anteriormente, fruto da decodificação das narrativas dos atores sociais latino-americanos, o curso me permitiu 'pensar diferente' e sair da minha visão inicial mais limitada, deficiente no sentido de compreender a complexidade da cultura e do quão importante ela é como formação de identidade.

Para sair dessa 'caixa' cultural limitante, estudamos, a partir das Teorias culturais: estruturas e modelos de abordagem, elementos de identificação cultural, identidade cultural na globalização contemporânea. Identidade cultural, de Eagleton (2005)²⁴², foi relevante pela oportunidade de refletir sobre a identificação dos indivíduos, no seu meio, na sociedade e qual o efeito de uma forma globalizada de cultura. Aproveito, inclusive, essa discussão sobre a globalização cultural no desenvolvimento teórico da tese. Eagleton (2005)²⁴³ também trouxe um aporte para a tese no sentido de me fazer compreender que a cultura serve como base para a construção que uma pessoa faz de outra; assim como serve como base para a construção sobre o sentido do trabalho.

Na obra de Todorov (1993)²⁴⁴, que eu já havia estudado na Cátedra José Bonifácio no IRI-USP, fica patente essa questão de a cultura moldar a visão que temos do outro. Exemplificando: sob o ponto de vista cultural europeu, o indígena era um bárbaro que deveria ser ou catequizado ou exterminado; para o indígena, em sua cultura e crença sobre os deuses que viriam de um lugar distinto do seu, o europeu, com seus diferentes modos de vestir/falar e sua aparência distinta, sua tez branca e superioridade militar, era o deus que viria, um dia, do além. Combinando-se esta visão com a superioridade cultural que o europeu acreditava ter, os ingredientes para o domínio e, muitas vezes, extermínio dos povos indígenas, estavam completos. Para esta tese, faço uma analogia com a visão de trabalho como formador de auto estima, de mudança de *status*, que vem de uma cultura ocidental que favorece o trabalho, apondo, a ele, toda uma simbologia. Claro que essa

²⁴² EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

²⁴³ EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

²⁴⁴ TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

simbologia não é derivada de uma cultura ‘pura’, ela sofreu hibridismos culturais, como toda cultura, conforme bem relembra Canclini (2008)²⁴⁵.

Aqui, chego a Seixas (2016)²⁴⁶ e à busca estratégica que temos para fazer preponderar nossa visão de mundo, nossa luta em busca da ressignificação de elementos simbólicos, Eliade (1991)²⁴⁷ e o impacto dos símbolos como forma de interpretação do entorno; Medina (2006)²⁴⁸ e o signo da relação, Bourdieu (2010)²⁴⁹ e o poder do simbólico. Nas sociedades, os indivíduos fazem a sua identificação por intermédios de símbolos, que nada mais são do que uma representação e que têm sentido para esses indivíduos. Os símbolos são visíveis e costumeiros no momento em que acontece a comunicação entre pessoas.

Pensando sobre o estudo de Bourdieu (2010)²⁵⁰, em “O poder simbólico”, fico me perguntando se os trabalhadores que serão objeto da pesquisa de tirão reproduzir a cultura dominante em seu poder simbólico que está embutido nas comunicações, nos artefatos culturais (como o celular poderoso que os seguranças e faxineiros, muitas vezes, exibem, como sinônimo de *status* e de pertencimento, por exemplo) e na busca do reconhecimento e do pertencimento. É importante lembrar que o objeto simbólico traz *status* ao cidadão. O indivíduo se identifica no grupo pelo que ele tem ou pelo que ele é. Assim, a simbologia do trabalho pode dar a esse indivíduo uma sensação de auto estima e de reconhecimento, pode trazer a ele o símbolo de *status* e de poder. Por outro lado, a leitura cultural traz mais probabilidade de se compreender quais os elementos que os atores selecionaram, dos repertórios simbólicos culturais sobre o trabalho, para permitir que a sua visão de mundo possa predominar.

No mundo atual, da tecnologia 4.0, questiono se esse processo de mecanização exacerbada e de capitalismo globalizado não está influenciando ainda mais na fragilização da construção da identidade individual e na fragmentação da

²⁴⁵ CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

²⁴⁶ SEIXAS, Renato. Migração simbólica e dialética da identidade cultural no processo de migração. **Cadernos Prolam/USP**, v. 15, n. 29, p. 14-37, jul/dez.2016. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2016.128802.

²⁴⁷ ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

²⁴⁸ MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

²⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

²⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

identidade cultural, assuntos abordados em Hall (2006)²⁵¹ e retomados em Seixas (2008)²⁵². Ainda, se essas tecnologias que suprimem ou reduzem a importância de categorias como tempo e espaço na formação da identidade cultural não estariam ampliando o foco nas diferenças e gerando mais potencial de conflito, quando se passa a reforçar a cultura etnocêntrica para construir a identidade e, em decorrência, se constroem muros culturais em vez de pontes.

Em um movimento no qual as culturas cada vez mais se hibridizam (CANCLINI, 2008)²⁵³, em um momento em que a globalização fragiliza e elimina barreiras, em tempos de identidades líquidas, isto é, não solidamente estruturadas, levando o ser humano a uma constante mutação identitária, pergunto-me se o papel do trabalho está sofrendo, também, uma mudança ou se permanece, no identitário humano, congelada no tempo e no espaço como algo criador de *status* e de autoestima.

Bauman (2005)²⁵⁴ recorda a questão da construção da identidade e de sua importância no tocante a fazer parte de um grupo, a se sentir seguro e 'identificado' por esse grupo social²⁵⁵ Essa ideia de pertencimento pode ser aplicada à busca de reconhecimento que um indivíduo apresenta e que o leva a buscar alguém como ele para que esse reconhecimento seja válido. Como no mito do senhor e do escravo, de Hegel (2005)²⁵⁶. Essa ideia pode ser transposta para a tese que proponho, ao considerar a questão da busca do reconhecimento e da construção da dignidade por meio do trabalho. Também ainda com relação ao texto de Bauman (2005)²⁵⁷, observei que as transformações que começam no próprio indivíduo dentro de sua realidade e são o seu referencial, com base em seus conceitos e pré-conceitos, ensejarão a sua perspectiva de como reagirá às mudanças, a partir de sua própria

²⁵¹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

²⁵² SEIXAS, Renato. Identidade Cultural da América Latina: conflitos culturais globais e mediação simbólica. **Cadernos Prolam/USP**, v 7, n.12, p. 93-120 2008. <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2008.82312>

²⁵³ CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

²⁵⁴ BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

²⁵⁵ BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

²⁵⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bagança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

²⁵⁷ BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

concepção de realidade de vida. Esse ponto é importante para a tese, pois se espera que os atores sociais que serão ouvidos na pesquisa proposta – porteiros, faxineiros, seguranças – expressem seu referencial de vida e sua percepção sobre o trabalho.

Quando nos aprofundamos na discussão sobre identidade, passamos a debater algumas construções muito interessantes sobre identidade coletiva ou nacional. Castells (1999)²⁵⁸ e Giddens (2002)²⁵⁹ formaram as leituras da sétima sessão e me levaram a pensar acerca de como as identidades coletivas influenciam no processo de construção das ideias sobre construtos como o trabalho, como o *status* adquirido mediante o esforço laboral, sobre a visão que as pessoas têm sobre educação. Ambos os autores discutem a questão que envolvem a construção e a reconstrução do Estado moderno em um ambiente sem espaços ou tempos pré-delimitados, no qual a soberania é posta à prova e no qual a informatização social é uma condição exigida para que os povos possam atuar em tempos de tecnologia 4.0.

Em outro encontro, Bosi (1979)²⁶⁰, Halbwachs (1990)²⁶¹ e Damasio (1996)²⁶² trouxeram pontos importantes para minha tese, ao me estimular a pensar, respectivamente, sobre a questão da memória e seu papel subjetivo na construção do chamado conhecimento, da memória do indivíduo em sua relação de dependência com grupo e da razão, e do predomínio da razão, de como ela é utilizada para que se possa compreender o entorno e me pus a discutir, internamente, o quanto o papel da cultura impacta na construção da memória e solidifica visões sobre o trabalho como motor para o progresso.

Em outra sessão, Huntington²⁶³ e Fukuyama²⁶⁴ abordam a identidade dos povos no século XX. No primeiro, discute-se o quanto as identidades construídas pela cultura servem para estruturar padrões opostos tanto de identidade (coesão, integração) quanto de não-identidade (o outro, o inimigo, o conflito, a distinção e a

²⁵⁸ CASTELLS, Manuel; **Globalización, Identidad y Estado en América Latina**. PNUD. Santiago. 1999. Disponível em: < <http://desarrollohumano.cl/idh/download/idyest.pdf> >. Acesso em 20 ago.2018.

²⁵⁹ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

²⁶⁰ BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1979.

²⁶¹ HALBWACHS, Maurício. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

²⁶² DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

²⁶³ HUNTINGTON, Samuel. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Tradução M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1996.

²⁶⁴ FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último ser humano**. Lisboa: Editora Gradiva, 1999 e FUKUYAMA, Francis. **A construção de estados**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

desintegração). Nas obras de Fukuyama²⁶⁵, retoma-se a ideia de evolução e fim da história relacionada à forma de governo adotada, seguindo a ideia de Hegel (1999)²⁶⁶ sobre o fim da história. Se para este, se alcançaria o ápice com uma ideia de sociedade em que houvesse liberdade, isto é, uma sociedade democrata, para Fukuyama a democracia liberal cumpriria esse marco final. As ideias de Huntington e de Fukuyama me fizeram refletir sobre a visão do trabalho nos marcos liberais de evolução e desenvolvimento social.

A 14ª sessão teve Levy (2007)²⁶⁷, Zuffo (2003)²⁶⁸ e Medina (1988)²⁶⁹, sendo que esses dois últimos autores serviram como base, para a construção, respectivamente, dos capítulos 1 e 2 dessa proposta de tese (Medina, é importante ressaltar, faz parte dessa proposta de tese com dois outros livros, de 2006 e 2008²⁷⁰). Em Levy (2007), um elemento que foi considerado, indiretamente, na proposta de tese foi a comunicação feita via tecnologia, elemento que cria a figura da inteligência coletiva, transformadora, dotada de um poder que permite ao indivíduo modificar seu entorno. Enfim, a disciplina *Comunicação, Cultura e Narrativas do Cotidiano: a Identidade Cultural da América Latina Narrada por Si Mesma* trouxe, em essência, os eixos para o desenvolvimento da tese.

PENSAMENTO POLÍTICO LATINO-AMERICANO (IAL5777-2/4)

- A disciplina Pensamento Político Latino-americano, ministrada pelo Prof. Dr. Wagner Iglecias, permitiu um aprofundamento em temas fundantes sobre a América Latina. Particularmente, a disciplina contribuiu para que eu aprendesse as origens culturais dos povos latino-americanos, havendo um apanhado muito rico da história desde a época em que os espanhóis e os portugueses chegaram à América Latina até os dias contemporâneos.

²⁶⁵ FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último ser humano**. Lisboa: Editora Gradiva, 1999 e FUKUYAMA, Francis. **A construção de estados**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

²⁶⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Prólogo de José Ortega y Gasset; advertencia de José Gaos, versión de José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

²⁶⁷ LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

²⁶⁸ ZUFFO, João Antonio. **A sociedade e a economia no novo milênio: os empregos e as empresas no turbulento alvorecer do Século XXI, livro 1: a tecnologia e a infossociedade**. Barueri, SP: Manoel, 2003.

²⁶⁹ MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.

²⁷⁰ MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

O aprendizado sobre o choque de civilizações, sobre as formas que os europeus estruturaram as instâncias de poder, os tipos de trabalho permitidos, a relação entre economia, política e sociedade, a divisão internacional do trabalho, dentre outros elementos, me possibilitaram identificar como as estruturas vão sendo, culturalmente, consideradas naturais e o que poderia ser objeto de reflexão passa a ser objeto de acomodação; em sua grande maioria, as pessoas passam a, simplesmente, executar tarefas ou exercer funções que são perpetuadas em suas gerações, incorporando visões eurocêntricas como parte do cotidiano.

A cultura, que é uma categoria essencial na discussão sobre o pensamento político latino-americano, reforça a visão de mundo elaborada sob o prisma de uma etnia ou de um conjunto de povos, como os europeus. O impacto da cultura na construção da identidade pode ser intenso a um ponto de levar os indivíduos a crerem em um sistema maior que se torna a razão de ser da pessoa como, por exemplo, se pode citar a ideia atual do neoliberalismo como razão que institui a forma de ser do ser humano e das nações (DARDOT; LAVAL, 2016)²⁷¹.

O estudo das relações políticas e sociais em qualquer âmbito não pode prescindir da cultura porque tais relações, ao longo do tempo, foram configuradas conforme foi ocorrendo a evolução cultural de cada nação e o modo de ver o mundo de certa classe foi se impregnando ao discurso dessa evolução cultural, moldando os indivíduos a serem o que se esperava que eles fossem. Como se o espelho de Próspero (o dominador) refletisse em Caliban (o dominado) a imagem que Próspero tem de Caliban, criando neste a utopia de uma identidade que ele pensa ser própria, mas na realidade, é um reflexo da identidade de Próspero. Analogamente, é como se Caliban se apropriasse da concepção de raça que Quijano (2005)²⁷² tão claramente pontua no conceito de colonialidade de poder – os povos que foram ‘dominados’ foram classificados, por raça, em uma situação de inferioridade que foi considerada natural. Por outro lado, identifiquei que vários pensadores foram delineando discussões importantes sobre o pensamento político e social da América Latina, buscando criar uma identidade própria latino-americana, que escapasse

²⁷¹ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

²⁷² QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, setembro 2005, p. 227 – 278. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em 24 nov.2018.

desse espelho de Próspero. Pensadores como Aníbal Quijano (1988, 2005)²⁷³, José Martí²⁷⁴, Simón Bolívar²⁷⁵, José Enrique Rodó²⁷⁶, Manoel Bomfim²⁷⁷. Esses pensadores, sob meu ponto de vista, são exemplos não esgotados de pensadores que olharam para fora do espelho de Próspero e criaram um pensamento original sobre a América Latina.

No entanto, apesar desses nomes que enxergaram além dos limites do espelho do colonizador, pude identificar que os povos latino-americanos, de forma geral, ainda estão impregnados do discurso das colonialidades do poder, do saber, do ser e da natureza, levando-os a sempre observar e analisar os fenômenos que os envolvem pela ótica do outro, acreditando ser o que não são, havendo a necessidade de uma desconstrução da colonialidade cultural que insiste em dominar as relações entre a América Latina e as demais nações para que busca pelo 'ser' genuinamente latino-americano não mantenha a identidade presa na utopia por causa das distintas vertentes da colonialidade. Sob esse prisma, os assuntos debatidos me auxiliaram a compor questões sobre se sociedades brasileiras e argentinas estão contribuindo para que as pessoas possam ter acesso a uma educação que as ajude a ter formação adequada para enfrentarem o mundo atual ou se ainda se reforçam conceitos e conteúdos que levam a América Latina a permanecer construindo suas instituições sob o espelho de Próspero.

TEMAS DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO (FLS5071-3/3)

A disciplina Temas de Sociologia do Trabalho, ministrada pelo Prof. Dr. Leonardo Mello Silva, foi importante porque ampliou bastante meu conhecimento sobre as questões que envolvem o relacionamento entre trabalhador e empresa.

²⁷³ QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, Identidad y Utopia en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, setembro 2005, p. 227 – 278. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em 24 nov.2018

²⁷⁴ MARTÍ, José. **Nuestra América**. 1891. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>>. Acesso em 26 nov.2018

²⁷⁵ BOLÍVAR, Simão. **Escritos Políticos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

²⁷⁶ RODÓ, José Enrique. **Ariel**. 1900. Albalearning, Audiolibros. Disponível em: <<https://albalearning.com/audiolibros/rodo/ariel6.html>>. Acesso em 25 dez.2018.

²⁷⁷ BOMFIM, Manoel. **A América Latina**. Males de origem. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, 291 p. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf>. Acesso em 25 dez.2018.

Inclusive, o primeiro capítulo da proposta de tese traz diversas contribuições advindas dos debates e das leituras realizadas para a conclusão da referida disciplina.

Particularmente, foi-me importante a discussão sobre o ethos utilitário, que será comentado no capítulo 2 da tese. Como define Lima (2012)²⁷⁸, esse ethos é a base da chamada ética do trabalho que leva o indivíduo a entender-se e a ser tomando-se por base o trabalho. Esse ethos utilitário, sobre o qual comenta Sorj (2000)²⁷⁹, permanece na estruturação das relações de trabalho, seja no período da revolução industrial, seja na atualidade.

Inovações que ocorreram no ‘mundo do trabalho’, ao longo do desenrolar das relações de trabalho após a revolução industrial, envolveram, predominantemente, investimento em tecnologia, expansionismo e internacionalização, criação de distintas formas contratuais, ampliação dos atores na esfera do trabalho, com agências internacionais como Banco Mundial, FMI, investimento no social como forma de ampliar a sensação de bem-estar do trabalhador, ampliação das políticas públicas em prol da classe trabalhadora, *home office*, *home based*, *co-working*, *lean productive* e tantas outras modalidades. Nesse pano de fundo de inovações, o ethos utilitário permaneceu firme e a desigualdade estrutural, *idem*. As formas de dominação ganharam novos contornos e novos desenhos, mas permanecem como tais.

Basta observar a análise feita por Burawoy (1987)²⁸⁰, considerando a evolução do regime fabril que passa do despótico de Marx para o fabril hegemônico com o fordismo, até chegar ao regime fabril despótico-hegemônico presente no pós-fordismo, com toda a tecnologia, o investimento do capital transnacional. Algo, realmente, sem fronteira e sem alternativa. A dominação despótica-hegemônica que faz parte da sociedade desenvolvida e globalizada. Ou, no dizer de Mello e Silva (2018)²⁸¹, um regime despótico-hegemônico que aumenta a competitividade e no

²⁷⁸ LIMA, José Edmilson de Souza. A Racionalidade e o Debate Ambiental Contemporâneo. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, Florianópolis, v.13, n.102, p.100-118 jan/jul 2012.

²⁷⁹ SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - RBCS, v. 15, n. 43, junho/2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v15n43/002.pdf>>. Acesso em 30 dez.2018.

²⁸⁰ BURAWOY, Michael. **The politics of production: factory regimes under capitalism and socialism**. 2.ed. New York: British Library, 1987.

²⁸¹ MELLO E SILVA, Leonardo. **Sociologia do trabalho**. (Notas de aula – Prolam 2018).

qual o paradigma da eficácia e da competição generalizada é parte do dia a dia do mundo atual.

Pude identificar que a evolução histórica das relações de trabalho sempre foi pontuada pela presença do ethos utilitário que, ao longo do tempo e das diversas inovações no mundo do trabalho, foi mudando de roupagem, bem como as formas de dominação, mas manteve firme a desigualdade estrutural. Também observei, no âmbito do mercado interno de trabalho, a mesclagem entre consentimento e hegemonia e suas distintas combinações de maneira a manter o controle a produtividade esperadas, trazendo uma relação de trocas entre material e imaterial que busca equilibrar o jogo de forças presente na luta de classes presente no mundo do trabalho. Nesse jogo de forças, o discurso e o espaço por voz sustentam o grupo e aparentam aplinar a desigualdade estrutural, sendo que o discurso se torna, nesse contexto, um elemento reforçador do *ethos* utilitário. Mais uma vez, saltou aos meus olhos a probabilidade de encontrar esse discurso nas vozes dos atores sociais, os trabalhadores que exercem funções que exigem menor qualificação como as de porteiro, faxineiro, segurança, e foi deveras importante compreender sob que prisma tal discurso se estrutura.

Observei, adicionalmente, o quanto o ethos utilitário se mantém presente nas relações de trabalho e norteia não somente a ação no mundo do trabalho, mas também a reflexão, isto é, a ideia sobre a 'naturalidade' das relações que permeiam o mundo trabalhista. Ou seja, o mercado interno de trabalho, as relações de micro poderes que ocorrem nesse mercado, envoltas em hegemonia e consentimento cujo resultado é o controle, e os atores externos, como o Estado, a cultura e a legislação, atuam no sentido de reforçar o ethos utilitário e criar essa propalada 'naturalidade' nas relações de trabalho que esse ethos requer para subsistir e para tornar menos intenso o conflito existente derivado da desigualdade estrutural no mundo do trabalho. Enquanto não houver uma desmistificação dessa lógica da naturalidade competitiva que justifica ao mesmo tempo que alimenta o mundo do trabalho, o ser humano permanecerá na condição de prisioneiro do ter e do ser somente existente nesse mundo do trabalho. De fato, em mantidas essas condições, o ethos utilitário permanecerá de forma indelével como parte da existência humana e reforçará a ideia do trabalho como maneira de o ser humano de reconhecer, como apresentado no

mito do senhor e do escravo, de Hegel²⁸², que foi abordado na tese de doutorado, constituindo o capítulo 1 do trabalho.

EPISTEMOLOGIAS LATINO-AMERICANAS (IAL5798-1/1)

- A disciplina cursada, denominada *Epistemologias Latino-americanas*, foi ministrada pelas Professoras Dras. Maria Cristina Cacciamali, Vivian Urquidi e pelo Prof. Dr. Wagner Tadeu Iglecias, no primeiro semestre de 2019, foi coroada com diversos assuntos que abordam o estudo da integração latino-americana, englobando o Pensamento Político, Social, Cultural e Econômico.

Com uma breve sinopse, o Prof. Wagner Iglecias foi transcorreu sobre a vida dos grandes personagens, como Simon Bolivar; José Martin e José Carlos Mariátegui; a Prof^a Cacciamali, explicou com muita propriedade o Pensamento da CEPAL, sua identidade e as principais funções tão relevantes para o desenvolvimento da história latino-americana; a Profa. Vivian Urquidi, com maestria ensinou sobre os Poderes coloniais e pensamento decolonial (1980-2000), tendo como uma das referências principais, o ícone da América Latina, Anibal Quijano, tratando de sua obra “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” (2005).

Na programação da disciplina, além dos responsáveis por sua ministração, contamos com diversos professores, como o Prof. Dr. Marcio Bobik, que ensinou com muita propriedade o processo de integração na América Latina; o Prof. Dr. Pedro Silva Barros, que delineou sobre as políticas internacionais contemporâneas; o Prof. Dr. Lúcio Oliver que, com muito conhecimento de causa, desenrolou a Teoria da Dependência – pensamento social e político, estruturada nos anos 1960.

Já a Profa. Cremilda Medina, com quem tive o meu primeiro contato com essa brilhante professora, apresentou a questão que é central na metodologia escolhida para meu trabalho de tese: a questão do signo da relação, de como ser um mediador autoral e compreender o outro em sua expressão, trazendo-me uma perspectiva de aprofundamento na compreensão da metodologia que envolve a leitura cultural. Sua fala tem uma imensa relevância com a minha tese, e da introdução da leitura cultural, que tive com o Prof. Renato Seixas, passei a ter um desejo de fazer posteriormente

²⁸² HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 3^a ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

uma disciplina com a Profa. Cremilda, a fim de desmitificar as emblemáticas que circundam o descobrimento e a identificação das narrativas do sujeito-sujeito, onde o entrevistado é o centro e a fala é dele. Ao pesquisador, cabe conhecer e reconhecer o outro lado, sendo ouvinte e não parte.

Nessa disciplina, a Profa. Cremilda demonstra que não somente tem o conhecimento, mas a prática. Ela vivenciou os protagonistas de suas reportagens, além de ter convivido com personagens da área artística e jornalística que fizeram época, participou vivamente das grandes discussões que cercavam a vida acadêmica, época em que aprofundaria a consciência científica perante a crise de paradigmas e que geraria, de sua convivência e vivência, uma metodologia em que se tem um lugar específico para o mediador-autor, criando a pluralogia social.

Por fim, a Dra. Maria Margarida Cintra Nepomuceno discutiu com os alunos sobre o pensamento da crítica cultural, com ênfase nas polêmicas, manifestos e textos críticos na América Latina. Em seu composto, a disciplina trouxe-me uma fundamentação maior com relação aos fundamentos sociais, políticos e econômicos que permeiam os países latino-americanos, trazendo-me uma bagagem em termos da compreensão desses fundamentos que me são importantes para o desenvolvimento da tese em que procuro discutir a questão da dignidade humana e do sentido do trabalho em face da alta tecnologia. Busco trazer a voz dos trabalhadores simples, que atuam em funções como faxineiros, porteiros e seguranças, na Argentina e no Brasil, sua visão sobre o sentido do trabalho.

Pois bem, no composto da tese, e seguindo a recomendação da primeira banca examinadora, ainda no nível do mestrado, aprofundei a discussão em torno do trabalho, com a análise sobre o trabalho no século XXI, envolvendo não somente o advento da alta tecnologia, mas também as questões que envolvem a precarização do trabalho e a educação para o trabalho. Considerando essas vertentes, a compreensão mais aprofundada dos fundamentos sociais, políticos e econômicos dos países latino-americanos foi importante para que eu pudesse desenvolver essa análise com uma visão mais holística.

TRABALHO, SINDICATO E GLOBALIZAÇÃO (FLS5092-3/1)

Esta disciplina, oferecida pelos professores doutores Iram Jácomo Rodrigues e Ruy Gomes Braga Neto foi fundamental para a compreensão da ação do sindicato no mundo do trabalho. Trabalho, Sindicato e Globalização. Escolhi essa disciplina já

sabendo que poderia acrescentar muito para a minha tese, não somente pelo conteúdo, mas pelos professores que iram ministrá-la. O conhecimento e a larga experiência no campo da estrutura do sindicato, desde sua formação, grandes a história do sindicato no Brasil. O Prof. Iram Jácome tem, além do conhecimento teórico, um amplo envolvimento com os grandes sindicatos desde a sua formação, e com seus líderes. Considero-o um ícone na área do Sindicato. O Prof. Ruy Braga demonstrou ser conhecedor da área do trabalho e da relação com os movimentos sindicais, transmitindo em suas aulas uma experiência digna de um docente realmente domina o que fala.

Na disciplina, as ministrações transcorreram sobre o sindicato, desde o seu nascimento, as crises, as transformações no mundo, e quais são as expectativas para existência do sindicalismo. No conjunto das aulas, ficaram muito evidentes duas situações com relação à precarização do sindicato, a primeira, que o sindicato perdeu o foco necessário para dar continuidade na sua relação de negociação e de credibilidade perante os trabalhadores, e a segunda, diante da queda da força do sindicato atual, culminando no enfraquecimento do seu poder nas forças políticas que são contrárias à sua permanência no cenário trabalhistas.

Para estruturar as aulas, a referência central da disciplina ficou por conta de uma leitura da obra de Leôncio Martins Rodrigues (1999)²⁸³, intitulada como *Destino de sindicalismo*, além de outras obras que colaboraram nas discussões sobre o assunto, cito Silver (2005)²⁸⁴, intitulada: *Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*; Standing (2013)²⁸⁵ em *O Precariado: a nova classe perigosa* e Burawoy (2008)²⁸⁶, com: *The public Turn: From Labor Process to Labor Movement. Work and Occupations*. Essas leituras foram fundantes para a análise que estou desenvolvendo acerca do papel dos sindicatos diante das reformas trabalhistas e das relações de trabalho no século XXI. Esta análise estará presente no capítulo 3 da tese.

Em síntese, o aprendizado com relação ao sindicato me permitiu refletir sobre o papel desse ator e considerar, em minhas interrogantes de pesquisa, a

²⁸³ RODRIGUES, Leôncio Martins. **Destino do Sindicalismo**. São Paulo: Edusp, 1999.

²⁸⁴ SILVER, Beverly. **Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870**. São Paulo: Boitempo, 2005.

²⁸⁵ STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

²⁸⁶ BURAWOY, Michael. The public turn: from labor process to labor movement. **Work and Occupations**, v.35, n. 4, November 2008, p. 371-387.

possibilidade de esse ator ainda ser a via principal de negociação entre classes e entes como empresas e governos, e essa manutenção de seu papel de negociador se dará pela construção de um novo contrato social. Entendo que, levando em conta as novas configurações do mundo do trabalho no século XXI, o futuro do sindicalismo aponta mais para sua reestruturação organizacional, reinventando-se em seu papel de negociador de confrontos entre classes, do que para sua extinção enquanto instituição.

O sindicalismo, desde a primeira das revoluções industriais, vem demonstrando reação às crises que lhe sobrevêm por meio de uma reconfiguração de sua estrutura, e até de suas estratégias, sem perder a sua essência. Entende-se, portanto, que a cultura da negociação coletiva apresenta possibilidades de se reestruturar e de criar modelos sindicais diversos, como já vem fazendo nos últimos anos, e distintas formas de atuação estratégica, nas quais as palavras universalidade do trabalho, solidariedade e identidade – do indivíduo enquanto trabalhador - poderão ser poderosos amálgamas de fortalecimento da ação sindical e alicerces para a criação de um novo contrato social, no qual as negociações coletivas poderão ser fundadas considerando-se os desafios do mundo do trabalho no século XXI.

Assim, considero totalmente proveitosos os conhecimentos adquiridos por essa disciplina, os quais colaboram essencialmente para a compreensão do assunto que envolve os sindicatos. Ressalto, ainda, que na minha proposta inicial de tema de pesquisa, pensei em analisar o papel dos sindicatos diante das perspectivas que estão se avizinando no início do século XXI e, com essa disciplina, consegui montar um eixo relacional com o tema principal da tese.

SEMINÁRIO DE PESQUISA DE MESTRADO (IAL5796-1/1) E SEMINÁRIO DE PESQUISA DE DOUTORADO (IAL5795-1/2)

As disciplinas Seminário de Pesquisa de Mestrado e Seminário de Pesquisa de Doutorado, ministradas pelo Prof. Dr. Julio Cesar Suzuki, consistiram em grandes oportunidades de apresentar meu projeto de pesquisa, obter *feedbacks* valiosos de professores doutores convidados para avaliar os nossos trabalhos, bem como trocar experiências com os colegas de pesquisa. O formato das disciplinas foi estrategicamente estruturado para permitir essa interação. Os estudantes

desenvolvem, ao longo de um semestre, seu projeto de pesquisa e o apresentam, em sessões concentradas em uma única semana, o projeto aos professores doutores convidados e aos colegas de mestrado e doutorado.

No caso específico do meu projeto, houve a recomendação para que eu ampliasse a descrição da tecnologia 4.0 e aprofundasse o debate teórico acerca do imaginário dos trabalhadores simples em relação ao sentido do trabalho em um ambiente de alta tecnologia. Também houve a recomendação para usar o termo 'representação social' em vez de 'imaginário'.

Com relação à proposta inicial de entrevistar 45 pessoas, chegou a ser considerada como 'bastante' (esse número, cabe ressaltar, foi proposto pelos arguidores por ocasião da banca de qualificação para o mestrado, como forma de trazer mais vozes à pesquisa). Para uma leitura cultural, de fato, é preciso tempo de observação e interação com as pessoas. Contudo, pode-se conseguir a realização de uma leitura cultural mais profunda com alguns entrevistados e apresentar, nos casos em que a interação entre entrevistador-entrevistado for menor, uma apresentação tomando por base as vozes dos protagonistas de pesquisa e apontando, claramente, o que é interpretação do autor da tese – justamente essa dupla ação foi o que ocorreu, não somente por indicação dos arguidores, mas também por conta da pandemia, ocorrida entre 2020-2021, e ainda apresentando reflexos em 2022.

A cada apresentação do trabalho que tive e tenho o privilégio de fazer, procuro aprender com as recomendações dos outros, porque tenho aprendido que a leitura de mundo de cada um deve ser considerada para o aprimoramento de uma pesquisa. Esta, por sua natureza, é repleta de interrogantes, como também aprendi com o Prof. Renato Seixas e com a Profa. Dra. Cremilda Medina. Por conseguinte, as críticas e as recomendações são preciosas no sentido de permitirem ao pesquisador que reflita sobre o que está produzindo e busque aprimorar sua investigação.

A troca entre pares e entre professores doutores que dedicam seu tempo a analisar uma proposta de pesquisa é algo muito valioso, quando estamos abertos a receber as recomendações como possibilidades de melhoria. Desse modo, essas disciplinas, sob a condução do Prof. Dr. Julio César Suzuki, foram de grande aproveitamento, a ponto de ter me matriculado na disciplina *Seminário de Pesquisa*

de Doutorado, ofertada no primeiro semestre de 2020, para completar o conjunto de possibilidades de troca e aprendizado.

CULTURA E DIVERSIDADE: PLURALOGIA SOCIAL (CJE5999-1/1)

A disciplina de Cultura e Diversidade: Pluralogia Social, ministrada pela Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina, constitui-se a espinha dorsal da metodologia que é proposta para esta tese. Cada aula representou um aprendizado crescente na arte de ouvir e compreender o outro, de ser um mediador social.

Logo na primeira aula, as fichas de anotação com os nomes das produções da professora já trouxeram um exemplo do que viria na sequência. Memória prodigiosa a da professora, mostrou-me que é possível guardar a essência do que se fala sem muitas anotações. Uma ou outra frase, um ponto de inflexão e, ao observar o outro, é possível registrar no papel o que aquele outro estava dizendo. Para um profissional ‘treinado’ no Direito, é algo bem diferente, pois fomos acostumados a escrever e escrever.

Com a explicação sobre o aprofundamento da narrativa, pude compreender que há quatro desafios a serem enfrentados: procurar o protagonista social anônimo, aquele que faz a história, mas não é a voz da história; encontrar protagonistas que representem o contexto coletivo; identificar as raízes histórico-culturais desse contexto e desse protagonismo, isto é, identificar os traços identitários; realizar diagnósticos e prognósticos do contexto da situação, sempre recordando que não há uma certeza do determinismo científico, não temos, na verdade, a certeza do diagnóstico. No caso da proposta de tese, os protagonistas sociais de pesquisa são pessoas comuns, que exercem tarefas simples, que passam quase que despercebidas pelos indivíduos que as procuram no dia a dia. As experiências de pesquisa compartilhadas pela Profa. Dra. Cremilda Medina estão sendo adotadas para o exercício da observação e interlocução com esses protagonistas sociais que não são objetos, mas sim, sujeitos de pesquisa.

A questão das forças simbólicas que atuam na comunicação social foi uma janela que se abriu para a compreensão de visões sobre o trabalho que, muitas vezes, refletem forças político-econômicas lidertípicas – isso fica claro à medida que vamos ouvindo as pessoas, os protagonistas de pesquisa, apresentarem sua visão sobre o trabalho e sobre que profissão gostariam de ter, se pudessem escolher. Há,

também, nas falas dos protagonistas, as visões osmóticas que envolvem a troca de conhecimentos e a construção dos ideais. Na pesquisa, procurei identificar essas visões, bem como os arquétipos, aquilo que é o desejo de outra história.

Ao estudar sobre o diálogo possível, compreendi que o diálogo é algo que vai muito além do que se faz com questionários ou entrevistas semiestruturadas e estruturadas. No diálogo possível, devemos observar e interagir com o outro, observando a expressão do outro, o que ele comunica até no que não fala, ou seja, é preciso ter o que a Profa. Dra. Cremilda Medina chama de pluralogia, o transitar entre o eu e o outro. Nesse semestre de aprendizado, procurei colocar na prática essa ação dialógica pluralógica que é muito mais rica do que a postura de ‘pesquisador que sabe’ entrevistando pessoas. Procurarei, ao apresentar as narrativas dos protagonistas, ter essa postura de mediador autoral que nos foi proporcionada ao longo do período letivo para buscar construir as narrativas da contemporaneidade.

Meu projeto de pesquisa aborda o tema: construção do imaginário de trabalhadores (faxineiros, porteiros e seguranças) que exercem funções simples em instituições de ensino superior selecionadas para a pesquisa, no Brasil e na Argentina, tendo em vista o avanço da substituição do trabalho humano pela tecnologia de última geração. A hipótese a ser explorada é a de que, apesar das dificuldades que se potencializam com a adoção da tecnologia 4.0 para muitas funções, os trabalhadores que exercem funções simples, não especializadas, como as de porteiro, segurança e limpeza, veem o trabalho que exercem de forma positiva, considerando-o como um formador de sua dignidade humana.

Ao ler Merton (1970)²⁸⁷ e ter a aula com a Profa. Dra. Cremilda Medina, identifiquei que as culturas influenciam no modo de comunicar e, ao tentar contrapor as comparações de Merton sobre as sociedades norte-americana e a inglesa, concluí que eu preciso ter atenção ao fato de que essa comunicação que aparentemente faço envolve um sentido social mais profundo, que eu não percebo, muitas vezes, mas está nas frases que usamos.

Vale lembrar que, quando fiz o curso sobre identidade cultural, com o Prof. Renato Seixas, comecei a compreender que a cultura é algo muito mais amplo do que eu estudei no Direito. O curso me permitiu ‘pensar diferente’ e sair da minha

²⁸⁷ MERTON, Robert K. **Sociologia**. Teoria e Estrutura. Tradução De Miguel Maillat. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

visão inicial mais limitada, deficiente no sentido de compreender a complexidade da cultura e do quão importante ela é como formação de identidade.

Então, ao ler o texto de Merton²⁸⁸, voltei a me lembrar de teorias culturais, estruturas e modelos de abordagem, elementos de identificação cultural, identidade cultural na globalização contemporânea, elementos importantes para sair da 'caixa cultural' em que estava. Isso porque quando o autor realiza a comparação entre as duas sociedades, fica claro que há traços identitários culturais fortes que levam cada sociedade a agir de determinada forma na condução de sua comunicação.

Comecei a conversar com algumas pessoas que exercem essas funções simples, e percebi que estou em processo de aprendizado de observar. A cultura molda a visão que temos do outro, como já dizia Todorov (1993)²⁸⁹, logo, eu preciso compreender que a cultura serve, de fato, como base para a construção que uma pessoa faz de outra; assim como serve como base para a construção sobre o sentido do trabalho.

Fiquei analisando a questão da visão de trabalho como formador de auto estima, de mudança de status, que vem de uma cultura ocidental que favorece o trabalho, aponto, a ele, toda uma simbologia. Claro que essa simbologia não é derivada de uma cultura 'pura', ela sofreu hibridismos culturais, como toda cultura, conforme bem relembra Canclini (2008). Assim, se as pessoas fazem a sua identificação por meio de símbolos, que são representações e que têm sentido para essas pessoas, eu tenho de tentar identificar como posso, ao 'reproduzir' a fala dessas pessoas que serão os sujeitos do meu estudo, de fato reproduzir a fala delas, não a minha fala na fala delas, não o meu discurso no delas.

Pensando sobre o estudo de Bourdieu (2010), em "O poder simbólico", fico me perguntando se os trabalhadores que serão objeto da pesquisa de tese irão reproduzir a cultura dominante em seu poder simbólico que está embutido nas comunicações, nos artefatos culturais e na busca do reconhecimento e do pertencimento. Posso estar enganado, mas me parece que a visão do trabalho que temos, aqui no Brasil, é muito semelhante ao foco da visão norte-americana, de sucesso individual por meio do trabalho. Enfim, todas as leituras da disciplina Cultura

²⁸⁸ MERTON, Robert K. **Sociologia**. Teoria e Estrutura. Tradução De Miguel Maillat. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

²⁸⁹ TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: A questão do outro. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

e Diversidade têm me trazido diversos questionamentos sobre como posso identificar as vozes culturais na verbalização das pessoas que vou entrevistar para o trabalho da pós-graduação. É, para mim, um enorme desafio, pois exige que eu saia da caixa do Direito que me modelou por muitos anos.

Ressalto, ainda, que essa disciplina me foi muito rica e desafiante. Cada comentário acerca dos trabalhos que vinha realizando resultou em um aprendizado. Tenho consciência do quanto ainda estou longe de ser um mediador autoral, mas essa distância não é motivo de desânimo, é motivo de incentivo. O exercício da mediação autoral requer soltar as amarras do cientificismo e da predeterminação de conceitos e ideias sobre o outro, sem estereótipos, e procurar interpretar, o que não necessariamente é opinar ou informar, mas é trazer a fala do outro com uma posição autoral, sem a pretensa hierarquia do pesquisador sobre seu pesquisado.

Outro ponto que ficou muito claro para mim é que trabalho de gabinete não nos leva a encontrar uma narrativa, é preciso ir a campo para compreender o outro e é preciso, também, criar um laço, um signo da relação. Esses protagonistas de pesquisa não são pessoas com as quais, simplesmente, se aplica um questionário ou se faz uma sessão de perguntas e respostas. Esses protagonistas são pessoas que têm uma história de vida, uma voz e que somente com a observação e a experiência é que conseguirei identificar essa voz e as vozes plurais. Tecendo afetos, estando afeto ao outro, aberto a recebê-lo e a compreendê-lo.

EPISTEMOLOGIA – TEORIA E MÉTODOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (IAL5798-3/1)

O trabalho de pesquisa ao qual me dediquei durante minha passagem como estudante pelo Prolam e à qual continuarei me dedicando aborda uma inquietude – a de compreender como ocorre a emancipação da pessoa humana por meio do trabalho e compreender o próprio sentido do trabalho que o ser humano dá a essa atividade em um mundo dominado pela tecnologia, com a quarta revolução industrial. A disciplina *Epistemologia – Teoria e Métodos da Pesquisa em Ciências Sociais* provocou uma ruptura na forma mais cartesiana do meu pensamento, fundado nos conhecimentos trazidos como verdadeiros e impassíveis de questionamento dos anos de escola regular e ‘re-cimentados’ no estudo do Direito, disciplina dogmática por natureza.

Vários questionamentos de Prigogine (1996)²⁹⁰ me levaram a pensar no trabalho da tese. O primeiro deles já está no título do livro – o fim das certezas. A pesquisa em Ciências Sociais traz, em si, uma questão que é, por natureza, complexa – ela lida com seres humanos, com interrogantes que envolvem um caráter subjetivo e multicausal, bem distinto de uma aplicação de ferramental estatístico ou matemático para debater. De igual forma, Sartori e Morlino (1994)²⁹¹ alertam que, na pesquisa comparativa, há influências que são recíprocas entre diferentes disciplinas que estudam um fenômeno.

Vejamos um exemplo aplicando à tese que está em processo de autoria: um ponto fundamental no meu trabalho de pesquisa é a questão da preparação do trabalhador para enfrentar as exigências do mundo globalizado que traz, consigo, o fenômeno dos trabalhadores globais. Os trabalhadores latino-americanos, de forma geral, apresentam formação escolar deficitária, pouco conhecimento de tecnologia e despreparo para o exercício de funções mais complexas, que exigem um conhecimento científico para enfrentar a era da quarta revolução industrial ou da indústria 4.0. Pode-se levantar dados, há diversos relatórios que trazem o que são as exigências laborais para se manter vivo e competitivo no mercado, mas o ponto a ser pesquisado não está aí. Nos números ou nas evidências. Está no subjetivo e em muitos campos distintos.

Prigogine (1996, p. 60)²⁹² confessa que sempre pensou “que a ciência era um diálogo com a natureza. Como em todo diálogo de verdade, muitas vezes as respostas são inesperadas”. Pois bem, na disciplina *Epistemologia – Teoria e Métodos da Pesquisa em Ciências Sociais* essa questão se tornou companheira frequente. Comecei um processo de compreender que a pesquisa é um processo. Como todo processo, é dinâmico.

Apreendi também que pesquisar é descobrir e reconhecer limites na descoberta. Há limites derivados da natureza complexa que rodeia a humanidade, como há limites no sentido de que o mundo é dinâmico e o saber humano apresenta um registro temporal na dinamicidade, o que pressupõe que é feito um recorte no

²⁹⁰ PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

²⁹¹ SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo (comps.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Versión de Juan Russo y Miguel A. Ruiz de Azúa. 1ª ed. española. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1994.

²⁹² PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

tempo para se publicar algo, para expressar um conhecimento, enquanto, no momento do registro histórico desse conhecimento, outros conhecimentos são produzidos, em outros lugares do mundo, e aquilo que parecia uma constatação se transforma em uma possibilidade. Ou, em outras palavras, ao ser humano cabe aprender o que é o essencial da natureza que o rodeia, ciente de que essa natureza é infinita, o que significa que sua apreensão é um processo (POPPER, apud PRIGOGINE, 1996)²⁹³.

Portanto, nesse processo de pesquisa sobre o trabalhador que exerce funções simples em um mundo altamente tecnológico, no qual aquilo que antes parecia ficção científica é uma realidade no início do século XXI, estou em um constante aprendizado que vai quebrando algumas certezas tão arraigadas que delas nem sequer nos apercebemos.

Com as aulas de *Epistemologia – Teoria e Métodos da Pesquisa em Ciências Sociais* também tive de me voltar a algumas questões que me são caras e que encontrei em Prigogine, como o reconhecimento do outro, do pesquisador que é coautor, coparticipante (ALMEIDA, 2004)²⁹⁴, mostrando que a ciência se constrói de forma conjunta. Não posso escrever uma tese sem os sujeitos de pesquisa – fico pensando que a tese é um momento de autoria, sim, mas de uma autoria que é, em sua essência, coletiva. É a forma de mediar, como a Profa. Cremilda Medina comentou na aula que deu início a essa disciplina de Epistemologia e escreveu em sua obra *O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos* (2006)²⁹⁵. É o autor-mediador que tem de estar presente, é a necessidade de ter uma visão holística das ciências e entender que a divisão dessas ciências e de pontos de vista nada mais é do que um recorte redutor da realidade. Esta não tem divisões disciplinares ou campos delimitatórios. O ser humano é que, ao limitá-los e ao criar regras de limites, os reduz em seu potencial criador.

Busquei saber o que os trabalhadores simples pensam sobre o trabalho, o que poderia ser traduzido para quais os conceitos que têm sobre o trabalho. Com as aulas, tive uma compreensão de que os conceitos não podem ser amarras, não

²⁹³ PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Biblioteca básica).

²⁹⁴ ALMEIDA, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 23, abril 2004.

²⁹⁵ MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

podem nos escravizar ou nos manter estanques, eles têm de servir como remos, que nos estimulam a ir para frente e a compreender que tudo são possibilidades, que há um devir não completo, que o futuro não pode ser considerado como algo inamovível ou já estabelecido (ALMEIDA, 2004)²⁹⁶. A questão que se apresentou a mim pode ser assim sumarizada: pesquiso para quê e por quê? “Fazer do conhecimento um meio de transformação e não um fim em si mesmo” (ALMEIDA, 2004, p. 83).

Nas aulas, foi patente a percepção de que o pesquisador deve ter humildade e compreensão de seus limites – daí o título que escolhi para o trabalho final da disciplina: *Ensaio reflexivo sobre os limites da Pesquisa e os desafios das Ciências Sociais*. Reflexão sobre os meus limites enquanto pesquisador, enquanto ser humano. “O que é o homem” (...) “1, o que se pergunta; 2º, aquele a quem se pergunta ou que é interrogado; 3º, aquele que pergunta”. (MARTINS, 2007, p. 44). Ao que contraponho ao meu trabalho de pesquisa para o doutorado: O que é o trabalho para o homem? 1º, qual a sua visão sobre o trabalho?, 2º qual o seu sentimento com relação ao trabalho?; 3º qual a sua perspectiva de relação com o trabalho? Martins (2007, p. 44) afirma que “a escolha projeta o homem para fora de si” (...), o “lança ao mundo. Assim deve ser o pesquisador – ele deve ser ousado, deve se permitir ser e estar – agindo e sendo – no mundo.

TEMAS CONTEMPORÂNEOS DA IBERO-AMÉRICA (PGI5010-2/1)

A disciplina oferecida pelo Prof. Dr. Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari, com participação do Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, foi criada e estruturada como atividade de pesquisa realizada no âmbito da Cátedra José Bonifácio da Universidade de São Paulo. A disciplina tem como objetivo propiciar uma reflexão sobre variados aspectos com relação às dimensões política, econômica, social e cultural do espaço ibero-americano em sua atualidade, obedecendo como parâmetro o panorama nas últimas três décadas no quadro de relacionamento entre essas sociedades. No âmbito das relações internacionais, foi realizada uma abordagem da inserção global dos países ibero-americanos no espaço de integração, que foi, inclusive, intensificado significativamente a partir da última década do século XX.

²⁹⁶ ALMEIDA, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 23, abril 2004.

Com a crescente relevância da presença da Ibero-América no contexto mundial, tem-se acentuado o interesse no âmbito acadêmico pelo estudo dos múltiplos aspectos que configuram essa nova realidade e, não poderia ser de outro modo, esse interesse também me foi meu e tive bastante aprendizado com relação ao tema. Ao ter contato com a bibliografia recomendada para o curso, pude ampliar minha compreensão acerca dos aspectos que impactam a integração dos países ibero-americanos, o que foi benéfico para situar-me melhor em termos das peculiaridades que regem esses países. Em especial, a aula ministrada pelo Prof. Wagner Pinho Pereira sobre *O Populismo na América Latina* foi muito útil para a minha tese, pois o Prof. Wagner fez uma abordagem aprofundada sobre essa fase histórica, com ênfase no discurso do Populismo de proporcionar os direitos trabalhistas, em especial os do governo Getúlio Vargas, onde os trabalhadores teriam seus direitos legalizados e com garantias, primeiramente, com a Consolidação das Leis Trabalhistas até a concretização dessas garantias com a Constituição Brasileira de 1988, com previsão no artigo 7º, tratando como Direitos Sociais. Tal discurso de entregar aos trabalhadores a efetivação desses direitos trabalhistas sempre foi tática de abordagem à população no momento da busca de votos, adotada por todos os políticos de massa, que garantiam seu populismo e as vitórias nas eleições. Esse tema foi importante para a análise que farei, no capítulo 3, sobre educação e precarização do trabalho, o que envolve uma observação de atores políticos e sociais na construção e na (des)construção das garantias trabalhistas.

Outro ponto que me foi importante na disciplina se refere ao contato com pessoas de diferentes regiões do mundo. Esse contato de um semestre me foi muito rico, pois comecei a observar e a agir para poder conversar, considerando a cultura e a língua, com pessoas que são de outras regiões. No curso em questão, havia muitos alunos intercambistas: espanhóis, guineanos, venezuelanos, franceses, italianos, colombianos, mexicanos, o que trouxe uma riqueza em termos de trocas de experiências de vida.

Quando penso nas entrevistas realizadas para a tese, com pessoas que trabalham em países latino-americanos, apliquei o que aprendi, procurando fazer conexões com o modo em que as diversas culturas se mesclaram em sala de aula, pensando na melhor maneira de abordar as pessoas, de como iniciar uma conversa que tenha mais espaço para observar o outro e compreender a cultura desse outro

que pode pensar diferente de mim, que pode ficar descontente com alguma palavra que eu, de forma ingênua até, aplique em minha fala, achando que se trata da mesma interpretação que se dá no meu local de trabalho. Posso afirmar que a experiência com tantos estudantes intercambistas foi um verdadeiro laboratório de cultura para mim, propiciando-me mais subsídios para conversar com pessoas de outras nacionalidades.

O formato das aulas foi muito bem estruturado, pois a cada dia tínhamos uma apresentação de um pesquisador que participou da coletânea que teve como produto final de pesquisa o livro *Democracia, Liderança e Cidadania na América Latina*²⁹⁷. Os artigos publicados foram resultados de atividades da Cátedra José Bonifácio no ano de 2018, das quais participei como pesquisador, como consta mais adiante, no subcapítulo 2.12.

Assim, graças ao formato adotado, tive duas oportunidades de apresentar seminários, o que me auxiliou no aprimoramento de habilidades de oratória e comunicação, sendo-me bastante útil para a apresentação da tese. No dia 20.09.2019, junto com a coautora do trabalho de pesquisa que se tornou capítulo do já citado livro *Democracia, Liderança e Cidadania na América Latina*, apresentei a palestra sobre o tema do artigo produzido por nós, intitulado: *Razões para o estado de ‘vir a ser’ democrático na América Latina: a contraditória relação entre democracia, cidadania, soberania, poder e desigualdade*²⁹⁸.

No dia 22.10.2019, apresentei, com outros três pesquisadores, um seminário, cujo tema central da abordagem era o artigo *Mulheres, Crianças e Adolescentes na Democracia, avanços na cidadania*²⁹⁹ e no fim do curso desenvolvi o meu trabalho sob o título: *Instituições e Democracia na América Latina: Aliadas ou antagonistas?*

²⁹⁷ CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de; CASTRO, Paulo Sergio de. Razões para o estado de “vir a ser” democrático na América Latina: a contraditória relação entre democracia, cidadania, soberania, poder e desigualdade. In: CHINCHILLA, Laura (coord.). **Democracia, Liderança e Cidadania na América**. Wagner Pinheiro Pereira e Carlos Lugo (organização). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. A Política das Multidões: Populismo e Neopopulismo na América Latina. In: GONÇALVES, Felipe (coord); DAMIANI, Gerson; FERNANDEZ ALBERTOS, José (org.). **Governança e Democracia Republicana**. São Paulo: Edusp, 2017, p. 301-322.

²⁹⁸ CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de; CASTRO, Paulo Sergio de. Razões para o estado de “vir a ser” democrático na América Latina: a contraditória relação entre democracia, cidadania, soberania, poder e desigualdade. In: CHINCHILLA, Laura (coord.). **Democracia, Liderança e Cidadania na América**. Wagner Pinheiro Pereira e Carlos Lugo (organização). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, p. 317-334.

²⁹⁹ MAIDA, Marco José Domeninci & CABRAL, Edson Maurício. Formulação coletiva do Estatuto da Criança e do Adolescente e sua contribuição para o avanço republicano da democracia na América

Enfim, destaco a importância da disciplina para minha tese, justamente, pela abrangência dos temas centrais na Ibero-América de forma globalizada e da sua importância de conhecer essas dinâmicas, inclusive, as políticas adotadas por diversos governos no campo do trabalho, além do aprendizado que tive com a apresentação dos pares nesta disciplina.